

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

Outro caminho e outros processos

III

Ha muito que os republicanos portuguezes deviam ter-se concertado em principios e pontos fundamentais de doutrina, evitando, quanto possivel, não só divergencias notaveis, mas ainda sensiveis alterações no seu programma. Convinha que este fosse de tal modo uniforme e coerente, que logo adquirisse auctoridade e prestigio entre os espiritos illustrados; inspirasse inteira confiança, e ganhasse força dominadora na opinião publica e na consciencia nacional; que fosse redigido com tanta clareza e precisão, que todos o comprehendessem e podessem devidamente apreciar no seu valor theorico e na sua utilidade pratica, dando-lhe sem hesitar a sua adhesão, o seu decidido e incondicional apoio.

Não só o não têm feito como convém e se torna necessario a um partido, que primeiro que tudo deve ser uma escola de sciencia politica, economica, administrativa, moral e juridica; mas nem sequer mostram haver pensado uma vez e seriamente nesta, a primeira e a mais instante, necessidade da sua acção e influencia transformadoras do nosso estado social.

A sua doutrina e o seu programma, ou antes as suas doutrinas e os seus programmas, têm fluctuado á mercê das opiniões individuaes; variam a cada momento ao sabor e a capricho das influencias d'estes ou d'aquelles elementos preponderantes; alteram-se mais ou menos profundamente, e chegam a substituir-se quasi completamente, segundo as circumstancias da occasião, as quaes, dignas sem duvida de attenção e reparo, não affectam nem podem affectar o que é estavel e permanente nas leis evolutivas e renovadoras de uma sociedade em manifesta crise de transformações eminentes e inevitaveis de ordem e de progresso.

Nisto, como em quasi tudo, os republicanos têm seguido o velho caminho e imitado os gastos processos dos seus contrarios.

Se tentam organizar-se, lá vão buscar ao campo inimigo os modelos para a sua organização, e ahí os vemos, azafamados e afflictos, á procura de um chefe prestigioso, que os reuna e comande, e no laborioso parto de um directorio á devida altura, que os governe e lhes dite a lei.

Tal e qual como os monarchicos, que, por serem monarchicos, não podem passar sem

um chefe que sobre elles reine e sem uma grande commissão central, deliberativa e executiva, que os dirija e lhes dê ordens.

Se conspiram, e luctam, os seus planos de revolta e a sua tactica de combate, as suas operações estrategicas são em tudo semelhantes ás que os seus adversarios usam, e empregam nas suas refregas partidarias.

Quem quizer verificar a verdade incontestavel de tudo o que acabamos de afirmar, não precisa mais do que percorrer os principaes periodicos republicanos, orgãos das doutrinas e das opiniões varias, incoherentes e contradictorias, em que se dividem, e afastam os republicanos, na guerra que fazem e promovem contra a monarchia, na campanha, em que ha muitos annos militam, e em que dizem andar empenhados, quebrar lanças e brandir adagas contra a realza, em favor da Republica e para gloria da Democracia.

Da *Imprensa republicana*, da sua orientação, do seu caminho e dos seus processos diremos no proximo numero.

EMYGDIO GARCIA.

A NOSSA SITUAÇÃO

Quando o nosso olhar percorre as columnas dos jornaes monarchicos, e vê a extraordinaria audacia com que a realza pretende sustar o movimento de protesto, que por todo o paiz se levanta contra a falta de moralidade, legalidade e justicia d'aquelles a quem, por nossa vergonha, estão ainda confiados os destinos da Patria Portugueza, acode-nos perguntar:

Poderá alguém admirar-se de que a monarchia, a qual a historia condemna e o presente repelle, como causa principal da nossa decadencia e ruina, esteja possuida d'essa extraordinaria audacia que todos nós estamos presenciando, e que não vem senão confirmar o grande estado de esphacelamento, em que os partidarios a precipitaram, sem ao menos lhe deixarem a esperanza de poder resurgir mais tarde?

Poderá alguém deixar de reconhecer o estado em que se encontram as nossas finanças, agravadas a cada instante pelos continuos e funestos desperdícios d'um governo que, para salvar um throno, não vacila ante o sacrificio de uma nação?

Poderá alguém negar o estado miseravel em que se encontra a agricultura em Portugal, a escassez de cereaes e outros generos alimentícios, a quasi completa perda das vinhas corroidas pelo phloxera e outras devastadoras doenças, que ao mesmo tempo atacam as oliveiras, os castanheiros e as laranjeiras e outras arvores de fructo, levando assim a miseria aos habitantes dos campos, para quem eram a principal fonte de receita, o unico sustento de suas familias?

Poderá alguém ignorar, que a industria e o commercio se debatem em uma assustadora crise, arrastando á miseria milhares de familias, a quem o trabalho constante e regular dos seus membros mal garante os meios de arrostar

com as mais urgentes necessidades da vida?

Eis em negros e salientes traços, o quadro que Portugal está apresentando perante o mundo civilizado.

Sem credito no paiz e no estrangeiro.

Abandonadas ou quasi perdidas as nossas vastas e ricas colonias.

A agricultura em completo desprezo.

Sem tratados de commercio, que nos permittam a exportação dos productos da nossa industria e a importação dos que lhe são estranhos.

Em conflicto com algumas nações, especialmente com o Brazil, o que nos tolhe a approvação do tratado de commercio causando-nos prejuizo annual de muitos milhares de contos de réis, etc.

O nosso exercito com officiaes mas sem soldados e ainda mal pago e incapaz de nos garantir uma defeza segura e eficaz em caso de necessidade.

A nossa marinha é coisa que quasi não existe; composta de navios em completa ruina, na sua maioria, incapazes de se moverem d'um ponto para o outro.

Em compensação temos:

Um ministerio da marinha e ultramar, com todas as suas dependencias e um orçamento elevadissimo.

Hypothecados os mais importantes rendimentos do Estado para garantia dos compromissos, que a politica retrograda e a administração ruinosa da monarchia com os seus insuperaveis e continuos desperdícios nos trouxeram, e dos quaes podiamos auferir grandes e vantajosos lucros:

A administração, um perfeito cahos, onde ninguém se entende; onde todos querem mandar, e ninguém obedece.

A instrucção, em quasi completo desleixo e fechada para os filhos do povo, que, menos favorecidos da fortuna, não podem, senão com enormes sacrificios, satisfazer as carissimas propinas que lhes são exigidas.

Os pequenos funcionarios com os seus ordenados, já de si pequenos, ainda reduzidos e cheios de descontos, ficando-lhes apenas uma bagatella, que mal lhes chega, para prover ás urgentes necessidades da vida.

Os contribuintes, vergando ao peso dos enormes impostos, que com o mais insignificante pretexto lhe são lançados pelos esbanjadores do thesouro publico.

Eis o quadro fiel da nossa situação.

Que os partidos monarchicos se vejam em um tal espelho, e admirem as suas obras.

Que o partido do futuro acabe com a politica retro-grada e administração nefasta da realza e nos levante do abysmo em que nos vamos submergindo emquanto é tempo.

AENAG.

CHRONICAS DE LONGE

Aveiro, agosto de 94.

Deixamos hoje Aveiro, acalentando a esperanza d'umas festas esplendidas, na faina de preparativos, e vamos dar um passeio por ahí fóra, a ver se se arranja assumpto para uma chronica. Se quizesse, leitor, iriamos ahí para

as bandas de Esgueira, numa excursão que não seria muito longa. Eu bem sei que bem pouco perderias se ficasses hoje sem chronica cá dos lados da cidade dos ovos molles, mas has de ter a paciencia de me acompanhar por uma hora apenas. O passeio não será fatigante, acredita, porque a tarde está convidativa. Atura, pois, a minha caturrice por algum tempo e ponhamo-nos a caminho.

Conheces decerto Esgueira, povoação a dois passos de Aveiro, antiga villa com tradições na nossa historia patria? Não ignoras com certeza, a causa da lucta travada entre Alfonso II, de gorda memoria, e as infantas irmãs a quem Sancho I doára, conjunctamente com outras terras, a villa de Esgueira e seu termo.

Já vês, portanto, leitor amigo, que Esgueira não é para ahí qualquer burgo sertanejo, cuja visita seja para recusar logo á primeira. E' uma terra quasi veneranda pela sua vetustez, pois, deixa-me dizer-te, ha escriptores que a apontam como filha da antiga Talabriga dos romanos. Deixemos, porém, estas reminiscencias historicas, que nada fazem ao caso, e só servem de te aborrecer, e vamos ao passeio:

São quatro horas d'uma tarde de encantos, uma d'essas tardes que apenas nos visitam de longe em longe, e que parecem feitas de encomenda para as descrições dos poetas lyricos.

Nem calor de rachar, nem frio que faça abotoar o casaco. Atmospha limpida num ceu côr d'anil, varrido de nuvens, porque dos lados da barra corre uma aragem fresca que as não deixa accumular. O sol, coando se atravez das oliveiras que se enfileiram ao longo da estrada, dardeja chispas de luz, pondo um tom alegre em tudo o que nos rodeia. Os milhares, que se estendem de um e outro lado do caminho, reverdecidos depois das chuvas de outro dia, apresentam um aspecto animador e agitam as folhas sob a influencia da brisa que corre suave. Ao longe, em fundo negro, os cerrados pinheirais, que se estendem á roda da povoação, parecem convidar o transeunte a respirar um pedaço de ar puro. Bandos de raparigas das aldeias circumvisinhas, vestidas em trajos dominigueiros, dão pelo caminho palestra aos conversados, rapazes robustos, d'uma côr sadia, tismados pelo sol da beira-mar. D'aquí e d'alli, cortam os ares alegres gargalhadas, provocadas por um dito de algum velhote bem humorado ou por um commentario feliz d'algum espirituoso. Um zum-zum alegre que, não sei bem porque, denuncia logo festa, ar, vida e alegria franca, eis o quadro que se depára á nossa observação.

Esgueira está em festa. Neste ponto não se distancia muito de qualquer povoação campestre em dia de orago. Grupos de rapazes e raparigas, organizando danças e descantes ao som da viola, tangida por algum mocetão de tez morena, d'um moreno requeimado pelo sol, foguetes, o classico entremez já hoje quasi passado de moda, procissão, arraial—e eis tudo!...

Por qualquer dos caminhos que vão dar á povoação não se vêem senão familias vindas da cidade, inebriando-se com o ar sadio dos campos e fazendo jus á merenda, previdentemente trazida pela dona da casa. As creanças, sentindo-se em liberdade, saltam por toda a parte sob a vigilancia carinhosa da mãe ou sob a cen-

sura amigavel do avô. Tambem não faltam á festa as sympathicas tricaninhas, indispensaveis em arraiaes e romarias. Umas, porque querem *disfructar*, como ellas dizem, os idyllios das aldeãs apaixonadas; outras porque, *Julietas* apaixonadas por seu turno, esperam impacientemente a chegada do Romeu retardado... para o censurarem pela sua demora. No resto tudo vem a ficar em aguas de bacalhau; elle desfaz-se em desculpas, ella censura-o pela sua infidelidade umas vezes real, outras imaginaria e, fingindo-se um pouco victima expiatoria, vae concedendo as desculpas até as pazes ficarem feitas... e bem seladas! Depois, cae a noite e os grupos debandam. No arraial apenas fica a musica sob a vigilancia dos partidarios da sua rival, que contam todas as *fifias* para d'ahí tirarem argumento contra ella, e os da povoação que discutem se a festa foi inais rija que a do anno passado.

E eis aqui, leitor, como se passa um domingo em Aveiro. Mas dentro em pouco hão de inverter-se os papeis: ha de ser Aveiro que ha de regorgitar de forasteiros por occasião das festas de José Estevão. Parece que haverá comboios a preços reduzidos o que, juntamente com os attractivos annunciados, arrancará esta cidade do lethargo em que ia jazendo.

Emquanto esperamos por esse alegrão vou-me eu penitenciando de ter abusado da tua paciencia, leitor amigo!

RIBALTO.

Mogoforen, agosto de 94.

Quem percorre hoje a Bairrada desanima perante o tristissimo quadro que nos apresenta esta região ex-fertilissima-vinicola, devastada agora pelo *mildiu*, ou *mil diabos*, como quizerem, que deixou na ruina muitos lavradores e reduziu outros de opulentos a pouco mais do que remedeados.

Quando ha meia duzia de annos faziamos as nossas excursões por toda esta região, admirando as extensas e luxuriantes plantações viniferas, invadia-nos uma alegria indescriptivel, como a que todos sentem perante um bello quadro de riqueza natural, e o lavrador, esse nervo da nação, como já lhe chamavam os monarchas de tempos idos, revia-se na sua propriedade, impava de satisfação, e tudo lhe ia bem.

O alpendre sempre aberto, a adega sempre á franca. Os celeiros extravasavam de bom grão loiro; os bois nedios e satisfeitos e os creados annunciavam, campos a fóra, na faina da *enxofradella*, a alegria do patrão, cantando numa toada harmoniosa, ao descair da tarde, quando o sol mergulha para as bandas do occidente.

Agora, como tudo vae mudado.

As extensas plantações da vinha morreram, e na terra onde ainda se destacam as suas negras ossadas tortuosas nasce a herva, o tojo e o cardo. Algumas propriedades foram arroteadas e postas a grão. A aridez, porém, é desoladora e por isso as sementeiras definham á mingua d'agua.

Não pensam nisto os senhores do governo e os jornaes d'hoje dão noticia da partida do sr. Lobo d'Avila, em comboyo especial,

para Setubal, na fôfa commodidade dos principes em recreio.

Não pensam nisto suas magestades que no meio das festas com que proclamam a sua popularidade pelo paiz fóra, não podem certamente ouvir os clamores dos que soffrem e vêem approximar-se a mais tenebrosa das ruínas.

Ha alguns annos os caes das estações de Mogofores e Mealhada viam-se apinhados de barbis e cascos de todos os tamanhos aqui trazidos pelas grandes companhias exportadoras que levavam muito longe a fama da fertilidade d'esta região e traziam aqui grossos capitães com que o lavrador fazia as suas propriedades e pagava ao seu pessoal.

Agora aquellas estações vêem-se vazias; os comboys já lá não despejam diariamente centenas de vazilhas, porque a propriedade não produz já o bastante para o nosso consumo.

Algum tempo, como estas estradas e caminhos eram pittorescos! Cordões de carros puchados a possantes bois iam em procissão, aos centos, ás ordens do mesmo patrão, conduzindo as premicias da lavoura em sebes abarrotadas.

Ranchos de fortes raparigas, d'estas moças que sempre tiveram a fama de bellas e vigorosas, conduziam á cabeça os cestos cummulados de novidades e o coração palpitante de alegria.

Vá de trabalhar, companheiras, que este anno ha de brilhar ao nosso peito mais um coração de doze moedas.

Naquelle tempo os ourives podiam trabalhar só para a Bairrada. Cada moça tinha uma californiana manufacturada em casa. Eram contos do tamanho de bogalhos, cruzes com Christos valiosos, corações de tamanhos naturaes, brincos de fórmãs de pêras que retezavam as cartilagens das orelhas com o seu peso, arrecadas como chouriças, anneis ás enfiadas, tudo d'ouro, de bom quilate, no valor de muitos centos de mil réis.

Quando aos domingos aquellas moças se juntavam no terreiro da estação ou no largo, com seus casacos brancos recamados d'aquellas joias, com as suas saias de ramagens estampadas em boaes e com os seus lenços de lã com franjas, os rapazes cortejavam-nas doidamente, hercules de calças brancas de brim, camisa de Oxford, cinta vermelha e chapéu de boieiro.

Um d'elles sobraçava a viola, um bello instrumento de cordas harmoniosissimas, harpejava em ré menor e fazia pular os corações.

Vá de roda, rapaziada! Vamos ao sapateado.

E então começava o gracioso redemoinho d'aquelles jovens enamorados, cruzavam-se as allusões amorosas em metrificacão duvidosa e em rimas assoantes, que era um regalo ouvil-os!

Em volta da dança ia crescendo o circo dos espectadores, e em poucos minutos estava alli toda a população de Mogofores; de trajés domingueiros e de sorrisos engatilhados.

Quando a voz da cantadeira se calava numa meia volta, ouvia-se o tinido chocalhado do oiro das cruzes contra o dos corações.

Das botociras dos rapazes distillava-se um aroma estonteante de mangerico e salpor-do-monte...

Dois invernos seguidos degolaram estas expansões de alegria e felicidade. As raparigas foram vendendo as suas joias aos agiotas e os lavradores foram hypothecar as suas propriedades para pagar a sisa.

Hoje no terreiro da estação já não estoira o sapateado nem telintam os adereços. Os namorados fogem em bandos na corrente da emigração para as terras americanas, onde a febre amarella os vae dizimando progressivamente, e as raparigas vão substituindo cá os seus trajés garridos

de boal por saiotas de seriguilha e blusas de chita preta. A vinha desfallece, a Bairrada despovoa-se.

E' nestas circunstancias desoladoras que eu lhes escrevo hoje sobre o parapeito da estação, tendo por pasta um numero da *Vanguarda*, onde se trata a questão Mariano de Carvalho, e vendo luzir além, por entre os pinheiros esfumados, como um phantasma ma de odio e de provocação, o sumptuoso chalet do opulento Emygdio Navarro, na encosta occidental do morro do Bussaco.

Aquelle edificio sobranceiro á extensa esplanada da Bairrada é como um riso sardonico em face da miseria do povo eternamente escravo. E' um ultraje lançado a este povo rude e bom que vê sumir-se nas mãos dos credores a ultima das suas geiras de terra, para não morrer de fome, depois d'um trabalho aspero, honrado, continuo e improductivo.

Hei de dizer-lhes mais alguma coisa ainda d'esta região, antes de descrever o que vae por cada uma das diferentes zonas d'esta formosissima provincia.

RAPHAEL DINIZ.

À IMPRENSA

As palavras de affectuosa referencia, e, por vezes, de immercedo louvor que da parte dos nossos collegas na imprensa recebem por occasião do nosso segundo anniversario, agradecemos-as reconhecidos. São ellas, se não incentivos para proseguirmos desassombradamente no caminho honrado que nos traçamos, porque a nossa consciencia nos serve de estímulo e o nosso amor pela causa da democracia nos impelle, pelo menos, nas agruras e decepções do jornalismo, ampara-nos o apoio leal dos nossos collegas. E' o que sinceramente agradecemos.

Sciencias, Letras & Artes

PRIMAVERA

(VERSOS ANTICOS)

A primavera chega sorridente,
Doirando o azul, ungiudo cada flôr...
— Também dentro em minha alma, docemente,
Sorri, como canção auri-fulgente,
A primavera rutila do amor!

Voltou da novo o azul religioso,
Que é como oceano immenso, sem escolhos.
— O espaço brilha num clarão formoso,
E no meu peito passa, venturoso,
O azul sereno e meigo dos teus olhos.

A aurora tem mais luz, luz mais brilhante,
O ceu desmaia em extasis suave...
Nem uma nuvem na amplidão distante...
Ah! também sinto na minha alma irriante,
Clarões d'aurora, threnos, cantos d'ave!

Voltaram illusões d'uma outra idade
Como as flores voltaram nas campinas;
Já reffloriu a minha mocidade,
A' semelhança d'uma claridade
Que tomba sobre as rosas purpúrias.

Primavera d'amor!

E' mais ideal
Que a primavera que sorri nos ceus,
Que a flamma da estrella matinal,
— Bemdito o teu olhar d'ouro e crystall
— Bemdita seja a luz dos olhos teus!

AUGUSTO DE MESQUITA.

O assassino Caserio

Durou tres dias o julgamento d'este anarchista, que assassinará Carnot, em Lyon. O tribunal esteve sempre repleto d'espectadores que muitas vezes se revoltaram pelo cynismo do réu ao contar a maneira como praticára o crime.

Caserio foi condemnado á morte.

TESTA & C.

(COSTUMES FIM DE SEculo)

I

— Então que me dizes a este desafôro? exclamou Gervasio, açapando-se commodamente numa larga poltrona, e regalando os olhos no panorama soberbo do lago de Zurich, que o crepusculo começava a pulverisar de raios côr de purpura.

— Desafôro?! fez Lourenço, aspirando uma fumaça do charuto que accendera; desafôro?! Mas de que desafôro fallas tu?

— Ora essa?! Então como queres que chame á persistencia, á insistencia... á insolencia d'essa filha bastarda de D. Ramon, duque de Cordoba?

— Ah! disse Lourenço, rindo, fallas da Carmen?

— Sim; da Carmen, que me não larga um momento, que me devora á mesa, como se eu fóra um petisco d'appetite, que cruza commigo nos corredores do hotel, de noite, suspirando e gemendo o seu *chiquirritillo!*, que se me encafua no quarto com o pretexto de me pedir um alfinete ou uma caixa de phosphoros...

— No quarto?! — exclamou o Lourenço abrindo desmesuradamente os seus olhinhos de carneiro mal morto. Grande bebida!

— Em toda a parte topo com aquelle fagote! rugiu Carlos. Nem no theatro me poupa!

— Realmente, tens razão, ponderou o amigo de Gervasio Testa; a patria de Guilherme Tell não se aguenta com o contrapeso d'uma sevilhana escavacada.

— Um estafermo, Lourenço; aquillo é um estafermo!

— Em todo o caso, filho, não julgemos pelas apparencias... Olha que o habito não faz o monge, e aquelles olhos ainda fazem cocegas á gente quando se animam ao fogo do amor...

— Que queres dizer, homem?! perguntou Gervasio, aterrado.

— ... E repara que se animam sempre que pousam em certo hospede do *Belleveue*, acrescentou sorrindo. Tu és um felizardo, Gervasio! A hespanhola adora-te. Vamos! Rende homenagem á terra das manolas...

Carlos encavacára. Tomou um ar sério, ergueu-se da poltrona, e perguntou, com uma pontasinha de mau humor, a azedar-lhe a interrogacão:

— Tu queres que eu me vá embora?

— Ora essa?! Se te zangas nem mais palavra!

— Obrigado; obsequias-me particularmente supprimindo da nossa conversa esse espantallo andaluz.

— Descança...

— Se a femea me continúa a apoquentar, largo Zurich, largo a Suissa, largo tudo, e encafuo-me na minha quinta da Avelleira, onde, provavelmente me não ha de impecer, a intrusa!

Esta mulher irrita-me, bole-me com os nervos, continuou Gervasio, sempre excitado. O desejo que lhe inspiro horrifica-me! A minha vontade era desfazer-lhe a cara aos murros, e zurzir-lhe o fundo das costas com pontapés valentes, pontapés lusitanos!

— Olha, ella ahí vem! preveniu Lourenço, que relanceára o olhar pela sala de jantar, onde os dois inglezes discutiam animadamente a virgindade de Maria.

Gervasio levantou-se rapidamente, assustado com o aviso. Teve apenas tempo de segredar ao amigo:

— Raspa-te! Vamos á *Tonhalle*.

Carmen, muito impertigada na sua magreza de tísica, appareceu á porta do terraço, segurando na mão direita uma chavena.

Envolveu Gervasio na caricia do seu olhar doente, sempre bri-

lhante, sempre provocador, que destacava das olheiras fundas como dois diamantes irrompendo, em scintillações, das dobras de uma mantilha negra.

— *Caballero, no quiere usted una taza de café?*

Gervasio saudou ceremoniosamente, e saiu, correndo quasi.

Foi Lourenço quem respondeu. — *Gracias, señorita, nós não tomamos nada!*

E reuniu-se a Gervasio, que já ia no fim do corredor, deixando a Carmen surprehendida d'aquella fuga, tão contraria aos costumes cavalheirescos da galante Hespanha.

No corredor, a sós com o amigo, ainda Lourenço ousou insinuar, a medo:

— Olha lá... e se tu a convidasses para uma ceia? Ceia barata, já se vê!... Parece-me que te vias livre da mulher. A mania passava-lhe, crê!

Mas Gervasio interrompeu-o bruscamente com palavras que traduziam uma cholera por muito tempo contida; e desfiava, como num desafogo, as exclamações mais pesadas e mais sonoras da lingua portugueza.

(Continúa)

PRÁ-DIAVOLO.

Interesses e noticias locais

Academicos laureados

Os srs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida, talentos do mais elevado merecimento e os estudantes mais distinctos da actual geração academica, tanto pelo subido valor da sua intelligencia, como pela honestidade e inconcussa pureza do seu character dignissimo, mereceram das faculdades de Direito e Medicina a justa consagração do seu talento e saber. Tanto um como outro d'estes nossos distinctos amigos e valiosos correligionarios, que os não temos nem mais honestos nem mais puros, receberam premio, aquelle no 5.º anno de Direito e este no 4.º anno de Medicina, pelo que os apertamos, d'aqui, no mais franco e leal dos abraços.

Crise operaria

Continúa latente a falta de trabalho nas diversas classes operarias, e espera-se que nuns mezes mais a crise augmente consideravelmente.

As obras do Caes empregam ainda um grande numero de pessoal, mas a não continuar o desaterraço, do rio, centenas de pessoas ficam sem ter onde ganhem o pequeno salario que alli lhes dão.

A concluir está tambem a construcção do collector na rua da Sophia que vae ligar com o desembocadouro do rio Mondego e a não ser que se faça o ligamento projectado proximo de Santa Justa aos Lazaros, muito pessoal operario fica sem trabalho.

Nas artes civis as construcções paralytam, desde que se aproxime a quadra dos dias pequenos, que já não vem longe; e este facto, que se dá todos os annos, colloca esta numerosa classe em grave situação.

Pelo que vemos o inverno do presente anno, em que os trabalhos publicos estacionam e são em pequeno numero os particulares, ha de ser de duras privações para as classes pobres, não terem onde ganhar a sua parca sustentação.

Apezar da boa amostra que os campos apresentam, os generos alimenticios de primeira necessidade conservam um preço elevado, sendo pequena a alteracão para a baixa. Isto dá-se com o milho, com o feijão e com a batata, cereaes estes que são o principal alimento da pobreza, e que estão dificultando a vida a todos.

Dos outros generos, como: ba-

calhau, arroz, assucar, café e chá, não é para estranhar que subam de preço em breve tempo, pois que a rede varredora da contribuição industrial veiu pezar mais sobre estes e outros estabelecimentos, que hão de cobrar do consumidor o excesso do augmento que tão barbaramente se exige ao contribuinte.

O peixe salgado, que está escasseando muito no nosso mercado, vendeu-se carissimo; a quatro e a cinco ao vintem, sardinha e chicharro pequeno, que antes se obtinha a dez e a doze.

Todas estas coisas estão dificultando o viver dos pobres, que têm á porta á miseria, sem refugio algum, devido á enorme crise de trabalho que vae haver no proximo inverno.

E esta situação desgraçada ha de fazer criminosos, porque a fome pôde levar á pratica de todos os actos indignos, cidadãos honrados, pelo desespero de se verem em casa sem uma migalha de pão, para os filhos e para a esposa.

Diz-se que para outubro uma commissão de individuos deseja estabelecer nesta cidade a *sopa economica*, de modo a suavisar a sorte de tanta infeliz familia que para ahí lucta com falta de recursos e de alimentação regular.

E' uma bella ideia que deve ser auxiliada por quantos possam dispensar a sua protecção a acto tão humanitario.

O elevador

A noticia de que a empresa do elevador pedira á camara municipal a prorrogação do prazo de tres mezes para rectificar o projecto, produziu má impressão no publico que contava ver principiar as obras nos meados do mez corrente, como se disse.

Não nos queremos fazer ecco dos boatos que correm, porque o nosso desejo é que se vençam todas as dificuldades para que tal melhoramento tenha realisacão, mas devemos confessar que estas resoluções da ultima hora produzem muito mau effeito.

Associação Commercial

Deliberou em sessão ultima representar ao governo contra o augmento da collecta em muitas classes incluídas na nova lei da contribuição industrial, onde são prejudicados industriaes de pequena escala.

A par de outras extorsões citaremos esta: os fabricantes de bengalas, em Coimbra, são equiparados aos de Lisboa e Porto, devendo pagar de contribuição 24.000 réis!

Amanhã reúne tambem a assembléa geral para pedir á companhia dos caminhos de ferro a formação d'um comboio de Coimbra para a Figueira, pelo ramal d'Alfarellos.

Forasteiros

De Coimbra começam a sair muitas familias que se dirigem para as praias e outras estancias balneares, a encontrarem allivios aos padecimentos e á paz d'alma que se goza nesses sitios, onde se esquecem os cuidados da vida.

Tudo prepara as malas para a retirada d'aqui, e em findando o mez que corre, esta cidade despovoa-se e lá vae a gozar as frescuras de setembro nas diversas praias.

Com isto a Figueira toma uns ares de combricense pandego e nas ruas, theatros, passeios, quasi se vê Coimbra em peso, muito contente e muito satisfeita. Não que a vida está pela hora da morte!

Audiencias geraes

Começaram na segunda feira os julgamentos no nosso tribunal, sendo condemnados os seguintes réus:

Luiz Augusto, accusado de arrombamento e furto. Defeza do sr. dr. Sousa Bastos. Condemnado em dois annos de prisão cellula, ou na alternativa de tres de degredo.

Procopio Maria d'Azevedo e Joaquim de Jesus Rato, pelo crime de furto. Defeza do sr. dr. Gaspar de Mattos. Condemnados, o primeiro em dois annos de prisão cellula, ou na alternativa de tres de degredo; o segundo em 2 annos de prisão correccional, levando em conta o tempo que tem estado preso.

No dia 7 serão julgados Antonio dos Santos Fonseca, Antonio Luiz Castanheira e Francisco dos Santos, pelo crime de subtracção fraudulenta.

São defensores os srs. drs. Sousa Bastos e Avelino Cesar Callisto.

Com este julgamento findam as audiencias geraes d'este semestre. Felizmente para Coimbra as estatisticas criminaes accusam um insignificante numero, não havendo, como em outras terras, os grandes crimes a julgar.

Catalogação de livros

O sr. dr. José Maria Rodrigues, bibliothecario da Universidade, prosegue com actividade na catalogação da bibliotheca, achando-se já completas as tres primeiras salas.

E' um bello serviço prestado pelo sr. dr. Rodrigues áquelle importante estabelecimento, que ha muitos annos soffria as consequencias do indifferentismo e da inercia de antigos bibliothecarios.

Ensino primario

Foi creada a cadeira de ensino primario do sexo feminino, na freguezia de S. João do Campo, em que muito se empenhou a junta de parochia d'esta freguezia que tem a dirigil-a e a administral-a dignos protectores da instrucção popular.

Bons serviços deve prestar esta escola á mocidade de S. João do Campo, demais se a sua gerencia fôr entregue a uma professora intelligente e zelosa.

63 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

XVI

As galés de Termini

Este bravo marinheiro, que nunca tremeu diante das tempestades e das batalhas, sentiu bater-lhe o coração com uma violencia terrivel, como se a arteria lhe rebentasse numa erupção de sangue. Com o ouvido collado ao tapume denunciador, preparava se para ouvir uma d'estas revelações terriveis, ainda que esperadas, que estão acima da coragem do homem, sobretudo quando o amor não está extinto.

Memma entrou na cella e soltou um grito de dôr vendo Paulo com o fato dos forçados, curvado sobre o sólo e com o rosto macedado pela desgraça.

Gréant não fez nenhum movimento, nenhum gesto; havia na sua attitude desolada qualquer coisa de tocante que exprimia tudo.

—Minha senhora, disse elle

Obras no paço

Em vista da auctorisação enviada á direcção das obras publicas de Coimbra, para gastar até quatro contos de réis nas obras de reconstrucção do paço episcopal, consta que em breve se dará principio, começando se a demolir a parte da rua do Salvador que ha muito tempo ameaça ruina.

Cemiterio da Conchada

No cemiterio da Conchada enteraram-se na semana finda os seguintes cadaveres:

Maria Clara, filha de Manuel Caetano e Maria Clara, de Pinhaços, de 70 annos. Falleceu de enterite chronica, no dia 22.

Maria Augusta, filha de paes incognitos, da Mealhada, de 72 annos. Falleceu de cachexia senil, no dia 22.

Edwyges, filha de Gabriel Pereira Cardoso e Maria Emilia Soares, de Coimbra, de 5 mezes. Falleceu de molestia desconhecida, no dia 23.

Leticia, filha de Manuel Luiz Rosa e Maria Barbosa d'Almeida, de 2 annos. Falleceu de meningite, no dia 25.

José da Silva Ribeiro Porto, filho de Joaquim Antonio da Silva Ribeiro e D. Luiza Rosa dos Prazeres, do Porto, de 69 annos. Falleceu de tuberculose pulmonar no dia 26.

Maria da Conceição Bizarro, filha de João Feliciano Dias e Mariana de Jesus Dias, de Coimbra, de 65 annos. Falleceu de hemorrhagia cerebral, no dia 26.

Antonio, filho de João Maria de Oliveira Carvalho e Julia da Silva Teixeira, de Coimbra, de 5 annos. Falleceu de asphixia no dia 27.

Julia Maia Lobo de Lima, filha de Antonio de Padua Lobo e Rosa de Jesus Maia, de Coimbra, de 51 annos. Falleceu de osteosarcoma do osso itia-co esquerdo, no dia 28.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio — 17-453.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 17850 a 17860 réis, o decalitre.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 480—Dito amarello, 460 — Trigo de Celorico, graúdo, 550 — Dito tremez, 540 — Feijão vermelho, 480 — Dito branco, 440—Dito rajado, 390—Dito frade, 390—Centeio, 380—Cevada, 240—Grão de bico, graúdo, 580—Dito meudo, 560—Favas, 370 — Tremoços, 280.

depois de um momento de silencio, e com uma voz entrecortada de lagrimas, abençoada seja, porque se dignou vir. Agora posso soffrir toda a minha vida porque a sua visita me tornou forte para uma dôr sem fim. Fui repellido por v. ex.ª durante sete annos; durante sete annos me julgou culpado de uma mentira hedionda, causada pela unica falta da sua vida, falta que tem expiado por uma tão longa e tão heroica virtude. Sim, minha senhora, quando lhe disse no jardim de Genova, nessa noite que nunca mais voltou, que tinha matado em duello esse infame Talormi, disse-o porque julgava dizer a verdade. O homem caiu diante da minha espada, mas por um d'esses ardis infernaes de que só Talormi tem o segredo, levantou-se sem estar ferido, depois de eu partir, como um vampiro que apparece em noites de luar para nos aterrar com a sua appareção. Todas as nossas infelicidades são provenientes d'esse duello e da mentira que eu julguei uma verdade. Não, minha senhora; v. ex.ª tem observado de longe, sete annos da minha vida sete annos da minha dôr muda, sete annos da minha respeitosa resignação, e deves comprehender que não sou

O agio das libras a 17370; ouro nacional, graúdo, a 28 1/2, e o miudo a 27 1/2

Os preços dos generos no mercado quinzenal e Montemór-o-Velho, de quarta feira, foram os seguintes:

Milho branco 550—Dito amarello 540—Trigo branco 560—Dito tremez 550—Dito mouro 550—Feijão encarnado 500—Dito amarello 440—Dito rajado 430—Dito frade 420—Grão de bico 600—Chicharos 320—Batatas 180—Tremoços 320—Centeio 500—Cevada 320—Favas 430.

Noticias bibliographicas

Temos sido brindados com exemplares de importantes publicações e valiosos trabalhos scientificos. Entre estes avultam:

A Anthropologia Criminal e O Congresso de Bruxellas por Ferreira Deusdado—Lisboa, 1894.

E' um notavel estudo sobre os difficeis problemas da criminalologia e penalidade segundo os principios e processos da moderna sciencia social, discutidos no memoravel congresso.

Dívidas Commerciaes dos Conjuges por José Mendes Martins—Coimbra, 1894.

Progressos do Direito Mercantil e sua influencia na Legislação Portuguesa, pelo mesmo, Coimbra, 1894.

Além dos dotes superiores de intelligencia e aperfeiçoado criterio do seu talentoso e erudito auctor, estes dois livros revelam profundos estudos e solido conhecimento das novas doutrinas juridicas, applicados a um dos mais vastos e complexos ramos do *Direito economico*, segundo a moderna orientação scientifica, que manifestamente dirigiu o esclarecido auctor de tão uteis e brilhantes escriptos, dignos de acolhimento e applauso.

Estudos sobre Organização Administrativa, por Francisco Joaquim Fernandes, alumno da Faculdade de Direito. Coimbra, 1894.

d'aquelles que se utilizam de uma vil mentira para o serviço dos seus amores. V. ex.ª não suspeitou nunca que eu tivesse committido um crime tão infame, estou certo d'isso; e, apezar das apparencias que me condemnam, ha de absolver-me. O que nunca disse aos meus juizes, posso dizel-o a v. ex.ª, porque ninguem nos escuta. Minha senhora, vou mostrar a seus olhos a prova da cilada horrivel em que caí; eis um bilhete que tenho guardado como um thesouro e que tenho occultado a todos os olhares, escondendo-o debaixo do ignobil vestido de um forçado. Lêa minha senhora... Pois bem, não, eu leio, e v. ex.ª reconhecerá o seu auctor:

«Uma expiação de sete annos é sufficiente; é hoje dia de Natal, dia de perdão. A' uma hora depois da meia noite estarei só. Ha um muro do jardim a saltar; haverá uma escada á janella, que se abrirá para si.»

Memma.»

Com esta leitura madame Van-Ritter saiu do abatimento em que estava mergulhada, e, arrancando o bilhete das mãos de Paulo com uma vivacidade louca,

Syntheses Financeiras, por José Ferreira Marnoco e Sousa, Coimbra, 1893.

Estes dois apreciaveis opusculos, devidos ao brilhante espirito e ao proveitoso estudo de dois dos mais distinctos academicos, que actualmente frequentam a nossa Universidade, alumnos da Faculdade de Direito, mostram a excellencia e superior aptidão dos seus laureados auctores, e a boa direcção renovadora, iniciada com exito na mesma Faculdade por mestres e discipulos.

Collecção de Leis e Subsídios para o Estudo do Direito Constitucional Portuguez, por J. J. Lopes Praça—Volume II—Coimbra, 1894.

E' de um grande valor esta importantissima obra do sabio lente de Direito na nossa Universidade, como fonte de conhecimentos scientificos e historicos, reunidos e coordenados com esclarecida critica, mas além d'isso são e representam um valioso auxilio para o estudo consciencioso e judiciosa apreciação do nosso Direito Politico e Administrativo, antigo e moderno na sua evolução realisada e futuro aperfeiçoamento.

Merece alevantados encomios e sincero reconhecimento dos estudiosos e amantes da cultura scientifica quem tão proficiente-mente trabalha e dignamente responde a sua missão docente.

De todas estas publicações nos occuparemos desenvolvidamente, depois de ferias, em outubro, em que nos será mais facil e opportuno.

Tambem recebemos e muito agradecemos:

Annuaes do Notario Portuguez, vol. I Porto, de que é redactor principal o sr. Abilio Augusto Monteiro e administrador provisório o sr. Vicente da Silva e Cunha.

Vamos lêr.

Projecto deCodigo Administrativo Republicano, do nosso esclarecido e independente correligionario dr. Jacintho Nunes.

Vamos attentamente estudar para dizer a seu respeito com inteira verdade e imparcial justiça.

releu o rapidamente, exclamando depois:

—Oh! é o conde de Talormi! é elle!

—Garde este bilhete, minha senhora, disse Gréant. Comprehe-nde o motivo que me levou a guardar segredo. Preferi uma condemnação a divulgar um amor, ainda que este amor mesmo depois do testemunho d'este bilhete, não obtivesse senão uma hora de felicidade seguido de sete annos de miseria.

Memma, commovida até ás lagrimas, tomou timidamente a mão de Paulo e apertou-a.

—Não tenho nada a perdoar, disse ella; ha sete annos que peço perdão a Deus, e parece que elle hoje m'o concede.

—Minha senhora, tornou Gréant, praticou uma nobre acção honrando-me com a sua visita, porque dulcificou o meu futuro. Resistiu sete annos ás supplicas do homem que não queria vê-la senão para se justificar, para ter com v. ex.ª a justificação que obteve hoje, tão tardiamente; não hesitou um só momento para vir suavisar a dôr d'um forçado; seja abençoada entre todas as mulheres; não tenho agora mais nada a pedir-lhe senão uma lembrança, Adeus, minha senhora, meu pae

Boletim da Camara de Comercio de Lisboa, órgão official da mesma camara.

A seu tempo diremos.

Documentos para informações dos contribuintes, pela Commissão Districtal de Coimbra.

Vamos examinar.

Lei e Regulamento da Contribuição Industrial, editor A. José Rodrigues—Lisboa, 1894.

Recebemos um exemplar da *Lei e Regulamento da Contribuição Industrial*, approved por decreto de 28 de julho de 1894, contendo as tabellas das industrias, taxas do correspondente imposto; segundo a ordem da terra; indicação das reclamações; prazos em que devem fazer-se, etc., etc.

E' inutil encarecer a obra, que por si mesmo se recommenda. A nenhuma industria deixa de interessar o conhecimento das obrigações a que está sujeita; a collecta que lhe podem exigir, e os meios que a lei lhe faculta para se oppôr a exigencias excessivas, além de muitas outras instrucções sobre o assumpto.

A edição é baratissima: custa apenas 200 réis; pelo correio, 220 cada exemplar. Pedidos ao editor A. J. Rodrigues, rua da Atalaya, 183, r.º—Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na livraria do sr. Francisco França Amado.

CONHECIMENTOS UTEIS

POMADA PARA AMACIAR A PELLE

O cold-cream é uma pomada incontestavelmente magnifica para amaciar a pelle, mas, como todas as pomadas que se empregam sobre as faces, precisa de ser feito com o maximo cuidado. E', pois de toda a conveniencia preparal-o em casa, para ficarmos convencidos de que não contém ingredientes nocivos á saude.

Eis a receita para fazer bom cold-cream: derretem-se 30 grammas de cera branca em 215 grammas do oleo d'amendos doces. A-sim que a cera estiver bem derretida, agita-se até resfriar completamente; depois, juntam-se-lhe 60 grammas de espermaceite, 60 grammas d'agua de rosas, 15 grammas de tintura de benjoim e 30 gottas d'oleo essencial de rosas. O cold-cream obtido por este meio será muito fino e d'um perfume agradabilissimo.

está alli, aperte-lhe a mão quando passar; não duvidará mais da minha innocencia...

Abriu se a porta no mesmo instante e appareceu Van-Ritter. Não houve um minuto de indecisão; o nobre marinheiro ouviu tudo, e as lagrimas que lhe banhavam o rosto attestavam uma commoção já dominada; precipitou-se sobre o forçado, abraçou-o estreitamente, e sem olhar para Memma, estendeu-lhe a mão largamente aberta e cheia de perdões.

A que revelação inesperada Van-Ritter acabava de assistir, sem ser visto!

Que de coisas elle tinha sabido em alguns minutos! e com que generosidade magnanima havia de pagar a conducta heroica de sua mulher, mesmo depois d'esta falta tão antiga, e expiada por tanto arrependimento!

—E eu tambem! disse elle como se fallasse consigo mesmo; eu tambem tenho uma antiga falta a expiar! Deus é sempre justo, e o homem não o é nunca!

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 13, proximo a rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra
ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra
PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra
ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em cores Typ. Operaria Coimbra
BILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra
LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra
IMPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra
CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra
AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

DEFENSOR DO POVO

Compram-se na administração d'este jornal os n.ºs 18, 24, 25, 43, 46, 50, 73, 75, 76 e 87.

LIVROS

Anuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acha de sair do prelo a 9.ª edição do *Manual do distillador, licorista e perfumista*, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescos, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o toucador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este *Manual* é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com eapa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
 Repetições 20 réis
 Para os srs. assignantes desconto de 50 %

Contracto especial para anuncios permanentes.

VENDE-SE

319 Um bom fogão, proprio para uma hospedaria de restaurante; tambem ha mais pequenos, para casas de familias particulares. Preços commodos.

José Pedro de Jesus
 Rua das Sollas, 54
 COIMBRA

Arrematação

(2.º annuncio)

318 Pelo juizo de direito da Comarca de Coimbra e cartorio do 5.º officio se hade proceder á arrematação no dia 19 do proximo mez de agosto por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça e para ser entregue a quem maior lanço offerer além do preço da sua avaliação os predios abaixo descriptos e confrontados, pertencentes ao casal inventariado por fallecimento de José Maria Mesquita, casado proprietario, morador que foi nesta cidade; e são os seguintes:

Uma morada de casas, situadas na rua do Corpo de Deus, freguezia de S. Bartholomeu, d'esta cidade, que confina do nascente com a referida rua poente com José da Costa Condeixa, norte com a viuva Tinoco e sul com herdeiros de Antonio da Silva Rocha. Foi avaliado e vae á praça em 500.000 réis.

Uma morada de casas situadas na rua dos Palacios Confusos, freguzia da Sé Velha d'esta cidade que confina do nascente com largo dos Palacios Confusos, poente e sul com José Maria Ferraz, norte com rua Publica.

Foi avaliado e vae á praça em 750.000 réis.

A contribuição de registro por titulo oneroso é paga por conta do arrematante. São citados quaesquer credores incertos, para assistir aos termos da praça.

Coimbra, 28 de julho de 1894.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Neves e Castro.

VENDA

308 Vende-se uma aranha usada.

Para tratar com Francisco Nogueira Secco.
 Terreiro da Erva — Coimbra.

Mudança de liquidação de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidação na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 ARMAZEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus.— Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corças e bouquets, funebres e de gala. Filas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31, 33—Lisboa—Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B.—Só é verdadeira a que tiver esta marca registrada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893.—ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO (JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida *Agencia* continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia, e outras, — Certidões — Attestadas — Matriculas, etc., etc.*

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lycee e das Escólas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta *Agencia* far-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuaes, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta *Agencia* receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRAS

ARTIGOS DE GRÉS

206 Grande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refractario, telhões de heiral e de caleira, telha commum e todo o material completo para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões cotovellos, bacias conicas, excentricas e outros systemas, para retretes. Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim com os restantes artigos tanto em grés como em barro.
 Rua Direita n.º 9, 11 e 13.
 Escriptorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.

SCRIBADO

310 Precisa-se de um para tomar conta de uma quinta. Na praça do Commercio n.º 9 e 10 loja do sr. Joaquim Simões da Silva Junior se informará.

CAVALLO E CARRO

311 Vende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Commercio 9 e 10, loja.

Coimbra

VINHO PARA REVENDER

317 Vende-o Antonio Rodrigues Pinto nos seus armazens em Fóra de Portas.

MOVIMENTO MARITIMO

COMPANHIA FRANCEZA DE MESSAGERIES MARITIMES



Em 8 sahirá o paquete *Portugal* para o Rio de Janeiro e Rio da Prata. O paquete *Equateur* sahirá em 23 para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio da Prata.

O encarregado de passagens em Coimbra, Antonio Fernandes.

EMPRESA NACIONAL



AFRICA

O paquete *Ambaca* sahirá em 6 de agosto para S. Thiago, S. Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella e Mossamedes.

O paquete *Zaire* sahirá em 23 para S. Thiago, S. Thomé, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella e Mossamedes.

O encarregado de passagens em Coimbra, Antonio Fernandes, rua do Corvo.

COMPANHIA REAL DO PACIFICO



O paquete *Galicia*, sahirá em 8 de agosto para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e costas do Pacifico.

Em 22 sahirá o paquete *Liguria*, para o Rio de Janeiro e costas do Pacifico.

Para pas-sagens em Coimbra, Antonio Fernandes, rua do Corvo.

Antonio Fernandes

RUA DO CORVO

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno 2\$700	Anno 2\$100
Semestre . . . 1\$350	Semestre . . . 1\$200
Trimestre . . . 680	Trimestre . . . 600

Outro caminho e outros processos

IV

A Imprensa Republicana

Considerada em relação á doutrina, apreciada sob o ponto de vista dos principios da sciencia social, ha na imprensa republicana portugueza representantes de todas as escólas, campeões de todos os systemas, e não faltam órgãos propugnadores de varias opiniões individuaes, divergentes e contradictorias.

Melhor diriamos, talvez, que os jornaes republicanos, com rarrissimas excepções, representam todas as escólas, sustentam e propagam todas as doutrinas, são apóstolos de todos os systemas, interpretes de todas as opiniões, desde o espirito metaphisico-revolucionario mais radical e intransigente até ao mais apathico e esteril eclectismo conservador e equilibrista.

Na maior parte eclecticos e contemporisadores, oportunistas, na significação viciosa e vulgar do termo, mostram-se em tudo incoherentes, contradictorios, sem ideias precisas sobre coisa alguma, sem principios definidos, oscilando desorientados, á mercê das circumstancias, entre o retrocesso e a revolução, tendo por instavel ponto de apoio um phantastico e vago ideal, em que o sentimentalismo e a imaginação podem mais, e muito mais, do que a experiencia e o raciocínio; tornando-se por isso mesmo vã e declamatoria a sua acção, dispersiva e perturbadora a sua influencia, incapaz de educar e formar a opinião publica, impotente para dar força e imprimir direcção conveniente á consciencia e á vontade collectiva da sociedade, sujeitas a subitas e imprevisas variações de momento.

E todavia é pela boa e conveniente educação da opinião publica, pela sábia e eficaz direcção da consciencia nacional e da vontade collectiva dos cidadãos, sufficientemente esclarecidos, que a Imprensa, esta soberana do mundo actual, logrará fazer-se escutar e obedecer respeitosamente em seus ensinamentos e decretos, em seus conselhos e advertencias.

A verdadeira reforma da Imprensa, a unica talvez que poderia regenerar-a, e permittir-lhe desempenhar a sua nobre missão, seria a reconstituição e aperfeiçoamento das opiniões e dos costumes; e para o conseguir torna-se-lhe necessario, indispensavel, a adopção de uma doutrina scientifica, geral e uniforme, que prescreva e imponha um destino social e moral a todos

os esforços, não deixando os espiritos individuaes isolados neste ou naquelle dominio de sentimentos ou ideias, neste ou naquelle genero de trabalhos e empresas, fazendo-os, pelo contrario, convergir e cooperar no interesse de todos e de cada um, coordenando-os no estado social e ligando-os indissolvelmente em uma responsabilidade comum e solidaria.

Em quanto essa doutrina não fór conhecida e adoptada por todos ou pelo maior numero, que domine e arraste consigo a minoria dos ignorantes e dos teimosos, toda a reforma em politica, toda a tentativa de renovação melhorada na ordem economica e moral, será baldada, todos os processos administrativos serão viciosos, todas as garantias juridicas serão illusorias; e o papel da Imprensa será vão e declamatorio, a sua funecção esteril e dispersiva; só poderá satisfazer os espiritos superficiaes, as almas pequeninas, os corações egoistas.

EMYGDIO GARCIA.

Chronica da Invicta

A LUZ... SOBRE O CASO

Não levou a bem o sr. Felizardo de Lima que alludissemos á sua grammatica: por isso, e só por isso, se apressou em fallar-nos do seu liberalismo no n.º 25 da Luz, jornal que diz dirigir, e que vê a dita em Lamego.

Como a desmentir-nos, vem a coisa com dois dedos de grammatica.

— Dedicamos columna e meia de prosa, cuidadosamente revista (sem assignatura, comtudo!) e nella nos chama *intruso* e *desnortado*, quando é certo que nada dissémos ácerca da orientação do sr. Felizardo, nem inquirimos dos fóros com que se colloca na fileira da democracia portugueza.

Poderíamos perguntar quaes os serviços que o sr. Felizardo de Lima tem prestado ao partido republicano, sem contar nesse numero discursos na Laboriosa e vivas espalhafatosos no monte das Antas, mas nada perguntaremos com medo de que o redactor da Luz replique interrogando-nos sobre os nossos serviços... e nós, com franqueza, nunca declamámos em comícios com aquella sua rethorica sem preço nem valor, nem arrasámos os pulmões com vivas á independencia e á patria (genero Zé Alpoim) a duzentos metros da municipal. Estranhámos, é facto, a grosseria do artigo, não por ter partido da nova folha do sr. Felizardo, mas por destoar do estylo (de fórma alguma incivil) que nos serviu de fecho á chronica intitulada *Instrucção e caridade*.

Doeu-lhe a allusão á grammatica!

Bem; ficamos sabendo que sua senhoria tem tanto amor ás suas creanças, como á sua instrucção... que isto de instrucção, realmente, é coisa muito bonita e que não occupa lugar.

Ao auctor do artigo não assi-

gnado, responderemos que *não queremos tolerancia e licença para os inimigos da liberdade*.

Não somos republicano que saiba alliar a tolerancia com a justiça, como acontece ao periodico de Lamego, que tem por divisa *A Democracia firma-se na Liberdade, Igualdade, Justiça, Tolerancia, e Amor*.

Esta tolerancia é, provavelmente, para os amigos; nesse caso seria mais clara esta divisa: «Para os amigos mãos rôtas!»

Parece nos que a Justiça é, como a Verdade, uma só.

Verdade e Justiça são puras na sua essencia, e intransigentes, e intolerantes para com a mentira e o crime. Com a tolerancia prostitue-se a Justiça, e a Verdade tomba no charco da calumnia e da infamia. Se no evangelho da democracia se prega a tolerancia, não sabemos com que direito os republicanos combatem a brandura do systema monarchico!

O constitucionalismo tem-se salientado pelo excesso da tolerancia para com todas as falcatruas: financeiras, administrativas, politicas, religiosas, etc. — d'ahi o nosso mal e a nossa ruina.

Ora, neste caso, sendo tolerante o constitucionalismo é certo que cumpria um preceito democratico, não é assim?

— Ou... pretende a obscura Luz dizer que a tolerancia será applicada aos actos da boa moral, boa administração, boa justiça e boa politica?

Nesse caso, attenta a significação da palavra, entra na regra geral a patifaria, e ficam constituindo mera excepção os actos sem mancha... os tolerados?!

Ou, finalmente, será aquella tolerancia da divisa um pedido de benevolencia á grammatica do ex-redactor da *Bandeira Portugueza*? Seja como fór!

Não quer o articulista da Luz que a Escola Marquez de Pombal seja entregue á esposa do sr. D. Carlos, e transformada em dispensario.

Porque? Porque a senhora D. Amelia é rainha, e a caridade regia vale sempre pouco para os inuteis, generosos de palavreado e escassos de boas accções.

Se a sr.ª D. Amelia fosse a sr.ª D. Angelina Vidal, teria o caso outro prestigio, e ver-se-ia o facto por diverso prisma.

Infelizmente, repetimol-o, faz-se questão de pessoas quando se aprecia o beneficio da caridade!

Falsos principios de democracia são esses; nós, que professamos ideias republicanas, lemos por cartilha diversa. Não nos encontrará a rainha na sua frente a solicitar desculpa de qualquer phrase violenta escripta contra a corôa, nem nos verá curvar o joelho solicitando o perdão para crimes politicos, se crimes politicos tiveramos commettido; ternos-á sempre, porém, ao seu lado, a applaudir-a, e a elogiá-la, quando praticar actos de bondade, como este, e as creanças encontrarem na protecção da sr.ª D. Amelia o auxilio que lhes negam os liberaes do Porto... e os republicanos de Lamego.

Insinua o articulista que o dispensario se converterá em antro religioso de benedictinos — *que estão empolgando a instrucção do povo* (era pela instrucção do povo que deveria ter começado a obra republicana) *a fim de a Nação cair na cilada que outra rainha*

lhe preparava, entregando as escólas normaes a congregações italianas.

Sabe o articulista o que é um dispensario?

Um dispensario não é uma escola, é um hospital.

Permanecem ahi as creanças unicamente durante o tempo da sua enfermidade.

Recebem os soccorros da medicina, gratuitamente, e saem, quando a convalescença se acentua, cedendo o logar a outras.

Não sabia? Pois se não sabia ficou sabendo.

Não nos consta que o dispensario seja entregue a benedictinos; surprehende-nos a nova, e tanto que ousamos perguntar á Luz se conhece as condições da escriptura, pela qual a direcção da Escola passa essa instituição para a fundadora do dispensario.

Conhece? Cremos bem que não, e lamentamos que escreva sobre assumptos, cujas minuciosidades ignora.

Permitta, no emtanto, o articulista que lhe asseveremos (acredite, ou não; para nós é isso indifferente) que a reacção não levanta mais os seus arraiaes no sitio da antiga capella da Aguardente.

Não mais verá ahi padres pregando más doutrinas, nem terá o desgosto de vêr erguer-se no edificio da escola uma casa de educação jesuitica.

Alcunha-nos o articulista de *defensor dos jesuitas*; com pezar lhe dizemos que os defensores dos jesuitas são, infelizmente, os que deixam que a obra da instrucção e da caridade vá passando para o dominio exclusivo da seita de Loyola; são os liberaes e os demócratas (os falsos liberaes e os falsos demócratas, bem entendido!) que defendem os jesuitas, pois que da sua indifferença pela causa do povo, resulta o progresso dos reaccionarios, e o poder com que elles vão esmagando a inutilidade dos nossos apregoados patriotas.

Ser patriota, entenda-se bem, não é abandalhar a liberdade com foguetes, vivorio e peixe trito: — é instruir, é crear escólas, hospitaes, é exercer o Bem, é sacrificar-se a gente pelos seus irmãos, é fortalecer o espirito dos homens d'amanhã, creanças hoje, para a coragem na luta e para a serenidade na victoria!

Ser patriota não é fazer *bernardas*, nem atirar pedras á municipal.

Ser patriota é qualquer coisa de sublime, que se sente e não se descreve!

... Já vê o articulista como são caricatas aquellas suas tiradas *patrioticas*, e como faz rir a sua affirmativa de que os discursos do sr. Felizardo de Lima valem mais do que o acto caridoso da rainha!

O articulista tem razão: não sabemos quem são os benedictinos, mas sabemos, desgraçadamente, quem são os liberaes, e fazendo opinião pelo que elle sabe dos primeiros, e pelo que nós sabemos dos ultimos, sempre lhe diremos que entre tão santos benedictinos e tão sinceros liberaes venha o diabo e escolha!

Na certeza de não tornar ao assumpto, (pois não queremos, por preço algum, continuar esta discussão) — fechamos aqui, garantindo ao auctor do artigo que nunca foi nosso intuito *levar a*

agua ao moinho, e comer os incautos.

Nem todos, talvez, possam dizer o mesmo!

Ao jornal de que somos chronista ha dois annos, agradecemos, segundo o conselho da Luz.

— Em sua attenção não vieram á publicidade *verdades amargas*.

Eram provavelmente insolencias, e como com insolencias se não discute, ficava a questão na mesma, e ficavamos nós fazendo de tudo aquillo uma ideia muito mais triste do que a que já fazemos...

Porto,
5 de agosto de 94.

RUY-BLAS.

EM FERIAS

I

O ASSASSINATO CARNOT

Resoou tambem aqui, adoçado pela distancia e um pouco pela previsão, o echo momentaneo, mas pavoroso d'uma tragedia, que mediou entre o erguer d'um braço armado e o cahir mortal d'um chefe de estado. O anarchismo, que, desde ha tempos a esta parte, vinha cantando o seu Ideal ao ribombar tremendo do explodir da dynamite, resolveu agora abandonar as horrificas impenencias d'uma catastrophe e amortilhar em silencio as victimas dos seus odios. Desfechando baixo, viu que na luta se lhe mingovam as forças: escala, porisso, agora os degraus da summa representação, e ahi, embebido o punhal no peito inimigo, enxuga as proprias lagrimas com o pranto da sociedade inteira. Não é vencer, mas é vingar, — e a vingança é já, no dizer dos proprios deuses, um precioso nectar.

Eis como, numa simples resolução, se encontra um duplo beneficio: lucra assim a sociedade ou, antes, a burguezia, porque se furta aos lancinantissimos effeitos d'uma hecatombe, que, nas suas entranhas devoradas e hiantes, tanto dá guarida ao culpado como ao innocente, e lucra o anarchismo, porque, bebendo á certa o licor doirado da vingança, abre talvez caminho á realização do seu *desideratum*.

O assassinio de Carnot, largamente planeado e zombeteiramente acolhido, quando antes avisados d'essa tentativa, pelas auctoridades francezas, trouxe ainda consigo outras consequencias, que neste momento, passadas as primeiras e dolorosas impressões, é bom e opportuno archivar. O anarchismo, com este seu ultimo acto, alargou muito, indubitavelmente, a sua esphera d'acção: abandonou as *alminhas* dos theatros e as galerias dos parlamentos para tabiada do seu *magnifico gesto*, e veio buscar nas ruas, no seio das multidões, terreno mais azado á productividade dos seus designios. Definuiu-se, portanto.

Não é já o malfetor, que assalta na encruzilhada, abroquelado pela treva, o desprezavido viandante: é o crente, o fanatico, o asceta, que, ás cegas e sem tergiversões e, porisso mesmo, á luz do dia e ante os olhos de todos, trilha o caminho do Crime, convencido de que se dirige ao Bem. Deixou de ser um bandido, para ser um martyr.

Só esta ordem d'ideias expli-

ca, convincentemente, o grandioso incremento e as espontaneas sympathias, que as ideias anarchistas vão encontrando em todas as classes da sociedade. Quebrando as largas faixas do mundo operario, o anarchismo invadiu, sobretudo agora, a própria esphera das chamadas classes intellectuales. Mais ou menos benevolmente, elle encontrou gasalho e guarida nas escolas, na litteratura, que muitas vezes e inconscientemente é a primeira a alhanhar-lhe caminho, nas cathedras universitarias e até, segundo os ultimos despachos, na tribuna sagrada!

Isto mostra, clarissimamente, que o incendio lava fundo e que as chammas, que agora se pretendem apagar, não são mais do que pequeninas lavas d'este tormentoso vulcão.

A acção dos governos pois, neste desesperado atacar de lavaredas, tem de ser muito diversa d'aquella, que se está pondo em pratica. A repressão quasi inquisitorial, que se decretou, longe d'acalmar, ateia, em vez de pacificar, estimula.

A guilhotina, causando horrores, produz condolencias: o coração é uma flor, que a peçonha pôde não envenenar, mas que uma simples nortada cresta.

Até aqui poderia parecer indecoroso aos governos tratar com uma seita que, na sombra e até caviliosamente, lançava mão dos meios mais tremendos para o conseguimento do seu fim; mas hoje, que o anarchismo constitue um numerosissimo partido e procurou seguir com o punhal a normalidade de todas as revoluções, não sei nem comprehendendo por que os governos deixam de chamar a si os sectarios d'uma doutrina e de resolver com elles, á boa paz, muitas das questões do seu programma, mostrando-lhes ao mesmo tempo, a insanía e inexequibilidade de muitas outras. Porque, se é certo que muitas das suas pretensões são

exageradas e irrealisaveis, outras ha que merecem, indubitavelmente, a attenção e o favor de todos os espiritos cultos.

Isto é que seria cortar, pela raiz e d'uma forma digna, propria do seculo que atravessamos, essa arvore d'enramalhada côma, que, a um tempo, mata os que á sua sombra se acolhem e ainda os que d'ella fogem.

Parecerá tudo isto uma chimeira? Talvez. Mas se se attender, profundamente, á origem do anarchismo, creio bem que se não encontrará melhor e mais prompta d'exterminal estas accas pugnas sociaes. Todos conhecem em origem e essa historia para que a desenrolamos aqui; mas, porisso mesmo, ninguém contestará que o braço que se levantou contra o feudalismo, que destronou a realza absoluta, que hasteou a bandeira tricolor da republica e que agora, por duas bocças irmãs—o socialismo e o anarchismo—, pede e reclama mais direitos e mais garantias,—ninguém contestará, repito, que esse braço, sempre o primeiro a ferir e sempre o ultimo a colher os fructos, seja capaz de se deixar ludibriar novamente pela burguezia, que, em occasiões tão varias e tão opertadas, constantemente e lealissimamente serviu. Esta é a fria e descaravel verdade dos factos.

E' necessario desarmar esse braço? Plenamente d'accordo; mas cremos bem que á força nada se conseguirá. O caminho em que vão os governos é perigos o e errado: repressões violentas produzem sempre odios fundos e vinganças insaciaveis, que o favor pôde adiar, mas que o coração não esquece. É para que cobrir a fauce escancarada do vulcão, se o brazido fica a arder e a estallejar lá dentro?

Talvez seja peor ainda... E o tempo nol o dirá.

ANTONIO POVOAS.

TESTA & C.^o

(COSTUMES FIM DE SEculo)

A Tonhalle é uma das curiosidades de Zurich: especie de casino vastissimo, onde, todas as noites, invariavelmente, se dá rendez-vous a sociedade elegante, e onde um estrangeiro pôde encontrar a duzia facil de mulheres bonitas alistadas no exercito de Venus.

O corpo do edificio, construido á beira do formoso lago (sobre o qual suspende um terraço florido, que a noite é illuminado a balões venezianos) fecha em quadrado, e divide-se, portanto, em quatro partes distinctas, consagradas á musica, ao jogo, aos prazeres da meza, e por approximações... ás mulheres. A entrada da Tonhalle apresenta o aspecto d'um vasto restaurante, que se estende a toda a largura do edificio.

No andar superior ficam as salas do bilhar e os gabinetes reservados, com as designações pittorescas de *petits cabinets* (4 francos), *grandes chambres-salons* (8 francos), *appartements de famille* (10 francos e 50 centimos).

E' claro que o preço do jantar, ou ceia, varia conforme a escolha feita pelo freguez á face da lista, e em nada modifica o preço do tempo, que tem a sua *tabella fixa*, e, como disse, se paga desde 4 a 10 fr. e 50 cent.

O café-restaurant, como as outras partes da Tonhalle, dá para um esplendido jardim d'inverno, collocado artisticamente no centro do casino. Ahi se encontra uma preciosa estufa, cheia de plantas raras, e escrupulosamente cuidada por um botânico hollandez, Mr. Wander Brück, homem entendido a valer e de finissimo gosto. Vence o hollandez meia libra sterlina por dia, paga, á bocca do cofre, pela empreza da Tonhalle, e não se desvia, um momento, dos seus deveres, nem descança um só instante o seu mister—apezar da insignificante retribuição. Offereçam-lhe um ordenado de dez mil, de vinte mil francos, alcançado sem trabalho, de pança para o ar, charuto na bocca, e perna estendida, no doce abandono d'empregado superior de secretaria portugueza; offereçam-lhe o logar d'honra á nossa meza do orçamento, offereçam-lhe o osso do nosso ministerio da fazenda, e verão se elle aceita.

Isso aceita elle!... Mr. Wander Brück adora a sua profissão, porque adora as flôres, comquanto nascesse na fria Harlem, na capital da Hollanda septentrional, cortada de docas, e batida constantemente pelas aguas geladas do Mar do Norte.

Foi ahi—na patria de Laurent Coster (que disputou a Guttemberg a gloria da invenção da imprensa), e da heroína Kanán Haaselaar, que se distinguiu durante o memoravel cerco da cidade, arrancando aos hespanhoes a bandeira d'Harlem—foi ahi que nasceu Wander Brück, e que se lhe desenvolveu a sua paixão pela botânica.

Wander Brück olha para uma flôr como um velho para uma creança e um namorado para uma estrella...

A estufa communica com a casa de jogo, por uma pequena ponte lançada artisticamente sobre a miniatura d'um lagosito.

A casa de jogo divide-se em muitas salas, cada uma das quaes se destina á sua especialidade: roleta, baccarat, lasquet, boston, wisth, trinta e um, e sólo—creado expressamente para a colonia brazileira.

O trinta e um é dedicado á Grã-Bretanha. John Bull deslumbra Zurich com as suas excentricidades, salientadas á força de bom metal.

As cartas, diz elle, deixam-no indifferente no *lasquet* e no *baccarat*, mas attrahem-no no *trinta e um*. John faz furor em se mostrar incorruptivel: o vicio não o domina, porque a sua alma é pura como o ceu azul da sua formosa Escocia; não joga, pois, senão jogos innocentes, como o *trinta e um*... a meia libra o ponto.

Defronte da casa de jogo (que é, por certo, a mais frequentada) eleva-se a parte do edificio destinada ás representações de companhias estrangeiras—quasi sempre d'opera-comica franceza.—O *reç de-chaussée* do theatro é occupado por um enorme salão onde se realisam os bailes de mascaras, divertimento favorito da mocidade de Zurich.

E' ahi que pinoteiam as *cocottes*, emancipadas do olhar da policia brutalmente severa para com as liberdades da philosophia de Epicuro.

A policia, na Suissa, não é epicurista. Aperta demasiado o freio das *traviatas*, e não pôde duvida em apoiar o papa burguez que julga ter direito a uma indemnisação de 100 francos pelo facto de uma *horizontal* roçar com a affronta das rendas de Bruxellas a honestidade da setineta da sua menina. O olhar do agente de segurança parece um vergalho: está sempre ameaçador, sempre prompto a fustigar as *Lolas* e as *Ninons*.

Para as *Lolas* é implacavel: para as *outras*... mãos rôtas, que é como quem diz que a *homradez* pôde commetter toda a casta de pouca vergonha.

Num livro de moral de 500 paginas, que existe no commissariado, e que se lê, como castigo, 500 paginas!! (a quantas vexam a burguezia por *palavras* ou *obras*, encontra-se, ás primeiras linhas, o seguinte velho preceito, que explica aquelle singular modo de vêr: «*Escorregar não é cair!*»

No carnaval, porém, ha licença de cair.

Pôde-se cair, *escorregando* ou *sem escorregar*.

A policia suissa entende que o carnaval justifica toda a loucura, sem envolver responsabilidades, desde a bisnaga ao can-can, e desde o can-can á beijoca illicita, repenicada, por horas mortas, nos recantos do jardim d'inverno, coisa com que muito encavaca o botânico Wander Brück.

Por isso, chegando o entrudo, elle dizia sentenciosamente que os quatro dias de carnaval transformavam o seu jardim (chamava-lhe sempre o seu *jardim*) em uma Sodoma infame, e que não se admiraria de que num domingo gordo do Todo Poderoso, á imitação do que já fez, pregasse sobre aquelle entrudo lascivo uma tremenda injeção de fogo, saída de milhões de bisnagas incandescentes.

Com grande pezar do sabio, ainda, até hoje, se não dignou o Padre Eterno bisnagar as *traviatas* da Tonhalle...

Finalmente, ao fundo, defronte do restaurante, eleva-se a vastissima sala dos concertos, que poderia, com propriedade, chamar-se o *templo de Wagner*. O genial maestro allemão tem ahi o seu culto.

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Um capitão-mór de operetta

Ha mezes já que nos referimos aqui a um tytere municipal, que se pavoneia para os lados de Ceira, impando de basofias mal cabidas e proprias só de sujeito, como elle, propto de andar sujeito ás ordens d'uns e outros, que o mandam sem considerações, se vinça naquelles que o acaso lhe colloca debaixo da mão, com um simulacro de irrisoria auctoridade.

Pedimos então á Camara Municipal, que, para sua dignidade propria, pozesse cõbro aos demandos do tal agente que o favor politico arvorou em *guarda-rural*... do logar do Sobral, cargo sollicitado a um vereador com o unico fim de exercer mesquinhas vinganças particulares. Apesar, porém, dos factos de estranha prepotencia que apontámos então, sufficientes para, só por si, importarem a despedida do inutil empregado, que só serve para vexatorias perseguições aos habitantes do Sobral, a verdade é que a Camara Municipal não tomou providencias nenhuma.

Que o empregado é inutil, vê-se bem, pois, em vez das suas attribuições de *guarda-rural* se estenderem a toda a freguezia de Ceira, restringem-se á limitada e insignificante area do logar do Sobral; que o empregado é não só mau mas insupportavel, pela mesquinha do seu caracter ridiculo de *guarda-rural* transbordante de odiosinhos miseraveis, provam-no os protestos unanimes da freguezia inteira, por onde o funambulesco enpregado municipal se não atrave a andar de noite.

Nestes termos, e pelas reclamações d'aquelles povos, de que nos fazemos echo, já ha muito que o misero galopim, premito d'este modo pelas suas correrias em occasião de eleições, deveria estar despojado da insignificante auctoridade que lhe foi conferida e de que tanto abusa.

Mas a verdade é, para vergonha de quem alli o sustenta o dizemos, que o charlatanesco zelador das azinhagas do Sobral continúa no exercicio das suas inspecções ás estremeiras das ruas, ao mesmo tempo que vae compondo as mésinhas avariadas com que intruja os papalvos.

A complexa individualidade d'este curandeiro, mixto de galopim, de *guarda-rural* e de charlatão fugido ao Codigo Penal, seria motivo para se avaliar da moralidade d'aquelles que o nomearam e conservam como agente municipal, mas não é essa apreciação o nosso intento por agora; ficará ella para nos servir de elemento de ponderação, quando nos resolvermos a apreciar o valor dos actuaes gerentes do municipio. Agora limitamo-nos a insistir perante a camara municipal, para que despeça este empregado irrisorio e comprometedor, como se despede e põe na rua um creado que serve mal.

A monomania das *multas*, que tem sido o meio de persegução mais usado pelo famoso *guarda-rural*, continúa a ser o seu instrumento de vingança; multa a torto e a direito, sem se importar com a justiça ou injustiça do seu proceder, e unicamente inspirado pelo proposito mesquinho das suas vinganças réles. Ora é isto que é necessario cohibir, e, dadas as condições moraes de tal sujeito, evidenciadas nos seus actos vexatorios, o remedio é só um—despedil-o.

Este *guarda-rural* zeloso, que só tem em vista os interesses da Camara que lhe paga (como se malbarata o dinheiro do municipio!), tem insinuado por lá, para aplanar resistencias, que muito bem poderiam viver todos com elle, numa suave tranquillidade de servos respeitadores do seu *senhor*; bastaria simplesmente, que *lhes pedissem o favor de lhes consentir* que deitassem pelas ruas o matto para curtir, deixando, comtudo um carreirinho para sua senhoria passar...

E d'este modo, tão simples e tão pratico, elle *daria licença* para que assim se fizesse; *multas*, não haveria mais... e o Sobral ficaria vivendo numa sanctissima paz!

Ahi tem a camara municipal caracterizada a firmeza e zelosa vigilancia do seu *guarda-rural*; Para terminar, simplesmente diremos que o tal Victorio, no seu furor de impôr *multas* deveria

SCIENCIAS, LETTRAS & ARTES

IDEAL

(VERSOS ANTIGOS)

Quando um clarão do sol em teu cabelo loiro
Poisa, fêo a scismar, ó meu ideal d'amor,
Se essa fulguração, se essa scotelha d'ouro
E' flumula que vem do sol consolador
Ou raio que desprende o teu cabelo loiro...

Do teu olhar irrompe a aurora sorridente
Que unge, bondosa e suave, o calice tremente
Do tyrio que se eleva á beira do caminho
—Nem sei onde ha mais luz ou mesmo mais bondade
Se da aurora gentil na doce claridade,
Se nesse olhar azul, ó alma toda arminho!

AUGUSTO DE MESQUITA.

Previsão do tempo

Segundo Noherlesoom, o famoso astrologo saragoçano, o mez de agosto será geralmente caracterizado por elevação de temperatura e falta de chuvas.

Em todo o caso, algumas gotas de benéfica chuva cairão na Península, devendo hoje reverdecer com ella os campos da região do norte de Hespanha, especialmente os situados proximos do littoral.

A partir d'hontem, porém, em vez da chuva o que se sentirá em toda a Península será uma sensível elevação de temperatura, pela influencia immediata de uma abraçadora corrente atmospherica, vinda de Africa e que estabelecerá na Península o regimen term-atmospherico do puro verão.

Em 10 e 11 esse excesso de calor será attenuado por um pequeno movimento atmospherico,

de que resultará alguma chuva, mas essa benéfica acção não se sentirá em toda a Península, prevendo-se que apenas sejam beneficiadas as zonas do SO e S e parte do centro da Hespanha.

Estas ultimas tempestades sentir-se-hão em Portugal.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 17850 a 17860 réis, o decalitra.

Os cereaes e legumes regulam seus preços:

Milho branco, 480—Dito amarello, 460—Trigo de Celorico, graudo, 550—Dito tremez, 540—Feijão vermelho, 480—Dito branco, 440—Dito rajado, 390—Dito frade, 390—Centeio, 380—Cevada, 240—Grão de bico, graudo, 580—Dito meudo, 560—Favas, 370—Tremoços, 280.

começar por se multar a si próprio, e pelo seguinte:—

A casa de habitação, a que poderíamos chamar o consultorio do charlatão e o laboratorio das suas méshinices, confina com o caminho publico por intermedio d'um pequeno pateo, onde ha sempre estrumeira a curtir e cortelho de porcos; em frente d'ella, está a casa de habitação d'uma sua victima das multas, cuja entrada, por tanto, dá para o tal pateo. Pois neste, fazem se despejos os mais immundos, e, por um esgoto que deita para a rua, correm de dentro do pateo para o caminho publico materias e immundicies liquescentes...

Não se vê d'aqui qual a auctoridade com que este zelador das commodidades e hygiene do Sobral impõe multas aquelles que lançam mato nos caminhos ou nos pateos, para adubos das terras?...

Este sujeito, por si, não merece discussão nem que d'elle se ocupe alguém, e por isso não é por elle que fallamos; somos levados a isso pelo interesse do povo do Sobral, que está sendo victima das odiosas prepotencias d'um pimpão qualquer, e sendo incomodado com vexames e perseguições d'um ridiculo guarda rural.

Por este motivo, e porque é esta a nossa obrigação, dentro da esphera de proceder que nos tracámos, insistimos em pedir á camara municipal que despeça aquelle homemzinho, cujos serviços nem de graça poderiam acceitar-se. E isto ainda para se evitar qualquer scena mais grave a que porventura possa dar logar a permanencia do Victorio investido de qualquer porção d'auctoridade, por insignificante que seja.

Atenda-se a que elle... nem já sae de noite.

Interesses e noticias locais

Bairro de Santa Clara

A cerca da representação que foi entregue á camara municipal pelos parochianos d'este bairro, pedindo para alli a canalisação das aguas, em sessão ultima resolveu se tratar opportunamente d'este assumpto.

Os srs. vereadores, por certo attenderão á justiça do pedido, concedendo aquelle bairro o abastecimento da agua, que tão indispensavel se torna por todos os motivos.

Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRÉ

DEBORA

XVI

As galés de Termini

Van-Ritter recordou neste momento a sua historia amorosa da filha do consul, historia que tinha contado um dia a Santa-Scala em um tom tão ligeiro.

Memma não tinha deixado a mão de seu marido; mas não ousava levantar a fronte, e com a mão direita que estava livre occultava os olhos como para reter as lagrimas. Van-Ritter desligou-se bruscamente do grupo, e, correndo á porta, chamou o pae de Gréant, que já sabia tudo, e todos quatro animados da mesma ideia, depois de terem trocado entre si as mais affectuosas palavras de reconciliação, communicaram todas as conjecturas sobre o auctor do bilhete falso e o possuidor da medalha. A opinião foi unanime: a medalha e o bilhete saíram da mesma mão, da mão

Dr. Cruz Amante

Consta-nos que foi nomeado medico interino do partido municipal do Carregal do Sal emquanto o não é affectivo, este laureado academico que tão brilhantemente terminou a sua formatura em Medicina, merecendo sempre a estima dos seus professores e a amizade d'aquelles que lhe conheciam os seus dotes magnanimos e a sinceridade do seu caracter. Sentimos sinceramente a ausencia de tão prestimoso medico e felicitamos os Carregalenses por terem sabido fazer uma escolha tão digna como medico e como homem.

Posto medico

Os srs. Herculano de Carvalho e Freitas e Costa, dois sympathicos e illustrados moços, que este anno concluíram a sua formatura em Medicina, com fama de estudantes conscienciosos, trabalhadores e inteligentes, acabam de montar um posto-medico na rua dos Estudos, n.º 31.

As qualidades de honestidade e de integridade de character, que tornam estes cavalheiros altamente apreciaveis, alliadas á sua illustração e cultura de espirito, são a garantia mais efficaz dos novos medicos, a que desejamos o largo futuro de prosperidades, que é devido ao seu character primoroso.

Contribuição industrial

No dia 15 de agosto começa a cobrança para o pagamento voluntario da contribuição de serviço do anno corrente e o imposto de cães.

O prazo para esta cobrança é de 30 dias.

José Antonio d'Oliveira

Este acreditado pyrotechnico foi encarregado do fogo preso para a festividade de Nossa Senhora da Nazareth, em Penella, onde, segundo nos consta, apresentará algumas peças de novidade.

E' de esperar que este habil artista se desempenhe dignamente, pois que ainda pelas festas da Rainha Santa deu provas da sua muita competencia.

Audiencias geraes

Foram julgados no dia 7 Antonio dos Santos Fonseca, Antonio Luiz Castanheira e Francisca dos Santos, pelo crime de subtração

de Talormi. Não havia que duvidar um só instante.

— Sim, disse Van-Ritter com energia, haverá uma justiça; uma iniquidade igual não irá até ao fim. E' preciso que este infame julgamento seja revisto; sel-o-ha. Talormi tem amigos poderosos, Talormi é por si só muito poderoso, nós bem o sabemos; mas quando a justiça resplandece como a luz do sol, é mais poderosa que todo o mundo. Esperemos, guardemos para nós todos estes segredos; não pronunciamos o nome de Talormi, para que este genio infernal não invente ainda contra nós alguma das suas abominaveis intrigas. Temos já bastantes obstaculos nesta cidade, onde os maus são tão fortes, e os bons tão fracos. Quanto a mim, em o momento sendo propicio, sei o que devo fazer, e fal-o-hei.

Van-Ritter pronunciou estas ultimas palavras com a energia do marinheiro que ordena a saída do seu navio.

XVII

A sacra-consulta

Debora, Virgilio e Barbone esperavam o seu julgamento nas prisões do santo-officio, cujo pala-

frandulenta. Accusação do sr. dr. Eduardo Vieira; defeza dos srs. drs. Sousa Bastos e Avelino Cesar Calixto. Foi condemnado o primeiro em dois annos e meio de prisão sendo seis mezes remiveis a 300 réis, e os outros dois absolvidos.

Com este julgamento findaram as audiencias geraes d'este semestre.

Senhora da Nazareth

Na proxima quarta feira effectua-se a romaria da Senhora da Nazareth, saindo d'esta cidade a bandeirapara aquelle logar, proximo de Taveiro.

Diz-se que o cortejo será numeroso, empenhando-se para isso a commissão.

A bandeira sae da igreja de Santa Justa, ás 8 horas da manhã depois de celebrada a missa.

Santo Amaro

Foi no domingo a festividade d'este Santo, que tem a sua capellinha a legua e meia d'esta cidade.

Este anno o mesmo para variar:—pancadaria de crear bicho, mas tudo ficou em bem; quem levou, que não levasse e quem não deu que desse.

E para o anno lá terá Santo Amaro as promessas dos devotos desancados, agradecendo-lhe a sua intervenção, que permittiu não lhe tirassem a vida.

Cemiterio da Conchada

Na semana fiada enterrou-se o seguinte cadaver:

Antonio, filho de Bruno Augusto e Anna Febras, de Coimbra, de 47 mezes. Falleceu de enterite, no dia 30.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio—17.456.

Conflictos internacionaes

(CONTINUAÇÃO)

Vem agora a proposito lembrar certas habilidades de uns rabiscaadores de gazetas já sufficientemente conhecidos, paus talhados para toda a obra com tanto que a remuneração seja pingue.

Quando se deu a questão do Zaire, os referidos rabiscaadores sujaram as suas papeletas com umas especiosidades mirando a investigar, se mais doerá á nacionalidade portugueza uma affronta

de Talormi. Não havia que duvidar um só instante. Sim, disse Van-Ritter com energia, haverá uma justiça; uma iniquidade igual não irá até ao fim. E' preciso que este infame julgamento seja revisto; sel-o-ha. Talormi tem amigos poderosos, Talormi é por si só muito poderoso, nós bem o sabemos; mas quando a justiça resplandece como a luz do sol, é mais poderosa que todo o mundo. Esperemos, guardemos para nós todos estes segredos; não pronunciamos o nome de Talormi, para que este genio infernal não invente ainda contra nós alguma das suas abominaveis intrigas. Temos já bastantes obstaculos nesta cidade, onde os maus são tão fortes, e os bons tão fracos. Quanto a mim, em o momento sendo propicio, sei o que devo fazer, e fal-o-hei.

Van-Ritter pronunciou estas ultimas palavras com a energia do marinheiro que ordena a saída do seu navio.

Debora, como judia, era tratada mais severamente. Pacifico, para a obrigar a revelações, não deixou de recorrer ás fantasmagorias do santo-officio, e assim viu ella desfilar pela sua cella os penitentes de capuz, os utensilios da tortura, os acompanhamentos funebres trazendo caixões vazios; mas Debora nada revelou a Pacifico nem aos carcereiros. «Sou lady Stumley» respondeu ella sempre com uma obstinação inabalavel e uma tão nóbre firmeza que até ao espirito de seus perseguidores levava a duvida. Demais, a joven prisioneira não achava nenhum motivo de inquietação no fundo d'esta cellula

d'um governo republicano, ou de um governo monarchico. A *chantage* é bem transparente, pois não é?

Vinha isto porque os republicanos francezes na sua imprensa stygmatisavam a monarchia britannica que nos queria surripiar Lourenço Marques.

Surgindo depois a questão do Zaire com a França republicana, insinuou-se que a França com o ser republicana, não nos respeitava melhor os nossos direitos adquiridos, nem era mais justa, moral e condescendente do que a Inglaterra monarchica.

Ora, averiguações de tal ordem, trazidas a lume em occasião de angustiosos momentos, apenas tem o merecimento mal intencionado de accender odios e provocar represalias.

Parece-nos que, monarchicos ou republicanos, pretos ou brancos, são todos portuguezes, todos os que nasceram em territorio portuguez, e gozam das garantias que a lei lhes concede, em quanto por actos indignos e contrarios a ella não desmereçam da consideração da patria.

E porque, vá de franqueza, venha d'onde vier a affronta, fere por igual todas faces e punge todos os corações dos filhos da mesma patria.

D'esta constante giga-joga de enxovalhos que os estrangeiros nos estão inflingindo, não é d'elles a immediata responsabilidade, de tão tristes acontecimentos, é só dos nossos ineptos governichos.

O que fazem cá estas gentes da governança, onde estão, em que pensam, quando lá fóra nos esquecem e nos desprezam? Porventura tratam de alguma coisa util, entretém se em alguma ideia grandiosa, tratam da reorganisação da fazenda publica, estudam attentamente o modo de resolver a crise financeira e economica com que o paiz se acha a braços e que já não vê modo de desembaraçar-se d'ella, cuidam em melhorar a administração das nossas abandonadas colonias, educam as classes populares, ou então a sua actividade estará concentrada em algum emprehendimento importante?

Nada d'isso, para maior vituperio e deshonra nossa. Em quanto lá por fóra nos aviltam, nos insultam com os epithetos mais affrontosos de caloteiros de má fé, sem respeito pela lealdade devida aos contractos ratificados; por cá, trata-se da baixa intriga das facções, de eleições vergonhosas e escandalosas, ordenam-se prepotencias sem nome, augmenta-se a divida publica, acaba-se de rasgar o codigo fundamen-

onde esperava um julgamento terrivel; todos os seus pensamentos convergiam para um futuro bem mais de temer, o que lhe destinava a repentina frieza que tomara o character de Virgilio. E estava tão profundamente entregue a desvendar este mysterio que encarava impassivel os instrumentos horriveis de que se adornavam as paredes da cellula e que se acham dependurados para exaltar a imaginação e quebrantar o animo dos prisioneiros.

Em março de 1848, quando o novo governo romano quiz estabelecer as cavallariças da artilheria nacional no palacio da inquisição, os operarios e povo descobriram as prisões subterraneas do santo-officio e nellas acharam algumas reliquias tão horriveis, que mais pareciam d'um cemiterio que d'uma prisão.

A nossa joven e bella heroina Debora, tendo descido ao fundo d'estes limites do desespero, e tropeçando em ossadas humanas, desprendia-se completamente dos horrores da sua situação com um pensamento d'amor, paixão egoista que nada quer associado consigo e que reina despoticamente no fundo do coração.

Finalmente, as assiduas tenta-

tal, persegue-se a imprensa que põe a descoberto as grandes ladroerias e os grandes ladrões, desmoralisa-se o meio, perverte-se e suja-se tudo, não escapa nada, numa devassidão estonteadora!

Quando os escandalos provocados e deixados ao deus-dará, sempre pela imbecilidade e falta de decoro dos homens que nos governam, estalam estrondosamente, então cada qual trata de ligar a carga das responsabilidades, queixam-se da Inglaterra, da França, d'este e d'aquelle, d'aquem e d'além, mas isto, esta baralha de diz tu, direi eu, é lá com elles, com os factores impenitentes de todas as nossas degradações, de todas as nossas degradações; mas, em quanto a nós, de quem nos devemos queixar é de nós mesmos, é de nós, que consentimos, permitimos que á frente dos destinos da nação estejam homens que já de ha muito perderam a confiança da grande maioria do povo portuguez, que tem illudido a nossa boa fé, e deixado á matroca os interesses e o decoro nacional.

(Continúa).

A. M.

Brie-à-brac

No bengaleiro d'um theatro:—
—Dê cá o meu casaco.
—O seu numero?
—Deve estar numa das algibeiras. Guardei-o lá dentro para não o perder.

—O Conde de Essex dizia a um frade, contra quem tinha motivos de resentimento:

—Merecias que te lançasse no Tamisa, *fradaldão* de má morte!
—Como quizer, senhor, respondeu o homem da roupeta; o caminho para o céu é tão curto por agua como por terra.

CONTINUO

Precisa-se de um para a Associação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios de Coimbra.

As condições estão patentes em casa do sr. thesoureiro da Associação, José da Cunha, rua dos Sapateiros, n.º 20 a 24 que receberá propostas em carta fechada até ao dia 20 do corrente.

Coimbra, 7 de agosto de 1894.

O 1.º secretario,

Joaquim Teixeira de Sá.

tivas do pae de Gréant acabaram de desfazer todos os obstaculos e uma ordem emanada do alto do Vaticano convocava extraordinariamente o tribunal de revisão, a *sacra consulta*, tambem chamado *tribunal criminal de appellação*, que é composto de um cardeal, presidente, e sete prelados. Acima d'este tribunal, ha ainda uma especie de tribunal de fiscalisação, chamado *tribunale delle segnature*, que julga sem se importar com a natureza dos processos criminaes. Estas diferentes jurisdicções só por ordem superior funcionam.

O cardeal Santa-Scala foi nomeado presidente da *sacra consulta*, encarregada de rever o processo de Paulo Gréant; mas por uma d'estas concessões assaz communs nos poderes enfraquecidos, nomearam monsenhor Pacifico para substituto de Santa-Scala. Foi uma grande solemnidade judicial e excitou profundamente em Roma o interesse publico, pelo que nos vemos obrigados descreve-la minuciosamente, como a parte mais interessante d'esta historia.

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 44, proximo á rua dos Sapateiros. — COIMBRA.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
 Repetições 20 réis
 Para os srs. assignantes des-
 conto de 50 %
 Contracto especial para an-
 nuncios permanentes.

Lyceu Central de Coimbra
 EDITAL

321 **E**m harmonia com a legisla-
 ção vigente de instrucção
 secundaria se faz saber que:

1.º

As aulas dos lyceus começam
 no primeiro dia util de outubro e
 terminam no dia 31 de maio.

2.º

O prazo para a admissão dos
 alumnos á frequencia dos lyceus
 principia no dia 10 e termina no
 dia 25 de setembro.

§ unico. Aos alumnos admit-
 tidos a exames na 2.ª epocha é
 permittida a matricula nos tres
 dias seguintes áquelle em que fi-
 zeram o ultimo exame. (Decreto
 de 14 de agosto de 1889)

3.º

Nos requerimentos para admis-
 são deve o alumno declarar o
 nome, filiação, naturalidade e mo-
 rada (em Coimbra), a disciplina
 ou disciplinas com designação do
 anno e a residencia dos paes,
 tutores ou pessoas a quem esteja
 confiada a sua educação. (Regu-
 lamento geral dos lyceus, artigo
 15.º.)

Estes requerimentos, escriptos
 e assignados pelo proprio alumno
 e devidamente reconhecidos, de-
 vem ter collada uma estampilha
 de 4785 ou sómente de 2395
 réis, se a admissão a frequencia
 fór para exame singular, a qual
 será inutilizada pelo alumno, pela
 maneira estabelecida no art. 30.º
 do regulamento de 26 de novem-
 bro de 1885. (Decreto de 31 de
 janeiro de 1891, artigo 5.º.)

4.º

Póde requerer-se admissão a
 matricula em qualquer disciplina
 sem dependencia de outras, guar-
 dadas as seguintes prescrições:

a) Que a frequencia das disci-
 plinas, em que o alumno pretende
 matricular-se, seja compativel com
 o horario das aulas; fixado no
 lyceu;

b) Que não se requera matricu-
 la em mais de uma parte ou em
 mais de um anno da mesma disci-
 plina: para isto considera-se a
 geographia, como 1.ª parte de his-
 toria e a lingua portugueza como
 1.ª parte de litteratura. Decreto
 de 27 de outubro de 1888, art.
 11.ª, 1.º)

5.º

Os requerimentos serão acom-
 panhados dos seguintes documen-
 tos:

a) Certidão pela qual prove
 ter 10 annos completos;

b) Certidão de approvação no
 exame de admissão aos lyceus
 (actualmente exame de instrucção
 primaria);

Estas duas certidões podem ser
 substituidas pela certidão de ap-
 provação em qualquer disciplina
 de instrucção secundaria.

c) Certidão d'approvação na
 1.ª parte ou anno antecedente de
 uma disciplina, quando queira ma-
 tricular-se na 2.ª parte ou anno
 subsequente d'essa disciplina;

d) Certidão de approvação em
 geographia, quando queira matricu-
 lar-se em historia;

e) Certidão de approvação em
 lingua portugueza, quando queira
 matricular-se em litteratura.

Secretaria do Lyceu Central de
 Coimbra, 6 de agosto de 1894.

O secretario,

Jose Joaquim Manso-Preto.

Lyceu Central de Coimbra
 EDITAL

EXAMES DE INSTRUCCAO
 SECUNDARIA

322 **E**m harmonia com as dis-
 posições da respectiva
 legislação em vigor, faz-se publico
 que:

1.º

Os alumnos que, na proxima
 2.ª epocha de exames d'instrucção
 secundaria, pretenderem ser admit-
 tidos a um ou mais d'estes exa-
 mes, devem apresentar o requeri-
 mento na secretaria d'este lyceu,
 desde o dia 5 de setembro até ás
 3 horas da tarde do dia 15 do
 mesmo mez. Este prazo é im-
 prorogavel. — (Decreto de 16 de
 agosto, artigo 3.º § 4.º).

2.º

Os alumnos só podem ser
 admittidos a exames, satisfazendo
 alguma das seguintes condições:

1.ª — Tendo frequentado este
 lyceu e sido adiadados nalgum exa-
 me — apresentarem attestado de
 frequencia, como estranhos, na
 mesma localidade, nos mezes de
 agosto e setembro;

2.ª — Não tendo frequentado
 este lyceu, porém sido adiadados em
 exame feito na 1.ª epocha — apre-
 sentarem attestado de terem con-
 tinuado os seus estudos na mes-
 ma localidade, a contar do dia
 em que fizeram o ultimo exame;

3.ª — Não tendo sido exami-
 nados na 1.ª epocha nas discipli-
 nas, cujos exames requirem na
 2.ª epocha; provarem que apre-
 deram essas disciplinas nos ulti-
 mos quatro mezes, conforme o
 artigo 8.º § 1.º do decreto de 20
 d'outubro de 1883 (Officio da di-
 recção geral de instrucção publica,
 de 12 de agosto de 1888).

3.º

Os requerimentos serão acom-
 panhados dos seguintes documen-
 tos:

a) — Certidão pela qual prove
 ter 10 annos completos;

b) — Certidão de approvação
 no exame de admissão aos lyceus
 (actualmente exame de instrucção
 primaria).

Estas duas certidões podem
 ser substituidas pela certidão de
 approvação de qualquer disciplina
 de instrucção secundaria.

c) — Estampilhas do valor das
 respectivas propinas, colladas nos
 requerimentos e devidamente in-
 utilizadas.

d) — Documento legal e reco-
 nhecido por tabellião, pelo qual se
 prove que os alumnos estão nas
 condições do n.º 2.º.

4.º

Póde requerer-se a admissão
 a exame de qualquer disciplina
 sem dependencia de outras; excep-
 to o exame de parte ou anno
 subsequente de uma disciplina,
 sem provar ter sido approvado na
 parte ou anno antecedente da
 mesma disciplina.

Para isto considera-se a geo-
 graphia como a 1.ª parte de his-
 toria e a lingua portugueza como
 1.ª parte de litteratura.

5.º

Póde requerer-se um só exa-
 me completo de uma disciplina,
 ainda que o seu ensino esteja di-
 vidido por diferentes annos do
 curso, com tanto que paguem to-
 das as propinas, que pagariam
 pelos exames feitos por annos.

6.º

A importancia das estampilhas
 é a seguinte:

Por cada anno do curso —
 4785 réis — Por exame de cada
 disciplina — 3190 réis — Pelo mes-
 mo acto no caso do artigo 11.º
 do decreto de 27 de outubro de
 1888 — 17595 — Pela admissão a
 exame singular de cada disciplina
 ou parte de disciplina — 2660
 réis.

De emolumentos pagam os
 alumnos 300 réis pelo termo de
 matricula, que será feito por cada
 uma das disciplinas de cada anno
 do curso (Port. de 31 de março
 de 1891 e artigo 10.º do decreto de
 20 de outubro de 1888).

Secretaria do lyceu central de
 Coimbra, 6 d'agosto de 1894.

O secretario,

Jose Joaquim Manso-Preto.

EMPREGADO

320 **O**fferece-se um para pouco
 ordenado.

Tem muita pratica commercial, e
 prefere serviço d'escripta, podendo ser
 externo. Dá boas referencias.
 Dirigir a esta redacção.

NIVEL D'AGUA

COM

TUBOS DE METAL

323 **V**ende-se com tripé e mi-
 ra. Nesta redacção
 se diz.

VENDA

308 **V**ende-se uma aranha usa-
 da.

Para tratar com Francisco Noguei-
 ra Secco.
 Terreiro da Erva — Coimbra.

VENDE-SE

319 **U**m bom fogão, proprio
 para uma hospedaria de
 restaurante; tambem ha mais peque-
 nos, para casas de familias particula-
 res. Preços commodos.

José Pedro de Jesus

Rua das Sollas, 54

COIMBRA

LEILÃO DE PENHORES

316 **A**dro de Cima de S.
 Bartholomeu, n.º 9 a 11
 (de traz da igreja).

Todos os dias das 10 horas da
 manhã ás 4 horas da tarde a princi-
 piar em 5 de agosto proximo, leilão
 de todos os penhores que estejam em
 debito de mais de tres mezes, e
 consta de fazendas novas, e roupas
 novas e usadas, chailes, machinas,
 instrumentos, relogios, e outros arti-
 gos.

Alipio Augusto dos Santos

RUA VISCONDE DA LUZ, 60

Previne por este meio todos os
 srs. mutuarios a virem resgatar ou
 pagar os juros até este dia, para lhe
 não serem vendidos ou poderem as-
 sistir, á arrematação dos mesmos.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893. — ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO

(JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida **Agencia** continúa a tratar-se de todos
 os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de*
Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia, e outras,
— Certidões — Attestadas — Matriculas, etc., etc.

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias,
 Certidões do Lyceu e das Escolas, e outros quaesquer documentos.
 — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta **Agencia**
far-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuaes, aba-
timento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricula-
 rem por intermedio d'esta **Agencia** receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corças e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

COIMBRA

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar em-
 pigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes
 pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas,
 rua de S. Vicente, 31, 33 — Lisboa — Em Coimbra, na
 drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca regis-
 tada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRAS

ARTIGOS DE GRÉS

206 **G**rande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções
 taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refra-
 ctario, telhões de beiral e de calcira, telha commum e todo o material com
 pleto para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões
 cotovellos, bacias conicas, excentricas e outros systemas, para retretes.
 Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim com-
 os restantes artigos tanto em grés como em barro.

Rua Direita n.º 9, 11 e 13.

Escriptorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.

Saboaria Nacional do Beato

DE
COSTA & CRUZ

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10

LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

CREIADO

310 **P**recisa-se de um para to-
 mar conta de uma quinta.
 Na praça do Commercio n.º 9 e 10 loja
 do sr. Joaquim Simões da Silva Junior
 se informará.

Mudança de liquidación de todas
 as fazendas do estabeleci-
 mento que foi de José de
 Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidación
 na rua do Visconde da Luz, 90, 92,
 loja de machinas, para onde foram
 mudadas todas as fazendas que eram
 de José de Castro e se vendem com
 grande abatimento.

CAVALLO E CARRO

311 **V**ende-se. Para informa-
 ções o sr. Joaquim Si-
 mões da Silva Junior. Praça do Com-
 mercio 9 e 10, loja.

VINHO PARA REVENDER

317 **V**ende-o Antonio Rodrigues
 Pinto nos seus armazens
 em Fóra de Portas.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
 E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60,
 (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14
 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha

Anno	24700	Anno	24400
Semestre ..	12350	Semestre ..	12200
Trimestre ..	680	Trimestre ..	600

Outro caminho e outros processos

A Imprensa Republicana

Jornaes ha que se dizem republicanos, os quaes, fazendo a mais calorosa propaganda e requintada apologia das ideias socialistas, sem discriminar systemas nem differenciar escolas, são todavia, na organização das suas respectivas empresas e na repartição dos auferidos lucros, um formal desmentido e uma violação flagrante dos principios mais rudimentares e triviaes do mais comestinho *socialismo* eclectico, praticamente convertidos por proprietarios e dirigentes de laes empresas jornalísticas em ávida especulação mercantil, sem ao menos lograrem os outros cooperadores, sem duvida os que mais trabalham ou os unicos que trabalham, uma justa participação de interesses, reduzidos pelos proprietarios e gerentes aos salarios convencionados ou impostos pelos donos e administradores da prospera empresa, destinada á exploração do publico, que não á propaganda sincera e fervorosa de verdadeiras e generosas doutrinas democraticas, ao patrocínio de uma boa causa nacional e humanitaria.

A par e á mistura com a exposição de sãs ou avariadas *theorias collectivistas*, saltam aqui e alli, representam, e pullulam a cada passo afirmações do mais extremo *individualismo*, como se estivessemos nos fins do xviii seculo, e dourassem os horisontes do futuro os ideias revolucionarios de 1789!

Taes e tão notaveis incoherencias e lastimosas contradicções, de quem assim escreve, desorientam o espirito, e perturbam a consciencia de quem as lê, e em boa fé e de boamente procura explical-as, e deseja rebel-las.

O que por excepção observamos em alguns jornaes republicanos, é regra geral e commum na imprensa monarchica, dominada se não inteiramente pelo espirito lucrativo, sem duvida avassallada pelo egoismo partidario, pior ainda e tão repugnante como aquelle.

Que esta assim o faça e pratique, não deve causar estranheza, e para nós é indifferente; que o façam, porém, e pratiquem jornaes republicanos, profundamente nos magoa, e deveras nos escandalisa; porque em tudo isso vemos mau ensino, má educação e pessimo exemplo.

Pelo que respeita á discussão e critica, á exposição noti-

cia e divulgação das pendencias politicas e das questões de administração publica, á rivalidade e lucta dos partidos monarchicos, eternamente divididos, com varias denominações e etiquetas, em *governamentais* e *opposicionistas*, favoraveis ou contrarios ao ministerio, ha jornaes que, trazendo no seu frontespicio, como pomposa decoração e suggestivo reclame, o attraente rotulo de republicanos, vistos e examinados de perto, percorridos com curiosidade e attenção em todas as suas numerosas e fartas columnas e secções varias, se nos affiguram vastos mercados, permanentes feiras francas, onde todos os partidos, todos os ministerios, e até, por excepcional deferencia e prova de particular affecto, alguns dos ministros d'el-rei têm a sua barraca, propria ou de aluguer. Ergue-se alli e ostenta-se, luxuosamente decorado, magnifico pavilhão, onde a familia real e a sua cõrte possam todos os dias serem vistas e admiradas, e se necessario fôr applaudidas e victoria-das pela multidão, embaçada diante dos esplendores da sua opulencia, da grandeza principesca das suas festas, dos apregoados rasgos da sua calculada e ostentosa caridade, emfim de todos os actos da sua vida esterial, e por isso inutil. Não falta alli vistoso coreto, onde as fanfarras e charangas dos partidos monarchicos, em concerto com uma desafinada *marselheza*, executam alternadamente ora o velho hymno da Carta em honra e memoria de Costa Cabral, ora o popular hymno da Maria da Fonte para recordação e gloria de Passos Manuel; e, quando Deus assim o quer, tambem uma ou outra vez se faz ouvir o *Rei chegou*, em boa camaradagem com os musicos da *Nação* para contentamento e alegria do bando legitimista, que Deus guarde e o Papa abençõe.

ENYGDIO GARCIA.

POLITICA INTERNA

Effectuou-se a venda das obrigações da companhia dos tabacos com o fim de pagar o coupon de outubro, já reduzido a um terço por uma lei que não nos deixou muito affectas as nações estrangeiras.

Com a venda d'essas obrigações arranhou o governo dinheiro com que proverá á necessidade de momento, mas sem consideração pelas necessidades que nos ameaçam no futuro, muito mais formidaveis e consequentemente mais temerosas.

A venda d'estas obrigações foi mais um desastre financeiro de tantos que os nossos estadistas têm realizado ao serviço do regimen monarchico. Porque essas obrigações eram o penhor dos emprestimos contrahidos pelo governo na Companhia dos Tabacos e no Banco de Lisboa e Açores, que segurança podem agora ter

estes estabelecimentos dos seus creditos ao governo portuguez? Nenhuma.

Venderam-se as obrigações mas subsistem os emprestimos, a que aquellas serviam de garantia. Quando em janeiro se houver de pagar o coupon correspondente, o governo vêr-se-á a braços com maiores difficuldades e então, desprovido já do unico papel de credito de algum valor que pertencia ao thesouro, qual será o recurso de que se lançará mão?

Mas qual é o governo que se preocupa entre nós com o dia de amanhã? o processo que em Portugal se tem trilhado será sempre seguido por todas as situações politicas. Cada governo cria com os seus erros o numero de difficuldades que se vão amontoando com as dos procedentes, e quando chega o momento em que essas difficuldades se tornam invenciveis por aggravadas, a ponto de já não poderem ser resolvidas por quem as cria, o governo demitte-se e outro vem substituil-o.

O novo gabinete é por sua vez impotente para arcar com as difficuldades que herdou e, sob pretexto de attenuar, segue um de dois caminhos: ou agrava o imposto por uma lei a que se dá o nome de *salvadora*, ou desfaz-se d'algum bem que ainda nos sustem na dubia confiança dos outros paizes. Muitas vezes pensa-se em alienar o territorio, quando já não ha para hypothecar rendimentos aduaneiros.

E, se é fundamentado o que no estrangeiro se diz a nosso respeito neste momento, o governo trabalha para realizar um emprestimo caucionado com as linhas ferreas do Estado.

E' tão grave e de tanta responsabilidade esta noticia, que o *Economiste Français* se apressa a vaticinar-lhe desastrosas consequencias.

Taes são os processos de governação seguidos entre nós, mercê d'um regimen que ainda é garantido pelas nossas leis. Este foi e continuará a ser o tino governativo dos nossos estadistas.

D'um sensato artigo do *Diario de Noticias* em que se examinam os meios de que se pôde lançar mão para attenuar a nossa crise financeira, e depois de apreciar a a inconveniencia d'uns e de se mostrar que se tem preterido o unico proficuo mas irrealisavel num systema de corrupção e velhacaria, trascrevemos o ultimo periodo, altamente significativo da nossa decadencia:

«Sejamos ao menos como os judeus e tenhamos paciencia e esperança até ver se Deus se amerceia de nós e marca no livro dos destinos o dia da nossa regeneração!»

Diz bem o collega, desde que, como acima affirma com toda a verdade e com alto criterio, «o desleixo é a ordem do dia em grande numero de repartições» e desde que «a noção do dever afrouxou tão sensivelmente que já não produzem abalo os frequentes casos que são levados todos os dias perante os tribunaes.»

E, nesta exposição de considerações tendentes a demonstrar a impossibilidade de se realizar a nossa regeneração dentro do actual systema de administração publica, conclue ainda o nosso collega:

«Somos o paralytico á espera do Christo que nos mande

levantar, mas o nosso Messias financeiro e moralizador é semelhante ao Messias dos judeus, que não acaba de chegar.»

Tal é a conclusão necessaria a que chegam todos os jornalistas que racionam sobre o nosso estado politico, de todos os que nestes tempos de descrença e desmoralisação ainda se dão o incommodo de discorrer sobre a nossa situação economica.

A desastrosa operação financeira do governo do sr. D. Carlos começa já a produzir os seus inevitaveis resultados no estrangeiro.

Além do *Economiste* a que acima nos referimos, apparece-nos tambem o *Express Finance*, de Paris, que, apreciando o contracto do governo portuguez, escreve as seguintes linhas:

«... Portugal sacrificou nesta operação um penhor importante, com o qual tinham de contar os credores.»

A *União dos portadores francezes da divida portugueza* enviou tambem ao presidente do conselho em Lisboa o despacho seguinte:

«Os portadores francezes da divida externa portugueza protestam inergicamente contra a nova emissão de 48:000 obrigações dos tabacos, como emprestimo do estado, e dirigem os seus protestos e representações á direcção da bolsa de Paris e a todos os *comités*, bancos e bolsas da Europa.»

Estes são os primeiros efeitos da negociata ultimamente realisada, symptomas de proximas complicações.

Se estas advierem, o que deveras não desejamos, o governo do sr. Hintze demittir-se-á; o *Diario* trará o decreto da demissão, com a phrase sacramental que synthetisa toda a vida constitucional — de que os ministros *serviram muito a contento d'el-rei*; outro gabinete será chamado a presidir aos negocios publicos; surgirão novas questões que por igual hão de trazer mais graves complicações aos negocios portuguezes, e assim por deante, na mesma decadencia, até ao derradeiro momento do qual é simplesmente impossivel uma solução satisfatoria aos problemas que nos inquietam.

CHRONICAS DE LONGE

Aveiro, agosto de 94.

A' hora em que o *Defensor* entrar no prélo celebrará Aveiro mais um anniversario da inauguração da estatua a José Estevão Coelho de Magalhães. Percorrerão as ruas da cidade as musicas mais afamadas do districto, saudando em hymnos festivos a povoação que, se alguma coisa é, deve-o certamente ao grande tribuno portuguez. A mocidade aveirense prepara-se para ir, em piedosa romagem á campa do insigne varão, onde será deposta uma corôa que, significando a gratidão da cidade pelo grande orador da *Charles et George*, e pelo valente soldado da *Flecha dos mortos*, não poderá deixar de significar tambem um pretesto sincero contra a nefanda politica que vem dirigindo, e que, com os seus des-

varios e loucuras, ameaça subverter a Nação Portugueza.

Quando, lá fóra, o nome portuguez é arrastado pela lama, vilipendiado e apontado á multidão como o nome d'um povo perdulario e sem bríos; quando os governos em Portugal só sabem trilhar a senda dos esbanjamentos, servindo interesses que não são, nem poderão ser nunca os do povo; quando as crises de toda a especie se succedem umas ás outras, com prodigiosa rapidez, pululando como cogumellos e tornando cada vez mais precaria e mais irrisoria a posição d'este paiz, bem digno de melhor sorte, não podem deixar de ter uma significação verdadeiramente patriótica essas manifestações de preito e homenagem, prestadas a homens que, como José Estevão, sempre pugnam pelas liberdades do povo.

E' junto ao tumulo dos grandes homens que as gerações actuaes, relembando o nosso passado de esplendores e retremprando-se nesses exemplos de um acrisolado amor da patria, irão buscar incentivos para realizar o rejuvenecimento da patria portugueza e alentos para uma lucta que, a não ser travada, torna inevitavel a nossa ruina completa.

Portugal parece jazer á beira do abysmo, sem já ter alentos para, num arranco supremo, reconquistar o logar a que tem jus entre as nações do velho mundo. Cançado da sua viagem atravez dos seculos, vae-se deixando morrer sem lucta, permanecendo insensivel e de braços cruzados ante o aniquilamento dos seus padrões de gloria onde não ha palmo de terra que não atteste o valor dos portuguezes e que não fôsse regado com o seu sangue. E o paiz de tão brilhantes tradições só evôca a sua grandiosa epopéa para se deixar adormecer, sem ter forças para tentar um derradeiro esforço que o arranque do marasmo em que o sepultaram!

E' por isso que são altamente proveitosas estas festas e que, hoje mais que nunca, se tornam necessarios estes protestos passificos mas significativos contra a corrente dos nossos politicos de hoje, que não se inspira nem jámais inspirará na sagrada causa do povo, da patria e da liberdade.

A mocidade deve ler na vida dos grandes portuguezes o exemplo vivo das virtudes civicas para aprender a fazer respeitado o nome do paiz que primeiro levou os rudimentos da civilisação europea ás plagas inhospitas da Africa, aos paizes ignotos do Oriente e ás barbaras regiões da America.

Só assim recobrará animo para pugnar pelas liberdades publicas offendidas, sem as quaes a nação portugueza não poderá cumprir a missão a que é destinada.

Ao contemplarmos a obra gigantea d'esses insignes varões que, immortalisando-se a si immortalisaram tambem a patria que lhes foi berço, ao attentarmos nesse, hoje quasi perdido, peculio maritimo levantado por aquelles que *entre gente remota edificaram novo reino que tanto sublimaram*, sentimos confranger-se-nos o coração e annuiar-nos a alma a tristeza e o desalento.

E' que se vão desfazendo pouco a pouco essas paginas brilhantes da nossa historia maritima, vão desaparecendo do dominio portuguez essas nesgas de terra, theatro de tantas façanhas

que só por si infundiriam respeito e admiração.

D'essa raça de portuguezes, que engrandeceram Portugal, José Estevão foi um dos ultimos representantes.

Adextrado na dura escola do exilio e inspirando-se na heroica revolução de 20, José Estevão soube fazer vibrar no peito dos portuguezes os sentimentos de amor da patria com os reverberos da sua eloquencia privilegiada.

Nas pugnas do parlamento portuguez conquistou para si um logar que ainda não foi substituído e que será immorredouro para todos os portuguezes de lei, porque as suas orações repassadas de nobre independência e de patriotismo inexcedível servirão para attestar aos vindouros que as liberdades populares, de que elle foi um denodado campeão, são condição impreterível da vida e aperfeiçoamento d'um povo.

Quer nas gloriosas campanhas da liberdade cnde se cobriu de gloria, quer nas campanhas parlamentares onde conquistou os louros mais virentes dos tempos modernos, admira se esse vulto gigante, porque se advinha logo nelle uma vontade de ferro e um talento superior.

A mocidade aveirense, desfilando respeitosa perante as suas cinzas venerandas, paga um tributo de gratidão ao patriota exímio, ao cidadão prestantissimo que foi um modello de virtudes atravez de toda a sua agitada carreira publica.

RIBALTO.

Feira Franca de Vizeu

Os fabricantes da Covilhã, Gouveã, S. Romão e Loriga resolveram fazer este anno a sua feira em Mangualde, da mesma forma que a fizeram o anno passado, principiando em 10 de setembro e continuando-se até 20 do mesmo mez.

Vizeu, apesar da boa vontade de muitos dos seus habitantes, não conseguiu resolver a pendencia que ha entre os fabricantes das localidades acima designadas, e um ou dois caturras que, pela sua teimosia, são causa dos prejuizos que aquella cidade soffrera o anno passado e vae soffrer este anno.

Esse caturra a quem Vizeu deve este beneficio é um tal Martins, dono das casas á Ribeira onde os fabricantes expunham os seus artefactos, que, não se contentando em augmentar as rendas nenhuma bemeitorias fazia nas casas, dando isso logar, e a sua indelicadeza, a que os fabricantes tomassem a resolução de fazerem a feira em Mangualde.

Vizeu deve mandar erigir uma estatua a tão prestante cidadão.

Sciencias, Letras & Artes

VOTO FATAL

(CATULLE MENDÈS)

I

Pés descalços, cabellos ao vento, um vagabundo passou pela estrada que defrontava com o palacio do rei.

O vagabundo era uma creança encantadora, com os seus cabellos loiros soltos em anneis, os seus grandes olhos negros e a bocca fresca e humida, como uma rosa depois da chuva; como se o escutasse ao fital-a, havia nos seus farrapos mais luz e alegria do que nos setins, velludos e brocados dos fidalgos e outras damas, agrupadas no pateo do Moura.

— Oh! como ella é bonita! exclamou o pobresinho, parando de repente.

Acabava de avistar a prince-

za Rosalinda, que tomava o fresco, á janella: na realidade, era impossivel encontrar na terra uma pessoa mais bonita do que a filha do rei.

Immovel, os braços erguidos para a janella como para uma abertura do ceu, através da qual se avistasse o paraizo, o vagabundo teria ficado parado na estrada toda a tarde, se um guarda o não mandasse retirar.

O infeliz afastou-se, de cabeça baixa. Parecia-lhe agora que tudo escurecera em torno d'elle, o horizonte, a estrada, as arvores; ao deixar de vêr Rosalinda, affigurou-se-lhe que o sol se apagára.

Assentou-se debaixo de uma arvore, na extremidade do bosque e desatou a chorar.

— Porque é que choras, meu filho? — perguntou uma velha que sahia do bosque, trazendo um feixe de lenha ás costas.

— De que serviria dizer-lh'o, boa mulher, se a senhora não pôde remediar os meus males?

— Talvez te enganes, volveu a velha.

Ao mesmo tempo ergueu-se, atirando fóra o feixe de lenha; não era uma velha, era uma fada, bella como o dia, os cabellos cravejados de pedrarias.

— Oh! senhora fada, exclamou o vagabundo, prostrando-se de joelhos, compadeça-se do meu infortunio. Desde que vi a filha do rei, que tomava o fresco á janella, o meu coração não me pertence, e sinto que nunca poderei amar outra mulher.

— Não acho muito grande a tua desgraça.

— Não conheço outra maior. Se não conseguir casar com a princeza, morrerei!

— Pódes conseguir-o, Rosalinda não tem noivo.

— Oh! senhora fada, olhe para os meus farrapos, para os meus pés descalços; sou um pobre rapaz; vivo de esmolas!

— Não importa! Não pôde nunca deixar de ser amado aquelle que ama sinceramente; é a eterna lei. O rei e a rainha desprezar-te-ão, os cortezãos escarner-te-ão, mas se o teu amor fór verdadeiro, Rosalinda commover-se-á com as tuas lagrimas, com a tua dedicação, e no momento em que, expulso pelos lacaios, mordido pelos cães, tu fugires, chorando, ella irá, palpitante e feliz, offerecer-te a sua face branca e pura como os lyrios.

A creança sacudia a cabeça, não acreditando na possibilidade de um tal milagre.

— Toma sentido, replicou a fada; o amor não gosta que se duvide do seu poder, e castiga inexoravelmente os incredulos. Entretanto, visto que soffres, quero auxiliar-te. Faze um voto e realisa-o-ei.

— Desejaria ser o príncipe mais poderoso da terra, a fim de despozar a princeza que adoro.

— Porque não preferes antes ir cantar uma canção d'amor debaixo da sua janella? Emfim, visto que prometti, far-se-á a tua vontade. Mas devo advertir-te de uma coisa: quando tiveres deixado de ser o que és, nenhum genio, nenhuma fada, nem mesmo eu, poderá restituir-te ao teu primitivo estado; logo que sejas príncipe, sel-o-á para sempre.

— Pois acredita que o real esposo da princeza Rosalinda, possa alguma vez appetecer ir mendigar o pão pelas estradas?

— Desejo que sejas feliz, volveu a fada suspirando.

Em seguida tocou-lhe no hombro com uma varinha d'oiro; em brusca metamorphose, o vagabundo appareceu transformado em um opulento príncipe, deslumbrante de sedas e joias, cavalgando um soberbo cavalo, á frente de um luzido sequito de guerreiros, revestidos de armaduras de oi-ro, que brilhavam ao sol.

(Continúa).

ESMERALDA.

TESTA & C.ª

(COSTUMES FIM DE SEculo)

I

A sala dos concertos, construida em amphitheatro, comporta tres mil espectadores, mas bem raras são as noites em que a consagração publica presta, alli em Zurich, a homenagem de trezentos ouvintes á musica revolucionaria do desventurado amigo de Leopoldo da Belgica, e Luiz da Baviera.

Ao fundo, ligando com o terço suspenso sobre o lago, em frente da gravidade das tres mil poltronas de coiro escuro, ergue-se um estrado, em forma de palco com capacidade para duzentos executantes. O numero das estantes foi diminuindo no coreto, á medida que os espectadores foram escasseando nas poltronas— por isso agora os professores da orchestra se limitam a cinquenta, e ainda assim, excedem ás vezes (honra á memoria de Wagner: — são bem poucas essas vezes!) os apreciadores de musica pura que vem procurar á Sala dos concertos a consolação da Arte sublime, como balsamo á nostalgia da sua alma, tão longe do ideal!...

Hans de Bulów — o notabilissimo maestro a quem o auctor do *Tannhäuser* entregou a batuta, em Munich, na *première* dos *Meistersinger* — dirigia, habitualmente, as sessões artisticas da *Tonhalle*. Dirigia-as como um crente: encarnando-se na inspiração do reformador allemão, e traduzindo com o olhar, com o gesto, o espirito d'aquellas paginas vibrantes que Wagner, novo Luther, escrevera no seu retiro de Beyreuth, e que passavam como um cyclone sobre as ruinas da velha escola italiana, abalando-a até aos alicerces.

Na obra de Ricardo Wagner palpitava a revolução artistica.

Hans de Bulów, o crente, lançára o olhar fundo até á alma d'essa obra gigante, e vira, numa explosão de clarins de guerra e gritos de sedição, saírem de lá vultos d'heroes armados para a lucta; imagens de combatentes esphacelando os velhos personagens da opera sentimentalista sobre os caracteres em fogo da musica do futuro; sombras de gigantes, com mantos de nuvens, aureolados d'astros, abrangendo, d'uma brçada unica, toda a obra lyrica de Paisiello, de Pergolini, de Gazaniga, de Guglielmi, de Donizetti, de Bellini, de Mercadante — milhares de partituras! — abrindo, depois, os braços herculeos, e lançando a vida artistica de tres seculos ao abysmo negro do passado — tão negro como a morte!

Perdiam se no abysmo os compassos languidos dos velhos duettos d'amor, lamuriando a sua ruina, a sua dôr, os seus infortunios, na monotonia dos seus *andantes* ou na semsaboria dos seus *adagios*, tudo isso ia afundando...

Edgardo suspirava a *Bella alma innamorata*, onde crystallisára, numa vibração dulcissima, toda a alma sublime de Mario; Violetta gemia o *Addio del passato*.

Ao passado, realmente, que emoldurára d'um clarão de gloria essas epopeias d'amor, iam ellas voltar, estafadas d'ovações, módas d'applausos, arrazadas de popularidade, para não mais volver á luz, por isso que o ridiculo lhes déra o golpe de misericórdia na apothose do realejo, e os heroes de Wagner, os gigantes fortes de raça de Segifrado, arremeçavam vertiginosamente, phantasticamente, todos esses triumphos, todos esses poemas, ao abysmo do esquecimento — negro, negro como a morte!

Hans de Bulów vira a revolução palpitante na obra de Wa-

gner. Vira Lohengrin, Parsifal e Tannhäuser, despedaçando os velhos idolos, prégando, como os anabaptistas, a revolta, animar toda essa multidão d'amotinados que safa como legião de gnomos de fogo das paginas extraordinarias da grande obra.

Cruzavam-se no ar gritos metallicos, imprecações, cantos de guerra; a bandeira vermelha da revolta fluctuava no alto do castello dos *Niebelungen*, e o mesmo vento que a agitava á luz, ia pelo mundo fóra, como um cyclone, dando em terra com os escumbros da velha escola, e proclamando, num silvo agudo, a affirmacão da escola nova.

Wagner passára sobre Bellini, como a luz da Republica sobre a treva das monarchias; como o clarão da Liberdade sobre o charco negro do ultramontanismo.

— Wagner fóra a revolução, fóra a vida, fóra a luz!

Hans de Bulów, fanatico, ajoelhára; beijára toda a obra de protesto, do primeiro compasso do *Tristão* ao ultimo accorde da *Penitente*.

— Por isso Hans de Bulów se encarnou no espirito d'essa arrogante empreza, e fazia da *Sala dos concertos* da *Tonhalle* um verdadeiro templo de Wagner. A alma de Bulów chorava e ria todas as noites, conforme ria ou chorava a musica do genial reformador!

(Continúa)

PRA-DIAVOLO.

Os pescadores hespanhoes

Lavra grande agitação no Algarve por causa da noticia de que o governo ia ceder ao pedido do governo de Madrid para que os pescadores hespanhoes possam pescar á distancia de tres milhas em vez de seis, como se acha no tratado.

O governo, segundo as informações de origem official, fez essa concessão apenas por uma epoca de pesca e por motivos humanitarios. O facto é que essa concessão, embora o neguem, constitue uma modificação do tratado, e que o character de provisorio facilmente se converterá em definitivo.

Quanto ao pretexto humanitario invocado pelo governo em sua defesa seria muito attendivel se esse beneficio a extranhos não redundasse, como redundava, em prejuizo dos pescadores nacionaes.

A classe piscatoria em Portugal tambem é pobre, passa uma vida miseravel; e, portanto, era justo que os sentimentos humanitarios do governo começassem a revelar-se a favor dos nossos patrios, cujas condições em regra nada teem de invejavel.

Andou mal, e muito mal, o governo, antepondo aos interesses dos pescadores portuguezes um capricho humanitario a favor dos pescadores hespanhoes.

×

Um irmão de João Brandão

Le nos numa correspondencia de Taosa para o jornal de Lamego *A Luz*:

«Constou ha tempos que Antonio da Silva Brandão, irmão do celebre João Brandão, ambos da celeberrima quadrilha dos Brandões de que este era commandante queria vir requerer a prescripção de seus crimes. O digno delegado do procurador regio d'esta comarca, logo que d'isso teve conhecimento, promoveu que o réu fosse julgado como ausente, e para isso se passassem os competentes editaes, — e eis que a prescripção é interrompida, e o celebre assassino vê fugirem-lhe os seus sonhos dourados.»

Interesses e noticias locais

Associação Commercial

Reuniu na quarta feira a Associação Commercial de Coimbra para representar contra a lei de contribuição industrial de 28 de junho passado, do famoso financeiro de Canegás; e para pedir á Companhia real que estabeleça carruagens de passageiros no comboio de mercadorias n.º 15 que sae de Pombal ás 6 1/2 horas da tarde e chega a esta cidade ás 9,20 horas da noite, para assim dar correspondencia ao comboio n.º 406 que sae da Figueira para Alfarellos ás 6,45 da tarde.

Este pedido que é justissimo e que nenhum encargo traz para a Companhia, deve ser attentido, pois representa um grande beneficio para Coimbra e Figueira. Crêmos que a direcção da Companhia Real seguindo o exemplo do anno passado accederá a tão justa reclamação.

João Chagas

O nosso prestimoso e denodado correligionario politico, que a favor do progresso democratico do nosso paiz tanto tem combatido, cheio de energia e de fé, acaba de partir para a Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Na sua viagem e no seu exilio, que oxalá seja breve, acompanhal-o-ão sempre as recordações e o affecto de todos os republicanos portuguezes.

Sé Velha

Foi vendida por 450.000 réis a um entalhador do Porto a talha dourada que guarnecia o altar principal da Sé Velha e que em virtude das obras que alli andam a fazer para restaurar aquelle vetusto edificio ao primitivo pensamento do architecto que o deli-neou, foi d'alli removida.

E' nottavel e tem bastante valor artistico.

Sociedade Philantropico Academica

Acabamos de ler o relatorio da gerencia d'esta benemerita instituição, relativa ao tempo decorrido de 17 de abril a 30 de junho. Neste breve espaço posterior á restauração da sociedade, tão abatida como ella estava, a boa vontade da sua direcção conseguiu subsidiar no fim do anno, para despezas de matricula, oito estudantes, no que dispendeu réis 102.040, passando ainda um saldo de 548.500 réis para o anno economico de 94-95.

E', pois, prospero o estado da Philantropica, sendo de esperar que a benemerencia particular continue a auxiliar tão util como nobre instituição.

Oxalá que as direcções que se succederem continuem a zelosa diligencia da actual, para que a *Sociedade Philantropico-Academica*, de tão generosas tradições, attinja completamete o seu nobilissimo fim.

Desabamento

Na sexta feira de madrugada defronte do quartel de infantaria 23, na rua da Sophia, desabou parte da valla que está aberta para a construcção do cano collector que vae ligar com a valla dos Lazaros, occasionando a rotura do cano da agua e do gaz.

O gaz extravasou-se, apagando-se a iluminação e dando grandes perdas á companhia que viu fugir-lhe todo o que tinha em deposito.

A agua inundou a vala e o cano e a insua de S. Domingos não havendo outras consequencias a lamentar devido aos promptos soccorros.

Paulo Martins

O sr. Paulo Martins que exercia o lugar de administrador d'este jornal foi para o Safrujo como guarda-livros do sr. José Alves Pereira.

Apetecemos-lhe uma felicidade sem fim.

Guia historica do viajante em Coimbra

Vae concluir a publicação da segunda edição d'este interessante livro o sr. dr. Simões de Castro que á doze annos a interrompeu.

Sua ex.^a que o faz a instancias de alguns amigos melhorará muito esta nova edição.

Novo regulamento

Está a imprimir-se o novo regulamento municipal para o abastecimento das aguas de Coimbra.

Avenida Navarro

Continua com bastante actividade o aterro da parte roubada ao rio, na Avenida Navarro, ao principio da estrada da Beira. Espera-se que esteja concluido até ao dia 20 d'este mez, para naquella espaço se fazer a feira de S. Bartholomeu.

Projecto

Pela direcção das obras publicas do districto de Coimbra foi elaborado o projecto do troço da estrada real n.º 51, comprehendido entre Segada e Miranda do Corvo.

Nomeação

Foi nomeado reitor interino do Collegio dos Orphãos o sr. padre José Ritto e Cunha, que por muito tempo desempenhou o lugar de capellão dos hospitaes da Universidade.

A nossa carteira

Regressaram a esta cidade vindos de Torres Vedras os srs. Joaquim Augusto de Carvalho Santos e sua esposa, Manuel Gonçalves Pereira Guimarães e Abel Maria Pinto. Tambem regressou da mesma villa o sr. João Mendes Alçada de Paiva. da Covilhã, que com sua esposa e filha se retirou hontem para aquella cidade.

Feira de S. Bartholomeu

Foram hontem dados os logares aos que requereram para esse fim e que desejam construir barraca nesta tradicional feira. Ha descontentamento entre os alfaiates d'esta cidade que se julgam lesados com os logares que lhe distribuiram.

Principiou já a construcção do abarracamento.

Conflictos internacionaes

(CONCLUSÃO)

Se estes governantes do devorismo monarchico em vez de tratarem das suas conveniencias particulares, promovendo syndicatos, monopolisando tudo, para se enriquecerem e aos amigalhões apaniguados, servissem para mais alguma coisa do que para promover esta pandega de uma tão repugnante corruptela; teriam previamente acautelado, empregando os meios de que dispõem para não sermos de surpresa enxovalhados, com vergonha e prejuizo da nação, teriam protestado a tempo, conseguindo que o nosso direito em Africa fosse sempre mantido e respeitado, e assim evitar d'uma vez para sempre, que fossemos continuamente incommodados, espesinhados e roubados.

Mas esta gente da carta rasgada que abocou a si o privilegio de mandar os portuguezes, como se fossem um rebanho de carneiros, não lhes importa para nada com os desastres e o decoro nacional; pensam talvez que aos portuguezes já lhes é indifferente ficarem cá dentro sem camisa, e lá fóra sem coécas. A verdade é, infelizmente, que á nossa criminosa indifferença se devem muito principalmente todos os desastres que nos affligem; á nossa inexplicavel tolerancia, á permanencia de taes figurões nas culminancias do posso, quero e mando, que tão duras provas nos vem dando, sempre e sempre, do seu desmazelo na administração, e da sua parcialidade a favor dos que nos exploram e nos roubam, e nos aviltam.

Posto isto, quanto á nação, cada hora que passa são momentos que a dilaceram e rebaixam, tornando-se objecto de escarneo, até aos olhos das potencias pequenas como nós; aos portuguezes dignos de tal nome, e nomeadamente ao partido republicano, cabe uma grandissima responsabilidade no desenlace fatal que nos está eminente.

Levante-se o povo como um só homem, com uma só vontade,

brade bem alto, que não quer no momento supremo ouvir retaliações entre os bons portuguezes quer sejam monarchicos, quer republicanos; que precisa de saber se ainda póde contar com homens capazes de bem servir a terra que lhes foi berço e amparo, se ha quem proteste pela integridade do sólo nacional, quem apresente os protestos do justo, do fraco contra o forte, que o ajude e o sirva com honra e civismo.

E' necessario bradar bem alto, que a sua voz troveje em todos os angulos do paiz, e que vá echoar além — fronteiras, para assim impôr silencio a intrigantes e deturpadores. E a victoria será do povo, do povo que tudo póde. Ou a actividade em acção, ou o quietismo do tumulo.

A. M.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 17800 a 17810 réis, o decalitre.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 470—Dito amarello, 450—Trigo de Celorico, grando, 550—Dito tremez, 530—Feijão vermelho, 480—Dito branco, 420—Dito rajado, 390—Dito frade, 370—Centeio, 380—Cevada, 240—Grão de bico, grando, 580—Dito meudo, 560—Favas, 370—Tremoços, 260.

O agio das libras a 17360; ouro nacional, grando, a 28 1/2, e o miudo a 27 1/2.

Noticias bibliographicas

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

A Monaco—Numero unico e commemorativo da restauração da Tabacaria Monaco.

Este primor artistico, delicioso, com que o sr. Vieira da Cruz inaugurou a nova phase do seu estabelecimento — *a Monaco* —, é uma elegante obra d'arte typographica, soberbamente illustrada, na primeira pagina por um delicioso trabalho de Rosendo Carvalheira, e depois por soberbas photogravuras de pinturas em azulejo de Bordalvo Pinheiro.

O captivante proprietario da *Monaco* não podia receber mais carinhosa prova de affecto, do que a que lhe é dada pelo diminuto numero dos seus muitos

amigos, aavez d'aquellas 16 paginas, gravemente uns, a rir ou tros, mas a serio todos. Se, porém, poucos são os que consagram d'este modo a honradez, seriedade, energia e bondade attrahente do sr. Vieira da Cruz, todos os que o conhecem — de leve que seja — affirmam, na mesma affectuosa estima, aquellas qualidades de caracter aprimorado.

Cá na provincia, quantos e quantos teem saudades da cavaqueira da *Monaco* e do sorriso, amavel sempre, do Cruz...

A primeira educação das creanças cegas—Recebemos do sr. Branco Rodrigues, infatigavel professor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, e que sinceramente votou o seu cuidado e intelligencia á educação das creanças cegas, dois exemplares do seu folheto com o titulo acima.

Nelle recommenda o illustrado professor uma série de utilissimas indicações, gratuitamente distribuidas pelo paiz, que os paes deverão seguir na primeira educação de seus filhos privados da vista.

O zelo desinteressado do sr. Branco Rodrigues, que assim concorre poderosamente para beneficiar a dolorosa situação de centenares de individuos a quem não é dado ver a luz, é digno dos mais alevantados louvores.

Parece-nos que o melhor meio de elogiar a nobre dedicação do sr. Branco Rodrigues, é transcrever as palavras com que s. ex.^a fecha o seu opusculo.

«Qualquer pessoa de familia ou professor primario póde ensinar as creanças cegas a ler e a escrever. Basta para isso dirigir-se pessoalmente ou pelo correio, a Branco Rodrigues, que dará gratuitamente todas as instrucções precisas para o ensino dos cegos, na Santa Casa da Misericordia de Lisboa.»

O sr. Branco Rodrigues allia assim ao seu louvabilissimo interesse pela educação das creanças cegas, uma nobilissima abnegação.

Geometria synthetica—Do mesmo auctor recebemos um exemplar assim intitulado, contendo as definições e os desenhos das figuras geometricas exigidas no programma official.

Chamámos a attenção para o annuncio que adiante publicámos.

Internato Ultramarino

Sr. Redactor.—Pelo facto de se ter vendido o prodio em que estabeleci o meu *Internato ultramarino* e na impossibilidade de encontrar casa que reunisse as condições especiaes para um estabelecimento d'aquella ordem, resolvi ceder ao *Instituto Nobre de Carvalho*, que é um dos mais acreditados collegios da capital, todos os alumnos que das nossas possessões venham á metropole para fazerem a sua educação.

Agora que os interesses mesquinhos de dois argentarios senhores, depois de eu ter perdido um grande capital, me obrigam a declinar a responsabilidade e a gloria que eu ambicionava de ser util ao meu paiz trabalhando para fundar um instituto para educar os os filhos das nossas colonias, cumpre-me agradecer em primeiro lugar ao erudito professor e meu amigo o sr. F. Adolpho Coelho o ter-se prestado generosamente a auxiliarme com os seus vastos conhecimentos pedagogicos.

Cumpre-me tambem testemunhar o meu agradecimento ao meu amigo o sr. Thomoz Nobre de Carvalho, illustrado director do *Instituto Nobre de Carvalho*, o ter querido tomar a seu cargo a realização da minha idea, recebendo no seu acreditadissimo collegio todos os alumnos destinados ao *Internato*.

Testemunho tambem o meu reconhecimento ás numerosissimas pessoas que recomendaram o meu estabelecimento ás familias d' Africa e em especial ao meu presadissimo amigo o sr. dr. Antonio José Boavida, Superior do *Real Collegio das Missões Ultramarinas*, que em eloquentissimas missivas fez o elogio do meu collegio aos Prelados e Missionarios portuguezes do Ultramar.

Agradeço aos governos das nossas provincias ultramarinas o terem mandado publicar em todos os *Boletins Officiaes* o annuncio do *Internato*.

Agradeço á imprensa do pais e á das nossas possessões o terem em mercedos artigos louvado a minha iniciativa. Agradeço especialmente á direcção do *Banco Nacional Ultramarino* não só a propaganda que mandou fazer pelos seus agentes em todo o Ultramar, abrindo nas suas succursaes a matricula para facilitar aos alumnos os pagamentos das suas mensalidades, mas tambem o favor que prometteu de continuar a prestar igual serviço ao *Instituto* que tomou a successão do meu *Internato*, tornando real e pratica a idea que concebi, que tanto trabalho me tem custado e para o bom exito da qual continuarei trabalhando não só como professor, que sou ha longos annos no *Instituto Nobre de Carvalho*, como por todos os meios que estiverem ao meu alcance.

Julho, 1894.

Branco Rodrigues.

Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

XVII

A saora-consulta

Compareceram como testemunhas o conde Talormi, o almirante Van-Ritter, Thomaz, Fiorina e Ruzzarina. O carcereiro fugira.

Os accusados eram em numero de quatro: Paulo Gréant, Debora, Virgilio e Barbone, este ultimo por formalidade. Entre os muitos espectadores via-se o chefe do partido liberal romano. Paulo Gréant tinha sido transportado das galés de Termini para os *carceri nuove*. O cardeal presidente começou pelo interrogatorio de Debora.

—E' accusada, lhe disse elle, de ter collocado a escada que serviu a Paulo Gréant para se introduzir no quarto da sr.^a Van-Ritter.

—Nada tenho que responder a Sua Eminencia, disse Debora em tom respeitoso e altivo: sou

lady Stumley, e o meu nome e a minha classe collocam-me sob a protecção da Inglaterra. Lady Stumley nada é obrigada a responder quando se interroga Debora.

Talormi e Thomaz, quando por sua vez foram interrogados, affirmaram que lady Stumley não era mais nem menos que a judia Debora do Ghetto Barbone tomou uma apparencia de candura e declarou que a semelhança era tão grande que não podia emitir opinião. Virgilio intimado por Pacifico para jurar sobre um crucifixo que esta mulher não era Debora, guardou silencio obstinadamente.

Thomaz que se lembrava perfeitamente dos cães da catacumba de Josué, pediu a palavra e disse:

—A policia trouxe aqui uma testemunha irrecusavel; é Mitry, o cão de Debora e o guarda da loja de Josué no Ghetto; se Sua Eminencia se digna permittir-o, este cão, que é tão conhecido no Ghetto, será introduzido e ver-se-á ha o que acontecerá.

Pacifico e os juizes fizeram signaes de assentimento e a terrivel testemunha foi introduzida. Mitry que, por instincto, se deixara conduzir, como se tivesse adivinhado que o traziam a sua

dona, entrou na sala com ares de animal que se não deixa intimidar pela solemnidade de um tribunal, e, aspirando convulsamente o ar carregado do pretorio, caminhou direito ao banco dos accusados e, soltando um grito guttural e quasi accentuado, que se assimilava ao nome de Debora, precipitou-se sobre sua dona com um tão vivo entusiasmo de amizade, que Debora foi trahida como se elle fóra o seu mais cruel inimigo. Depois d'este bello expediente, Mitry deitou-se aos pés de sua dona numa soberba attitudede de sphynge.

Debora alterada um instante por esta delação inesperada, ergueu-se soberba de nobreza e de altivez, e disse:

—Pois bem! sim! eu sou Debora, sou a judia Debora! Sois tão caridosos em Roma para com os pobres judeus, que o proprio Deus vos permittiria a mentira para vos enganar quando vós nos perseguissem. Mas eu não preciso d'isso; sou realmente tambem lady Stumley; meu pae nasceu vassallo inglez no Oriente, quanto a mim naturalisei-me ingleza em Londres em 1845; comprei com o dinheiro da minha amiga, a sr.^a Van-Ritter, o domi-

nio de Stumley, na Dévonsille, e estou auctorizada a usar do meu titulo, segundo as leis d'este condado d'Inglaterra.

Os meus titulos de posse e naturalisação, registados no *Foreign-Office*, estão depositados em Roma nos archivos da embaixada ingleza. Debora tornou-se lady Stumley, não por uma louca vaidade ambiciosa, não para renegar a santa religião de seus paes, mas por dedicação a uma amiga á qual deve tudo, por dedicação pelos judeus, que vós tornaes em martyres. Lady Stumley faz a que a judia Debora não poderia ter feito.

Lady Stumley entrou no Vaticano; teve a gloria de achar nos seus archivos a bulla que um glorioso papa deu a favor dos judeus, nas trevas da idade media, bulla que se não ousa confirmar hoje no nosso seculo de luzes; e não é Pio IX que recusa confirmar esta bulla do seu glorioso predecessor; Pio IX é um pontifice esclarecido, liberal, tolerante, elevou-se á altura do seu seculo, quer ser o continuador de Clement XIV e fazer esquecer Alexandre VI. Os nossas inimigos não estão sobre a cadeira de S. Pedro; estão acorados debaixo da escada, e quando uma ordem li-

beral cahe da cadeira suprema, apoderam-se d'ella estes falsarios, mau grado de Pio IX, e transformam-a em edito de oppressão. Lady Stumley teve occasião de socegar as miserias do Ghetto sem excitar desconfiança, lady Stumley deu trabalho aos nossos artistas sem os comprometter perante vossos invejosos inquisidores.

E agora, accusam Debora de ter prestado auxilio ao crime da praça Navone. Mas qual é a victima d'este crime? E' a nobre mulher que elevou a obscura Debora á poderosa lady Stumley, é Memma Van-Ritter, a minha amiga, a minha bemfeitora, a minha Providencia! E tornar-me-ia eu cúmplice do mais hediondo dos crimes para a recomendar de tudo que o seu generoso coração fez por mim! Eis o que ninguem acreditará neste auditorio, no tribunal nem na cidade. O absurdo e o impossivel são neste caso os meus melhores advogados; elles esmagam a accusação. E qual é o homem que já uma vez foi condemnado por este crime?

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freiria n.º 13, proximo á rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra
ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra
PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra
ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em cores Typ. Operaria Coimbra
BILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra
LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra
IMPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra
CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra
AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

LIVROS

Anuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Methodo gradual de calculo

POU
BRANCO RODRIGUES

Collecção de 5 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 réis cada um.
 Caderno de Geometria synthetica, impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues.
 Preço, 30 réis. — Segundo o programma official dos exames de instrucção primaria.

A venda nas livrarias. Enviase pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Ferreira Machado & C., rua da Saudade, 2, Lisboa.

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

A QUESTÃO SOCIAL

Conferencias realizadas no Atheneu Commercial, por Magalhães Lima, José Benevides e Fernando Martins de Carvalho — 1 vol.

José Bastos, edictor — R. Garrett, 75, Lisboa.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acaba de sair do prelo a 9.ª edição do Manual do distillador, licorista e perfumista, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescos, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o toucador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este Manual é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com capa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na Papelaria Academica, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
 Repetições 20 réis
 Para os srs. assignantes desconto de 50 %
 Contracto especial para annuncios permanentes.

NIVEL D'AGUA

COM TUBOS DE METAL
 323 Vende-se com tripé e mira. Nesta redacção se diz.

EMPREGADO

320 O ferece-se um para pouco ordenado.
 Tem muita pratica commercial, e prefere serviço d'escricta, podendo ser externo. Dá boas referencias.
 Dirigir a esta redacção.

CASA DE PENHORES NA CHAPELERIA CENTRAL

77, Rua Ferreira Borges, 81
 e
 2, Arco d'Almedina, 6
 Coimbra

112 Empresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.
 Juro modico, como podem experimentar.

VENDA

308 Vende-se uma aranha usada.
 Para tratar com Francisco Nogueira Secco.
 Terreiro da Erva — Coimbra.

VENDE-SE

319 Um bom fogão, proprio para uma hospedaria de restaurante; tambem ha mais pequenos, para casas de familias particulares. Preços commodos.

José Pedro de Jesus
 Rua das Sollas, 54
 COIMBRA

VINHO PARA REVENDER

317 Vende-o Antonio Rodrigues Pinto nos seus armazens em Fóra de Portas.



As verdadeiras machinas SINGER; para alfaiate, sapateiro, e costureira. Vendem-se no estabelecimento de fazendas, e machinas de José Luiz Martins de Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92, Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambem ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flores
F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

COIMBRA

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893. — ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO (JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida Agencia continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia, e outras, — Certidões — Attestadas — Matriculas, etc., etc.

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escólas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta Agencia far-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuaes, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta Agencia receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 ARMAZEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coróas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

LEILÃO DE PENHORES

316 Adro de Cima de S. Bartholomeu, n.º 9 a 11 (detraz da egreja).

Todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 horas da tarde a principiar em 5 de agosto proximo, leilão de todos os penhores que estejam em debito de mais de trez mezes, e consta de fazendas novas, e roupas novas e usadas, chailes, machinas, instrumentos, relogios, e outros artigos.

Atipio Augusto dos Santos

RUA VISCONDE DA LUZ, 60

Previne por este meio todos os srs. mutuarios a virem resgatar ou pagar os juros até este dia, para lhe não serem vendidos ou poderem assistir, á arrematação dos mesmos.

Saboaria Nacional do Beato

DE **COSTA & CRUZ**

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10

LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

Mudança de liquidación de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidación na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

298 Continua a concertar e cobrir de novo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

CAVALLO E CARRO

311 Vende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Commercio 9 e 10, loja.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno 25700	Anno 25100
Semestre .. 15350	Semestre .. 15200
Trimestro .. 680	Trimestro .. 600

Outro caminho e outros processos

VI

A Imprensa Republicana

Vejam agora como a Imprensa republicana desempenha a sua missão educativa e moralisadora.

Poucos exemplos bastam.

Como republicanos devemos reprovar e condemnar, se, por isso, substituir completamente os viciosos e deprimentes processos, pelos quaes entre monarchicos se exerce a philantropia ou antes illude a assistencia publica e particular, os meios preventivos e os remedios com os quaes se combate e tenta debalde reduzir e minorar a indigencia, que todos os dias augmenta, se propaga e alastra como chaga incuravel, com os quaes se alimenta e mais se agrava a ignorancia e as miserias do pauperismo, ou, como em linguagem moderna se denomina, do proletariado sem instrucção, sem trabalho, sem pão e sem domicilio, ignorante, faminto, rôto e vadio, o *ignobile vulgus*, a magna caterva dos desprezados e despreziveis filhos do Povo.

Não acontece, porém, assim. E ali vemos a Imprensa republicana, do mesmo modo e com a mesma falta de criterio, associada com a Imprensa monarchica no elogio e exploração de todos esses vexatorios e detestaveis processos, na provocação e emprego de todos esses meios, que, além de inefficazes e contraproducentes, offendem a justiça e rebaixam a dignidade de quem dá e de quem recebe a *esmola*; porque nenhuma outra coisa mais do que a *esmola*, sob differentes fórmulas, em varias condições, aviltantes e ephemerias, por estímulos e provocações bem interesseiras e egoistas, com ostentação e alarde, por meio de espectáculos e festivaes ruidosos, a troco de um gozo, nem sempre decoroso e puro e algumas vezes insolente e deshonesto, como paga de um prazer reprehensível e muitas vezes condemnável, parece haver alcançado a theoria e attingido a pratica de tudo isso, a que, em linguagem official é vulgar, se convencionou chamar — caridade particular, beneficencia publica, uma e outra muito abaixo da superioridade moral do nosso tempo e dos sentimentos altruistas, proprios e característicos de uma civilização scientifico-industrial já adiantada e em progressivo desenvolvimento.

Tal caridade e tal beneficencia tão preconizada pela Imprensa também serve e tem servido

para cobrir sordidas especulações e satisfazer as irrisorias vaidades balôfas de muitos mediocres, de todos esses insignificantes, sem meritos e virtudes, que ambicionam, pretendem, e por fim conseguem subir da infima e média para a classe superior de uma ridicula aristocracia nominal, quando outra porta não encontram aberta ou á mão outra escada para lhes dar ingresso e treparem até onde os chamam as suas impacientes ambições, para emergir da sua ignorada obscuridade, esconder e colorir á superficie o seu nativo *plebeismo* e a sua herdada ou mal adquirida *fortuna*, e valorisar a sua nulla importancia, com a falsa douradura de um titulo nobiliarchico ou de uma nominal *commenda*, que lhes vendem, e hoje por alto preço e lucrativo agio, no ministerio do reino, em nome e por mercê da realeza, que também nisso especula, julgando segurar o throno que ameaça ruina e garantir, por mais algum tempo, os direitos dynasticos e os privilegios da corôa, contestados pela sciencia e dechados perante a moderna civilização, que dia a dia os vae annullando e supprimindo.

EMYGDIO GARCIA.

Agitação no Algarve

Continúa com muita intensidade a agitação das populações maritimas do Algarve que se julgam lesadas pelo accordo provisório ultimamente feito entre os governos portuguez e hespanhol, a respeito da pesca na costa d'aquella provincia.

Allega-se para desculpar o favor do governo portuguez a miseria dos pescadores da ilha Christina, como se as populações de pescadores do Algarve vivessem em grande abundancia; procura-se trazer a miseria completa aos pescadores portuguezes, para se attenuar a miseria dos hespanhoes! Boa caridade não tem duvida.

Desde Villa Real de Santo Antonio até Peniche levantam-se reclamações estridentes, protestos violentos contra um acto que nos hade trazer complicações futuras e que o motivo allegado para o desculpar não é verdadeiro.

Os pescadores hespanhoes contando anticipadamente com a acquiescencia do governo portuguez mandaram construir grande numero de galeões para furtivamente virem pescar dentro das 3 milhas defezas aos hespanhoes. Isto é o que communicam de Faro, e a ser verdadeira esta noticia veja-se que pomos de discordias e conflictos vae originar a caridade do governo lusitano.

E ainda o povo portuguez se não desenganou de que a monarchia é impotente para salvaguardar os seus direitos e interesses. Porque espera então?...

A industria na Madeira

Na cidade do Funchal vão fundar-se duas fabricas: uma de tecidos de algodão e outra de phosphoros.

Chronica da Invicta

A NOSSA FIEL ALLIADA

Um orgão monarchico da cidade de D. Pedro IV em bronze pretende provar no seu numero d'hoje, 12 d'agosto, que Portugal, neste desespero de nação sem recursos nem credito, necessita, mais do que nunca, da moleta britanica.

Entre outras lindas coisas, escreve:

«Encontrou sempre Portugal no apoio da Gran-Bretanha a força d'onde nasceram as condições da sua prosperidade.

«Consulte se a historia politica do paiz, e por ella se verá que em todas as crises tremendas que têm abalado a nacionalidade portugueza, sempre a patria de Camões viu surgir a seu lado a patria de Shakespeare; defendendo-a na guerra; abrindo-lhe o seu credito, quando o thesouro, exaustado, ameaçava o nosso governo de bancarrota inevitavel; franqueando os seus portos ao commercio lusitano.....

«Não é, indubitavelmente, o ultimatum de 11 de janeiro nuvem tão densa que empane o brilho espalhado sobre a nossa historia, politica e economica, pela alliança anglo-lusa, cimentada com as mais cordeas relações de tão largos annos.

«A Inglaterra devemos nós não ser, a esta hora, uma nação perdida.....

E neste gosto, por ahí fóra, em duas longas columnas, faz-se o elogio da Gran-Bretanha, assignalando os serviços, os bons serviços que ella nos tem prestado.

Para, porém, se ficar sabendo qual o preço que taes serviços nos custaram, e de que laia é a apregoada amizade votada á patria de Camões por John Bull, de novo volverei um olhar sobre a historia de Portugal (digo, de novo que já, em tempo, tratei do assumpto num periodico da *invicta*), e pedirei ao leitor que attente bem no muito que devemos aos desvellos e obsequiosas finezas da chamada a *nossa fiel alliada*.

Ver-se-ha, ao contrario do que affirma o trapo monarchico, que é devida, em grande parte, á Inglaterra a pessima situação em que Portugal hoje se encontra.

A Gran-Bretanha tem-nos roubado escandalosamente — e bem caros nos estão os seus tratados d'alliança, os seus protestos de amizade, e os seus empréstimos. Frizarei as épocas em que a funesta Inglaterra interveio directamente nos nossos negocios:

Apparece-nos, pela primeira vez em 1374 a intervenção britanica.

D. João, duque de Lencastre, filho de Eduardo III, da Inglaterra, pretendia o throno de Castella, allegando pertencer-lhe de direito por motivo de ser casado com D. Constança, filha mais velha de Pedro, o cruel. D. Fernando, de Portugal, seduzido pelas propostas dos inglezes, firmou com elles um tratado, tomou o partido do duque, e desde logo se pôz á disposição dos seus novos amigos.

Em breve chegou a Lisboa

uma esquadra ingleza, commandada pelo conde de Cambridge... mas foram tantas as barbaridades, selvagerias, e abusos commetidos pela corja britanica, que D. Fernando viu-se obrigado a assignar a paz com Castella, livrando-se a toda a pressa de semilhanes alliados.

Em 29 de janeiro de 1642 reconheceu a Gran-Bretanha a independencia de Portugal.

Pelo art.º 9.º d'esse tratado estipulou-se que a Inglaterra tivesse no nosso reino um *conservador* para os subditos britannicos, sem comtudo se darem explicações claras sobre tal cargo de magistratura.

Se os inglezes deviam ter *conservadores*, ou juizes privativos, em Portugal, porque razão não teriamos nós os mesmos juizes na Inglaterra? Vê-se por isto, que a *loira Albion* começa a introduzir-se nos nossos negocios com o fim de preparar terreno para um assalto proximo...

Em 1654, depois de guilhotinado Carlos I, e proclamado Cromwél protector da Republica, vieram a Lisboa os principes Roberto e Mauricio, a solicitar protecção de D. João IV, sendo recebidos com demonstrações de bom acolhimento e hospitalidade.

Não agradou, porém, este procedimento á *nossa fiel alliada*, porque em breve foram os principes arrogantemente reclamados pela insolencia do almirante Blake, que ficou bloqueando o porto de Lisboa, e nos roubou, como corsario infame, quinze navios que na sua boa fé de paz e amizade vinham do Brazil, carregados de ouro e pedrarias.

Esta iniquidade inaudita foi commetida á vista da nossa bandeira — sempre leal, sempre immaculada — que fluctuava no alto das fortalezas luzitanas, sem que até alli um acto igual de barbarismo lhe tivesse imprimido uma mancha sequer!

D'estas torpezas nasceu o novo tratado de 10 de julho de 1654, entre D. João e Cromwél.

Compõe-se de 28 artigos, vergonhosos e degradantes para Portugal.

Estabelece-se ahí que nenhum dos dois paizes possa dar asylo a rebeldes ou fugitivos (allude-se claramente a Roberto e Mauricio).

No art.º 7.º estipula-se a nomeação d'um juiz conservador para as causas dos inglezes em Portugal.

O art.º 11.º dispõe:

1.º Poderão os inglezes commerciar livremente em Portugal, carregar d'aqui navios para o Brazil, e navegarem **directamente** para as nossas possessões da Africa e Asia.

(Começa a estender a garra o leopardo!)

2.º Nenhum inglez poderá ser preso em Portugal sem ordem do seu conservador, seja qual fór o delicto (!)

Pelo artigo 20.º determina-se que todas as fazendas e mercadorias, sendo **mui favoravelmente avaliadas**, não poderão pagar mais de 23 %/o, pagando os portuguezes **os direitos usados em Inglaterra, e segundo as leis e costumes do paiz!**

No anno de 1661 assignou D. Luiza, regente do reino, um tratado de commercio com Carlos II que succedeu no throno, á breve Republica de Cromwél.

Tinha por fim esse tratado estreitar as relações lusitanas com a Gran-Bretanha, firmadas ja com o casamento do seu monarcha

que escolhera para rainha a D. Catharina de Portugal, filha da regente, e irmã de D. Afonso VI — o rei imbecil.

Constava de 19 artigos este documento edificante de *união e lealdade*.

Pelo segundo artigo se fez a cedença de **Tanger** aos inglezes; pelo undecimo cedeu-se-lhes a importantissima ilha de **Bombaim!** pelo duodecimo e decimo terceiro permittiu-se aos subditos britannicos que se estabelecessem livremente nas nossas colonias do **Brazil e India**.

Vae longa a chronica.

No proximo numero procurei concluir a longa exposição de factos historicos, que demonstra, á evidencia, o quanto temos *aproveitado* com a amizade da *nossa fiel alliada* — nobre e generosa dama que tanto captivou o orgão monarchico da cidade liberal!

Porto,
12 de agosto de 94.

RUY-BLÁS.

Crise ministerial

Corria hontem em Lisboa que o governo estava em crise, devido a ter pedido a el-rei seu senhor adiamento da abertura das côrtes e o sr. D. Carlos ter-lhe negado esse favor.

Tambem se dizia que o sr. D. Carlos tinha chamado o sr. José Luciano para formar gabinete e que este chefe politico accitou promptamente o encargo commetido (podéra!) indigitando-se mesmo os nomes que deviam compor o novo ministerio.

Nós não acreditamos o boato e reproduzimo-l-o a titulo de curiosidade.

A continuar esta bambochata, preferimos que esteja no poder um ministerio nas condições do actual, que desengane promptamente o publico incredulo da incompetencia da monarchia e do perigo que corre a nação em se conservar por mais tempo esta fórmula de governo, que nos empobreceu e fez descer ás maiores abjecções a que pôde chegar um povo.

Figueira da Foz

A Figueira vae dia a dia readquirindo o aspecto de uma cidade hespanhola, aspecto que lhe imprimem as familias que todos os dias, e em grande numero, chegam áquella cidade pelo caminho de ferro, de Caceres e Badajoz e seu termo.

Pela manhã, na praia; durante o dia pelas lojas; á tarde, na estrada de Buarcos e no áreal proximo onde se armam as barracas, é bonito vêr os ranchos de estremenhas de saia curta de côres variadas, passeando em alegre convívio, dando uma nota pittoresca á formosa Figueira.

Este anno a concorrência é grande e afoitamente se pôde dizer que é a praia favorita dos nossos visinhos, porque, além das estremenhas, ha muitas familias de diversos pontos de Hespanha que fizeram do Bairro Novo um centro de animação e alegria.

Que hão de levar saudades da lhanza com que os figueirenses os hospedam e do tempo que alli passam, não lhe pômos duvida alguma.

Sciencias, Letras & Artes

VOTO FATAL

II

Um tão poderoso principe não podia deixar de ser bem recebido na corte; durante uma semana houve em sua honra cavalhadas, bailes, todas as festas que se podiam imaginar.

Mas esses divertimentos não preocupavam o principe. O seu constante pensamento, noite e dia, era Rosalinda; quando a via sentia o coração trásbordar de delicias; quando a ouvia fallar afigurava-se-lhe escutar uma musica divina.

Uma só coisa o entristecia: aquella que amava não parecia corresponder aos extremos de que elle a cercava; permanecia quasi sempre calada e melancolica. Nem por isso renunciou ao projecto de a pedir em casamento; como era de presumir, o rei e a rainha acolheram com alvoroço o pedido do principe.

Assim, pois o miseravel vagabundo ia possuir a mais formosa princeza do universo!

Uma tão extraordinaria felicidade perturbou-o, ao ponto de corresponder ao consentimento do monarcha com gestos extravagantes, pouco compatíveis com a solemnidade da sua gerarchia.

A alegria do pobre namorado tinha de ser de pouca duração.

Logo que a informaram da vontade paterna, Rosalinda caiu semi-morta nos braços das suas damas; quando recobrou os sentidos, a princeza exclamou, lavada em lagrimas, que não queria casar, que morria se a obrigassem a desposar o principe.

III

Doido de dôr, o desgraçado, infringindo todos os preceitos da etiqueta, entrou no quarto para onde tinham transportado a princeza, e arrastando-se aos seus pés; exclamou:

— Cruel, tenha dó de mim, retire as palavras que me assassinam!

— Principe, a minha resolução é inabalavel; não casarei com vossa alteza.

— E assim despedaça um coração que lhe pertence! Que crime commetti para merecer um tal castigo? Duvida do meu amor? Receia que a minha adoração não seja sempre a mesma? Ah! se pudesse ler na minh' alma, não teria nem essa duvida, nem esses receios. A minha paixão é tão ardente que me torna digno da sua incomparavel formosura. Se a princeza se não deixar commover pelas minhas supplicas, só me resta morrer! Restitua-me a esperança, princeza, ou morrerei aos seus pés.

O principe disse tudo quanto a dôr mais violenta pôde inspirar a um coração apaixonado.

— Infeliz principado, veiu Rosalinda, commovida, se a minha piedade suavisa a sua dôr, creia que a experimento. Lastimo-o tanto mais, quanto eu propria soffro o tormento que o dilacera.

— Que quer dizer, princeza?

— Se recuso o coração que me offerece, é porque tambem amo sem esperança um vagabundo, que passou um dia com os pés descalços e os cabelos ao vento, defronte do palacio de meu pae, que me contemplou, e nunca mais voltou!

ESMERALDA.

O ANARCHISMO

E' necessario dizermos já, que somos adversario intransigente da pena de morte.

Partindo d'este principio, toda a lei que tenha por alvo punir crimes com a pena capital, será por nós repellida energicamente, conforme podemos e sabemos.

A justiça na sua lata significação, castiga, corrige, mas não vingança. A pena de morte é uma vingança, não é castigo, nem correção; excita odios, anima o desforço, não os supplanta nem os desarma.

As hodiernas sociedades têm avançado muito, pretender contel-as dentro da limitada periphéria em que jazem ha seculos, é um absurdo inaudito, uma cruel deshumanidade.

A doença de que enferma a sociedade, vem de muito longe; é certo que se não pôde curar de prompto, mas os governantes de todos os paizes devem procurar-lhe remedio, lentamente, prudentemente.

Deve procurar desarmar odios, e não acirrar represalias. Deve promulgar leis que se encaminhem pouco a pouco a minorar as tristes e bem mesquinhas condições dos que trabalham, dos que tudo produzem e nada têm, a não ser o ludibrio, o vilipendio do pequeno numero, exploradores felizes que tudo gozam sem nada produzirem! e que ainda depois, com os seus desdens, com as suas prosapias de opulencia, escarnekem, humilham e até infamam, a numerosissima classe dos martyres do trabalho que lhes sustenta os ocios, e lhes alimenta as dissipações, que ainda mais e mais lhes acirra os odios.

A verdade é, porém, que apesar de toda a influencia de que dispõe as classes dominadoras, do capitalismo e industrialismo, o trabalho não abandona a luta contra o capital, tem-se accentuado e desenvolvido prodigiosamente ha vinte annos a esta parte.

A execução de Hoedel, veiu logo Nobiling, apesar da condemnação de Moncusi, appareceu Panamante! e outros e outros; apesar de todas as perseguições, de todos os anathemas, a onda cada vez se tem tornado mais alterosa e ameaçadora.

Actualmente é o que se vê. A existencia da miseria do proletariado é um facto. O odio do pobre ao rico é uma verdade. Suppôr que a sociedade não tem em si os meios necessarios para melhorar a condição do pobre, parece-nos um absurdo.

O operario fez a greve, destruiu muitos valores, mas viu que o salario cresceu.

Leis que se encaminhem urgentemente a melhorar o meio trabalhador é do que se carece, para que se vá lenta, mas persistentemente attenuando o mau estar da grande massa dos productores.

Não é com umas poucas de cabeças cahidas no cesto da guilhotina; com uma inaudita perseguição a tudo e a todos, com a suppressão das liberdades de imprensa e individuaes, que custaram rios de sangue, e sacrificios, a conquistar, que se ha de conseguir dominar o mal de que enferma a sociedade de hoje. Os factos são contemporaneos, são d'hontem, são do momento, elles reforçam as verdades que avançamos. Todos estes acontecimentos da actualidade, derivam das suas condições, do egoismo brutal das classes dirigentes, que são a causa permanente da crise economica que afflige o meio industrial.

Não vá, porém, suppôr-se, que a queremos vêr resolvida de um dia para o outro, não somos tão exigentes e insensatos que aventemos uma tal ideia, mas é certo que muito se poderá fazer para attenuar o mal.

No nosso modo de vêr, nada temos por mais contrario e demoralizador, como a marcha desordenada, violenta e absurda, como a politica intransigente e egoista que estão seguindo os governos de todas as nações, onde o anarchismo assentou arraiaes.

Assim, o anarchismo nunca será dominado.

A prudencia desarma o valor. Prudencia, e muito senso, senhores do mando.

A. M.

TESTA & C.^a

(5)

(COSTUMES FIM DE SEculo)

I

Hans de Bullow marcava os ultimos compassos do primeiro numero do programma, o preludio do *Lohengrin*, quando Gervasio Testa, acompanhado do fiel Lourenço, deu entrada na esplendida sala da *Tonhülle*.

Era religioso o silencio com que os espectadores (e nesta noite eram elles em crescido numero) ouviram a execução primorosa do notavel trecho wagneriano.

A alma do publico vibrava na batuta magica de Bulow, e d'ella se suspendia no *tremolo final*, que é como uma nota d'esperança irradiando d'um canticó de magias...

Gervasio Testa cortou á portuguezza esse silencio respeitoso: acompanhou a sua entrada d'um arrastar de pés insolente — coisa que no nosso paiz, serve para distinguir a aristocracia depennada de democracia sem vin-tem.

O publico da *Tonhülle*, surprehendido da selvageria, olhou-o com espanto, como se naquelle sacrario tivesse dado ingresso um *pelle vermelha*.

Foi rapido esse olhar; e nem um só dos espectadores se indignou, gesticulou ameaçadoramente, ou berrou:

«Fóra o urso! Fóra o urso!» Gervasio mordeu o bigode, de despeito; fizera fiasco — não lhe chamavam urso, não dava na vista!

Encavacou tambem o dedicado Lourenço, o velho amigo do fidalgo da Avelleira, e foi com constrangimento, que se encafiaram os dois trombudos filhos da Lusitania, nas suas poltronas de couro escuro, 19 e 20, primeira fila, esquerda. A descendencia de Afonso d'Albuquerque dava casc. Na sala houve uma explosão de palmas. terminára o preludio. A bilis de Gervasio extravasou então sobre Wagner:

— Applaudir isto é o mesmo que applaudir a *Maria Cachucha*! Sufa! Quem chama musica ao *Lohengrin* é capaz de chamar asobio áquelle trombone descomunal que está á direita do maestro!

O maestro foi mais uma vez victoriado; rebentou nova ovação, mais quente do que a primeira.

Os professores da orchestra ergueram-se, e curvaram a espinha sob a saraivada d'entusiasmo.

Hans de Bulow, commovido, deu signal para a repetição do trecho.

Pagava com esta gentileza a amabilidade da ovação, que elle julgava consagração exclusiva á memoria do auctor da *Valkyria*.

— Hein?! Vão bisar a massada?! — exclamou Gervasio, elevando a voz, procurando vingarse na reputação de Wagner da indelicadeza d'aquelle publico, que não lhe chamára urso.

— Parece que sim...

— Oh! Eu não aturo este preludio!

— Perdão! Não lhe chames preludio, rosnou o Lourenço ao ouvido do amigo, dando-se ares de entendedor. Preludio?! Então aquillo podia lá ser um preludio!...

E explicou, ao ouvido de Gervasio, muito sério, muito solemne, que não, que aquillo era uma symphonia, detestavel, por signal, extensa de mais para preludio. Não havia alli sentimento nem arte: nem a alma de Bellini nem o cerebro de Meyerbeer. Aquillo era uma choldra, dil-o-ia elle, Lourenço, ao proprio Wagner, se o maestro allemão alli estivera.

Jurava que se o auctor do *Lohengrin* teimasse em lhe impingir a *princeza* da sua partitura por boa agua de cheiro o mandaria comer duas péras — olaré! a elle

e a toda a sua familia, até á quinta geração.

Jurava o pela saude de seu tio, o sr. desembargador!

— Este pretendido preludio, continuava Lourenço ao ouvido de Gervasio, não é mais do que uma série de efeitos acusticos, onde se destacam um *crescendo* d'espalhafato e um *tremolo* demasiado longo, trabalhado sobre o motivo banal e descozido que o auctor pretendeu levar á dignidade de *phrase* da obra.

Ora é tão verdade que o motivo não é *phrase*, como é verdade (creio que indiscutível!) que o *Lohengrin* não é opera.

Repara nesta dissonancia dos metaes!...

A orchestra repetia neste tempo, o esboço do canto de guerra *recordado* nas trompas, que precede, no *final I*, a entrada do immaculado cavalleiro de S.^t Graal.

— Repara neste chinfrim, Gervasio!... Olha que isto é medonho! Não ha sonoridade no conjunto d'estes metaes, que arranham o ouvido do proprio profano na arte.

Gervasio concordava:

— Tens razão, aqui não ha sombra d'ideia! E' desengonçada o raio d'esta musica...

— Quanto mais não vale aquella valsinha da *Angot*, insinuou Lourenço, lembra-te?

— Se lembro!... E murmurou, muito baixinho ao ouvido de Lourenço:

«Gira a valsa, Fonte da nossa alegria!»

— A musica moderna não é Wagner, é Lecoq! decidiu o Lourenço elevando a voz acima das conveniencias, e consolidando, no seu entusiasmo, a reputação de selvagens que elle e o seu amigo tinham alcançado, mercê da sua ruidosa e portuguezza entrada na *Sala dos concertos*.

— Não, Lourenço, cá para mim não ha já como Offenbach; o *Barba azul* é um poema!

—... *Y no le gusta, a usted, la musica de «Barbiéri?»* — interrogou uma voz feminina, muito conhecida dos dois amigos.

Voltaram-se. Por detraz de Gervasio abanicava se a filha espuria do duque de Cordoba, muito espevitada, com os seus grandes bandós de cabelo, em forma de chifres de carneiro, e o seu olhar doente, muito negro, espetado no rosto sadio de Gervasio Testa, que se tornára livido de surpresa e de *ferro*. Nem alli o deixava, o estafermo! Carmen repetiu a pergunta:

—... *Y no le gusta, a usted, la musica de «Barbiéri?»*

Não teve resposta a antiga *étoile* do S. Fernando.

Gervasio espavorido, safára-se, arrastando Lourenço por um braço, passado que foi o primeiro momento de terror. Corria como quem foge do dente d'um cão damnado ou da lingua d'um credor antigo. Voava! Aproveitára o momento em que a sala fazia nova ovação a Hans de Bulow, que acabára de dirigir a repetição do *preludio*.

No meio da confusão, raspou-se com Lourenço.

Van der Brück, que os conhecia da frequencia na *Tonhülle*, viu-os passar, e teve um sorriso benevolo acompanhado d'esta desculpa que deu, á laia d'esclarecimento, a um velho allemão, seu visinho:

— «*Voilà des portugais!!*»

— Mas para onde vamos nós? perguntou Lourenço.

Para o hotel, respondeu Gervasio desorientado, e amanhã para o comboio, que nos levará á minha quinta da Avelleira.

— Pois nós... vamos embora?!

— Creio que não me ha de lá perseguir o espantinho da Carmen!

Amanhã, pois, comboio. Des-

cançamos tres dias em Madrid... e toca para a Avelleira!

— Então é irrevogavel essa resolução?

— Ultima, definitiva, e irrevogavel, como se diz nos cartazes das celebridades.

— Mas...

— D'aqui p'ra Christo! Se continuo em Zurich — declarou o Gervasio transpondo, de braço dado com o seu amigo, o portão do *Hotel Bellevue* — continúa o fagote da filha de D. Ramona a apoquentar-me de dia e de noite; ora, — se ella continúa a apoquentar-me... eu perco o gosto ás mulheres!

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Interesses e noticias locais

Providencias urgentes

Seria da mais alta conveniencia e proficua hygiene que as autoridades e corporações competentes aproveitassem esta quadra de férias, em que a maior parte das casas do Bairro Alto da cidade estão desoccupadas pela ausencia dos estudantes, para procederem a uma rigorosa vistoria das pessimas habitações, nas quaes durante o periodo escolar, residem os academicos; e dizemos pessimas pela falta de capacidade, de luz, de ar e de todas as demais condições recommendadas pela boa hygiene publica e particular.

É injustificavel o abandono e, melhor diriamos, desprezo a que esta cidade, uma das mais importantes, como centro da actividade intellectual e da educação scientifica das novas gerações, onde a população escolar acode de todos os pontos do paiz, e aqui se agglomera e concentra, parece condemnada pelos poderes publicos do Estado, que a deviam ter na mais subida consideração, como a principal séde do ensino superior, por si distinctamente e por intermedio dos seus delegados, coadjuvando com esclarecida cooperação e sufficientes subsidios a camara municipal, cujos rendimentos não podem com tão pesados encargos.

E' urgente que todos conheçam, de um modo claro e positivo, que no Bairro Alto e principalmente no Bairro Baixo d'esta cidade, as ruas assentam sobre immundissimas sentinas, e estão por todos os lados cercadas de runas sem escoante nem resguardo, verdadeiros e permanentes focos de infecção, que de um momento para o outro podem romper e envenenar o ar puro e saudavel, e damnificar o excellente clima d'esta formosa e confortavel região.

Já não fallamos nas condições de aformoseamento e no agradável aspecto, que deveria por todos os motivos offerecer esta cidade e seus arredores; limitamos as nossas queixas e fundadas censuras ao que se torna strictamente necessario, indispensavel á normalidade de uma regular hygiene e vulgar limpeza.

E' urgente proceder a um escrupuloso exame das fontes e da agua que ellas ministram; pois de algumas, como a do largo da Sé Velha e da Praça do Commercio, muito conviria destruir, substituindo-as por *marcos fontenários*, abastecidos pela agua do rio canalizada.

Tambem exigem prompts reparos e inadiaveis concertos as calçadas de todas as ruas, as estradas e caminhos abertos nas cercanias da cidade e seus arredores.

A camara, que tão acertada-

mente procedeu, por iniciativa e zelosa diligencia do sr. Fonseca Barata, nos reparos que mandou fazer na rampa da chamada rua do Cego, entre a rua de Ferreira Borges e Praça do Commercio, prestaria um bom e assignalado serviço, se egual melhoramento mandasse executar na rampa, incommoda e perigosa, do Arco de Almedina, cujo estado é além d'isso deploravel e cujo aspecto é asqueroso.

Seria curiosa a estatistica das quedas que diariamente alli occorrem, algumas desastrosas e de funestas consequencias para as numerosas victimas d'aquella insidiosa armadilha, em uma passagem forçada e mais frequente da cidade alta para a cidade baixa.

Continuaremos.

a.

D. Salmeron e Emygdio Garcia

D. Nicolas Salmeron, esse vulgo eminente da democracia hespanhola, que, sendo presidente da republica se demittiu por não querer sancionar com o seu nome honrado uma condemnação á morte, e que actualmente se acha na praia da Granja fazendo uso de banhos de mar, foi a Espinho visitar o nosso director politico d'este jornal dr. Manuel Emygdio Garcia, lente cathedratico da faculdade de direito, que com sua esposa e filhos está naquella praia fazendo uso de banhos.

Esta visita veio tornar mais intimas as cordeas relações que existiam entre estes dois eminentes homens de sciencia, desde o acto de Badajoz.

Associação dos Artistas

Recebemos os novos estatutos d'esta prestante associação, approvados em assemblêa geral de 21 febreiro passado, e pelo governo de 29 de março.

Dividem-se em XII capitulos e 76 artigos.

Tambem recebemos o relatório da direcção, relativo ao anno de 1893.

Teve esta associação um movimento activo de 2:641,468 e passivo de 2:528,486, ficando um saldo positivo de 112,982 destinado a augmentar o capital que fica sendo de 6:856,457.

E' pois prospero o estado d'esta associação, iniciada por Olympio Nicolau Ruy Fernandes e que tantos serviços tem prestado á classe artista d'esta cidade.

Posto de sellagem

Foi creado nesta cidade, especialmente para a fabrica de lanificios de Santa Clara dos srs. Peig Planas & C.ª, um posto de sellagem, que ha muito era reclamado por aquelles importantes industriaes.

Os srs. Peig Planas & C.ª conseguiram ver attendido o seu pedido, que tem por fim facilitar as remessas das suas fazendas, sem as guias de transito passadas por empregados na maioria incompetentes para avaliarem se as fazendas são portuguezas ou estrangeiras, os quaes muitas vezes com a sua ignorancia tolhiam a livre expansão commercial e industrial do negocio licito.

Além d'estes motivos os srs. Peig Planas & C.ª querem assim acabar com uma lenda que alguns invejosos e nullos crearam em volta de seu nome.

Roubo e arrombamento

Na noite de 11 para 12 do corrente, Joaquim Bernardo (o Bamba), sapateiro, morador num baracão, pertencente á Penitencia, introduziu se por meio d'arrombamento em casa de Joaquim Henrique Coelho de Carvalho, actualmente a banhos na Figueira da Foz, morador na rua de Thomar, furtando um presunto, uma porção de chouriços e garrafas de vinho fino, e muitas peças de roupa, calculado tudo no valor superior a 100,000 réis.

Pelo chefe da 1.ª esquadra foram tomadas providencias, sendo preso o larapio, e tambem detidos para averiguações a mulher e filhos, assim como uma tal Maria Ferreira, moradora em Santa Comba, suburbios d'esta cidade.

Debaixo da cama do larapio foi encontrado enterrado um presunto e uma grande parte de roupas roubadas estavam empenhadas na casa de penhores do sr. Fonseca, na travessa de S. Pedro.

Vae ser enviado para juizo.

Signal de incendio

Ante-hontem, pelas 10 e meia horas da noite, deram as torres signal de fogo. Grande azafama entre os bombeiros a vêr qual chegava primeiro ao local do sinistro; afinal era uma relva que estava a arder na cerca do quartel do 23, a que o rastilho de um balão deitado em Santa Justa tinha communicado o fogo.

convicção; isso, porém, está longe de satisfazer a vossa justiça, que exige mais. Vós hoje exigis ainda mais; outras, porém, com muito menos condemnaram Paulo Gréant. Só Deus vê claramente nas trevas do crime, e o criminoso, quando é habil, julgo não ter nada a temer sobre a terra, quando não tem por testemunha senão Deus no céu. Monstruoso erro! Se Deus hoje já não falla aos homens como fallava outr'ora debaixo da tenda de Abraham, deante das pyramides de Pharaó ou sobre o cume da Sinai, falla-lhes ainda pela voz das creanças e com os labios puros da innocencia que nenhuma mentira ainda manchou! Attendei a esta revelação e julgae, segundo a justiça de Deus.

Um murmurio de approvação, entrecortado de applausos, acolheu as palavras de Debora. Observouse que Pacifico se agitava na sua cadeira, e comprehendeu-se pela vivacidade de seus gestos que elle pedia ao cardeal presidente a repressão d'este ultrage feito ao tribunal; mas Santa-Scala lançou-lhe um d'estes olhares severos que paralisa os gestos e a bocca, immobilisando e emmudecendo. Ouviu-se na sala uma voz que dizia:

Jogo

A Correspondencia de Coimbra, no seu ultimo numero, diz que o sr. governador civil, Neves e Sousa, vae dar repetidas rusgas ás casas de batota na Figueira.

Todos os annos nesta epocha se faz este alarde para depois deixarem continuar as batotas como anteriormente.

Se o jogo é um vicio danoso por que se não reprime seriamente? Para que se anda constantemente com estes avisos para pôr em guarda os batoteiros e enganar o publico?

No governo civil sabe-se bem onde são as casas de batota e conhecem-se bem os batoteiros, porque se não perseguem? porque se não procede contra elles?

Não se faz isso, apesar da energia que todos conhecem no sr. conselheiro Neves e Sousa, por considerações e pela brandura dos nossos costumes.

Em vez de andarem com esta palhaçada de rusgas a fingir, melhor fôra tributar com pesado encargo as casas de batota e tornal-as bem publicas, para que todos os que as frequentassem fossem conhecidos e apontados ao publico como jogadores.

Cão damnado

No domingo no lugar do Calhabé appareceu um cão damnado mordendo varias pessoas, as quaes seguiram na terça feira para Lisboa a receber curativo no instituto anti-rabico.

O cão raivoso é possivel ter mordido algum animal da mesma especie, por isso era conveniente que se averiguasse afim de evitar alguma desgraça maior. A policia cumpre esse encargo, portanto que o desempenhe com presteza e consciencia, para não termos depois de verberar a sua negligencia.

Aggressão

Na segunda feira á noite houve uma scena de bordoadá no Café Lusitano entre dois allemães frequentadores d'aquella casa.

A causa que motivou a bordoadá não se sabe positivamente, porque ninguem que ali estava comprehendeu o que os dois disseram em allemão.

O que se julgou offendido, mestre da officina de artigos de malha dos srs. Annibal de Lima & Irmão, atrestou um valente bilhete na cara do offensor, que é mestre da fabrica de sabão do sr. Augusto

— Com que se engasga esse velho fauno d'esse Pacifico?

O espectador que soltava esta exclamação tão ousada era, ou pelo menos parecia ser, um mancebo de 20 annos, mais bello que o Baccho da India e o Antinoos do Egypto. Os seus soberbos cabellos louros enrolados á Giotto, emolduravam umas faces vermelhas como os fructos das Hesperides; uma leve capa preta com cabeção de velludo e acolchetada, deixava apenas vêr a gola de um frak azul e uma fina camisa bordada, alva como a neve; uma estreita gravata de seda iris fazia realçar a agradável brancura de um pescoço de marfim; as mãos pequeninas e estreitamente enluvasadas brincavam com o castão d'ouro d'um chicote d'ebano e denunciavam um sexo diferente d'aquelle que o vestuario indicava.

Todos os artistas presentes na audiencia reconheceram Clelia e rodearam-na para fazer um balauste de seus corpos se acaso o seu epigramma contra Pacifico lhe trouxesse um mau resultado. Clelia tomou uma attitudé petulante, e durante uma curta suspensão da audiencia pronunciou uma outra phrase, sempre referida a Pacifico:

— Mas olhem para o monse-

nhor! como elle toma bem o ar d'um S. Pedro na ceia de quinta feira santa! Daria um bello Deus sem o confessar:

Depois dirigindo-se a Jubelin. — Escute, depois da audiencia ha de acompanhar-me.

— Ao piano? Perguntou Jubelin.

— Não a cavallo. Iremos dar um passeio para o lado da pyramide de Caio Sexto. Pensa que não conheço esse lado de Roma?

— Aceito, diz Jubelin, mas com a condição de não entrarmos nas catacumbas. Ha um pintor francez chamado Roberto que está lá quasi enterrado vivo; basta esse para a gloria da França; não desejo que lá haja um musico do mesmo paiz.

— Silencio, senhor! disse Clelia, tocando no hombro de Jubelin com o castão do chicote, a audiencia vae continuar. Calemo-nos.

O cardeal Santa-Scala interrogou Paulo Gréant. O mancebo exprimiu-se assim:

— Quando fui preso no jardim do palacio Van-Ritter, não descia a escada, subia-a. Um desvairamento d'amor proprio, de que eu peço perdão a Deus, fez-me cahir na cilada; um accesso de loucura deixou-me acreditar um instante que

Partiu por alguns dias, para o Bussaco o sr. Adriano Marques, proprietario da acreditada Casa Havaneza d'esta cidade.

Feira de Vizeu

Recebemos da Covilhã a circular que em seguida publicamos, e que vem confirmar a noticia que demos em o numero passado de que os fabricantes d'aquella tão importante cidade fabril, de accordo com os fabricantes de Gouvêa, Moimenta, S. Romão e Loriga resolveram não ir com os seus productos a Vizeu á feira franca e sim fazerem esse mercado em Mangualde nos dias 10 a 20 de setembro proximo:

«III.º sr. — Levamos ao seu conhecimento que todos os industriaes d'esta cidade, e bem assim os das diferentes terras d'além da Serra, combinaram deixar de concorrer á feira franca de Vizeu e

esperarem nos seus quartéis de Mangualde, desde o dia 10 até ao dia 20 do proximo mez de setembro, a visita dos seus freguezes: o que lhe communicamos, esperando receber alli as suas apreciaveis ordens.

Covilhã 10 de agosto de 1894.»

Que Mangualde attenda a que não tem industria alguma e que os fabricantes, fazendo-o centro para as suas vendas, lhe dão, além do interesse monetario, importancia, por isso que os não escandalisem para elles não terem de arripender-se do passo que deram.

Noticias bibliographicas

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Caldas da Felgueira — Recebemos o relatório do distincto medico d'este estabelecimento thermal, indubitavelmente um dos melhores do paiz, e que se encontra nas melhores condições therapeuticas.

Historia de Portugal, por H. Schaeffer. — Fasciculo n.º 30, Lisboa, 1894.

Summario — D. Affonso em França; seu fim em Portugal. Os offercimentos de Luiz xi determinam D. Affonso a fazer uma viagem a França, para lograr uma entrevista com aquelle monarcha. Seu encontro em Tours. Embaixada ao papa e visita de D. Affonso ao duque de Borgonha. Morte do duque. D. Affonso, illudido em suas esperanças no soberano de França, deseja ir, como peregrino, a Jerusalem e depôr o governo nas mãos de seu filho. Abandonado similhante projecto, volta novamente a Portugal. Neste intervallo rendem-se as ultimas praças. Novas tentativas de uma invasão em Castella. Paz perpetua entre os dois reinos. A terceira em Moura. D. Juan toma o véu de freira. Os ultimos dias de D. Affonso, seu character.

Bric-à-brac

Na rua.
Um sujeito depara com um ajuntamento e pergunta o que foi:
— Uma bagatella, não valle a pena incomodar-se, responde um garoto; foi uma velha que ficou debaixo de um carro.
O sujeito cheio de contentamento:
— Deixem-me vêr, que talvez fosse a minha sogra!

eu fora chamado a uma entrevista por uma mulher que nobremente me repelliu durante sete annos. No tribunal della comarca não quiz apresentar a carta, obra d'um falsario, a carta que desvairou a minha razão e me fez duvidar d'um anjo. Hoje os motivos da minha reserva não existem e eu deponho-a nas mãos de sua emnencia e dos prelados.

O falso bilhete circulou de mão em mão. Van-Ritter apresentou immediatamente outras cartas de sua mulher para mostrar que a escripta tinha sido habilmente disfarçada, exprimiu-se depois com uma energia admiravel e pronunciou um verdadeiro discurso em favor de Paulo Gréant. O pae do accusado attrihiu, levantando-se, as sympathias do auditorio e da maioria dos juizes. Este velho que vinha de tão longe para ser o primeiro advogado de seu filho, foi tratado com o maior respeito pelo cardeal Santa-Scala, que lhe deu toda a liberdade da palavra.

Impresso na Typographia Operaria — Largo da Freira n.º 14, proximo a rua dos Sapateiros, — COIMBRA.

66 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

XVII

A sacra-consulta

Paulo Gréant, isto é, a alma mais elevada, o coração mais nobre, o character mais puro que pôde haver no mundo! Tenho acompanhado Paulo Gréant ha sete annos em todas as phases d'uma vida de desespero, escutei-lhe as confidencias, vivi da sua dôr para o consolar. Pois bem! diante dos cabellos brancos d'este velho, que é seu pae, o affirmo; Paulo Gréant não é criminoso é um martyr; ha quinze seculos que Roma só sabe fazer martyres e ruinas. Todavia havendo um crime ha sem duvida um culpado; pela minha parte nenhum nome se me offerce a pronunciar, nenhuma cabeça a apontar com o dedo, nenhuma suspeita a denunciar á justiça; se eu ousasse designar o auctor do crime, não teria para affirmar um acto tão grave senão algumas provas moraes e a minha

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LIVROS

Annuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Methodo gradual de calculo

por BRANCO RODRIGUES

Collecção de 5 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 réis cada um.

Caderno de *Geometria synthetica*, impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues.

Preço, 30 réis. — Segundo o programma official dos exames de instrucção primaria.

A venda nas livrarias. Envia-se pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Ferreira Machado & C.ª, rua da Saudade, 2, Lisboa.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acaba de sair do prelo a 9.ª edição do *Manual do distillador, licorista e perfumista*, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescos, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o toucador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este *Manual* é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com capa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriais, fabris, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e aggravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

A QUESTÃO SOCIAL

Conferencias realisadas no Atheneu Commercial, por Magalhães Lima, José Benevides e Fernando Martins de Carvalho—1 vol.

José Bastos, editor—R. Garrett, 75, Lisboa.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
Repetições 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

NIVEL D'AGUA

COM

TUBOS DE METAL

323 Vende-se com tripé e mira. Nesta redacção se diz.

VENDA

308 Vende-se uma aranha usada.

Para tratar com Francisco Nogueira Secco.

Terreiro da Erva — Coimbra.

VENDE-SE

319 Um bom fogão, proprio para uma hospedaria de restaurante; tambem ha mais pequenos, para casas de familias particulares. Preços commodos.

José Pedro de Jesus

Rua das Sollas, 54

COIMBRA

Saboaria Nacional do Beato

DE

COSTA & CRUZ

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10

LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRA

ARTIGOS DE GRÉS

206 Grande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refractario, telhões de beiral e de caleira, telha commum e todo o material completo para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões cotovellos, hacias conicas, excentricas e outros systemas, para retretes. Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim com os restantes artigos tanto em grés como em barro.

Rua Direita n.º 9, 11 e 13.

Escritorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.



As verdadeiras machinas SINGER; para alfaiate, sapateiro, e costureira. Vendem-se no estabelecimento de fazendas, e machinas de José Luiz Martins de Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92, Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana. Tambem ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

Mudança de liquidação de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidação na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

ACTURAS

IMPRIMEM-SE
Typographia Operaria
Largo da Freiria, 14
Coimbra

LEILÃO DE PENHORES

316 A dro de Cima de S. Bartholomeu, n.º 9 a 11 (de trás da igreja).

Todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 horas da tarde a principiar em 5 de agosto proximo, leilão de todos os penhores que estejam em debito de mais de trez mezes, e consta de fazendas novas, e roupas novas e usadas, chailes, machinas, instrumentos, relogios, e outros artigos.

Alipio Augusto dos Santos

RUA VISCONDE DA LUZ, 60

Previne por este meio todos os srs. mutuarios a virem resgatar ou pagar os juros até este dia, para lhe não serem vendidos ou poderem assistir, á arrematação dos mesmos.

CASA DE PENHORES

NA

CHAPELERIA CENTRAL

77, Rua Ferreira Borges, 81

E

2, Arco d'Almedina, 6

Coimbra

112 Empresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.

Juro modico, como podem experimentar.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

COIMBRA

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893. — ESTABELECI DA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO

(JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida *Agencia* continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia, e outras, — Certidões — Attestadas — Matriculas, etc., etc.*

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escólas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta *Agencia* far-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuas, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta *Agencia* receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

DEPOZITO DA FABRICA NACIONAL

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128, Rua de Ferreira Borges, 130

COIMBRA

3 NESTE Deposito regularmente montado, se acha á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31, 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registrada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

Coimbra

298 Continúa a concertar e cobrir de novo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

CAVALLO E CARRO

311 Vende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Comercio 9 e 10, loja.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria de Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha

Anno	24700	Anno	25400
Semestre ..	12350	Semestre ..	12700
Trimestre ..	680	Trimestre ..	600

Outro caminho e outros processos

VII

A Imprensa Republicana

O que dizemos com relação á caridade espectacular e interesseira dos grandes; á beneficencia publica e particular, póde, sem hesitação, affirmar-se a respeito das loterias, das touradas, da nossa decadente litteratura e degenerada arte dramatica e de muitos outros factos da nossa vida social; os quaes, não tendo razão alguma, que por si os recommende e justifique, são e não devem deixar de ser condemnados pelos republicanos, que sinceramente desejam, e lealmente promovem a regeneração dos nossos pervertidos costumes, a elevação do nosso caracter moral, a grandeza dos nossos sentimentos de honestidade e pundonor, e aspiram, resolutos inabalaveis em suas crenças e convicções democraticas, ao estabelecimento de melhoradas e salutaras instituições politicas, á realisação definitiva de condignas reformas economicas.

E todavia não faltam jornaes republicanos, que façam a tudo isso quanto nos desprestigia e degrada, a tudo isso que elles proprios consideram, nem poderiam deixar de considerar, como germens permanentes de corrupção e de uma pernicioso influencia desmoralisadora, os mais suggestivos reclames, pondo-o em saliente relevo e fascinadora perspectiva, por meio de attrahentes e encomiasticas descrições e exaggerados applausos.

Ao passo que no artigo de fundo, com excellento criterio e madura reflexão repellem e combatem, como barbaro e sanguinario, espectáculo das touradas, como funestas e de todo o ponto ruinosas e immoraes, as loterias, como perversas e offensivas da dignidade e do decóro dos espectadores, as comedias e as revistas, que, sem merito algum litterario, sem o mais pequeno gosto artistico, escandalosas pela frescura da linguagem, repugnantes pela obscenidade das exhibições, se representam, e repetem com frequencia ainda nos nossos primeiros e mais considerados theatros da capital,— ao passo que dizem, que escrevem tudo isto, e tudo isto severamente reprehendem, e merciedamente castigam no artigo de fundo, lá vem, na secção de noticias, a encomendada descrição minuciosa e laudatoria e como que a recommendação e o respectivo elogio, e, na pagina dos annuncios, o apparatuso e suggestivo reclame a convidar o publico de todas as classes, de ambos os sexos e de todas as

idades em proveito da empresa, a qual generosamente paga, com o dinheiro d'aquelles, a descrição e os annuncios.

Nisto, como em outras muitas coisas, devéras escandalosas, profundamente immoraes, desastrosas para a honestidade publica e domestica, manifestamente contrarias aos bons costumes, a Imprensa republicana, salvas poucas e honrosas excepções, corre parellas com a Imprensa monarchica, e inteiramente subscrive-se aos maus habitos e pessimoprogramma dos adversarios; e por isso muito conviria que ella seguisse outro caminho, e adoptasse outros processos de educação e ensino.

EMYGDIO GARCIA.

MINISTERIOS MORTOS

Depois do fatal e ominoso dia 11 de janeiro de 1889, desde essa data funebre em diante, os ministerios em Portugal podem bem cognominar-se — *ministerios mortos*.

Phantasmas d'além da campa, os novos ministros da corda, surgem nos braços d'el-rei, e vagueiam amortalhados em suas agaloadas e reluzentes fardas pelos salões da córte e nas secretarias de Estado.

Fogem espavoridos do Parlamento, como se este fôra um affictivo purgatorio; amaldiçoam a Imprensa livre como se nella estivesse o seu tormentoso inferno.

Sombras, espectros sinistros, que se levantam no cemiterio das velhas instituições, uns após outros, nos novos ministros vêm, espiritos malignos, almas penadas em funebre cortejo, atormentar, por mais algum tempo, com terrificas visões e cruciantes pesadelos a Patria moribunda!

A Patria, que elles, os réprobos, em vida suppliciam no patibulo affrontoso dos ultimatus, depois de a haverem torturado no pótro ignominioso dos syndicatos fraudulentos, na roda incessante, destravada e inexoravel dos empréstimos ruinosos, das negociações clandestinas e escandalosas, dos impostos insupportaveis e esmagadores, dilacerando-a nos dentes da miseria e nos espinhos da deshonra nacional.

Os ministros d'el-rei, que desde aquella funebre data, se têm succedido nos conselhos da corda, parece que adormeceram á sombra da manceuilheira, mal conseguiram sobraçar as apetecidas pastas, e, envenenados pela influencia narcotica e pela acção pernicioso da mortifera arvore, á sombra da qual foram acolher-se, ou se deixam morrer, ou cahem na mais profunda catalepsia politica e moral.

Não ha meio de os chamar á vida, remedio hervico, o qual pos-

sa arrancar-os do estado comatoso, que os prostrou, á completa inercia que os immobilisa na total insensibilidade do cadaver.

Morreram todos os ministros; e se não morreram, jazem prostrados, perdidos os sentidos, paralyzados todos os movimentos da alma e do corpo.

Não sentem, não pensam, não vêem, não ouvem, não fallam, não andam.

Horrenda vagantur spectra.

Mortos estão para sempre os ministros da realza.

Se ainda vivem, vivem para além da campa; se existem, apenas arrastam a existencia dos mortos; envolvem-os as sombras da eternidade, mas não gozam a paz do tumulo.

Por onde elles passam, tudo aquillo em que elles pousam as descarnadas mãos se desorganisa, dissolve e aniquila, como se lhe tocasse a hervada foice destruidora de desapiedado Saturno, e o bafejasse o sópro implacavel da morte!

Que o seu purgatorio termine. Que para ellés cessem os tormentos do inferno.

Requiescant in pace.

E, com a paz de um tumulo, resuscitem a independencia, a honra e a gloria da Patria redimida.

TACITO.

Imposto dos phosphoros

Para que todos admirem as anomalias fiscaes que ha na cobrança do imposto dos phosphoros, damos em seguida uma tabella da receita e despeza que houve com algumas fabricas, durante o ultimo anno economico, e que extrahimos das *Novidades*:

Nomes das fabricas	Total do imposto e addicionaes	Total das despezas com a fiscalisação
Cruz dos Pinheiros (Covilhã).....	184,770	186,860
Panthera (Figueiró dos Vinhos).....	408,143	241,616
Ortiguense 1.ª (Leiria).....	461,873	262,622
Ortiguense (Leiria).....	510,965	276,036
Fonseca (Estarreja).....	108,919	123,370
Pombal (Moncorvo).....	26,966	36,741
Arganilense (Arganil).....	533,730	549,335
Aurora (Coimbra).....	374,380	381,470
Nacional (Poiães).....	808,434	465,447
Coruche (Águias da Beira).....	518,945	595,320
Lisbonense, A. J. Amorim, (Vianna do Castelo).....	922,733	463,437
Aurora (Lamego).....	229,195	181,936
Lamego (Lamego).....	310,290	291,381
Pombal (Lamego).....	462,983	410,476
Lusitania (Sernandole).....	335,503	412,350
De lumes de pau (Tabuaço).....	207,234	469,463
Quinta da Machada (Vizeu).....	393,813	247,316
Fabrica Nova (Vizeu).....	25,316	61,350
José Marques (Vizeu).....	274,185	214,340

Edificante! Para um total de 6:900,000 réis de imposto cobrado, ha uma despeza de fiscalisação de 5:800,000 réis, e isto não contando com a despeza com o papel e impressão dos respectivos sellos. Em todo o caso nada d'isto admira, desde que ha fabricas que rendem 25,000 réis e obrigam a uma despeza de 61,000 réis com a fiscalisação!

CHRONICAS DE LONGE

Aveiro, agosto de 94.

Realisaram-se nos dias 11, 12 e 13 do corrente as annunciadas festas em honra de José Estevão, festas que, diga-se de passagem, correram mais animadas do que era de esperar. Tambem se assim não fosse não sei quando Aveiro havia de sair d'esta desoladora apathia que quasi a ia mergulhando na reputação de burgo sertanejo.

Honra a Aveiro, a festa foi de estrondo; o que é pena é eu verme já obrigado a dizer o que se passou de mais importante.

A festa começou pelo tiro aos pombos, no dia 11, divertimento que não correu como se desejava, não porque não concorressem atiradores de fama, mas porque o vento não o permittiu nem os pombos voaram com vantagem para a pontaria.

Houve em seguida jogos populares na praça de touros, que attrahiram notavel concorrência. O jogo de pau e principalmente as corridas de jericos foram feitos em episodios engraçados, e produziram a franca gargalhada.

A' noite houve illuminação na rua, e na cidade. Seria ella de um effeito surprehendente se o vento que se desencadeou furioso, não prejudicasse o effeito. O dia mais animado, e que attrahiu maior concorrência de forasteiros foi o domingo, 12. Neste dia teve logar o cortejo promovido pelos estudantes do lyceu d'esta cidade, e por algum dos cursos superiores, onde se incorporaram as auctoridades civis e militares, funcionarios das diversas repartições e varias associações, fechando o prestito a comissão academica, conduzindo uma coroa de carvalho e louro com largas fitas, que foi deposta no sarcophago do morto illustre.

Pronunciaram discursos primorosos os academicos Joaquim Peixinho, da Universidade, José Luciano, presidente da academia d'Aveiro, Viriato Marques, Alexandre Telles, dr. Joaquim de Mello Freitas, o director do asylo S. João de Lisboa e dr. Luiz de Magalhães. A' 1 hora da tarde começou a regata promovida pelo Gymnasio, cujo resultado foi o seguinte: 1.ª *corrida*, vencedor Francisco Anthero, do Club Fluvial do Porto; 2.ª *corrida*, vencedor Manuel Moreira Mariposa; 3.ª *corrida* vencedor dr. Amandio da Cunha Norata; 4.ª *corrida*, vencedor Joaquim Fontes Pereira de Mello; a 5.ª *corrida*, foi de barcos moliceiros, provocando hilariedade geral pela presteza com que manejavam as varas.

Em seguida começaram as corridas de velocipedes que tambem correram muito animadas.

Obtiveram premio: 1.ª *corrida*, (1:000 metros) — Benedito Ferreirinha, 1.º premio; Raul Séguir, 2.º.

2.ª *corrida*, (1:380 metros) — 1.º premio, Mario Duarte; 2.º, João Gomes.

3.ª *corrida*, (de resistencia — 2:040 metros) — Benedito Ferreirinha, 1.º premio; Raul Séguir, 2.º; José de Mello, 3.º.

Campeonato do districto — 1.º premio, Mario Duarte; 2.º, João Gomes; 3.º, Salazar.

Seniors (1:360 metros) — 1.º

premio, Benedito Ferreirinha; 2.º, Raul Séguir; 3.º, José de Mello.

À noite continuaram as illuminações, musica em varios pontos da cidade e sarau litterario-musical no theatro Aveirense.

Discursaram eloquentemente André Reis e Elycio de Lima, da Universidade, Eduardo de Sousa e Alfredo de Magalhães, do Porto.

Na parte musical tomaram parte a ex.ª sr.ª D. Luiza Chiaromonti, M.ªs Amelia e Emilia Marques Pinto, D. Eduarda Alves da Silveira, D. Judith Augusta Ferreira Marques e os srs. Leonel Gonçalves e Ramon Toron, sendo todos entusiasticamente applaudidos.

Na segunda feira, ultimo dia dos festejos, houve certamen musical a que concorreram as bandas da Vista Alegre, que ganhou o primeiro premio, (80,000 réis), a philharmonica *Amizade*, d'Aveiro, que obteve o 2.º (50,000 réis), e da *Murtosa* que ficou em terceiro logar, com menção honrosa.

De tarde, corrida de touros á antiga portueza. Enchente á *cunha*. O gado saiu matreirão. Os cavalleiros José Bento e Tinoco bem. Bandarilheiros, Laureano, Feliz, etc., houveram-se com correcção, apesar do gado se não prestar á lide, e recusar o castigo. Fugia dos ferros... como o diabo da cruz! Os forcados... uma desgraça!

O ultimo boi foi enfeitado com alguns bons pares de ferros por Mario Duarte, um distincto amator, que conquistou geraes applausos.

A tourada terminou por um incidente desagradavel, e que impressionou toda a praça.

Quando Mario Duarte se escapava ao touro, uma farpa sacudida por este com furia, cravou-se num pé do bandarilheiro.

Não se achava longe, felizmente, o dr. Pereira da Cruz, medico d'aqui, que lh'a arrancou, não sem custo, porque o ferro penetrára fundo.

À noite houve musica e vistosa illuminação no jardim, attrahindo enormissima concorrência de damas.

Tocaram alli as philharmonicas da Vista Alegre e *Amizade*, até perto das duas horas da madrugada.

Eis aqui, leitor, o que se passou de mais importante nas festas de José Estevão.

RIBALTO.

Exposição de Loanda

Esta exposição mostruario que se ha de realizar em Loanda, promette ser muito concorrida, a julgarmos pelo bom acolhimento que os industriaes lhe têm dispensado.

A Empresa Nacional de navegação, que tem as suas carreiras mensaes de vapores para Angola, no desejo de favorecer o empreendimento dos promotores da exposição, offereceu transportar gratuitamente 10 toneladas de productos de industria nacional.

Todos os que auxiliarem a comissão organisadora prestam um grande serviço ao nosso commercio, que naquellas paragens póde encontrar um grande centro para a sua actividade.

Sciencias, Lettras & Artes

A intelligencia dos animaes

O *Konkeou* é uma ave cinzenta da Cochinchina. Vive em bandos; nunca se vê só. O seu nome em annamita significa ave falladora.

Para caracterisar a sua raça intelligente e a facilidade com que se affeição ao homem, os Annamitas contam a seguinte lenda:

«Um lavrador trabalhava tranquilamente no seu campo, quando de repente apparece, num vôo rapido, um *Konkeou* familiar da casa.

O passaro pôz-se a puxar pelas vestes do Annamita; depois, dirigindo-se para a habitação, parecia convidal-o a entrar immediatamente. O Annamita, sem comprehender, continuava. Então o *Konkeou*, voltando á carga, usava de outros meios; esvoaçava por diante dos buffalos, picando-lhes as narinas e ameaçando-lhes os olhos como se quizesse absolutamente que se pozesse termo ao trabalho. O Annamita, impacientado deu ao *Konkeou* uma pancada tão infeliz que o pobre animal cahiu morto. O trabalho acabado, o lavrador voltou para casa. Achou-a roubada; os cadaveres da mulher e dos filhos jaziam por terra. Comprehendeu então inutilmente, a significação das manobras do *Konkeou*; de balde o fiel e intelligente animal tinha feito o seu possivel para o levar em socorro da familia assaltada pelos malfeitores.»

Será isto uma lenda, ou uma historia verdadeira como o affirmam os Annamitas? Os factos que se seguem tendem a dar-lhes razão.

M. Béchu, hoje thesoureiro pagador geral do Aveyron, tinha sido enviado pelo Thesouro francez para organisar a administração da Cochinchina conquistada. Installado em Saïgon, ensinou um *Konkeou* que tinha comprado por alguns sapeques.

A ave, muito dada, saltava e esvoaçava pela casa sempre aberta. Como é sabido, as habitações annamitas tem aberturas para entrar e sair, mas coisa nenhuma para fechar. «Logo que precisava de comer, diz M. Béchu, procurava-me por toda a parte, quer em casa quer no jardim. Entrava mesmo no meu escriptorio cuja porta estava sempre aberta. Chamava a minha attenção por meio de um grito particular, olhava para mim e ia saltando até ao sitio habitual das suas refeições. Se eu tardava a segui-lo, voltava logo, puxava-me pelas calças e convidava-me por toda a especie de gestos uns mais expressivos de que os outros a acompanhá-lo ao jardim. Então, depois de ter olhado para mim, ia bater com o bico na pá com que eu costumava procurar-lhe os bichos que elle comia. Apenas uma pouca de terra tinha sido removida, logo o *Konkeou* se precipitava a gritar sobre a pá para que ella cessasse de remover a terra; feito isto, procedia rapidamente á extração dos bichos que comia com delicia. Quando já nada encontrava olhava para o dono, dava um grito e picava no chão, dando assim o signal para recommençar o trabalho. Se M. Béchu lhe parecia muito vagaroso o animal gritava, puxava-lhe pelas calças e por meio de picadas successivas incitava-o a que desenvolvesse mais a actividade.

O *Konkeou* vivia em plena liberdade; mas, á noite, nunca deixava de entrar para casa. «Na rua, quando me reconhecia diz M. Béchu, esvoaçava num circulo por cima da minha cabeça lançando o seu grito familiar; muitas

vezes pousava no meu hombro, na minha bengala; depois, passados alguns instantes, partiu de novo voando. Um dia para se distrahir, M. Béchu sahira com a sua espingarda. Numa arvore, onde pousavam um bando de *Konkeous*, notou um passaro negro, coberto de magnificas penas.

Desejoso de o matar, para o offrecer a um amigo, M. Béchu approximou-se occultando-se por detraz d'uma massa de bambus; chegado a distancia conveniente, sem mostrar mais do que a cabeça, aponta para o animal e faz fogo. O passaro negro cac, diz M. Béchu, e a banda de *Konkeous* fuge apavorado, á excepção de um só que vôa directamente para mim, pousa no cano da minha espingarda, com as penas eriçadas dando um grito d'indignação; desce até á coronha, e rasga-me a mão ás picadas: era o meu *Konkeou*.

Subiu para o meu hombro, sempre encolerizado; só me deixou em casa depois de me ter dado mais de dez picadas na cabeça, e de me ter puxado obstinadamente pelos cabellos.

Depois d'uma mudança, M. Béchu não tornou a ver o seu *Konkeou* ou porque este tivesse desertado da nova casa onde o atormentavam as formigas vermelhas, grandes e ferozes, ou porque morresse victima de algum accidente nas suas correrias vagabundas.

Os vinhos sulfatados

No ultimo numero do *Jornal Horticolo Agricola*, lê-se:

«A ignorancia nacional tem propalado que os tratamentos cupricos, applicados ás vides para combater os terriveis estragos do mildew, não só prejudicam a qualidade do vinho, mas tambem o tornam nocivo á saude. E' um erro crasso, que urge combater a todo o transe, para que elle não sirva de pretexto ao abandono dos tratamentos, o que acarretaria não só a perda da colheita, mas tambem, o que é mil vezes peor, a morte das vides. Analyses de chimicos notaveis e experiencias de longos annos em França, onde os tratamentos cupricos se praticam em larga escala, provaram á saciedade a innocencia dos saes de cobre. Não ha um só caso já não dizemos de envenenamento, mas sequer do mais leve incommodo intestinal proveniente do uso de uvas ou vinho sulfatado.

O vinho feito de uvas *mildewzadas*, esse é que é prejudicial. Por experiencia propria, conhecem os nossos lavradores, effeitos do mildew no vinho. Este anno estragou-se o geral do vinho verde devido aos esporos do mildew levados do lagar para as pipas, e o que não se estragou, apresenta-se doente com tendencias para a azedia. Com o vinho feito de uvas tratadas não se deu o mesmo. Conservou-se magnificamente, sem perder uma só de todas as suas qualidades boas.

Devem, portanto, os agricultores receiosos pôr de parte todos os preconceitos prejudiciaes, e sem fazerem caso dos que lhe pregam que o sulfato de cobre é venenoso, tratarem a valer das suas vides, pois obterão boa recompensa d'isso em uma colheita remuneradora e de magnifica qualidade. Lembrem-se de quando appareceu o Oidium, o que se disse contra a applicação do enxofre, os aiveis que assacaram a este tratamento que hoje é feito por todos os lavradores, a quem a experiencia de annos capacitou da innocencia do uso do enxofre. O mesmo se ha de dar com o emprego do sulfato, e bem avisados andarão os que desde logo tratem o mildew sem receios de phantasticos envenenamentos.

TESTA & C.ª

(COSTUMES FIM DE SEGULO)

II

A familia Testa perdia-se na noite dos tempos quando lhe procuravam a origem. Frei Bernardo Testa, cruzio erudito, pretendeu a honra de chronista official da casa de Bragança, em tempos de D. João IV; e como no reinado do monarcha chapado se media o grau intellectual pelo grau de gerarchia, rebuscou Frei Bernardo durante longos dias o lustre de seus maiores em quantos calhamaços topou sobre nobiliarchia portugueza.

Perdeu noites e noites, recolhido na sua cella, debruçado sobre pergaminhos descórados pelo tempo, curvado sobre volumes monumentaes encaderados em carneira, com lombada vermelha, e o nome do auctor, a ouro, encimado pelas quinas portuguezas, que eram, no dizer de Frei Fernando, os braços de Nosso Senhor Jesus Christo, morgado do Reino do Ceu, e o maior fidalgo d'este cantinho lusitano.

O morgado do reino do ceu, suspenso da cruz, varado de lanças, a gottejar sangue, todas as noites o contemplava, o frade ambicioso da honra de chronista brigantino, do alto do seu crucifixo, preparado por cima da banca de pinho aonde o reverendo Testa inventariava, com gana, o cadastro do passado, a vêr se ahi descortinava a gloria de descender, em linha recta ou em linha torta, de concubina regia ou de malandro coroado.

Não descendia d'elle, por certo, morgado do reino do ceu, porque a sua corôa era d'espinhos e a sua tunica de lagrimas; por isso o frade não erguia os olhos para o martyr do Calvario, e os cravava, sem cessar, naquellas montanhas de papel, rido da traça, pois que ellas representavam os titulos de nobreza dos fidalgos e infanções que tratavam de primo o soberano a quem o ceu premiou com a prenda de D. Carlota Joaquina pela mais nobre acção do seu reinado — a cunhagem dos patacos com a sua effigie.

A corôa de Christo era d'espinhos, e a do esposo de D. Carlota Joaquina era, por certo, de diferente materia: mais sólida, sem duvida.

Assim se transmittira, de cabeça em cabeça, de frente em frente, desde o esposo de D. Meia Lopes, D. Sancho II, sempre altiva e sempre sólida, encaixando, por vezes, em crancos privilegiados, como D. Fernando, como D. Affonso VI, até poisar na testa realenga do filho primogenito de D. Maria I, a *piedosa senhora*.

Era nessa corôa que procurava a sua origem a familia dos Testas — por isso Frei Bernardo, o cruzio mais erudito d'aquella era, suspirava por encontrar a sua arvore geonologica entre aquella salsada illustre de bastardos reaes.

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Perdão

O consul portuguez em Boston foi encarregado pela camara municipal de Santa Cruz (Açores) de apresentar ao nosso encarregado de negocios em Washington uma petição dirigida ao governador da California, impetrando perdão para Maria Amaral, condemnada a 6 annos de prisão pelo jury de Mariposa, pelo crime de assassinato de uma creança portugueza, cunhada da criminosa.

QUE SE ORGANISEM...

E' este o titulo d'um bello artigo do *Intransigente*, de Vizeu, cuja doutrina fazemos nossa, pelo que pedimos venia para a transcripção que fazemos. *Que se organisem...* é tambem o appello que fazemos aos dirigentes do partido.

«O nosso collega de Lisboa — *A Batalha* — anda a pedir aos bons homens da republica que se reunam, que se organisem; que deixem de puxar cada qual para seu lado, servindo indirectamente os interesses da monarchia. Não é segredo para ninguem que o partido republicano é actualmente o mais desorganizado dos nossos partidos politicos. D'aqui resulta a sua inutilidade como opposição, e a sua incompetencia como elemento do governo. Ninguem conta com elle para coisa nenhuma. Vive á matroca, uma vida sem norte certo, berrando uns protestos sem firmeza, com duvidosa honestidade de intuitos. Não tem verdadeiramente a seriedade de um partido, e falta-lhe a audacia, tantas vezes sympathica, d'uma guerrilha. Mas parece que vamos bem assim. Os generaes não se dignam apparecer, e os soldados comprazem-se na indisciplina. Isto já não tem remedio, declaram uns desalentados que nunca trabalharam, uns esmorecidos que nunca tiveram a coragem d'uma affirmacão franca ou de um procedimento decidido.

Agarrados ás suas commodidades, idolatras do deus egoismo, vêem que tudo se desmorona em roda, — o credito a honra e a fortuna. Mas são ricos. Possuem vastos dominios, e a sua meza continua sendo farta, como se vivessemos no mais feliz dos mundos. Isto já não tem remedio, mas elles estão precavidos contra os males do futuro. A fome nunca baterá á sua porta, e a revolução... Sim, ella é possivel. Essa canalha que ahi anda escravizada, noite e dia, com muito medo dos agentes da auctoridade, e com muito respeito pelas *peçoas felizes*, pôde amanhã sair da sua passividade de *bête de somme* e ter velleidades de querer vingar em poucos dias os crimes de muitos annos. Será terrivel, esse *dies irae*. Os rotos, os maltrapilhos, quando chega a sua hora de dominio, mais obedecem ao sentimento da vingança que ao instincto da justiça. E ha alguma coisa de grande nesse desabafo de coleras reprezadas; ha alguma coisa de sympathico no tumultuar revolucionario das vinganças protrahidas.

Gloria aos famintos!

Elles vêem d'uma longa noite de miseria e de ignorancia, escravizados ás sumptuosidades dos reis e dos grandes; erguendo palacios e vivendo em pocilgas; fabricando as sedas caras e mal tendo com que cobrir a nudez virginal dos filhos. Matam para vingar as suas desgraças; roubam para affirmar os seus direitos; devastam por uma honesta, se bem que falsa noção do justo.

Se isto já não tem remedio, que a onda revolucionaria venha depressa varrer para o oceano esta coisa, este monturo.

Mas parece-nos que nem tudo está perdido ainda.»

Banco de Portugal

A situação semanal n.º 32 do Banco de Portugal, publicada no *Diario do Governo* de quinta feira e relativa a 8 de agosto, mostra, confrontada com a anterior, que a conta corrente do thesouro desceu de 11:913 a 11:394 contos, que a conta de deposito da junta de credito publico desceu de 544 a 493 contos, que a carteira commercial desceu de 12:385 a 12:206 contos e que a conta de depositos tambem desceu de 2.914 a 2:529 contos. As notas em circulação baixaram de 51:836 a 51:686.

Emfim, a caixa subiu de 9:683 a 9:735 contos, conforme se vê da nota seguinte:

	8 de agosto	1 de agosto
Oiro...	3.005:426,325	3.005:426,325
Prata...	6.049:525,200	6.048:370,850
Cobre...	680:129,002	659.373,998
	9.735:080,527	9.683:371,164

Interesses e noticias locais

Senhor da Serra

Partiu hontem para este pittoresco logar uma força de infantaria que vae alli para manter a ordem durante os dias da romaria.

Nos arrabaldes de Coimbra é a romagem que attrahe mais devotos. De Aveiro e de toda aquella costa veem grandes ranchos, que passam nesta cidade em 21, 22 e 23. No dia 22, á noite veem acampar á Portella no areal proximo á ponte, grande numero deromeiros que com os seus descantes e folguedos tornam aquelle sitio muito concorrido pela rapaziada alegre e folgazã que alli costuma ir divertir-se.

E' bom deixar as costas no seguro por casa dos marmeiros dos gandarezes que são ariscos e desconfiados a valer.

S. Bartholomeu

E' grande o numero de barracas armadas no largo da Portagem, avenida Navarro e ao longo do Caes, para a feira de S. Bartholomeu, que abre amanhã, 20 do corrente.

A esta, que é uma das mais importantes feiras annuaes do districto, concorrem negociantes das mais variadas especialidades, desde o commerciante rico do magnifico linho de Guimarães, em primorosos atalhados nacionaes, até ao pobre barraqueiro de brinquedos baratos e bazares de *tres vintens*.

Ao fundo da Portagem, destacam d'entre todas as barracas amplas dos ourives do Porto, muito brancas no seu tecto e *plafond* de linho branco, d'onde pendem, em rutilantes fulgurações, as pesadas arcadas d'oiro, os corações de bem trabalhada filigrana, por onde se ficam os olhos das camponezas, sadias e robustas; e sobre os mostradores de taboas soltas, cuidadosamente escondidas por lençoes bem lavados, desafiam os olhares das senhoras, moças da cidade e das nossas gentilissimas tricanas, os aneis, os broches e os brincos d'esse fulgido metal traçoero, que é por sua vez a pedra de toque das mais solidas virtudes.

O' gentilissima tricana de olhos pretos e perfil fidalgo, que passias a tua saia modesta de chita com um orgulho de duqueza que arrasta uma longa *traine* de veludo; ó mais elegante das costureiras de Coimbra, que ostentas, nús, os dedos afilados das tuas mãos patricias... quem sabe se o brilho magico d'essas joias tentadoras, mudaria em sorriso benevolo o teu desdem d'altivez aristocratica! E quem me déra dependurar-te dos lobulos pequeninos das tuas orelhas finas as mais custosas saphiras, enfiar nos teus dedos em fuso os mais preciosos aneis... aneis de rainha nas tuas mãos fidalgas!...

A policia na Figueira

As brutalidades e selvagerias tradicionaes na policia portugueza, em geral, são exercidas na Figueira da Foz por alguns dos facinorosos janizarios policiaes que alli se encontram actualmente. Ainda não ha muitos dias que na cadeia espancaram um desgraçado que por infelicidade lhes caiu nas mãos.

Ora está no espirito de todos os bem intencionados e de alguma

cultura de espirito, que a policia não foi instituida para espancar ou maltratar de qualquer modo os individuos que consegue prender.

Não admira, porém, que assim aconteça, visto que a nossa policia não são dadas instrucções algumas no sentido da sua educação, que, na maior parte dos guardas, é o mais rudimentar possível. E como os guardas de policia que estão na Figueira são do corpo policial de Coimbra, ao respectivo Commissario lembramos, que as suas funcções devem ser um pouco mais elevadas do que receber participações e auferir os benesses do seu emprego. Eduque os seus subordinados e ensine-lhes o cumprimento dos seus deveres... que é este tambem o seu dever.

Dr. J. Jacintho Nunes

Está na praia da Figueira da Foz, com suas ex.^{mas} filhas, este nosso illustre correligionario, a quem d'aqui cumprimentamos affectuosamente.

Viticultores

Os viticultores d'este districto, animados com a produção das novas vinhas, fizeram este anno uma extraordinaria requisição de bacello americano, já enxertado, para replantar os terrenos phylloxerados.

Camara municipal

A camara municipal d'esta cidade, em sessão extraordinaria, discutiu e approvou o recurso ao governo, pedindo seja mantido o seu orçamento, em opposição ao accordão que sobre o mesmo proferiu a commissão districtal.

Alves Correia

Está de luto este nosso amigo e valente correligionario da Vanguarda pelo fallecimento de seu irmão. Enviamos a nossa condulencia.

S. Martinho do Bispo

Realisa se hoje nesta povoação a festa do Santissimo, a que costuma a affluir grande concorrencia da cidade.

67 Polhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

XVII

A sacra-consulta

—Estou abatido pela minha idade, disse o pae de Paulo, devo em breve comparecer perante Deus; pois bem! mesmo para salvar meu filho, não faria um juramento que me condemnasse deante d'um tribunal bem mais augusto que o vosso—o tribunal de Deus. Juro pois, e sem temer, juro que meu filho está innocente do crime de que o accusam; juro diante do crucifixo que está por cima da cabeça do presidente cardeal, e que fará cair em seu espirito as boas inspirações do ceu. Já a protecção divina se manifestou em favor de meu filho; o verdadeiro criminoso, apezar da sua astucia infernal, deixou um vestigio material do seu crime, que nós temos entre mãos, e Deus, pois quiz que, nesta mesma noite em que Jesus Christo nasceu, um anjo velasse como sobre a mangedoura de Bethlem, para proteger a innocen-

Cemiterio da Conchada

Na semana finda enterrou-se o seguinte cadaver:

Adelaide, filha de Manoel Leite Pinheiro e Virginia de Jesus, de Coimbra, de 49 annos. Falleceu de enterite, no dia 7.

Ludovina da Conceição Netto, filha de José Ferreira Pernas e Maria da Conceição Netto, do Carqueijo, de 42 annos. Falleceu de pyelo nephrite, no dia 10.

Candida de Jesus, filha de pae incognito e Theresa de Jesus, de Tondella, de 60 annos. Falleceu de carcinoma do estomago no dia 11.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio—17.462.

A importação do vinho e a redução dos impostos

Entre as numerosas providencias impreteriveis e inadiveis que se imporia com urgencia a qualquer governo medianamente providente, popular e interessado pelo bem estar d'este desditoso paiz, na crise aguda com que está lutando, no estado de extrema pobreza, decadencia e ruina, são dignos de especial attenção, como indispensaveis a providencia sobre a importação do vinho estrangeiro, e para a não elevação, um só ponto das variadas contribuições que estão pesando esmagadoras sobre o povo, e não só isto, mas até mesmo que as existentes sejam attenuadas e diminuidas.

Pelo que respeita á importação do vinho natural e genuino da uva é sabido dentro e fóra do paiz que mais de tres partes dos muitos vinhos que existiam e que abasteciam o indispensavel consumo d'este genero alimenticio, corroborativo e vivificante estão devastadas e perdidas, por effeito do mortifero phylloxera que as invadiu e d'outras enfermidades que o precederam e que tem sobrevivendo, estando reduzido quasi ao nada este importantissimo artigo da nossa agricultura.

Em consequencia, ha annos, falta muitissimo vinho preciso para o nosso consumo e falta ao mesmo tempo este recurso que era o principal para o contribuinte occorrer ás suas despesas domesticas sempre crescentes, ao pagamento dos variados impostos e para ir amparando a agricultura geralmente em decadencia e agonizante, no que não ha exaggero, mas a verdade pura.

Dada como indispensavel a importação do vinho, não illimitada, mas pautada pela necessida-

de para o consumo, não se diga contra ella que apezar da falta do vinho nacional, a produção annual ainda chega para o consumo. Nada menos exacto, nada menos verdadeiro, digam o que disserem quaesquer estatisticas.

Só o egoismo,—este outro phylloxera não menos pernicioso do que aquelle, que destruiu as vinhas, que se assenhoreou do paiz, pôde inspirar tão falsa affirmação.

Se no dizer do individualismo interesseiro o vinho do paiz chega para o consumo, a razão é muito simples e palpavel, bem conhecida e temivelmente sentida pelo maior numero, é porque a maior parte da população deixou de beber e não bebe, porque apenas podendo, por um trabalho aturado e fatigante até estafar, de dia e de noite, obter o negro pão, não pôde dar 4\$800 e 5\$000 rs. por um almude de vinho ordinario, ou 1.40 réis por um litro, preços exorbitantissimos, e nunca observados desde a invasão franceza.

Nesta tristissima conjunctura o povo que trabalha, o povo que produz, o povo que passa vida negra, e não goza a vida folgada, rodeado de prazeres e passatemplos que gozam os governantes, a côrte com a sua numerosissima comitiva de cortezãos e aduladores tão dispendiosos como perigosos, esse povo que está sendo a escravatura branca portugueza não bebe vinho para o animar e fortalecer, bebe muita agua para o debilitar, para o constipar, para o hydropsiar!

E' verdade que algumas municipalidades em cuja área os teríveis flagellos não tem feito estragos tão sensiveis, como no geral do paiz representaram contra a ideia da importação do vinho da Hespanha, levantada por uma necessidade das mais urgentes, mas foram relativamente pouquissimas, e muitas que fossem, o governo deve antepôr o bem geral da grande maioria do paiz que precisa do vinho para a sua alimentação á pretensão d'aquelles que só tratam de si e que estranhos ás precisões dos seus semelhantes, contrariado o espirito de confraternidade que devia animar-o, querem auferir lucros fabulosos.

Ainda mesmo concedida a entrada do vinho estrangeiro, limitada a precisão do consumo, o vinho nacional, não baixará de réis 3\$000, preço bastante convidativo para a produção nacional.

Deve, pois, o governo conceder a importação do vinho para a proxima colheita.

apartou sobre a fronte os aneis dos seus bellos cabelos, e disse com uma voz firme:

— Não tenho medo de nada, senhor; passei toda a noite de Natal na chaminé, e sózinha, vê bem que não tenho medo.

— Muito bem! minha filha, disse o cardeal com um sorriso humedecido por uma lagrima; porque passou a noite de Natal nessa chaminé?

— Para esperar a Befana, respondeu Fiorina, espantada d'uma tal pergunta. A' noite, na ceia de Natal, o conde Talormi contou-me a historia da Befana e eu quiz vêr se ella me trazia bolos ou cinzas.

Talormi enviou um beijo a Fiorina e fez um gesto de applauso.

— E a Befana não te trouxe nada? perguntou o cardeal.

— Pelo contrario, senhor, trouxe-me uma bella medalha que occultei, durante muito tempo, com medo que m'a tomassem; mas ha dias dei-a ao pae de Paulo Gréant.

— Viu, Fiorina, a pessoa que poz uma escada na janella do quarto da senhora Van-Ritter?

— Sim, senhor, vi muito bem esse homem.

— Um homem, diz? Reconheceu ser esse homem o accusado Paulo Gréant?

Se se persiste a importação do trigo e do milho quando é preciso, não ha razão de differença para se não conceder a do vinho.

Em Cannas de Senhorim está montada uma grande fabrica para fazer vinho artificial, no qual não entra uma gotta de vinho vegetal, segundo dizem, e se compõe de muitas drogas e ingredientes, dos quaes alguns perniciosos á saude e á vida.

Taboa, 10—8—94.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 1\$800 a 1\$810 réis, o decalitre.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 460—Dito amarello, 440—Trigo de Celorico, graúdo, 550—Dito tremez, 530—Feijão vermelho, 480—Dito branco, 420—Dito rajado, 390—Dito frade, 370—Centeio, 380—Cevada, 240—Grão de bico, graúdo, 580—Dito meúdo, 560—Favas, 370—Tremoços, 260.

O agio das libras a 1\$380; ouro nacional, graúdo, a 29 ^o/_o, e o miúdo a 28 ^o/_o.

Os preços dos generos no mercado quinzenal e Montemor-o-Velho, de quarta feira, foram os seguintes:

Milho branco 490—Dito amarello 480—Trigo branco 550—Dito tremez 580—Dito mouro 580—Feijão encarnado 600—Dito mocho 600—Dito branco 540—Dito amarello 440—Dito rajado 420—Dito frade 420—Grão de bico 580—Chicharos 360—Batatas 210—Tremoços 320—Centeio, 600—Cevada 300—Favas 400—Aveia 300.

Noticias bibliographicas

o bacharel Ramires

Da casa editora do sr. Antonio Maria Pereira recebemos este ultimo livro do sr. Candido de Figueiredo, escriptor dos que mais se notabilisam no actual movimento intellectual do nosso paiz.

Ao sr. Antonio Maria Pereira, que é um ousado e intelligente editor, deve a litteratura portugueza notaveis serviços, e não ha

— Oh! senhor, eu conheço muito bem Paulo Gréant; deu-me muitas vezes lindos presentes na loja de Debora no Ghetto, onde me abraçava muitas vezes. Não foi Paulo Gréant que eu vi na noite de Natal...

E, olhando em volta de si para os bancos das testemunhas e dos accusados, acrescentou designando Talormi:

— Olhe... é um homem como o sr. Talormi.

— Está bem, a pequena não costuma enganar-se disse Clélia ao ouvido de Jubelin.

— Então, Fiorina, insistiu o cardeal, affirma não ter reconhecido o accusado Paulo Gréant?

Fiorina levantou os seus pequenos hombros nus, fez ondular a cabeça graciosamente e disse:

— Não, senhor: eu digo que é um homem como o sr. Talormi.

— Ella sustenta-se, diz Talormi, esforçando se para reprimir uma gargalhada contrafeita.

— Dê-me essa medalha, disse o cardeal ao pae de Gréant.

Santa-Scala examinou a cuidadosamente e o rosto exprimiu-lhe uma subita convicção. Depois disse a um official:

— Passe esta medalha ás testemunhas; veremos se alguém a reconhece.

quem desconheça as valiosas joias litterarias que se encerram na primorosa collecção Antonio Maria Pereira.

O n.º 29 d'esta collecção, que acabamos de ler, encerra sete trabalhos do sr. Candido de Figueiredo, onde este escriptor accentua as suas apreciaveis qualidades de observador e, principalmente, de cultor esmeradissimo da nossa lingua. Ha muito que aprender nos livros do sr. Candido de Figueiredo, e por isso a lingua patria deve ao sr. Antonio M. Pereira mais este importante serviço.

Casa Memoria

Do sr. Antonio José Alves, proprietario d'este estabelecimento de machinas de costura, velocipedes, instrumentos musicos, quinquelherias, etc., recebemos o catalogo dos preços correntes no seu estabelecimento. Por elle se vê que a Casa Memoria é um estabelecimento importante, á altura de servir nas melhores condições em qualquer dos artigos da sua especialidade.

Instituto

Recebemos os n.ºs 11 e 12 do volume XL, correspondentes a maio e junho do corrente anno, d'esta excellente revista scientifica e litteraria.

Inserem valiosos trabalhos originaes, alguns do maior interesse, e dignos todos da attenção dos estudiosos.

Agradecemos.

Brie-à-brac

Na quaresma. O padre a um camponez:

— Quem é Deus?
— Parece-me que sou eu, sr. prior.
— O homem, não diga tolices! Você perdeu o juizo?

— Não perdi, não senhor; e se não, olhe. Quando minha mulher se mette na cama, costuma sempre dizer: — Com Deus me deito, com Deus me alevento, na graça do Espirito Santo. Ora como ella só se deita comigo, claro está que eu é que sou Deus...

Um bombeiro, na escada:

— Vamos! depressa! Não ha tempo a perder.

Ella:
— Credo! Pois eu hei de sahir assim! Faz favor de me dizer se o meu chapéu está bem posto?

Cada testemunha recebeu por sua vez a medalha; Talormi foi o ultimo a tomal-a, examinou-a d'ambas as faces como um numismata a qualquer moeda antiga, encontrada em alguma escavação, e, por uma das suas antigas sortes de prestidigitador, deu ao tribunal um francescone.

A substituição foi maravilhosa; os dedos de Talormi enganaram todas as vistas, mesmo as mais visinhas. O cardeal tomou o francescone e fez um movimento de surpresa que os espectadores não comprehenderam. Pacifico olhou para alguma coisa, os prelados ficaram estupefactos.

Talormi foi o unico que se collocou como o altivo e terrivel representante da policia austriaca, que não teme nem os juizes, nem as leis.

— A causa está discutida, disse Santa-Scala com uma voz que abafava a sua indignação.

Deliberaram alguns instantes, por simples formalidade, e o presidente, no meio de um silencio religioso, pronunciou a absolvição de todos os accusados.

Impresso na Typographia Operaria—Largo da Freira n.º 14, proximo a rua dos Sapateiros.—COIMBRA.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra
ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra
PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menus, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra
ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em cores Typ. Operaria Coimbra
BILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra
LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra
IMPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra
CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra
AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LIVROS

Annuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e pôr tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acaba de sair do prelo a 9.ª edição do *Manual do distillador, licorista e perfumista*, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescos, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o tocador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este *Manual* é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com capa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

A QUESTÃO SOCIAL

Conferencias realisadas no Atheneu Commercial, por Magalhães Lima, José Benevides e Fernando Martins de Carvalho—1 vol.

José Bastos, edictor—R. Garrett, 75, Lisboa.

Methodo gradual de calculo

POU

BRANCO RODRIGUES

Collecção de 5 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 réis cada um.

Caderno de *Geometria synthetica*, impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues.

Preço, 30 réis. — Segundo o programma official dos exames de instrucção primaria.

A venda nas livrarias. Envia-se pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Ferreira Machado & C.ª, rua da Saudade, 2, Lisboa.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
 Repetições 20 réis
 Para os srs. assignantes desconto de 50 %
 Contracto especial para annuncios permanentes.

QUINTA

321 **A**renda-se ou vende-se uma muito proximo de Coimbra.

Para tratar, rua Ferreira Borges, n.º 77 a 81.

NIVEL D'AGUA

COM

TUBOS DE METAL

323 **V**ende-se com tripé e mira. Nesta redacção se diz.

CASA DE PENHORES

NA

CHAPELERIA CENTRAL

77, Rua Ferreira Borges, 81

2, Arco d'Almedina, 6

Coimbra

112 **E**mpresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.

Juro modico, como podem experimentar.

ATTENÇÃO

O proprietario d'esta casa, Joaquim Maria d'Almeida, pede a todos os srs. mutuarios a fizeza de virem pagar os juros em atrazo de mais de 3 mezas, para evitar que os valores depositados sejam vendidos.

QUINTA

325 **A**renda-se uma no sitio do Almeque. Para tratar

Rua dos Sapateiros n.º 74 a 80

Mudança de liquidação de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidação na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893. — ESTABELECI-DA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO (JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida *Agencia* continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia*, e outras, — *Certidões — Attestadas — Matriculas*, etc., etc.

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escólas, e outros quaesquer documentos. — Preços medicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta *Agencia* far-se-ha um abatimento importante no total das despezas usuaes, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta *Agencia* receberão como brinde

Um *Annuario da Universidade para 1894-1895*

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

COIMBRA

AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRAS

ARTIGOS DE GRÉS

206 **G**rande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refractario, telhões de beiral e de caleira, telha commum e todo o material completo para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões cotovelos, bacias conicas, excentricas e outros systemas, para retreços. Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim com os restantes artigos tanto em grés como em barro.

Rua Direita n.º 9, 11 e 13.

Escritorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 **A**RMAGEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coróas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

Saboaria Nacional do Beato

DE

COSTA & CRUZ

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10

LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

LEILÃO DE PENHORES

316 **A**dro de Cima de S. Bartholomeu, n.º 9 a 11 (detraz da egreja).

Todos os dias das 10 horas da manhã ás 4 horas da tarde a principiar em 5 de agosto proximo, leilão de todos os penhores que estejam em debito de mais de trez mezes, e consta de fazendas novas, e roupas novas e usadas, chailles, machinas, instrumentos, relogios, e outros artigos.

Alipio Augusto dos Santos

RUA VISCONDE DA LUZ, 60

Previne por este meio todos os srs. mutuarios a virem resgatar ou pagar os juros até este dia, para lhe não serem vendidos ou poderem assistir, á arrematação dos mesmos.

CAVALLO E CARRO

311 **V**ende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Commercio 9 e 10, loja.

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20 — Rua do Sargento Mór — 24

298 **C**ontinua a concertar e cobrir de novo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

VENDE-SE

319 **U**m bom fogão, proprio para uma hospedaria de restaurante; tambem ha mais pequenos, para casas de familias particulares. Preços commodos.

José Pedro de Jesus

Rua das Sollas, 54

COIMBRA

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha

Anno	25700	Anno	25100
Semestre . . .	14350	Semestre . . .	14200
Trimestre . . .	680	Trimestre . . .	600

Outro caminho e outros processos

VIII

A Imprensa Republicana

Ha na Imprensa periodica alguns jornaes sinceramente republicanos, ardentemente democraticos, possuidos da mais viva fé, cheios de exemplar abnegação, alheios a qualquer especulação mercantil, limpos de macula egoista, isemptos de interesse partidario.

Sem duvida os ha, ainda que raros.

Para elles e para os seus valiosos serviços e assignalados commettimentos o nosso louvor e a nossa gratidão.

Impellidos energicamente por um poderoso sentimento de justiça, levados do amor de verdade, guiados pela estrella radiante do progresso, intemeratos jornalistas caminham sem hesitações e sem receios, avançam com passo firme e corajoso arremesso em demanda de melhor futuro, sem medo das procellas, sem temor dos naufragios, encarando friamente os perigos e promptos para o martyrio, com o coração repleto de desinteressada affeição á liberdade e com a alma arrebatada aos sublimes ideaes da sciencia nova e ás aspirações grandiosas da moderna industria.

Todo o mundo sente, e já vae comprehendendo que a sciencia nova e a moderna industria, solicitadas pelas actuaes condições e circumstancias do nosso meio social em manifesta e continua decomposição do existente, ha muito provocaram e alimentam uma crise, chegada ao seu agudo grau, e preparam uma nova phase de melhoradas transformações na vida politica, economica e moral das sociedades contemporaneas, sem exemplo na historia; em Portugal, como em toda a Europa e por todo esse mundo.

Se esses jornaes e os jornalistas, que os inspiram, e dirigem, têm a previsão clara d'esse futuro e a comprehensão, ao menos approximada, d'esses ideaes e d'essa nova phase de evolução humana, em todas as condições de existencia social, não o sabemos, nem poderíamos ao certo affiançal-o; porque taes e tão dignos jornalistas o não mostram, nem esses jornaes fornecem dados para o presumir ou calcular precisamente.

E não obstante ser de incontestavel verdade quanto a respeito d'esses jornaes acabamos de referir, digam-nos, que funcções renovadoras e educativas desempenham esses illustres representantes da Imprensa republicana em Portugal?

Quaes as noções organicas, os elementos positivos que fornecem á opinião publica e á consciencia nacional, para, por meio de uma esclarecida e oportuna orientação habilitar a mentalidade portugueza a aceitar, formar e a constituir a futura Republica?

Pela maior parte e quasi que diariamente limitam-se taes jornaes a referir e a criticar os actos praticados pela realza e pelos seus ministros.

Apontam, e stygmatisam os erros, os abusos, os escandalos, os crimes dos governantes e seus sequazes e nem sempre com bom criterio e inteira parcialidade, oscilando por vezes entre uma benevolta reserva e um descabelado facciosismo.

Lamentam, accusam e verberam as irregularidades, as ineptias, os desvarios d'essa politica compromettedora e d'essa administração ruinosa, a que preside el-rei, e que os seus ministros leviana e desastrosamente dirigem.

Denunciam com acrimoniosa censura e asperas accusações a violação das leis, as arbitrariedades dos poderes publicos, os abusos da auctoridade, e pedem que se torne effectiva a responsabilidade dos governantes, que sem escrupulos e ousadamente calcam as disposições, suspendem, e chegam, a supprimir as garantias consignadas na velha Carta Constitucional!

Investigam com avida curiosidade e discutem a sério e com attento exame todas as voltas e reviravoltas dos partidos monarchicos; como elles travam as suas luctas, e procedem em suas desavenças; como uns e outros se arranjam e governam em seus accordos; como se degladiam, e pactuam no campo insidiosio das suas ambições e rivalidades diante dos seductores attractivos de um poder ephemero, sem força, sem prestigio, e já agora sem credito nem honra.

Merecem-lhe especial cuidado as intrigas da corte e a bisbilhotice partidaria dos nossos adversarios.

Ligam excepcional importancia e o mais subido interesse ás crises e mudanças ministeriaes; como aquellas se originam, e resolvem; como estas se operam e em que condições de viabilidade e persistencia, se estabelecem e formam.

E tudo isso porque, e para que?

Que tem, ou que poderão ter com tudo isto os republicanos?

Que póde ou poderá vir a ganhar com tudo isso a causa da Republica, o estabelecimento da Republica em Portugal?

Se alguma importancia póde

ter, se alguma attenção merece tudo isso que para ali está, se decompõe, e dissolve em uma progressiva e accelerada podridão politica, em uma adiantada gangrena moral, a sua importancia é, para nós, muito secundaria, e bem caberia na secção noticiosa ou no espaço destinado aos annuncios, quando tamanha honra e consideração lhe quizessem dar os jornaes republicanos.

EMYGDIO GARCIA.

Os dinheiros publicos

Do exame das contas dos ultimos exercicios resulta para todos a convicção de que os expedientes financeiros de que os partidos teem lançado mão são outros tantos factores de ruina, pois que á proporção que os annos decorrem augmentam os deficits, aggravando cada vez mais a situação do thesouro, creando as difficuldades enormissimas que se erguem diante de todos os que pretendem estabelecer uma vida normal e regular.

As despesas orçadas são sempre excedidas pelas despesas reaes, e a receita computada é sempre inferior á que se cobra, tendo como consequencia forçada o augmento do deficit de anno para anno, em proporções taes que inspiram fundados receios.

Restringindo-nos sómente aos tres ultimos exercicios encontramos as seguintes cifras, dignas da ponderação dos que se interessam pela sorte do thesouro.

No exercicio de 1887 a 1888 a receita foi de 38.326:641:080 réis e a despeza ascendeu a réis 42.472:777:701.

D'aqui resultou o deficit de 4.146:136:621 réis.

No exercicio de 1888 a 1889 a receita foi de 38.760:385:723 réis e as despesas na importancia de 52.897:400:752 réis, o que deu um deficit de 14.137:015:029 rs.

Em 1889 a 1890 a receita votada calculára-se em 40.530:006:000 réis, mas só se chegou a cobrar 39.492:845:578 réis, o que para logo originou o deficit de réis 1:037:160:422.

A despeza auctorizada ia sómente até 51.341:172:065, tendo-se todavia pago 52.741:247:081 réis, d'onde resultou novo deficit de 1.400:075:016 réis.

Neste anno orçára-se o deficit em 10.811:166:065, mas subiu a 13.248:402:338 réis, de modo que só nesse anno o novo deficit era de 2.437:236:338 réis.

O capital nominal da divida publica, quando se iniciou a gerencia de 1890-1891, em 1 de julho de 1890, estava em réis 592.852:351:831.

Ao terminar a gerencia em 30 de junho de 1891 estava em réis 638.233:220:083.

Houve pois o insignificante augmento de 45.380:868:252 réis.

A nossa divida crescera pois, desde 1885 até 1891, apenas réis 119.394:373:165 réis!!

Em presença da eloquencia irresistivel das cifras são dispensaveis todos os commentarios.

X

Companhias Vinicolas

Diz-se que se vão crear novas companhias vinicolas. No continente e ilhas ficarão divididas em quatro zonas, ficando em cada zona uma companhia.

CHRONICAS DE LONGE

Agueda, 23 d'agosto

Eu não lhes quero fallar da historia da fundação, desenvolvimento e decadencia d'esta formosissima terra, cujas origens se perdem nas brumas dos seculos e que tem sido objecto das mais acaloradas discussões entre os archeologos e antiquarios, sem que até hoje podesse chegar-se ainda a uma resolução satisfatoria e definitiva.

Tendo-me proposto dar aos leitores do Defensor um bosquejo dos costumes e circumstancias de algumas localidades do Douro, não cabe neste logar a exposição historica de cada uma d'essas localidades, a não ser de um ou outro ponto como elucidativo d'alguma circumstancia actual.

Assim, pois, cingindo-me a este programma, não irei fazer aqui um trabalho de investigação, se bem que não me furtarei a fazel-o mais tarde, por isso que é devéras interessante este assumpto sobre que, apezar de muito discutido, ainda não foi pronunciada a ultima palavra.

Hoje fallarei apenas do natural dos seus habitantes e da fertilidade dos seus terrenos.

A população da villa e termo é laboriosa e pacifica.

Esta circumstancia, junta a variadissima aptidão do sólo, faria que Agueda se engrandecesse e tornasse rica por um commercio que em tempo foi importantissimo, se não fôra o desdem com que os politicos tem tratado este burgo. Porque o que tem atrazado esta villa, enfraquecendo os seus notaveis recursos e depauperando as suas forças vitae, é a politica, esta politica réis que se exercita nos limites irrisorios de uma constituição abandonada.

Não ignora o leitor que este circulo eleitoral é a chave da representação districtal.

No mais acceso das luctas eleitoraes, Agueda é que decide com os seus doze mil eleitores em cinco mil habitantes!—Quasi dois eleitores e meio por habitante!... E' o sistema dos accórdos e dos arranjos, caracteristico do sistema que nos rege.

Em resultado d'isto, os povos do concelho não têm occasião para se impôr, e como consequencia fatal... o abandono a que tem sido votados os nossos interesses.

Por isso Agueda é uma terra pobre pelo definhamento dos seus recursos.

Além da politica que absorve toda a attenção dos povos d'este concelho e que, como digo, tem sido uma peia a qualquer desenvolvimento, os meus conterraneos são tradicionalmente notaveis pelos seus excellentes judeus. Chegou a ter fama nas povoações mais distantes, de quando pelas festas da Paixão vinham aqui contratar os judeus para as scenas do Calvario. Os afficionados disputavam-se a honra de preferencia.

Vestidos de panninho de côres vivas com galões doirados, couraças de lata e capacetes romanos de papelão, lanças de dois metros e meio e barbas de Ferrabraz... com gestos horrorendos e vozes de trovão, iam elles, os meus patricios, em volta do andar do Christo lacrimejante, batendo com as suas armas no sólo

que estremecia como se o abalasse um cataclysmo cosmico, lançando ás multidões aterradas os seus olhares afundados, em cingulos de cortiça queimada, com choleras de alvaiade e febres de vermelhão.

As creanças estarreciam ao vel-os e os velhos murmuravam, á passagem da procissão:

—Judeus como os d'Agueda não se encontram em parte alguma.

E era verdade e por isso tinhamos nós aqui um rendoso genero d'exportação em tempo de semana santa...

Agora, a farçada acabou, mas os judeus ficaram.

E' uma especialidade da nossa terra, que d'aqui a alguns annos terá o valor de monumento archeologico.

Políticos e judeus, mas são naturalmente pacificos e inoffensivos e sympathicamente hospitaleiros.

Em Agueda, pobre como é, não se morre á fome. Bandos de passageiros, bohemios, saltimbancos, emigrados, e tudo quanto constitue a numerosissima classe de mendicantes aqui vem assentar os seus arraiaes, fiados na nossa proverbial caridade.

Temos um hospital de misericordia que, talvez por este character dos habitantes, não funciona, embora preste os seus socorros, quando sollicitados.

Como sitio aprazível, é dos mais notaveis que conhecemos. A villa, como essas construcções da antiguidade, está edificada sobre tres collinas á beira do rio Agueda. Aos seus pés estendem-se os extensos e fertilissimos campos de Assequins, Borralha e Recardães que se prolongam em todo o valle do rio até se confundirem com os campos de Vouga, que continuando-se vão formar as luxuriantes esplanadas de Almiar até Aveiro, onde as aguas entram na formosa ria.

Além da producção do milho que em Agueda é prodigiosa em tempos de abundancia, cultiva-se aqui e com notavel incremento já hoje—o vinho, o azeite, o centeio e o trigo.

Os vinhos do nosso fabrico são deliciosos e recommendam-se pela sua pureza e gradação alcoolica.

O consumo da nossa praça faz-se principalmente com productos agricolas, pescarias que aqui são trazidas do mar d'Aveiro, Torreira e Costa Nova, tecidos e mercearia.

Hoje este commercio está muito depreciado pela falta de numerario e pelo extremo augmento das contribuições que os particulares não podem pagar, tendo até definhado já alguns ramos de commercio por este motivo, sendo o nosso mercado actualmente muito pouco concorrido nos ramos que ainda se exercem.

A industria está reduzida ás artes e officios que na verdade tem attingido uma notavel perfeição.

Na Mourisca, povoação ao norte d'Agueda, exerce-se ainda desenvolvidamente a industria ferreira, e no Sardão, continuação de Agueda, ao sul, executa-se a tecelagem.

Da Mourisca e do Sardão, tão notaveis nos annos da Academia de Coimbra, direi alguma coisa brevemente.

RAPHAEL DINIZ.

SCIENCIAS, LETTRAS & ARTES

ELEONORA

Ouvi dizer que ias casar-te em breve,
— podia pois lá ser?
Talvez lembrança crua que alguém teve
de ver-me entristecer...

Mas depois que eu passei pela modista
e vi de exposição
um fulgido enzoval... perdi a vista
e tive tentação.

de amarrotar aquellas rosas brancas
de mil aromas cheias,
e apunhalá-las a ti... (Vê se me arrancas
tão letricas idéas,

porque, afinal, não vale a pena a gente
estar-se a consumir:
poisa-me um beijo nesta fronte ardente
para poder sentir

que ainda és minha amiga como d'antes...)
— Pois digo-te a verdade:
sabe que estive por alguns instantes
morrendo de saudade...

De saudade por ti, que te lembrasse
abandonar-me, sim...
(Dá-me outro beijo; agora aqui na face,
que inda não 'stou em mim!)

E se fosse verdade? que loucura!
Podia pois lá ser?
— era o mesmo que abrir me a sepultura,
o mesmo que morrer!

Mas olha que tremi — lembrança louca,
e o cráneo incendiado...
(Mais outro beijo... dá-m'o aqui na bocca
e fico socegado...)

RODRIGUES DAVIM.

A NOIVA

Havia cinco dias que ella tivera o primeiro filho. Com a cabeça escondida entre tufos de rendas, a noiva adormecia, languidamente, tendo os cabellos espalhados sobre as almofadas, em ondas de ouro enovelado e quente.

Era ao entardecer: o sol tentava ainda resistir á escuridão da noite que subia, e no quarto de uma atmospherá balsâmica ouvia-se apenas o monotonó embalar do berço. Lá fóra, as aves chilreavam, incessantemente, descrevendo largas curvas na profunda amplidão do espaço, e, através os vidros das janellas, que o sol tingia de varias côres, via-se desenhá, com uma nitidez admirável na vastíssima tela do Azul, ostentando-se com a magestosa serenidade das coisas immoveis, as ondulações graníticas dos montes e as fórmas exóticas das arvores... Junto ao leito, afagando aquellas mãos pequeninas e delicadas, ainda pallidas da febre, sob cuja epiderme finíssima se distinguia as linhas azuladas das veias, o marido olhava extasiado aquella figura de anjo, duas vezes sagrada pelos nomes de esposa e de mãe. Ella fitava-o voluptuosamente, os olhos meio fechados, por onde o somno adejava as suas azas enormes, desfelchando papoulas invisiveis de um narcotismo extremo.

O sol declinava mais e mais: no quarto, os objectos avultavam-se de fórmas, enquanto os espelhos empallideciam nas suas molduras entalhadas, e os vidros, ainda cheios de remedios, projectavam scintillações fulvas sobre o marmore polido do tocador.

Ella afundava-se, serenamente, no olhar adorável do marido. A lua começava a inundar de luz o quarto, brincando nas cortinas do leito, bordadas em relevo, e pon-

do pequeninas filigranas de luz no tecido transparente da cassa; e elles atrahiam-se, apertando as mãos numa brandura calida, mas permanecendo estaticos, mudos, lendo apenas no olhar um do outro o mundo infinito de doçuras que lhes trasbordava da alma.

De subito, um vagido debil, quasi que imperceptivel, saio do berço: então, como se algum ente invisivel os tivesse approximado, um estremecimento suavissimo percorreu o corpo d'ambos. Ella ergueu-se de repente, puchando-o para si, estendendo-lhe os braços divinamente bellos e nús, como pedindo-lhe que a devorasse num longo beijo d'amor.

Atravez os bordados da camisa, meio desabotoada e aberta, o seio, d'uma alvura deslumbrante, desenhava a sua curva musical, arfando numa anciedade dulcissima, enquanto os labios embranqueciam pouco a pouco, e os cabellos espalhados sobre as almofadas, rolavam para o chão, estorcendo-se pelo tapete num mar d'ouro encapellado, enorme...

E aquellas boccas uniam-se, collavam-se numa profusão infinita de beijos, beijos loucos, ardentissimos, d'esses beijos que realisam a fusão de duas almas, e que são neste mundo o unico reflexo das felicidades do céu...

A noite ia alta, e o luar continuava inundando o quarto e o leito, banhando, com a sua luz suave, o rosto formosissimo da noiva.

Lá fóra, os rouxinoes gemiam a sua ultima ballada, enquanto a Natureza estuava de calôr, e as phalenas, estonteadas de prazer, realisavam connubios voluptuosissimos nos calices vermelhos dos cactos...

Lisboa, 1883.

RÇA DE ALMEIDA.

TESTA & C.^a

(7) (COSTUMES FIM DE SEculo)

II

Uma noite, altas horas, achou o frade a menção da sua familia num alfarrabio que passava aos olhos dos bibliographos como o espiolhador mais consciencioso da regia parentella espuria

— Eureka!
Tinha encontrado; surgira-lhe, a paginas 102, a arvore geneologica da familia dos Testas, cujos brazões, segundo resava a «Verdadeira e Authentica Nobliarchia Lusitana», constavam de uma cabeça de veado em campo d'ouro, bordado de flôres de lys.

Eram estes brazões cortados por uma lamina d'aço (signal evidente de bastardio regia), e a sua antiguidade, como a sua origem, collocavam Frei Bernardo no direito de esperar, sem favor, a graça de chronista official da casa de Bragança.

A familia dos Testas descendia de D. Fernando, o formoso.

O amante de Leonor Telles tratava d'amor com a esposa de um armeiro do paço, marafona de sangue azul que synthetisava a moralidade da côrte no orgulho com que, por esses tempos, ostentava o desbragamento dos seus escandalos. Nasceu d'essas relações um Affonso, a quem o monarcha inconstante, além de dar a vida, brindou com o titulo de moço fidalgo (foi duas vezes grande porque foi duas vezes pae! dizia o auctor da «Nobliarchia».)

Affonso recebeu o appellido de Testa, provavelmente em memoria do armeiro, marido legitimo de sua mãe, concubina de D. Fernando, o qual armeiro (elucidava ainda o velho livro de nobreza) adoptou o moço fidalgo como se seu filho fóra, dispensando-lhe disvellos e cedendo em seu proveito avultados bens de fortuna.

Este armeiro, segundo asseverava o auctor da obra, tornára-se notavel pela testa, que no tempo do desventurado Lourenço da Cunha era uma das maiores que se conheciam.

Testa notavel... e tão notavel que um poetastro da côrte ensaiou na frente do armeiro o genero do epigramma, a exemplo do monarcha, que não contente em lhe apelintrar a mulher, lhe troçava a testa.

No dizer do livro era extraordinaria aquella frente para homem, como o armeiro, de tão apoucado cerebro e tão privilegiado estomago!

Seria em honra do seu bemfeitor que Affonso tomou para si o sobrenome de Testa?

O que era incontestavel, e alli estava escarrapachado em letra redonda, era o facto de ser o primeiro membro da familia de frade cruzio um filho esquerdo de monarcha lusitano?

No tempo de D. João III encontrou, seguindo sempre as suas investigações, dois maiores illustres: um conde, e um cavalleiro de Christo.

A familia, a partir d'essa data, ramificava-se, dividia-se por fórma que Frei Bernardo temia vê-la descer da concubinação doirada do paço real até ao fandango indisciplinado da Mouraria.

Ahi encontrou, realmente, e com bastante magua, na epocha de D. Sebastião, um malandro d'um Testa que preferira embebedar-se com a bodega das espeluncos, que preferia rebentar de fome e morrer de frio, vagueando pelas viellas do bairro immundo, que preferia abandonar para sempre os doirados salões do lupanar da côrte, a firmar com o seu nome um documento de submissão á Hespanha, em que o nosos fidalgos reconheciam o direito

de successão a Philippe, de Castella, e vendiam a sua independencia de portuguezes á ambição do duque d'Alba.

Este antepassado do frade cruzio fóra um biltre — homem que degenerára da sua raça, dizia o auctor do calhamaço.

Frei Bernardo, que não degenerára, horrorisava-se, e como não còrava, nem mesmo com o vinho, empallidecia de vergonha, e murmurava, sob as vistas do Christo, muito enxofrado nos seus fóros legitimos de regia descendencia illegitima:

— Um malandro!... Viver na Mouraria!... E' assim que se desacredita a honra d'uma familia e se compromettem os brazões de uma casa! Raios o partam!...

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Novo poema de Guerra Junqueiro

Guerra Junqueiro é um nome que na nossa alma se associa sempre a uma alta nobreza intellectual e a uma absoluta integridade de character, ao mesmo tempo que nos lembra, que neste afundar da nacionalidade portugueza, sem ideaes, sem sciencia e sem vergonha, ha um homem que se impõe e destaca notavelmente d'este formigueiro de nullidades.

Pois Guerra Junqueiro já communicou a um seu amigo, que actualmente continúa trabalhando no seu ancedo poema — a Agonia — que deve ser publicado em dezenbro proximo.

A Agonia destinava-a o glorioso poeta para o dia da revolução portugueza; mas na estagnação dos brios nacionaes, na hypnose degradante que faz do paiz um automato, sem vontade e sem energia, o dia da redempção afigura-se tão longe, que o poema de Guerra Junqueiro, em vez de ser o clarim de guerra, vibrante e heroico, a entoar o triumpho d'uma Nova Era, é o estertor do moribundo, a annunciar, se não a morte immediata da nacionalidade portugueza, pelo menos o aniquillamento dos brios d'um povo que, depois de tragicas epopeias de valor e de heroismo, se debate agora nas vascas de uma agonia miseravel.

Albano Coutinho

Este nosso illustre correligionario e abastado viticultor da Bairrada, que nos seus vastos vinhedos tem applicado uma cultura scientificamente orientada, acaba de assistir em Lyon a um importante congresso que sobre viticultura se realisou naquella cidade franceza.

O sr. Albano Coutinho foi em Lyon rodeado do maior numero de considerações, dignas dos generosos francezes e das elevadas qualidades de character do nosso amigo.

O nosso paiz foi brilhantemente representado naquelle congresso, e, neste tempo de desalentador menospreço com que os estrangeiros nos tratam, faz-nos bem saber das delicadas attentões e gentilezas que foram prestados ao nosso illustre amigo.

Previsão do tempo

O celebre meteorologista Noherslesoom conhecido mais pelo saragoçano previne para o restante mez corrente o seguinte tempo:

De 22 a 27 predominará na peninsula mau tempo improprio da estação a que porá termo o persistente regimen chuvoso e tempestuoso dos dias 24 a 27.

O dia 26 será o mais tempestuoso, com vento SO. e NO. De 28 a 31 a peninsula será invadida por altas pressões, que farão voltar o bom tempo, em geral.

Interesses e noticias locais

Ao sr. commissario de policia

Na terça feira, quando o dignissimo juiz de direito d'esta comarca ia para o tribunal, um cão, contorcendo se na mais cruciante agonia, produzida pelo veneno que os beaguins do sr. commissario lhe haviam propinado na celebre bola, foi de encontro áquelle magistrado, que se impressionou extraordinariamente com aquella scena tão impropria de uma cidade civilizada.

S. ex.^a por muito tempo não pode dominar a commoção nervosa que aquelle edificante espectáculo lhe produziu.

Temos por varias vezes reclamado contra a maneira como se exerce este serviço em Coimbra, mas até hoje ainda não lográmos ser attendidos. Porque será? Occorre-nos fazer esta pergunta, porque não é crível que o sr. commissario de policia desconheça o modo como se faz o serviço de exterminar os cães vadios.

E dado como certo que o sr. commissario conhece este pessimo serviço, proprio de selvagens, é permitida, mais do que qualquer estranheza, a mais acre censura á negligencia com que aquelle funcionario deixa continuar a repetição frequente de tão estupidas scenas. D'antes, os cães vadios eram caçados de noite, á rede, e só depois eram exterminados num local escuso. Porque não se praticará ainda hoje assim? Se aquelle meio não dava bons resultados, por quaesquer circumstancias que ignoremos, porque não se ha de estudar a applicação d'um outro meio qualquer?

Parece-nos que não será difficil obstar á estupidez d'este serviço, como elle agora se pratica; mas como a verdade é, que as coisas pequenas são proprias só dos insignificantes, o sr. commissario suppõe, talvez, que a elevação superior do seu cargo é incompativel com estas pequeninas coisas do serviço policial.

E estamos certos de que, ás reclamações da imprensa e de todos aquelles que se indignem com a selvageria dos policias que matam os cães á luz do dia, inflando o seu pescoço curto, elevando a sua importancia ao rubro, com mais um piparote no chapéu que lh'o leve á nuca, mettida uma das mãos na cava do seu bello collete branco e com a outra brandindo o seu bengalão da secreta, o sr. commissario responderá, a largos passos, cheio de pose e de intimativa: — De minimis ne curat proctor!...

Nós então permitir-nos-emos observar, que nem tal serviço é positivamente insignificante, nem o sr. commissario é positivamente pretor.

E por isso, se o sr. commissario receia que lhe fique mal o intrómetter-se neste pequenino serviço, creia s. ex.^a, podem dar-lhe a nossa palavra, que lhe fica até muito bem.

Letras falsas

Descobriu-se que dois commerciantes, um d'esta cidade e outro de S. João do Campo, haviam descontado em diversas casas d'esta cidade letras falsas, o que deu logar a que ambos se evadissem, suppondo-se que fossem para o Brazil.

E' ainda importante a quantia das letras falsas descontadas pelo negociante de S. João do Campo, que sobe a cinco contos de réis. Dizem ter ficado responsavel pelo pagamento d'essa quantia a esposa do falsificador, que se valia do nome de menores para accetantes das letras, sendo elle o saccador.

Vae-se abrir fallencia ao commerciante d'esta cidade, que affirmam ter um passivo de 16 contos de réis.

O governador civil processado

Afirma-se que a comissão do recenseamento de Penacova está resolvida a intentar processo criminal por abuso de auctoridade, contra o governador civil de Coimbra, sr. Neves e Sousa.

A este funcionario tem feito grandes elogios um collega conimbricense, cobrindo-o com tantas e tão raras virtudes que é inacreditavel que s. ex.^a praticasse tão incrível acto.

A modos que o chefe do districto o facto de que se accusa é de primeira ordem no que toca a arbitrariedades e outras cousas ainda mais feias.

E' questão de recrutamento, o que equivale dizer que é negocio de compromissos politicos, de promessas eleitoraes, que alguém quiz impedir ou obstar.

O aterro no Caes

Informam-nos de que no proximo sabbado terminam os trabalhos de aterro no novo Caes, ás Ameias, onde está installada parte da feira de S. Bartholomeu.

O espaço que falta para aterrar aquelle local é tão pequeno que uns dias mais e tudo ficaria completo, evitando-se que aquelle sitio continue a ser deposito de immundicies.

Não sabemos o que dá logar a resolução tão disparatada, mas seja o que fór, os trabalhos de aterro nunca deviam suspender-se em tal altura, para não ficar alli existindo aquelle fosso com que nada lucra a hygiene, se bem que indica uma má vontade da parte dos dirigentes d'estes trabalhos.

Uns cinco dias, dizem-nos, eram sufficientes para atulhar o pequeno espaço que se deixa aberto, mercê não sabemos de quem, que dá de si uma triste ideia.

Obras no Bussaco

Vão começar as obras de reconstrucção dos annexos do convento, annunciando-se para o dia 2 do proximo setembro a arrematação em carta fechada, de trestarefas que constam: deapparelhos de cantaria de Ançã e Outil, em molduras e lisos, pilastras e ornato.

As condições estão patentes na secretaria da matta do Bussaco.

Pombos-correios

O sr. Marques, sargento de infantaria 23 tem-se dedicado com incedível zelo ao serviço dos pombos-correios pertencentes ao seu regimento, e com tão bom exito que nenhuma das experiencias feitas lhe tem falhado.

No sabbado passado foram os srs. Marques, Adriano da Silva e Sousa e outros cavalheiros ao Bussaco, soltando da Cruz Alta, ao meio dia, cinco pombos.

Os tres pombos do sr. Marques chegaram ao quartel do regimento immediatamente, gastando só 10 minutos; porém, os dois do sr. Adriano ignora-se o seu paradeiro.

Roubo

A policia averigua acerca d'um roubo feito em Villa Pouca do Ameal, no dia 17 do corrente.

O roubo foi em dinheiro e objectos d'ouro 240.000 réis em prata, e 2.7600 réis em notas, dois cordões e dois aneis.

Como a familia que habita aquelle predio estava ausente, os ladrões aproveitaram aquella occasião, arrombando as gavetas d'uma commoda onde estava o dinheiro e o ouro, que levaram.

Ha esperanças de em breve serem apanhados os auctores d'este roubo.

Festividade

Na igreja de S. Bartholomeu, celebram-se no dia 24, pomposas festas ao seu orago, havendo missa cantada e sermão pelo sr. padre José Pinto Machado.

Cemiterio da Conchada

Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria, filha de Antonio Dias Themido e Maria da Conceição Figueiredo Themido, de Coimbra, de 1 anno. Falleceu de impudismo, no dia 12.

Recemnacido, filho de Manoel Augusto da Silva e Maria de Jesus e Silva, de Coimbra, de 2 horas. Falleceu de debilidade congenita, no dia 15.

Luiz, filho de Bernardo Nunes da Costa e Maria de Jesus, de Coimbra, de 17 mezes. Falleceu de enterite tuberculosa, no dia 16.

Hypolito Paes de Moura, filho de Antonio Paes de Moura e Perpetua da Conceição, de Santa Combadão, de 40 annos. Falleceu de tuberculose, no dia 17.

Todas as minudencias do processo foram contadas a Pio IX que se exprimiu em termos benevolentes para Debora numa entrevista intima com o cardeal presidente do tribunal de appelação. Santa-Scala não perdeu um momento para annunciar á filha de Constantini tudo o que o santo padre lhe tinha dito, e Debora, ebria de alegria e não sabendo como reconhecer esta augusta benevolencia, teve uma ideia que communicou ao cardeal e que foi approvada: tratava-se de enviar ao papa como presente, a estatua de Moysés esculpida por Bezzi para lady Stumley. Tomada d'esta ideia, Debora foi á sua villa de Albano, afim de alli dar as suas ordens. Virgilio precedeu-a. Os cultivadores viram, ao romper d'aurora, fluctuar o signal de seu antigo chefe no cume do mais alto choupo e de todos os pontos da campina elles correm para as margens do lago, levando á frente Gedeão. A profunda tristeza de Virgilio não escapou á sagacidade da filha de Constantini que advinhou logo a causa. Sabendo a nova da absolvição de Debora, Gedeão abandonou os seus companheiros e correu á villa para abraçar sua irmã.

Este primeiro movimento tão natural destruiu toda a outra ideia.

Maria da Piedade, filha de Joaquim da Fonseca e Barbara Theresa, de Coimbra, de 57 annos. Falleceu de insulto apoplectico, no dia 18.

Luiza Maria, filha de João Soares e Anna Maria, de S. Paulo de Frades, de 80 annos. Falleceu de caxechia senil, no dia 19.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio — 17.475.

Governo arbitrario
—Contas de sacco

Vem decorrendo já mais de meio seculo de governo constitucional; em tão longo periodo, os mandatarios d'este paiz não têm feito outra coisa mais, do que contrahir fabulosos emprestimos, e lançar impostos aos explorados contribuintes! E quanto mais emprestimos, quanto mais tributos; a divida nacional avolumou-se espantosamente! Não se podendo pagar os juros d'ella, para vergonha e deshonra nacional, os devoristas depositarios do poder viram-se forçados a declarar a bancarrota!... e a tributação continúa a ser uma indignissima extorsão, que muitos contribuintes já sem camisa vêem-se na triste necessidade de deixarem tirar a pelle!

Têm-se gastado rios de dinheiro! A corte sempre em folia! ainda bem não se acaba uma festança, já estão duas, tres em andadura.

As magestades vão ao Porto, vão ao Alemtejo, vão a Braga, vão a Guimarães, vão a Hespanha; enfim vão ao cabo do mundo! isto leva rios de dinheiro sem que nunca se saiba porque verba orçamental saiem estas ostentosas viajatas!

O que quer isto dizer? O que quer dizer, é que — governo arbitrario, contas de sacco; quer ainda mais dizer que com governos immoraes, sem escrupulos, é facil desviar do thesouro sommas importantes, sem que nunca se saiba ao certo que sumidoiro tem o dinheiro arrecadado nos cofres publicos.

Todos os governos da carta outorgada têm grandes culpas na ruina e humilhação d'este triste Portugal; mais é preciso dizer-se que o agrupamento pseudo-regenerador tem sido um mãos largas, um esbanjador intoleravel.

E ahí está a principal razão porque o partido regenerador ha 20 annos a esta parte, tem tido quasi sempre o monopolio da governança!

Se os gabinetes dos ministros, e as ante-camaras dos camarilhei-

Mas os braços de Gedeão foram como feridos de paralyasia quando Debora lhe appareceu, não sob o modesto costume do Ghetto, mas em todo o brilho aristocratico de lady Stumley. Ella mesmo se espantou da commoção e palidez de seu irmão, estendeu-lhe as mãos com uma frieza que teria feito admirar as testemunhas d'este encontro; felizmente não havia testemunhas. Debora estava neste momento no atelier de esculptura, e contemplava a estatua de Moysés, regosijando-se de a ver tão bella, e tão digna de ter o pedestal em uma das galerias do Vaticano. Por uma d'estas afinidades magneticas, bem mais fortes ainda entre duas organizações do mesmo sangue e da mesma natureza, Debora comprehendeu que a cura de seu irmão não estava completa, e que talvez Gedeão, filho do deserto, não julgasse impossivel este amor de que havia exemplos biblicos, nas primeiras edades do mundo, quando mesmo Deus auctorisava a que um irmão desposasse sua irmã. Este pensamento que era sufficientemente justificado pela perturbacção de Gedeão, fez commetter a Debora uma imprudencia que ella tomou por um acto de grande sabedoria e que sómente a inexperiencia d'uma creança pode ex-

ros fallassem, o que nos diriam ellas?...
Quanto tem custado aos cofres publicos as grandiosas viajatas reaes, ás provincias? Ninguem o sabe. Quanto lhe tem custado adornos e pedrarias, concertos de palacios, de estradas, d'avenidas, para serviço da corte, acontecendo por vezes não chegarem a ser utilizados esses enormes dispendios?

Conclue se logicamente que essas sommas importantissimas, são distribuidas por diferentes verbas do orçamento geral do Estado, sendo por consequencia tal documento uma falsidade, uma indecente burla.

Um facto explica o outro. E' logico — Governo, arbitrario contas de sacco.

Que rumo levariam os 1:700 contos de reis que em tempo faltaram numas celebres contas de armamentos? A imprensa periodica largamente se occupou de tal sumisso.

O Preto de Castello Branco, na camara dos pares atirou-se ao Fontes, como gato a bófes — que queria alli tim, tim por tim tim aquelle escura negociata posta em pratos limpos, — mas... afinal lá se entenderam ambos, e o paiz ficou a vêr navios!...

Este miser Portugal tem sido, continúa a ser um verdadeiro pinhal d'Azambuja, patrimonio exclusivo da real estirpe, e de toda a casta de parasitismo inherente.

Não ha meio que se não tenha posto em acção para se conseguir o fim — saquear os cofres publicos.

E que os principios politicos dos homens que nos governam estão no estomago; em consequencia é preciso comer, comer muito. Para comer é necessario deixar comer; o Sampaio do espectro, disse uma grande verdade — ladrões não se encobrem de graça.

Vêm-se por ahí figurões que ha poucos annos, no principio da sua carreira... politica, não passavam de uns pelintras de meia tigela, e hoje!... hoje são grandes proprietarios e capitalistas!

Neste momento, em que a nação é humilhada, e scarnecida, a braços com formidaveis crises, com o seu credito cá dentro e lá por fóra arrastado pela rua da amargura; as festas realengas não têm fim! são bailes, são illuminações, ceias, comboios especiaes; um delirio! Quanto custará tudo isto ao depauperado thesouro?...

A explicação de todos esses factos assombrosos, está na tolerancia de se consentirem governos immoraes e arbitrarios como o

plicar. Debora suppoz completar a cura de seu irmão, fazendo a confidencia do seu amor por Virgilio. Gedeão era bantante honrado para lutar inergicamente contra uma paixão que de repente tomára um caracter incestuoso, mas a ideia de ver um outro homem amado por sua irmã, que era ainda um pouco lady Stumley, pareceu-lhe insupportavel; se a terra neste momento se abrisse sob seus pés, não experimentaria maior commoção, no entanto contêve-se heroicamente, e á força de estar succumbido, pareceu ficar resignado. Debora amava Gedeão com esta pura affeição de familia que parece ser o amor dos anjos. Estendeu-lhe a mão, como para uma reconciliação entre parentes, e os seus labios tocaram a fronte do mancebo... Gedeão sentiu correr pelos seus cabelos o halito suave de lady Stumley, e o ardente arabe do deserto, arrastado pelo delirio, soltando um grito de terror, levanta as mãos para o ceu e, estremeendo todo, recuou até ao limiar da porta e fugiu como um criminoso.

Atravessou o jardim, os bosques, a plamcie, e só parou diante do grupo dos cultivadores que ainda retinham Virgilio para este lhes contar minuciosamente a historia irritante da sua injusta pri-

que para vergonha eterna dos portuguezes, ahí está ainda dando as cartas ao paiz!

As contas? mas as contas? As contas, são contas de sacco; contas de sacco para as recepções, para as viajatas, para as folias, para a ostentação do parasitismo da corte, para o luxo desregrado, para toda a casta de dissipações... para tudo quanto constitue neste abençoado torrão a pureza das instituições que nos governam!

Povo, tu que vens de tão longe sendo roubado, ludibriado, tendote na conta d'um estúpido carneiro; quando te resolves a pegar num vergalho para correr esta cambada governativa que te explora, que te vende?

A. M.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 1.800 a 1.810 réis, o decalitró.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 460 — Dito amarello, 440 — Trigo de Celorico, grando, 550 — Dito tremez, 530 — Feijão vermelho, 480 — Dito branco, 420 — Dito rajado, 390 — Dito frade, 370 — Centeio, 380 — Cevada, 240 — Grão de bico, grando, 580 — Dito meudo, 560 — Favas, 370 — Tremoços, 260.

O agio das libras a 1.360; ouro nacional, grando, a 28 1/2, e o miudo a 27 1/2.

Bric-à-brac

Numa repartição publica. Um amanuense para o chefe: — Vanho pedir desculpa de ter faltado hontem. Minha senhora teve um parto...

— Bem, está desculpado. Tres dias depois: — Faltei hontem. Peço desculpa a v. ex.^a. Minha senhora teve um parto... — Bem, está desculpado. (A parte): — Esqueceu-se de que ainda ha pouco me deu a mesma desculpa...

Oito dias depois: — Peço desculpa a v. ex.^a da minha falta de hontem. Minha senhora teve...

— Um parto? Tres partos por mez? isso não é mulher, é uma coelha!

O amanuense, com o melhor dos sorrisos: — Não é coelha, não senhor, é parteira:

são. O filho de Josué ardia em febre sem que ninguem suspeitasse a sua origem; tambem as palavras que elle pronunciou, chegando, produziram immenso effeito, porque pareciam sahir de um coração ulcerado pela oppressão e pelas crises politicas do momento.

— Ainda ahí estaes, em pé, gritou elle, como homens que nada teem a vingar nem a punir! Quanto a mim eu era um chefe indigno de vós, eu sei e confesso-o altamente; mas o vosso chefe voltou, Virgilio está á vossa frente, que esperaes pois nobres filhos do escravo Spartaco, todos ainda escravos, como elle ha dois mil annos? Haverá no ceu uma paciencia igual á do homem? Será possivel que uma nação soffra vinte seculos e encontre sobre a terra a eternidade do inferno? Partamos todos, forjemos armas com o ferro das nossas charruas; quebrems as portas dos arsenaes, sublevemos todo o campo romano ao grito de liberdade!

J. MÉRÉ
DEBORA
XVII
A sacra-consulta

Um grito de alegria unanime rebentou na sala, e Clelia disse a Jubelin:

— Esta boa gente vê que tudo acabou!... Venha, preciso de ar, falta-me a respiração... Esperamos dois cavallos no Monte-Citorio, em frente da loja do meu cabelleireiro. Vamos passear até á porta de S. Sebastião. Um outro processo criminal vae principjar, e eu me transformarei em juiz sem tribunal.

XVIII
A Partida

Foi grande o rumor na cidade no dia seguinte ao da sentença da sacra consulta.

Uma judia levada ao tribunal tinha sido absolvida! Nunca em Roma se tinha dado tal caso, depois do imperador Tito.

LIVROS

Annuncios *gratis* recebendo-se um exemplar.

PRINCIPIOS ELEMENTARES

DE
Chorographia de Portugal

para as escolas de instrução primaria complementar, e habilitação para os exames nos lyceus e dos candidatos ao magisterio primario, e bem assim para as escolas industriaes e agricolas; illustrada com gravuras, e o respectivo mappa chorographico do continente, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas; a qual coordenou em harmonia com os ultimos programmas officiaes

Ricardo Diniz de Carvalho

empregado no Lyceu Central de Coimbra, professor particular d'instrução primaria e musica, socio effectivo e honorario da Associação dos Artistas da mesma cidade, e socio honorario da Sociedade Fomento das Artes de Madrid.

2.ª EDIÇÃO

Preço, 160 réis

Vende-se na livraria de Francisco França Amado, editor, rua Ferreira Borges, 141 a 143.—Coimbra

A QUESTÃO SOCIAL

Conferencias realisadas no Athenaeum Commercial, por Magalhães Lima, José Benevides e Fernando Martins de Carvalho—1 vol.

José Bastos, editor—R. Garrett, 75, Lisboa.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acaba de sair do prelo a 9.ª edição do *Manual do distillador, licorista e perfumista*, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescos, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o toucador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este *Manual* é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com capa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a *única* que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
Repetições 20 réis
Para os srs. assignantes des-
conto de 50 %
Contracto especial para an-
nuncios permanentes.

Tribunal do Commercio de Coimbra

Arrematação

(1.º annuncio)

329 **P**elo cartorio do escrivão privativo José Lourenço da Costa, se ha de proceder, no dia 2 do proximo mez de setembro, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, á venda e arrematação em hasta publica, de todas as dividas activas, descriptas na relação apresentada pelo administrador da massa fallida, e junta ao processo de fallencia do commerciante, d'esta praça, Manuel Marinho Falcão, pela quantia de 328899 réis, isto é, 95 % de abatimento do seu valor.

Verifiquei a exactidão.
O juiz presidente,
Naves e Castro.

CAIXEIRO

326 **O**fferre-se com pratica de fazendas brancas.
Tem razoavel calligraphia, e sabe alguma coisa de Escripuração Commercial.
Carta a esta redacção com as iniciaes E. L.

ARRENDAM-SE

328 **A**rrendam-se duas casas, uma, na rua do Loureiro, n.º 58, com 17 compartimentos outro, na rua dos Anjos, n.º 12, com 9 compartimentos.
Para tratar em casa de Vaz, cahelleiro, na rua de Sá do Miranda, (antiga rua do S. João) n.º 20.

VENDE-SE

327 **U**m bom predio de casas com 4 andares, loja e bom pateo, sita na travessa da Mathematica, n.º 11 e 13.
Tem lindas vistas, d'onde se disfructa um bonito panorama.
Trata-se com Antonio Simões Peixeiro, largo do Salvador, n.º 2; Coimbra.

Saboaria Nacional do Beato

COSTA & CRUZ

Correspondencia e caixa
10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10
LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

NIVEL D'AGUA

COM
TUBOS DE METAL

323 **V**ende-se com tripé e mira. Nesta redacção se diz.

Mudança de liquidación de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidación na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar em-
pignens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes
pharmacias. Deposito geral—Pharmacia Rosa & Viegas,
rua de S. Vicente, 31, 33—Lisboa—Em Coimbra, na
drogaria Rodrigues da Silva & C.
N. B.—Só é verdadeira a que tiver esta marca regis-
tada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893.—ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO
(JUNTO Á UNIVERSIDADE)
COIMBRA

Nesta já bem conhecida **Agencia** continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia, e outras, — Certidões — Attestadas — Matriculas, etc., etc.*

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escolas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta **Agencia** fur-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuas, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta **Agencia** receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

DEPOZITO DA FABRICA NACIONAL
DE
BOLACHAS E BISCOITOS
DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

128, Rua de Ferreira Borges, 130

COIMBRA

3 **N**ESTE Deposito regularmente montado, se acha á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Corôas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17—ADRO DE CIMA—20

COIMBRA

AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRAS

ARTIGOS DE GRÉS

206 **G**rande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refractario, telhões de beiral e de calcira, telha commum e todo o material completo para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões cotovellos, bucias conicas, excentricas e outros systemas, para retretes. Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim com os restantes artigos tanto em grés como em barro.

Rua Direita n.º 9, 11 e 13.
Escriptorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.

COIMBRA

QUINTA

324 **A**rrenda-se ou vende-se uma muito proximo de Coimbra.
Para tratar, rua Ferreira Borges, n.º 77 a 81.

VENDA

308 **V**ende-se uma aranha usada.
Para tratar com Francisco Nogueira Secco.
Terreiro da Erva — Coimbra.

CAVALLO E CARRO

311 **V**ende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Commercio 9 e 10, loja.

CASA DE PENHORES

NA
CHAPELERIA CENTRAL

77, Rua Ferreira Borges, 81

2, Arco d'Almedina, 6

Coimbra

112 **E**mpresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.
Juro modico, como podem experimentar.

ATTENÇÃO

O proprietario d'esta casa, Joaquim Maria d'Almeida, pede a todos os srs. mutuarios a fineza de virem pagar os juros em atrazo de mais de 3 mezes, para evitar que os valores depositados sejam vendidos.

QUINTA

325 **A**rrenda-se uma no sitio do Almegue. Para tratar Rua dos Sapateiros n.º 74 a 80

JULIÃO ANTONIO D'ALMEIDA

20—Rua do Sargento Mór—24

298 **C**ontinua a concertar e cobrir de novo, guarda-soes, de boa seda portugueza, pelos preços já annunciados. Tambem tem paninhos e bons setins, para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento compram-se guarda-soes usados.

ACTURAS

IMPRIMEM-SE
Typographia Operaria
Largo da Freiria, 14
Coimbra

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60,
(REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14
(Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha Sem estampilha

Anno	24700	Anno	25100
Semestre	12350	Semestre	12300
Trimestre	680	Trimestre	600

Outro caminho e outros processos

IX

A Imprensa Republicana

Não queremos, em tudo aquilo que temos ponderado, dizer que aos republicanos não convenha indagar e saber, e á sua Imprensa não incumba a tarefa de descobrir e referir diariamente á opinião publica e submeter ao julgamento da consciencia nacional os erros e os abusos, o dever de denunciar os escandalos e os crimes, commettidos pelos governos e pelos partidos da monarchia, á qual andam associados como co-reus, cúmplices e conniventes.

Outros assumptos, porém, occorrem de maior vulto e immediato interesse, outras necessidades impendem mais momentosas e urgentes, que reclamam a nossa attenção e essencial cuidado, bastantes por si só para absorver os nossos esforços e que bem mais do que quaesquer outros merecem, e exigem a applicação escrupulosa e o util emprego dos nossos recursos.

Outros assumptos ha dignos da attenção e dos esforços da Imprensa republicana; porque a ella principalmente pertence exigir, illustrar e fortalecer as columnas, sobre as quaes tem de ser levantada a grandiosa fabrica e sólidamente construido e decorado o magestoso edificio da Republica Portuguesa, que a todos nos abrigue á sombra da liberdade e da justiça, e nos livre e defenda da ignorancia da miseria, da oppressão, do obscurantismo, das vergonhas e dos vilipendios, a que nos trazem acorrentados a monarchia e os seus partidarios, que já os não ha por convicção e patriotismo, mas unicamente por interesses pessoas e sordida especulação que só a monarchia lhes consente, provoca, auxilia e garante em parceria de lucros, em uma especie de sociedade anonyma de irresponsabilidade illimitada!

E em verdade o que são, o que valem e para que poderão servir as ruinas, os escombros, em que se desconjuntam, e escalambram as instituições monarchicas, a realza, as prerogativas da corôa, os seus indispensaveis accessorios, os ministros e os partidos do rei?

Para os republicanos é indifferente a vida publica e particular da monarchia. Indifferente que a realza faça bom ou mau uso das prerogativas da corôa; que o rei cumpra ou deixe de cumprir com escrupulosa legalidade constitucional, com irreprehensivel e conscienciosa moralidade os seus deveres.

Para os republicanos,—a monarchia, a realza, as funcções e os deveres do rei, que na qualidade de funcionario publico e homem particular, é um irresponsavel, são inutilidades, meras phantasmagorias.

Para os republicanos é indifferente que a *Carta Constitucional* se cumpra e seja observada, que a façam observar e cumprir, que seja letra morta ou letra viva.

A *Carta Constitucional* é, e representa para os republicanos um papel em branco.

Não é o lábaro de um partido hasteado nas fortalezas da ordem, como signal de liberdade e justiça, e fluctuando aos ventos renovadores do progresso e da civilização.

E' a velha e pobre mortalha lançada sobre o moribundo, urna funeraria, que apenas encerra os frageis restos de um regimen cadaverico, os despojos inuteis de instituições mortas, e para as quaes nem sequer ficarão na Historia as saudades, o respeito, nem ao menos a piedade e a compaixão do Povo, que tiver a coragem e praticar a virtude de as descer á terra e esconder na valla dos esquecidos.

Para os republicanos é de todo o ponto indifferente que entre para os *conselhos da corôa*, e sejam ministros d'el-rei estes ou aquelles.

Regeneradores ou progressistas, partidarios ou extra-partidarios, velhos ou novos, fieis ou dissidentes, tanto valem uns como outros; são todos a mesma cousa; fazem todos o mesmo; o producto de taes combinações e misturas é de um *isomerismo* persistente e inalteravel; porque todos elles são monarchicos e conservadores do existente; todos estão ao lado do rei e ao serviço da dynastia, quando os republicanos estão ao lado do Povo, que a realza opprime, e ludibria, ao serviço da Nação, que os monarchistas exploram e os dynastistas deshonram.

Que nos importa, a nós republicanos, essa monarchia e esses governos, que recebem uma bofetada da Inglaterra, e soffrem, e calam humilhados, e ainda por cima pagam tão aleivosa affronta!

Que levam da Allemanha um valente pontapé, e submissos se abaixam;

Que apanham uns piparotes da França, e choram;

A quem o Brazil fez a maior das desconsiderações diplomaticas, e entregam em mãos alheias e traiçoeiras a sua defeza e a sua honra, a sua dignidade e o seu brio;

Que ouvem distincta e claramente uns remoques e umas atrevidas ameaças da Hespanha,

e ficam-se, submettem-se, satisfazem a todas as exigencias, sacrificando os interesses e os direitos do Povo laborioso de uma provincia, de uma classe benemerita de infatigaveis trabalhadores do mar e collocando Portugal em um nivel politico e moral muito inferior ao que entre as nações occupa o imperio de Marrocos?!...

Que poderá pois interessar aos republicanos que essa monarchia suba ou desça; que taes ou taes ministros entrem ou saiam; que estes e aquelles partidos se degladiem, ou colliguem, que se renovem e reorganizem, ou se gastem e dissolvam, que escalem ou larguem o poder, que façam ou deixem de fazer governo?!...

Aos republicanos importa apenas e á Nação interessa suprimir aquella e eliminar todos esses, acabar com tudo quanto nos prejudica, deslustra e desacredita perante o mundo civilizado, substituindo integralmente o existente por outras leis, por outras instituições e por outros costumes.

E para o conseguir não carece a Imprensa republicana de acrescentar novos exames e apontar novos testemunhos ao corpo de delicto, directo e indirecto, nem avolumar o processo com mais documentos, nem produzir mais provas de accusação, contendo já entre outras a confissão plena e publica dos réus em audiencia geral.

Os debates devem dar-se por encerrados e os autos conclusos para sentença final ao juiz que deve julgar e punir.

Que a Nação julgue definitivamente os réus, e lhes applique a merecida pena e o justo castigo, e que este comece já a ser intelligido e executado na Imprensa republicana pelo desprezo da indifferença, a indifferença do silencio e do abandono.

ENYEDIO GARCIA.

O FAC-TOTUM MUNICIPAL

Não nos cançaremos de pôr bem em evidencia, por mais que a camara municipal feche os ouvidos ás justas reclamações dos povos d'uma freguezia inteira, as revoltantes arbitrariedades praticadas pelo *fac-totum* municipal, o bem conhecido Victorio, zelador do municipio no Sobral, por favor d'algum da camara, que é tão bom como elle, em virtude de estreita afinidade de espiritos irmãos.

As pimponices do Victorio são tão ridiculas e parvas, que só fariam rir ás gargalhadas, se não fossem um desgraçado symptoma do modo como a camara municipal de Coimbra administra os interesses municipaes.

Na verdade, poderá alguém tomar a sério que o Victorio ande por lá, a impar de irrisoria importancia, dizendo a toda a gente que *quem manda é elle?* Quem

conhece aquelle energumeno, que só tem habilidade para illudir papalvos, encontra-lhe, por acaso, estofo para mandar em alguém, que não seja em si proprio, o que, ainda assim, só será quando o trem não queira mandar nelle?

Claramente, não. O Victorio... é o Victorio que toda a gente conhece — charlatão pouco limpo e galopim sem influencia. Não é mais nada.

O acaso, porém, que produz por vezes, as maiores monstruosidades, fez do homem, que é o digno *senhor* do Victorio, vereador d'um municipio; e como o *accessorio* segue a condição do *principal*, o Victorio não podia deixar de partilhar algum tanto da auctoridade do vereador.

E eis o Victorio feito *sôba* do Sobral!...

O que elle por lá tem feito, já, em parte, o temos contado, insistindo com a camara municipal para que não assumia a responsabilidade dos disparates do Victorio; que o despeça do seu serviço, que o ponha á margem... Mas a camara, que, ao que parece, tem medo do collega, se não é que se arreceia do *poder* do Victorio, vae consentindo que este sujeito continue pela freguezia a alardear, que a camara só ha de fazer o que elle muito bem quizer!

Ha poucos dias, foi o presidente da camara... não, o Victorio, ás Lagôas, povoação de Ceira, onde a camara municipal tinha mandado fazer uma fonte, sob o pretexto de examinar o local para onde se tinha dado saída ás vertentes da agua, e então, dizendo que naquella povoação só ha dois *brancos* (dois votositos dos mirandas...) e que todos os mais são *pretos*, que não merecem a consideração da camara (!), mandou (nunca o homem se viu em taes alturas!) que os dois *brancos* desmanchassem o cano que conduzia as aguas vertentes, e que levassem a agua para onde bem quizessem...

E muito vermelho, com os olhos pardos irradiantes, gesticulava dizendo, — que elle só, desmanchava com os pés (salvo seja) tudo o que fizessem com as mãos os da freguezia de Ceira! E dizia a coisa de tal modo, que julgaria estar alli *algum*, quem não conhecesse aquelle pau de larangeira.

Da estrada da Beira para a povoação de Coenços ha uma ponte, e os povos d'aquelles logares representaram á camara para que na mesma ponte se fizesse um concerto necessario.

A representação foi entregue, mas a camara municipal, continuando no seu louvavel systema de administração zelosa, ainda não mandou fazer a urgente reparação. E por isso lá anda o Victorio a apregoar, — que o concerto ha de ser feito *quando elle quizer*; que a representação está debaixo da meza do presidente da camara, e que só sairá... *quando elle mandar!*

Ora isto passa de ridiculo a vergonhoso. Ao Victorio nem dá nem tira, não lhe faz mal nem bem; está-lhe a caracter. E' ridiculo, faz rir tudo isto, tanto como elle proprio é ridiculo e faz rir.

Mas pelo que diz respeito á camara, é o caso muito outro. A camara municipal de Coimbra, para dignidade, já não diremos dos individuos que a compõem, mas do municipio que infelizmente representa, tem obrigação de não

subscrever as ineptias de qualquer Victorio. Reparem, senhores vereadores, que o seu *guarda-rural* com attribuições de presidente da camara na sua terra, está cuspidando um desopilante ridiculo nas vossas cadeiras curues; lembrem-se de que, se ninguem toma a sério o Victorio, ninguem poderá também tomar a sério aquelles que lhe pagam... á custa do municipio, para elle estar a exercer vingancas particulares... tão miseraveis como odiosas.

E, por hoje, ficaremos por aqui.

RECORDAÇÃO

ao meu amigo Ricardo.

No seu caixãozinho, como nas azas d'um cysne, ficou deitada a Alice, muito hirta e muito fria do sópro da morte, que lhe arrebatára a vida.

Estava linda! Toda de branco, com o vestido novo que lhe dera o Ricardo, pela Rainha Santa!... Muito acceiada para entrar no céu! E a beijar-lhe o rosto, que havia tomado uma feição angelical, de cherubim, muita flôr de lanjeira — symbolo de pureza — que lhe enlaçavam também o corpinho esguio.

Estava muito bonita a Alice!

As suas amigas e companheiras dos recreios aos domingos, foram dizer-lhe o ultimo adeus, num sentimento piedoso, collocando no seu caixãozinho estreito, as florinhas que levavam, e espargindo por sobre as rendas do seu vestido um orvalho brilhante, semelhando as scintillações de pyrilampas, á luz das velas que allumiamavam o Menino Jesus... E pareceu-me então que o olhar azul e doce do Menino abençoava a pobre da Alice...

E logo, nos pequeninos rostos de suas companheiras e amigas, se viram deslisar lagrimas d'um enternecimento doloroso, bem impressionavel.

Morrera a sua Alicinha!

Pungentes maguas deixou esta amavel creança a todos os que partilharam das suas caricias e dos seus affectos!

Muitas foram as lagrimas que a acompanharam á sepultura, e muitas serão as saudades que a hão de levar aos logares celestes aonde dizem habitar os anjos... Coitadinha da Alice!

Cá fica a Emilita, que ainda hoje tem lagrimas á lembrança da tua morte, a pedir-me historias! E eu a recordar-me das cildas que preparavas para me obrigares a contar a do *Coelhinho branco* e a da *Princesa encantada*, que depois me pagavas, e as tuas companheiras, com muitos beijos e abraços. Minha adoravel Alice!

Coimbra,
22 — VIII — 94.

PEDRO CARDOSO.

Chronica da Invieta

A NOSSA FIEL ALLIADA

Continuemos na exposição dos factos historicos:

Pelo artigo quatorze do tratado de commercio firmado por D. Luiza de Portugal e Carlos II d'Inglaterra, estipulou-se que todas as conquistas que elles, inglezes, fizessem aos holandezes d'aquillo que outr'ora fôra nosso, lhes ficassem d'ahi por diante **pertencendo de direito**, acrescentando-se que, no caso de tornarmos a adquirir a riquissima possessão de Ceylão, tambem lh'a acederiamos, bem como o porto de Galles, ficando nós apenas com o porto de Colombo; **esse mesmo, porém, nos roubou a insaciavel ambição da Gran-Bretanha!**

No artigo quinze prometteram elles, os nossos fieis alliados, que a *Inglaterra se obrigava a defender Portugal e seus dominios como a si propria* (even as England itself) e *protegeria as nossas colonias contra inimigos presentes e futuros* (against all his enemies, as well future as present) — faltaram, no entanto, indecorosamente á palavra empenhada quando D. Pedro IV, por intermedio do duque de Palmella lhes pediu auxilio, em 8 de dezembro de 1828, contra os absolutistas.

Apezar da convenção de 1810, que reforçava o tratado anterior, respondeu por essa occasião a Inglaterra: que estava em paz com todas as nações, e não sairia do seu socego por causa das nossas desavenças; que nos arranjassemos...

Continuemos: Em 13 de janeiro de 1829 sollicitou ainda D. Pedro a intervenção ingleza na pendencia com D. Miguel, lembrando a nossa liga offensiva e defensiva.

Não se dignou o ministro Aberdeen responder, faltando mais uma vez á convenção **que commosco tinha assignado o seu governo!**

Em 18 de julho de 1831, confiando ainda na lealdade do miseravel paiz, carrasco da Irlanda, pedimos auxilio ao ministro Palmerston contra a França, cuja esquadra invadiu o Tejo pedindo-nos estreitas contas pela prisão dos estudantes Bonhomme e Souvinet, retidos nas cadeias da capital.

Sabem o que respondeu sua ex.ª?

Respondeu que accitassemos as imposições da França, que tragassemos o vexame, pois que o gabinete britannico nada tinha com isso!

Continuemos methodicamente: Em 27 de dezembro de 1703 foi assignado mais outro tratado de commercio, constando apenas de tres artigos.

No 1.º prometteu D. Pedro II admitir para sempre, entre nós, todos os pannos de lã, assim como todas as mais manufacturas da mesma especie **fabricadas pelos inglezes**, cessando desde logo as leis prohibitivas que impediam a sua admissão; excluindo-se, porém, da entrada na praça **as fazendas ou productos dos outros paizes!**...

Em compensação os nossos vinhos foram sobrecarregados de direitos excessivos **pela pauta aduaneira da Inglaterra!**

Deu-se, assim, um golpe decisivo na industria portugueza!

Em 1762 sustentámos hostilidades contra a França e a Hespanha, apenas para sermos leaes á nossa **leal amiga**, e pelo mesmo motivo, em 1801, declarámos guerra ás mesmas nações, perdendo **a colonia do Sacramento**, e na ultima **a praça d'Olivença**.

Bem empregados sacrificios em prol de **tão nobre alliada!**

Nós, apezar d'isso, sempre crédulos e sempre ingenuos, rogámos a sua intervenção contra as tropas de Napoleão, que ameaçavam levar tudo a ferro e fogo.

Wellesley, mais tarde duque de Wellington, nomeado marechal general do exercito portuguez, desembarcou a 1 d'agosto de 1808 em Buarcos, com 9:000 soldados (que, afinal, ainda foram mais funestos a Portugal do que as tropas de Junot!) e tendo dado, a 30 do mesmo mez, uma batalha decisiva ao general francez, obrigou-o a assignar a capitulação de Cintra, **sem que, para isso, fosse ouvida auctoridade alguma portugueza.**

O leopardo inglez empolgou a nossa desgraçada patria, e ficou governando Wellesley como verdadeiro senhor.

Beresford e Dalrymple puzeram e dispozeram, arvorando as suas bandeiras, dando empregos publicos, e ministrando justiça em nome do rei Jorge. Charles Stewart ficou em Lisboa com os poderes de **governador geral...**

Dir-se-ha, talvez, que a desculpar estes abusos avultam os bellos serviços prestados pelo exercito inglez á nação lusitana durante a invasão dos francezes.

Puro engano. Esses serviços foram pagos, e principescamente pagos, como se pôde vêr da seguinte nota publicada na nossa folha official:

«A Inglaterra enviou ordens terminantes ao seu ministro em Lisboa, a fim de reclamar a paga immediata de **réis 1.400.000.000**, como soldo da divisão auxiliar de Clinton, e das tropas de Wellesley e Beresford.»

Pagámos; não ficámos, pois, em divida d'esses *bons serviços* que a *fiel alliada* nos prestou com aquella *generosidade* e aquella *lealdade* que a distingue de todas as outras nações...

Ainda hoje se não conclue a enumeração dos gloriosos feitos com que a Gran-Bretanha tem engrandecido a nossa historia politica.

Vae longa a chronica; ficará a sua conclusão — **irrevogavelmente** — para a proxima carta da invieta.

E' claro que este *irrevogavelmente* não é da natureza d'aquelle celebre adverbio parlamentar, que immortalizou um dos nossos mais musculosos oradores.

Porto, agosto de 94.

ROY-BLAS.

Parlamento brasileiro

Realisou-se em Petropolis a abertura da terceira e ultima sessão da primeira legislatura da assembleia legislativa do estado do Rio.

O marechal Floriano, vice-presidente da Republica, enviou á assembleia uma mensagem, na qual se refere largamente á revolta dos inimigos da Republica:

Depois da resenha dos factos relativos ao movimento sedicioso cujo termo foi a 13 de março, na hahia de Guanabara, expõe o marechal o desenvolvimento de todos os ramos de administração publica, demonstrando a existencia nos cofres do estado do Rio de Janeiro de um saldo superior a 9:000 contos.

Termina por dizer que em breve terá de entregar ao seu successor o poder, a quem patrioticamente almeja dias de paz duradoura, e o fez consciente de ter sabido cumprir o seu dever de chefe do poder constituido com animo sereno, sujeitando-se ás informações do dever, como dever, e como filho da generosa patria fluminense, onde teve seu berço.

TESTA & C.ª

(COSTUMES FIM DE SEculo)

II

A avó paterna de Frei Bernardo, D. Maria da Piedade, casára com o estribeiro-mór de D. João V, déra á luz nove filhos, e recolhera, por fim, ao convento d'Odivellas, assustada a valer com a fertilidade do seu ventre.

D'estes nove morreram sete em 1755, sepultados nas ruinas de Lisboa, por occasião do terremoto violentissimo que sacudiu a capital, e que foi tão forte e tão largo espaço abrangeu que ao mesmo tempo que arrazava Lisboa desmoronava Marrocos, fazendo-se sentir do norte da Africa á Laponia, de Portugal ás Antilhas.

Entre os sete filhos de D. Maria da Piedade victimados pela grandiosa catastrophe, e esphacelados sobre os escombros da cidade de marmore, contava-se o primogenito, pae de Frei Bernardo.

Caíra este filho nas boas graças do estribeiro-mór, auctor dos seus dias, e aos dez annos d'edade — quando as creanças, como as flôres, precisam de ar e de luz e d'alegria — era constringido, o triste, a declinar *hora, horae labor, laboris*, encerrado, enclausurado cruelmente dentro das quatro paredes da aula de latim.

A morte do antigo estribeiro de D. João V, fulminado pelo estoiro d'uma aneurisma, libertou-o do *magnum lexicon* e do *Eutropius*, do terrivel e impenetravel *Eutropius*, onde a sua mão de creança, na aspiração frustrada de correrias através dos campos floridos, no ideal sem esperança de caçadas ás borboletas e assaltos aos canteiros, semeára folhas d'era e amores perfeitos, espalmados entre as paginas massudas do livro que abominava.

O pae do frade cruzio recebeu a noticia da morte do seu progenitor com estes dois movimentos sinceros, espontaneos, que se seguiram logicamente na manifestação clara dos sentimentos que o agitavam: um ataque de chôro e um pontapé nos livros de latim.

Attrahia-o a tentação de correr mundo: vestiu a camisola de marinheiro, e alistou-se nuni vaso de guerra que ia levantar ferro para o Brazil.

Desde então, nunca mais houve noticias suas, até que um bello dia, passados alguns annos, o conego Gregorio, prégador em S. Domingos, recebeu uma carta de seu irmão embarcado, escripta na ilha da Madeira.

Participava-lhe, de chofre, estas novidades: estava casado, já tinha dois filhos, era capitão do *Santa Quiteria*, deixára a barba toda — negra e espessa como a do pae, que Deus haja! — vira uma baleia a duas milhas de Macau, estivera a esticar a perna, em Pernambuco, com o béri-béri, e trazia para o mano conego um papagaio precioso, do qual se não podia dizer que só lhe faltava fallar, porque fallava, como qualquer christão. Quando lhe perguntavam:

Quem passa, papagaio real?

Respondia com um arsinho de troça o alma do diabo:

E' o amigo dos padres... Marquez de Pombal.

O mano conego não gostou da lembrança do irmão, e muito menos do atrevimento do papagaio.

No *post-scriptum* pedia o capitão do *Santa Quiteria* que lhe arranjasse o mano conego um quarto, um buraco, onde coubesse com a sua gente, pois que era tempo de descansar alguns mezes d'aquella faina d'alguns annos; tinha saudades de Lisboa, o mano conego que se não esquecesse das incumbencias, porque ia fazer-se de vella para o continente.

Não se esqueceu o ecclesiastico. D'ahi a um mez entrou a barra o *Santa Quiteria*, mas no dia seguinte ao da chegada morreu o filho mais velho de D. Maria da Piedade Testa, pois que chegou a Lisboa na vespera do Terremoto.

A viuva, ferida do desgosto, sobreviveu dois mezes apenas.

Ao expirar pediu ao cunhado que não lhe deixasse os filhos ao abandono.

O conego prometteu servir-lhes de pae, e cumpriu lealmente, educando-os a seu modo no *temor de Deus e no amor do proximo*.

Bernardo, o mais velho, seguiu a vida religiosa, e aos dezoito annos entrou para a congregação dos cruzios; o outro, Paulo, estava destinado a carmelita, mas o tio conego pensou na necessidade de perpetuar a raça, e mandou-o para Coimbra, afim de frequentar Medicina.

Paulo Testa saiu um *physico* habil, mas não frequentára só a aulas da Universidade... frequentára tambem a casa dos Perdigões, e com tanta assiduidade que, ao cabo de dois annos, sentiu-se enfermo d'amor, e, com aquelle tacto que accusavam as suas aptidões para a sciencia, conheceu que os banhos d'egreja eram o unico remedio efficaz contra tão grave doença.

Concluida a formatura, escreveu ao tio pedindo-lhe licença para casar; o tio, que por isso o poupára á vida santa dos conventos, e que (ingenuo velho!) julgava que os conventos se não podia perpetuar a raça, respondeu que consentia, *se a noça era boa dona de casa, e temente a Deus*.

Paulo asseverou que sim, que era, e deu o nó no dia dos annos da sr.ª D. Carlota Joaquina.

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Pescadores do Algarve

Tem a imprensa combatido com energia o decreto dictatorial approvando o regulamento para a pesca na costa do Algarve, em face do convenio celebrado com o governo hespanhol.

Accusa-se o governo do arbitrario e com justa causa, pois que um paiz que tem estabelecido o systema parlamentar não deve estar sujeito á vontade despótica d'um governo que está comprometendo a honra nacional e prejudicando os interesses dos povos.

E' o sr. Hintze Ribeiro, o do tratado inglez de 20 de agosto, que vem agora decretar a fome para a enorme classe piscatoria do Algarve, fazendo altas concessões aos hespanhoes, pescadores em manifesto prejuizo dos portuguezes.

Nunca vemos por estrada direita este funebre Hintze, que em outro paiz teria recebido merecido castigo pelos crimes que tem commettido como homem de Estado.

Mau fadario o d'este funesto ministro da corôa, que só pensa e trabalha para promover a deshonra da patria, submettendo-a vergonhosamente ás imposições de estrangeiros que a tratam com villêza, apezar de obterem todas as concessões da politica nefasta que tem dominado estes reinos.

O regulamento para a pesca na costa do Algarve, que já foi á assignatura, é uma monstruosidade, pois se consente que os hespanhoes vão pescar na área onde os portuguezes exercem a sua industria, o que ha de naturalmente indispor os animos e dar causa a serios conflictos.

O governo, porém, prevendo isto mesmo e contando com um protesto violento dos pescadores do Algarve, já mandou preparar o vapor *Lidador* para ir para aquellas paragens, a titulo de *coadjuvante a fiscalisação*.

Isto é inaudito, e só um governo de ineptos pôde praticar semelhantes attentados: Saiba-se que em beneficiado governo hespanhol, e portanto em prejuizo dos pescadores portuguezes se alterou dictatorialmente um tratado que tinha a sanção parlamentar.

Estamos no reinado da corrupção e do livre arbitrio.

E o paiz sem se mecher!

P. C.

Mais emprestimos

Precisa o governo de dinheiro e por isso tenta arranjar uma *operação bem combinada* com um grupo de banqueiros nacionaes e estrangeiros, que lhe garantam o emprestimo.

Os juros, dizem, serão de 8 1/2 por cento, não contando os pingues e as esportulas que receberão os amigalhões que obtiverem o dinheiro com que o governo pretende matar o deficit!!!

Anda doida esta gente, mas quem sofre as suas doidades e quem paga as suas extravagancias é o povo.

Só governos dissolutos podem pensar em contrahir novos emprestimos, quando a nossa situação financeira é a mais desgraçada e quando o paiz lucta com enormes crises, as quaes estão dificultando a vida dos povos, arrastando-os á miseria e á fome.

E o paiz que se tem calado em presença dos actos indecorosos do governo que ahí está a tripudiar impunemente, não terá um grito de protesto que faça conter os dissipadores na vereda que levam?

E' de mais tanta paciencia.

×

Nem pio!...

Querem os festeiros do Porto que o governo lhes passe para a mão o producto da venda das estampilhas do centenario henriquino, e nestes termos lhe têm dirigido diversos pedidos.

Mas o governo... nem palavra.

Nem elle sabe agora onde páram esses contos de réis que caíram das algibeiras dos maniacos philatetistas, para as unhas dos grandes milhafres que têm sugado o povo.

Interesses e noticias locais

O mercado

Continúa em desleixo a limpeza d'este estabelecimento, que é uma vergonha para a camara municipal.

E tal vergonha é bem avaliada pelo publico que vê o desprezo com que estão sendo tratados os edificios que mais carecem da attenção e dos cuiddos dos administradores da fazenda municipal.

Tem a camara por sua conta o abastecimento das aguas; pois não trata de fazer uma canalisação em fórma no mercado, a fim de que os logares, principalmente aquellos em que se vende a pescaria, se conservem limpos e acieados.

E' claro que a camara não pôde supportar as enormes despesas que faria com um novo mercado; mas o que ella pôde, por isso que tira boas receitas, é fazer os melhoramentos indispensaveis do que temos, tirando-lhe aquella apparencia vergonhosa de cortelhos, está consentindo na parte de cima do mesmo mercado.

Que os cortelhos desapareçam é nossa opinião e de todos; mas que elles sejam substituidos por coberturas bem feitas e harmonicas, para que as vendedeiras não estejam expostas ás chuvas e á ardencia do sol.

E' tal o estado em que se encontra esta parte do mercado que a camara transacta se viu obri-

gada a vedar com louros e ripado este sitio, a fim de que a familia real não deparasse com semelhante espantinho, indigna de uma aldeia sertaneja, quanto mais da terceira cidade do reino!

A actual vereação tem-se entretido, durante a sua administração de quasi dois annos, a reparar pelos seus interesses e pelos dos amigos, concedendo a uns os favores das commodidades para os seus solarengos ruraes, garantindo a outros o prato de aconchego no orçamento municipal. Vide os protestos e as propostas do vereador, João da Fonseca Barata, que mereceram da maioria uma energica repulsão, praticando-se o acto despotico de se não exararem nas actas as referidas propostas, porque eram uma condemnação aos actos que se praticavam com a annuência da maioria e sob sua responsabilidade.

Claro está que uma administração d'esta ordem e feito não pôde acudir ás impreteriveis necessidades de reformas que estão sendo precisas em diversos edificios, como são o *matadouro* e o *mercado*.

As esperanças que houve nesta camara presidida por um homem que muitos julgavam independente, mas que nós já sabiamos estar corrompido pela politica que o fizera vereador e deputado, devem-se ter sumido por completo, e deixar a todos convencidos de que a presente vereação é incapaz de cumprir zelosamente os deveres que lhe impõe a importancia do cargo que exerce.

As bandeirolas do mercado e do elevador que ainda illudiram muito ingenuo devem servir para o futuro de sobre-aviso e de prevenção ao publico que de ha muito tinha obrigação de conhecer os processos e os feitos d'estes charlatães da politica portugueza.

Os patriotas camaristas hão de abandonar as cadeiras do senado, sem deixarem na sua passagem um só acto que os faça queridos e respeitados, trazendo de lá o stygma com que o sr. João Barata os marcou aos olhos do publico, como já havia marcado tambem a camara transacta, sua digna antecessora.

As muitas promessas que se fizeram e as faltas que se estão commettendo, hão de dar o direito de se lhes poder chamar—*impostores*, quando não seja peor coisa!

A trovoadá

Em confirmação do que havia previsto o eminente Saragoçano, chegaram á Peninsula as tempestades annunciadas.

Esta cidade, na quarta feira, assistiu a uma lucta medonha dos elementos, e por algumas horas viu esfusiar o relampago successivamente e estralejar com violencia o trovão, que poz em sobresalto quasi toda a gente, que se entregou de alma e coração a Santa Barbara e a S. Jeronymo.

Ha muitos annos que em Coimbra se não ouviam tão medonhas e perigosas trovoadas, como a de quarta feira, que ainda fizeram alguns prejuizos materiaes.

No telegrapho deu-se uma descarga electrica que fez alguns estragos e teria victimado o empregado que estava ao aparelho, se este se não tivesse retirado por um feliz acaso.

No largo da Sé Velha o telephone da pharmacia do sr. Eleziario Ferraz tambem foi atingido por uma faisca que percorreu a distancia até á sua pharmacia da rua Ferreira Borges, não deteriorando mais que o aparelho.

Em Cellas, o asylo dos cegos soffreu alguns estragos, sendo derubada por uma faisca a cimalha da porta d'entrada, despedaçados os vidros de algumas janellas, e arrombado o soalho para sair d'um gabinete aonde entrara.

Nesta occasião estavam a cear

os asylados, que felizmente só experimentaram um grande susto.

A's Arcas d'Agua, foi rachada uma oliveira, por uma faisca, na occasião em que passava para a sua residencia, em Cellas, o sr. Abilio Augusto Vieira, o qual recebeu um grande choque que o prostrou, chegando a perder os sentidos.

A chuva ainda prejudicou alguma coisa os feirantes, entrando-lhe nas barracas.

As mulheres que vendem na feira, principalmente a das cebolas, que estavam desabrigadas, tiveram grande susto, o que deu logar a uma enorme gritaria e a muitas resas, ao verem sobre si o castigo de Deus, como diziam.

Nos arredores da cidade caíram bastantes fiascas, mas felizmente não consta que houvessem perdas.

Senhor da Serra

Tem sido immensamente concorrida esta romaria, e todos os dias passam numerosos ranchos, acampando muitos, á noite, nas ruas da cidade que lhes servem de cama.

Os romeiros são todos gente do campo, vindos de muito longe, a pé, para assistirem á visitaçao neste mez do Senhor da Serra, a quem presenteiam com usura.

E' importante a verba das esmolas e das promessas que aquella pobre gente alli deixa. Diz-nos pessoa bem informada que ha no Senhor da Serra muito especulador que abusa da ignorancia e do fanatismo d'esta gente para a explorar sem alma nem consciencia.

Obra de estuque

E' escusado fallar aqui da competencia artistica do nosso amigo, sr. Francisco Antonio Meira, pois que elle é bem conhecido em Coimbra, onde os seus trabalhos de estucador têm sido apreciados, conjunctamente com a excellencia do seu caracter.

Se nos referimos ao recente trabalho que o sr. Meira executou no tecto, á entrada da casa do sr. Alvaro Esteves Castanheira, na rua Ferreira Borges, é tão sómente para que o publico apreciador e de bom gosto, fique informado da aptidão dos nossos artistas, nos seus diversos misteres.

O tecto fôí executado em estylo arabe, produzindo magnifico effeito as variadas côres, muito bem afinadas, que se vêm por entre os arabescos.

A pequenez do recinto não deixa ver em toda a sua extensão as bellezas do desenho e da execução, as quaes sobressahiriam numa sala ampla.

Que apreciem o bello especimen d'este tecto os homens de bom gosto que possam utilizar-se dos trabalhos do sr. Meira.

Os tumulos da Sé Velha

Com a assistencia da auctoridade administrativa serão mudados os tumulos existentes na capella-mór d'esta egreja, na proxima segunda feira, procedendo-se á sua abertura ás 11 horas da manhã.

O sr. Antonio Franco Frazão convidou a imprensa para este acto, o que da nossa parte agradecemos.

Secretario da Universidade

Está exercendo este logar o sr. José Albino da Conceição Alves, um funcionario dignissimo e muito considerado neste estabelecimento scientifico, não só pelos serviços valiosos que tem prestado como official maior, mas pelas distinctas qualidades de cidadão que o nobilitam.

Processo de imprensa

O editor do jornal anarchista — *Conquista do Bem* — requereu ao sr. juiz de direito para que fosse sem junto a um só os dois processos por abuso de liberdade de imprensa, que o ministerio publico lhe move.

Deferiu o requerimento o sr. juiz de direito, fazendo inteira justiça ao requerente, sem exorbitar a lei. Outros, ha que para se mostrarem tyrannetes procederiam d'outra fôrma.

Bibliotheca da Universidade

Tem-se feito com actividade o trabalho de catalogação dos livros que estão nas salas superiores d'esta bibliotheca, concluindo-se já tão importante serviço. A catalogação das obras nos andares inferiores começará no proximo mez de outubro.

Tudo isto se deve á dedicação e actividade do novo bibliothecario, sr. dr. José Maria Rodrigues, que bem merece os nossos elogios.

Rectificação

Pede-nos o sr. Julio Maria Ferreira, negociante em S. João do Campo, para declararmos que a noticia que publicámos em o numero passado sob a epigraphe — *Letras falsas* — lhe não diz respeito, mas sim a um proprietario d'aquelle logar, que não é negociante.

Assim é. O sr. Julio Maria Ferreira é um homem honestissimo, que goza do melhor credito pela sua seriedade e honradez. Por má informaçao dissimos ser negociante em S. João do Campo aquelle que está envolvido na questao das letras falsas, quando elle na verdade, é simplesmente proprietario.

Originaes retirados

Não podemos publicar este numero os artigos — *Interesses e noticias locais*, e *Politica interna*, por chegarem ao nosso poder tarde e por absoluta falta de espaço.

Pela mesma razão tambem deixamos para o proximo numero *Chronica d'Aveiro*, de Ribalto e *Carta de Santa Clara*, de Adelino Fernandes da Fonseca.

Tambem do nosso amigo P. M. recebemos uma correspondencia de Castanheira de Pera, que pelos mesmos motivos não publicámos hoje.

Consortio

O nosso prezado amigo o sr. Manuel dos Santos Silva consorciou-se hontem em Cantanhede. Felicita-mol-o e desejamos-lhe muita ventura e felicidades.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 17760 a 17780 réis, o decalitro.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 420—Dito amarello, 410 — Trigo de Celorico, grando, 550 — Dito tremez, 530 — Feijão vermelho, 520 — Dito branco, 420—Dito rajado, 390—Dito frade, 390—Centeio, 410—Cevada, 250—Grão de bico, grando, 580—Dito meudo, 560—Favas, 370 — Tremoços, 260.

O agio das libras a 17340; ouro nacional, grando, a 28 3/4, e o miudo a 27 3/4.

Ainda a proposito da importação do vinho

Fallando da necessidade urgentissima da importação do vinho, que faz uma parte importantissima da alimentação do povo portuguez, tinhamos feito referencia a uma fabrica de vinho artificial estabelecida, já ha muito, em Cannas de Senhorim.

Essa fabrica, em que se emprega numerooso pessoal, está distribuindo o seu producto em larga escala pelo paiz, por uma necessidade fatal, pela falta de vinho natural, e se o seu producto é uma composição de varias drogas, e estas — todas ou algumas — são nocivas á saude, nunca deveria ser auctorizada, nem mesmo tolerada; no entanto o governo e as auctoridades competentes que não podem desconhecer a sua existencia, ou a auctorizam ou, pelo menos, a toleram com perigo manifesto para o publico.

Se este facto é verdadeiro, porque assim se refere geralmente, e se em outras terras do paiz se estão empregando eguaes processos para o mesmo fim, e se além d'isso, é notorio de ha muitos annos que os taberneiros, com raras excepções, ajuntam ao genero que compram para passarem ao consumo publico boa quantidade de agua, vejamos que mixordia não resulta de todas estas misturas, e como a parte da população que forçadamente se serve d'ella, por alto preço que não pôde atingir sem sacrificio, em logar de se alimentar e fortalecer se arruina e envenena lentamente.

E' pois da primeira intuição que o governo e as auctoridades locais, a quem pertence providenciar, ponham desde já cõbro a tão perniciosos abusos, e como o melhor remedio e preventivo, providencie sobre a liberdade da importação do vinho, tanto quanto preciso para supprir a gravissima falta de vinho nacional, sem prejuizo da producção vinicola do paiz, a qual não deve pretender elevar o preço do seu genero, além do que é justo, com gravissimo detrimento d'aquelles que, por desgraça, tiveram e hoje não têm o preciso, sequer, para o seu restricto consumo.

Se todo o governo deve ser zeloso e vigilante em tudo quanto respeita ás suas funções, no que pertence á alimentação deve ter um zelo e vigilancia mais especial, para que ella não falte e para que não seja deteriorada e falsificada.

Em reforço d'este importantissimo objecto de que hoje nos occupamos, chamámos a attenção da imprensa periodica, a qual não pôde empregar o seu tempo e o seu cabedal sobre o assumpto de maior transcendencia publica.

Nada se consiga, quero crel o, mas cumpra-se um dever e cumpra-se a sério e sem recuar, nem afrouxar.

Dos governos pouco, pouco ou nada, se pôde esperar para occorrer ás necessidades publicas.

Das massas do povo que treloucaram com as incessantes festas promovidas pelo governo actual, e com aquellas que este mesmo povo promove doidamente no meio da formidavel crise que estamos atravessando e que não ha memoria d'outra mais violenta e tocante, no qual se dão todos os motivos para chorar e tomar luto, tambem nada se pôde esperar para preparar um futuro menos carregado.

E' tempo perdido appellar para essas massas.

Se querem d'ellas alguma coisa convidem-nas para o pagode e para a folia, onde comem e bebem, para as touradas e para outras exhibições grotescas que os governos de caso pensado lhes proporcionam.

Mas os verdadeiros liberaes, a parte pensante, que se não preoccupa com banalidades, porque con-

tinuando os negocios publicos pelo desastrado caminho em que os vemos, sem se lhes oppôr barreira, dentro de poucos annos tudo se afundará no meio do mais medonho cataclysmo, do qual não escapará a nação, o municipio, a parochia, as familias—tudo,—porque a grande maioria do paiz perdeu o sizo, deixa correr a sua causa á revelia para se occupar com puras banalidades.

Uma parvonia, e um povo perdido.

Taboa, 21—8—94.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

A cholera

Não se tem recebido novas noticias officiaes de Marselha. Sabe-se, porém, que tem havido novos casos de cholera, não se pôde nada calcular se a epidemia augmenta ou decresce, em consequencia do empenho manifesto das auctoridades francezas em occultar a existencia da epidemia na cidade.

Reuniu em sessão o conselho geral do departamento, e, depois d'uns discursos do prefeito e do *maire*, os quaes declararam que a situação sanitaria é excellente, o conselho protestou contra as quarrentenas impostas no estrangeiro ás procedencias de Marselha, e pediu ao governo para as fazer cessar.

×

«O Ideal»

Esta revista litteraria que começou a sua publicação no Porto no dia 5 d'este mez, faz sair hoje o segundo numero, fixando quizenalmente a sua apparição.

Cada numero terá oito paginas e encerrará collaboraçao de distinctos escriptores.

Noticias bibliographicas

Ricardo Diniz de Carvalho— Principios elementares de *Chorographia de Portugal* — 2.^a edição.

A 2.^a edição d'este compendio elementar, consideravelmente melhorado tanto na parte material como na lucida exposiçao das materias, vem confirmar de novo o justo credito dos livros do sr. Ricardo Diniz de Carvalho.

A acurada revisao das materias d'este livro, feita pelos homens mais competentes nas suas differentes especialidades, ao passo que demonstra o consciencioso trabalho do sr. Diniz de Carvalho, garante ao mesmo tempo o valor e utilidade da publicação.

Um dos principaes melhoramentos que esta 2.^a edição apresenta, é, além do que deixámos dito, um excellente mappa geographico e politico de Portugal e das nossas possessões ultramarinas, impresso a côres.

Não temos duvida, pois, em recommendar a todas as escolas elementares este livrinho, certos de que é incontestavel a sua importancia.

Bric-à-brac

Um invejoso a um seu conhecido: — Este mundo é insupportavel! E' tudo hypocrisia, inveja e vaidade! A minha vontade era fechar-me no meu quarto, para não ver nenhum d'esses miseraveis!

— Pois sim, aconselhou o outro, mas se o fizeres, á cantella, quebra sempre o espelho.

No julgamento de um patife, accusado de numerosos roubos: — Como se chama o ren?

— Com licença do sr. juiz, eu peço para guardar o incognito.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra
ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra
PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra
ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em cores Typ. Operaria Coimbra
BILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra
LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra
IMPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra
CARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra
AVISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LIVROS

Annuncios gratis recebendo-se um exemplar.

PRINCIPIOS ELEMENTARES DE

Chorographia de Portugal

para as escolas de instrução primaria complementar, e habilitação para os exames nos lyceus e dos candidatos ao magisterio primario, e bem assim para as escolas industriaes e agricolas; illustrada com gravuras, e o respectivo mappa chorographico do continente, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas; a qual coordenou em harmonia com os ultimos programas officiaes

Ricardo Diniz de Carvalho

empregado no Lyceu Central de Coimbra, professor particular d'instrução primaria e musica, socio effectivo e honorario da Associação dos Artistas da mesma cidade, e socio honorario da Sociedade Fomento das Artes de Madrid.

2.ª EDIÇÃO

Preço, 160 réis

Vende-se na livraria de Francisco França Amado, editor, rua Ferreira Borges, 141 a 143.—Coimbra

Methodo gradual de calculo

BRANCO RODRIGUES

Collecção de 5 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 réis cada um.

Caderno de *Geometria synthetica*, impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues

Preço, 30 réis.—Segundo o programma official dos exames de instrução primaria.

A venda nas livrarias. Enviem-se pelo correio a quem os requisitar nos editores A. Ferreira Machado & C.ª, rua da Saudade, 2, Lisboa.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
 Repetições 20 réis
 Para os srs. assignantes desconto de 50 %
 Contracto especial para annuncios permanentes.

QUINTA

325 **A**renda-se uma no sitio do Almeque. Para tratar Rua dos Sapateiros n.º 74 a 80

SORTIMENTO COMPLETO

EM

MUNIÇÕES DE CAÇA

NEVES IRMÃOS

100 — Rua Ferreira Borges — 100

Esta casa recebeu e vende por preços muito limitados os seguintes artigos:

- | | |
|--|---|
| Espingardas e revolveres de diversos sistemas | Fulminantes e buchas de cartão e feltro |
| Cartuchos de metal e cartão de todos os calibres | Varetas, escovas de feltro, arame, cabelo, etc. |
| Réclames de perdiz, codorniz e rôla | Carregadeiras, copos de borracha e estelside |
| Polvorinhos e chumbeiros de couro, etc. | Polainas e frascos empalhados |
| Cintos e bolsas de camurça para revolver | Facas de matto, ouvidos e saccatrapos |
| Ditos para cartuchos e viagem | Chumbo da melhor qualidade |
| Trélas e colleiras para cães | Extractores, bandoleiras e cornetas |
| Machinas diversas para carregar e reboardar | Ballas para revolver e flobert |
| Ditas para cortar buchas | Cornetas e caixas para fulminantes |
| | Camurças, sabonetes para lavar cães |
| | Réclams e caixas com talleres. |

Vaselina pura composta para conservação das armas e de todos os metaes

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893.—ESTABELECI-DA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO (JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida *Agencia* continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia*, e outras, — *Certidões — Attestadas — Matriculas*, etc., etc.

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escolas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as *Cartas* que forem incumbidas a esta *Agencia* far-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuaes, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta *Agencia* receberão como brinde

Um *Annuario da Universidade para 1894-1895*



As verdadeiras machinas SINGER; para alfaiate, sapateiro, e costureira. Vendem-se no estabelecimento de fazendas, e machinas de José Luiz Martins de Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92, Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambem ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31, 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

COIMBRA

Tribunal do Commercio de Coimbra

Arrematação

(2.º annuncio)

329 **P**elo cartorio do escrivão privativo José Lourenço da Costa, se ha de proceder, no dia 2 do proximo mez de setembro, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, á venda e arrematação em hasta publica, de todas as dividas activas, descriptas na relação apresentada pelo administrador da massa fallida, e junta ao processo de fallencia do commerciante, d'esta praça, Manuel Marinho Falcão, pela quantia de 328899 réis, isto é, 95 % de abatimento do seu valor.

Verifiquei a exactidão. O juiz presidente, *Neves e Castro*.

CAIXEIRO

326 **O**fferese-se com pratica de fazendas brancas. Tem razoavel calligraphia, e sabe alguma coisa de Escripuração Commercial. Carta a esta redacção com as iniciaes E. L.

ARRENDAM-SE

328 **A**rrendam-se duas casas, uma, na rua do Loureiro, n.º 58, com 17 compartimentos outro, na rua dos Anjos, n.º 12, com 9 compartimentos. Para tratar em casa de Vaz, cabeleireiro, na rua Sá de Miranda, (antiga rua de S. João) n.º 20.

VENDE-SE

327 **U**m bom predio de casas com 4 andares, loja e bom pateo, sita na travessa da Mathematica, n.º 11 e 13. Tem lindas vistas, d'onde se disfructa um bonito panorama. Trata-se com Antonio Simões Peixeiro, largo do Salvador, n.º 2; Coimbra.

Saboaria Nacional do Beato

COSTA & CRUZ

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10 LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

QUINTA

324 **A**renda-se ou vende-se uma muito proximo de Coimbra. Para tratar, rua Ferreira Borges, n.º 77 a 81.

Mudança de liquidação de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidação na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

VENDA

308 **V**ende-se uma aranha usada. Para tratar com Francisco Nogueira Secco. Terreiro da Erva — Coimbra.

CAVALLO E CARRO

311 **V**ende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Commercio 9 e 10, loja.

NIVEL D'AGUA

COM TUBOS DE METAL

323 **V**ende-se com tripé e mira. Nesta redacção se diz.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno 25700	Anno 25400
Semestre . . . 15350	Semestre . . . 15200
Trimestro . . . 680	Trimestro . . . 600

Outro caminho e outros processos

X

A Imprensa Republicana

Para concluir, porque é tempo de mudar de assumpto, mais alguns reparos faremos á Imprensa republicana, cujo caminho nos parece errado, cujos processos temos por viciosos e funestos ao bom exito da nossa causa.

Deixando escapar, a comprometedora e perigosa concessão de que, se o rei e os seus ministros e partidarios procedessem d'este ou d'aquelle modo, se fizessem isto ou aquillo, se seguissem outro caminho e empregassem outros processos, quer dizer, se a monarchia fosse republicana, e os monarchicos fossem republicanos, o que é de todo o ponto impossivel, — a monarchia seria não só toleravel, mas boa, excellente, o melhor dos systemas politicos, o mais perfeito dos regimens sociaes; não se lembrando porém, não sabendo talvez que a monarchia é a sciencia — um absurdo, na historia — um anachronismo, na industria — um parasita, no presente — um desastre e para o futuro — um impossivel.

Admittir, ainda que seja por mera hypothese, hypothese sem duvida imaginosa e gratuita, que a monarchia possa corrigir os seus defeitos, expurgar os seus vicios, emendar os seus abusos, remir os seus peccados, expiar os seus crimes, é não ver com a luz da verdade, é cerrar os olhos á evidencia; se não é cegueira de ignorancia, é molestia contagiosa de incoherencia, apanhada no campo dos adversarios, onde alastra, e de que todos elles mais ou menos padecem, tomando ultimamente o caracter agudo, que observamos em Portugal principalmente, — monarchite maligna para os legitimistas sectarios do absolutismo, — monarchite louca ou benigna para os que ainda acreditam, ou fingem acreditar na regeneração, no progresso da realza constitucional, ungida pelo Papa espiritualmente dirigida e amparada pelo jesuitismo, seu associado e cooperador na obra execranda de destruir ao mesmo tempo a Igreja e o Estado, que desejam, e procuram approximar-se, congras-sar-se, reunir-se em nome da sciencia, da industria, da civilização, da liberdade e da justiça no seio do christianismo, onde ha quasi dezenove seculos palpita o coração da humanidade!

Que poderão lucrar com tudo isso, que se chama politica monarchica, governo monarchico,

administração monarchica, que poderão ter com tudo isso, os republicanos portugueses?

Que poderá lucrar com tudo isso, a republica?

Que póde ganhar com isso a causa da Democracia em Portugal?

Portugal! que já esteve vinte e tantos dias sem governo; por não haver nos partidos monarchicos homens que podessem e quizessem formar um ministerio ao menos de transição, gente capaz de tomar as responsabilidades inherentes á administração do Estado, por elles mesmos envolvido em graves difficuldades diplomaticas, rodeado de perigos enormes, enredado em sérios embaraços financeiros?!

Portugal! onde ha um anno está encerrado o parlamento, e de facto abolida a representação nacional, suspensas e annulladas as garantias Constitucionaes; a liberdade amortalhada e moribunda a justiça nos tribunales d'el-rei.

Portugal onde o poder pessoal do rei absorve todos os poderes e o arbitrio ministerial substitue as leis e o direito; onde a policia persegue e esmaga os pequenos, e deixa em licenciosa liberdade e finge não conhecer os grandes criminosos.

Portugal! hoje uma nação sem recursos, sem credito, sem instrucção, sem commercio, sem industria, sem exercito, sem marinha e, dentro em pouco, sem colonias.

Portugal! reduzido a um arruinado vinculo dynastico, hypothecado aos inglezes, sujeito, não tardará muito tempo, á exploradora tutela dos estrangeiros, opprimindo-nos e vexando-nos, como povo conquistado e captivo em proveito seu e da dynastia reinante!

EMYGDIO GARCIA.

OLIVEIRA MARTINS

Morreu.

Morreu esse vassallo da realza, cortezão familiar do paço, conselheiro da corôa e zeloso servidor da dynastia.

Como politico militante, Oliveira Martins foi, para os republicanos, um renegado, para a Democracia um reprobato.

Como homem publico foi Oliveira Martins um incoherente. Os seus actos formam com as suas opiniões, sobejamente conhecidas, o mais completo e desmoralizador contraste, com as suas affirmações escriptas a mais deploravel reconsideração, a mais flagrante das contradicções!

Como ministro foi uma nullidade esteril; uma desillusão, um lôgro.

Estadista, improvisado nos conciliabulos de uma camarilha de parvenus, não passou além de uma mediocridade vulgar.

Parlamentar de numero, ás ordens dos governos que o elegeram, e assalariaram como servical, Oliveira Martins foi um ministerial sem meritos nem presti-

gio, um deputado sem valor e sem auctoridade.

Deputado, ministro, estadista, simples cidadão ou funcionario publico, não auxiliou ou, sequer, defendeu o Povo; — o Povo d'onde saiu, o Povo que fingiu amar, o Povo que o elevou, o Povo que elle proprio abandonou e, por fim, trahiou, repellindo-o com desdem e ironia para dar um abraço de reconciliação na realza, indo ajoelhar aos pés do throno; deixou de servir a Nação para, submisso e persistente, servir e bajular a dynastia.

Do homem laborioso, que foi, do escriptor, que parecia infatigavel, resta a obra litteraria, cujo catalogo ascende a algumas dezenas de volumes.

E' ella, por certo, volumosa; grande, muito grande sem duvida; colossal até, se assim o que-rem, e visto que assim o declaram os nossos collegas da Imprensa republicana!...

Muito grande... colossal, se a considerarmos na quantidade e variedade da materia escripta.

Feita, porém, de materiaes emprestados, vasada em alheios moldes, falha, erma talvez de virtudes e influencias educativas, garantida e patrocinada por diligentes e bem conceituados editores, apregoada com auctorizados e suggestivos reclamos, na obra litteraria de Oliveira Martins não se encontra coisa alguma que a singularise, coisa alguma pela qual possa dizer-se original, coisa alguma que possa invocar-se e servir para caracterisar uma individualidade scientifica, personificar uma intellectualidade excepcional.

Nem a mais penetrante e habilidosa critica philosophica, nem a mais sublimada psychologia metaphysica ou experimental permittem suppô-lo, e muito menos affirmar-o.

Não. Não ha que procurar ali uma individualidade scientifica, uma personalidade litteraria, um modelo genal na arte.

Não lograremos, por mais rigorosa e imparcial que seja a analyse, descobrir no conjunto das suas obras, ou em alguma d'ellas o distincto, muito menos o extraordinario, o glorioso.

Oliveira Martins, como philosopho, sociologo, publicista, economista e financeiro, como anthropologista, historiador e critico, na sciencia e na arte não passa de um vulgarizador, sem acção decisiva, sem influencia disciplinadora, eficaz e salutar, sobre o espirito publico, educadora da razão e da consciencia popular, como devem de ser, e convém que sejam os livros, as publicações destinadas á vulgarização dos conhecimentos uteis, accessiveis a todos pela facil comprehensão da materia, simplicidade e clareza da forma, propriedade e delicadeza do estylo.

Sem escola determinada, sem systema proprio, sem orientação definida, as obras litterarias d'Oliveira Martins não só accusam, mas traduzem claramente o saber superficial e a orientação oscilante e variada de um philosopho eclecticico, com pronunciadas tendencias pessimistas, de um critico de mau humor, apaixonado, victimista de quantos apaeconitos podiam, segundo Bacon e Spencer, tolher a independencia logica e perturbar a imparcialidade moral de qualquer pensador, e muito principalmente de um escriptor que se não limita a referir, a expôr o

que sabe, e os outros lhe ensinaram; mas que se atreve a definir, embora á custa alheia, que julga, sentença e tem o animo e o proposito de impôr aos coevos e de transmittir á posteridade o ensino infallivel dos seus preceitos, a força obrigatoria dos seus juizos, a execução completa, o cumprimento exacto das suas irrevogaveis sentenças.

Tal é a obra grandiosa, gigantesca, colossal de Oliveira Martins, como litterato, que não como homem de sciencia.

Sentimos não o poder, por falta de espaço e oportunidade, provar agora com documentos, que seriam os seus livros, os seus folhetos, os jornaes que dirigiu e para onde collaborou; como sentimos e devéras nos magoa não podermos ser benevolos e lisongeiros diante de um tumulo ainda ha pouco encerrado.

Se porém o respeito e a piedade para com os mortos é um dever moral e religioso, que todos devemos cumprir e acatar; ha um dever superior que se impõe a todas as consciencias, e que todos devemos escrupulosamente observar e religiosamente exequir — dizer toda a verdade, fazer inteira justiça, julgar imparcialmente os vivos e os mortos.

TACITO.

POLITICA INTERNA

Consta que o governo portuguez, no meio dos embaraços em que se encontra, tenta appellar para o credito, confiando a um grupo de banqueiros nacionaes e estrangeiros uma nova operação de emprestimo ao juro de oito e meio por cento.

Este boato corre de ha dias, toma vulto e não foi desmentido ainda, e tememos que venha a confirmar-se em breve, pois que tem sido sempre este o systema seguido por todos os nossos governos em materia de administração.

A confirmar-se, porém, a noticia, como será ella recebida no estrangeiro, aonde o nosso credito se acha tão abalado por desastres e erros successivos? Que dirão os nossos credores?

Pense-se bem nisto.

Pois, se não ha dinheiro e o governo se vê na precisão de recorrer ao credito como se preparam essas espantosas manobras do outomno, em que certamente vão gastar-se muitos contos de réis, sem utilidade alguma para a nação que assiste estupefacta a esses espectaculos dispendiosos, quando necessidades as mais instantes não tiveram até hoje uma satisfação condigna?

E' principio geralmente accete entre os economistas mais considerados, que a boa administração não está em gastar pouco, mas sim em saber gastar.

Ora, em Portugal tem-se, por ventura, observado este principio em todo o seu rigor? Evidentemente que não.

Que se tem gasto muito — dil-o claramente o constante desequilibrio financeiro; mas que se tenha gasto bem — é o que não nos confirmam os factos de todos os dias.

Uma grande parte das nossas rendas tem sido dispendida em festas apparatusas, sem significação plausivel, na manutenção de instituições perfeitamente dispensaveis, ou na realização de operações ruinosas para o paiz.

Não queremos já fallar dos vergonhosos abusos de confiança, dos peculatos e concessões commettidos todos os dias, causa a mais predominante da ruina dos Estados.

Melhoramentos que tragam ao thesouro mais avantajados redditos e ao publico as indispensaveis regalias — é o que nós não vemos ha muitos annos.

Quaes são as medidas que o governo tem adoptado para tornar menos difficil e embaraçosa a existencia de tantas populações arruinadas por esse paiz além?

Não os conhecemos.

E entretanto as despezas com o exercito portuguez crescem dia a dia e attingem de anno para anno uma cifra assustadora; despezas que podiam e deviam ser reduzidas num paiz como o nosso em que todas as offensas do estrangeiro são recebidas com a passividade mais ridicula.

Sim, porque, apesar d'essa despeza de cerca de sete mil contos de réis que o exercito nos custa, recebemos sem desaffronta os insultos da Inglaterra, Alemanha e França; cedemos, sem um protesto ás reclamações da Hespanha, Argelia e Hollanda e — para cumulo de vergonha — deixamo-nos affrontar impunemente pelo irrisorio Estado congolense!

Porque até o Estado livre do Congo nos insulta!

Para que, pois, se gastam sete mil contos de réis com o exercito, e para que se vão gastar mais essas enormes sommas com as manobras do proximo outomno?

E enquanto se consomem quantias fabulosas na sustentação d'uma instituição que nos serve apenas como de objecto de luxo, pensa-se em levantar um novo e gravoso emprestimo para satisfazer a necessidades de momento, depois de se terem vendido as obrigações dos tabacos para pagamento de um coupon, depois de empenhado o rendimento das alfandegas ao serviço da divida!

Que administração é, pois, esta e quaes serão os resultados a que se pretende chegar por taes processos de governo?

Vamos; e, quando a força das circumstancias e a inevitabilidade da bancarrota desmascarada trazida pelos nossos desvarios nos reduzir á vergonhosa condição da Turquia ou a degradante existencia do Egypto, se a nossa funesta estrella nos não guiar primeiro no exemplo da Polonia, então... queixemo-nos de nós mesmos, que assistimos ociosos e indifferentes a este retalhar incessante da nossa autonomia, a este ruir estupendo e fatal da nacionalidade portugueza!

Chronica da Invicta

A nossa fiel alliada — Ruy-Blas

No anno de 1890 (19 de fevereiro) celebrou Beresford, ainda regente de Portugal, um tratado de commercio em que os nossos vinhos ficaram pagando, para entrar em Londres, a insignificancia de 120% de direitos!

A's fazendas inglezas estabeleceram a enormidade de 10% na nossa alfandega!...

A 25 de março de 1817, pelo facto de conspirarem contra o dominio inglez em Portugal, são presos e cruelmente justicados o general Gomes Freire e alguns

portuguezes ativos que não podiam, por mais tempo, supportar os vexames da politica britannica.

No dia 20 d'outubro de 1820 fez justiça o governo do reino á memoria d'esses martyres, obrigando o regente Beresford a sair de Portugal dentro de 24 horas...

No dia 15 d'abril de 1831 o insolente ministro Palmerston rompe indignamente o tratado de 1810, reclamando novos direitos aduaneiros, e humilhando-nos com pretendidas indemnisações.

Ainda d'esta vez a canalha britannica illude a nossa bôa fé, e defrauda o thesouro sem protesto, sem um unico movimento de revolta contra tanta infamia e tão baixa torpeza!

No mesmo anno de 1831, aos 23 de setembro, sollicitaram os constitucionaes um emprestimo... que a Inglaterra lhes fez, entregando 2:000:000 libras—a 16 % Generosa Inglaterra!...

E tão generosa que em 1832 se apiedou de nós, fazendo novo emprestimo (assignado em 23 d'outubro) de 2.940:000:000 réis... mas entregando apenas 182:762:500 réis effectivos com o juro de 20 % ao anno!!

No dia 14 de setembro de 1833 pedem mais uma vez os constitucionaes um emprestimosinho á benevola Inglaterra (tem-se arruinado por nossa causa, esta bôa alliada!) que nos vale ainda, dando 10.605:402:000 réis effectivos, e reconhecendo nós a divida de 13.500:000:000 réis estipulando-se o juro de 9 %.

Cae, a 26 de novembro, o ministerio Ribeira Sabrosa, accusando a corte de serva da Inglaterra, e declarando o paiz sobrecarregado com uma divida á Gran-Bretanha, á caridosa Gran-Bretanha, na importancia de 79.235:000:000 réis, quando (segundo a declaração do gabinete Ribeira Sabrosa devidamente comprovada) é certo que a Inglaterra nos enviou a somma real de 2.885:000:000 rs.!!

Mezes depois, sob o protexto d'este emprestimo, exigia nos ella meio milhão... ou a India!...

Bonitos juros... Em 1875 (11 de julho) debate-se a questão de Lourenço Marques, e a França decide a nosso favor; o sr. Braamcamp, porém, confirma a vergonhosa entrega da nossa possessão á Inglaterra no primeiro dia de julho de 1879.

Em 21 d'abril de 1876 morre a princeza Isabel Maria... e são os jesuitas inglezes que arrecadam os seus thesouros, levando preciosidades que pertenciam ao nosso paiz.

Em janeiro de 1890, postos de parte todos os escrúpulos, assalta a Inglaterra as nossas possessões africanas, obrigando o governo portuguez a assignar o ultrajante tratado de 18 de janeiro.

Ahi fica, nesse sudario de vergodhas, ladrociaras e vexames, a rapida historia da intervenção inglesa nos negocios de Portugal.

Estudem um pouco o caracter britannico e facilmente reconhecerão que a loira e altiva Albião se roja como um rafeiro deante das potencias, lambendo as botas de Bismark, agachando-se, toda tremula, sob o throno do czar, e abaixando a orelha se acaso a America a escorraça; mas deante dos pequenos é força reconhecer que a nossa fiel alliada se mostra intoleravel d'orgulho e implacavel colera; o laçao empunha o chicote do senhor, e azorraga sem piedade, insulta, cospe injurias, espoliando-os, roubando os torpemente, escandalosamente.

São d'esta casta os serviços que Portugal deve á Inglaterra, sem exclusão dos serviços prestados por occasião da invasão franceza e que custaram 1:400:000:000 réis.

Diga-nos agora o orgão azul e branco, capacho da pirataria britannica, se lhe parece ainda «que em todas as crises tremendas que tem abalado a nacionalidade portugueza, sempre a patria de Camões viu a seu lado a patria de Shakespeare, defendendo a na guerra, abrindo-lhe o seu credito, franqueando os seus portos ao commercio britannico».

Divertida! Muito divertida esta imprensa monarchica!

NOTA:—Ruy-Blas passa, d'hoje para o futuro, a assignar-se Stiffelio.

Na Nilouche dizia o Joaquim d'Almeida:

«O Floridor é Burromen
E o Burromen é Floridor!»

Estou no mesmo caso:

O Stiffelio é Ruy Blas
E o Ruy-Blas é Stiffelio!

Ruy-Blas, porém, não figura d'ora ávante nas *Chronicas da invicta*, e não figura porque dois filhos da propria, da propria invicta, tiveram o singular capricho de empalmar o pseudonymo que eu uso, ha mais d'um anno, nas minhas cartas do Porto para o jornal que tão brilhantemente dirige o sr. dr. Emygdio Garcia, o mais talentoso d'entre os escriptores republicanos.

Os empalmadores do pseudonymo appareceram aos pares... como os frades! Mostraram-me o Ruy-Blas n.º 2 no *Café Lisbonense*; nessa mesma noite vi a assignatura de Ruy-Blas num semanario portuense; era Ruy-Blas n.º 3. Com a companhia de taes freguezes não quero allegar o direito de prioridade. Desisto do n.º 1, e não só os presenteio com a posse do pseudonymo Ruy-Blas, mas garanto-lhes, ainda, sob palavra, que da mesma forma lhes cederei o Stiffelio se se lembrarem d'elle. Emporcalharam-me o Ruy-Blas: devolveo no estado em que o puzeram.

Não me contrario que qualquer dos *litteratos* se attribua a paternidade dos meus insignificantes artigos (como tem feito o empalmador Ruy-Blas n.º 2, que me mostraram no *Lisbonense*,—o que não quero por preço algum, é que me attribuem o que elles escrevem.

E, posto isto, fica o publico sabendo que

O Ruy-Blas é o Stiffelio
E o Stiffelio é Ruy Blas!

Deixarei, pois, o antigo pseudonymo das *Chronicas da Invicta* aos dois filhos da propria, da propria invicta, que tanto a honram com os seus talentos e com as suas habilidades...

Porto,
agosto de 94.

STIFFELIO.

CHRONICAS DE LONGE

Aveiro, agosto de 94.

A cidade retomou a sua pacatez habitual depois da folia de tres dias de festa. Os ardores caniculares dos ultimos dias pozeram em debandada muitas familias e não virá longe o tempo em que as praias regorgitem de *habitués* que fogem das cidades como o diabo da cruz, por não poderem supportar o calor. Aveiro ficará assim um bulicio, sem movimento, sem vida, como que mergulhada em funda tristeza. Se isto já hoje vae offerecendo o aspecto de uma feira ao desmanchar, então semelhará um verdadeiro deserto que só por penitencia poderá ser habitado. O assumpto irá por isso escasseando e o chronista maldirá a sua sorte e a camisa de onze

varas em que se mettu ao prometter uns rabiscos semanaes para o *Defensor*... Nesta quadra do anno quem costuma brilhar é a vizinha praia da Barra, a prazivel estancia quasi sempre preferida pelo burguez aveirense e pelas formosas filhas do Vouga que alli affluem atrahidas pela perspectiva de uma temporada folgazã, entre o suave arfar das ondas debatendo-se na praia e o leve murmuro das aguas da ria que se estende limpida ao longo da costa. Os bellos passeios, os *pic-nics*, as reuniões onde quasi sempre se dansa animadamente, essa vida alegre e despreocupada sempre se passa onde quasi se vive em familia, tudo isso constitue, na verdade, um attractivo que não é para desprezar e que, nem de leve, se pôde comparar á semsaboria que se nota em Aveiro, sobretudo nos mezes de agosto e setembro.

Se eu, em vez de ser chronista de Aveiro, o fosse da Barra, teria sempre assumpto para entreter os meus leitores, mas... o chronista não muda de residencia e por isso as *Chronicas de Longe* continuarão a ser de Aveiro enquanto houver paciencia para me aturar.

Ai! leitor! Que pandega seria a gente ir por ahi fóra, por esses extensos areas, á cata de buzios, de conchas e de cordeirinhos! E então se fosses na companhia de bellas tricaninhas?! Ai leitor, até eu teria mais vontade de escrever se estas recordações não acudissem de tropel aos bicos da minha pena!

Mas deixemos tudo isso, os buzios mais as conchas, a Barra mais os passeios e vamos ainda hoje falar das festas a José Estevão, que, embora acabadas já ha muito, são a unica taboa de salvacão que eu deviso neste mar de calmarias onde a custo se navega com falta de assumpto. E elle ha tanto que dizer a esse respeito que eu não sei que assumpto deva tomar primeiro. A chronica assim vae um pouco extemporanea, vae, mas como eu fui demasiado laco-nico na minha anterior, justo é que compense os leitores da falta em que incorri.

Effectivamente reconheço agora que foi um crime de lesão bom gosto não falar mais de espaço de alguns divertimentos. Apesar d'isso não me occuparei de todos, o que seria massada.

Uns passaram despercebidos ou foram insipidos, de outros, tambem não valerá a pena a gente occupar-se por não serem já novidade. Assim nada direi da regata porque o leitor de certo não ignora o que se passou.

A questão resume-se sempre nisto: Este que chega primeiro, bravos e palmas a animar os tripulantes e ás vezes (o que é o melhor da festa) protestos dos remadores que nunca attribuem a si a causa de se perder a corrida, tudo isto com grande gaudio dos circumstantes, no meio de um sussurro estrondante.

A's corridas de velocipedes tambem não me referirei porque já disse aos leitores o que se passou e seria da minha parte abusar da vossa paciencia. Falarei, pois, do sarau litterario musical, uma das festas mais brilhantes a que tenho assistido e a que aqui se não está costumado de certo. O theatro teve uma enchente real e, se attendermos a que toda a elite aveirense e das circunvisinhanças aqui accorreu, não será exaggerado dizer-se que aquillo era um paraizo. Nos camarotes, as *toiletts* de gala realçavam num fundo negro de casacos, fazendo sobressahir ainda mais a decoraçao singela mas elegante do theatro.

As distinctas concertantes atrahiram pela sua graça e gentileza, as attenções de toda a plateia e o brado unisono de aclamações que prorompia no fim de cada parte do programma, attestava o seu merito artistico e o entusiasmo dos circumstantes.

Na parte litteraria collaboraram André Reis e Elisio de Lima, da nossa Universidade e Felix de Magalhães e Eduardo de Sousa, distinctos academicos do Porto, revelando todos grandes dotes oratorios.

André Reis, o primeiro que fallou, fez um discurso breve mas incisivo pela elevação do pensamento e pela elegancia da phrase. Referiu-se ao cuido prestado pela sociedade aos seus heroes para afirmar a sua existencia; verbeou a anarchia intellectual do nosso povo, como sendo causado pela falta d'esses patriotas que, como José Estevão, se immortalisaram na conquista das immuni-dades populares, hoje postergadas; disse que era necessario reagir contra a orba nefasta dos proselytos do actual regimen e que Portugal, saindo da apathia em que o mergulharam, devia substituir as velhas formulas politicas para levantar o seu nivel moral. As manifestações civicas, levantando as energias do paiz, são um protesto vibrante contra a corrupção que vae lavrando.

E como esta já vae longa deixarei para outra vez o referir-me aos outros oradores, se tiver tempo.

RIBALTO.

Sciencias, Letras & Artes

AS JOIAS

No seu cofre de sandalo cheiroso
Guarda a gentil e graciosa avara,
Entre montões de pedraria rara,
O meu retrato que the del, choroso!

Talvez receiando as murmurantes fallas
E as importunas vistas indiscretas,
Amortalhou-o numas rendas pretas...
Deu-lhe por campá um grande mar de opalas!

Diz que de noite, em ultimo segredo,
Abrindo o cofre, a valiosa prenda,
Desembaraça-o da oppressora renda
Para beijal-o muita vez e a medo...

E que, se duas lagrimas divinas
Botam nos olhos, crystallino aljofre,
Deixa-as rolar no interior do cofre
Para reunir ás outras joias finas...

Dá-lhe repouso num lugar mais santo!
Embora temas importunas fallas
Salva o retrato d'esse mar de opelas...
Deixa affogal-o nesse mar de pranto!

JOÃO SARAIVA.

Um brasileiro expulso

Causou geral estranheza o procedimento de inexplicavel violencia usado pelo governo para com um cidadão brasileiro, que de ha muito tinha feito de Portugal a sua patria adoptiva, e que ao nosso paiz está ligado por importantes interesses quer materiaes, quer de familia. E tanto mais estranheza, quanto a violencia do governo, usada agora com o cidadão d'um paiz com o qual estão pendentes melindrosas questões de politica internacional, está inteiramente em des-harmonia com a brandura affavel e suave usada em circumstancias graves perante personagens estrangeiros que em o nosso proprio paiz nos tem insultado vehementemente. Não sabemos ainda bem quaes os motivos que determinaram o governo a proceder d'este modo; dadas porém, as qualidades de caracter do sr. Cyrillo Carneiro, é de prever que o governo se inspirasse num sentimento de perseguição politica, que não pode deixar de ser altamente condemnavel.

Oxalá que este procedimento, porventura irreflectido e pouco prudente do actual governo portuguez, não colloque o nosso paiz, perante a Republica Brasileira, em peiores condições do que as que actualmente se dão entre os dois paizes.

Boa colheita

Em todo o Algarve é boa este anno a novidade de amendoa, figo e alfarroba.

Interesses e noticias locais

Providencias urgentes

Já por varias vezes temos chamado a attenção e sollicitude das auctoridades e corporações locais e do proprio governo central para a urgente necessidade de normalisar e melhorar as condições hygienicas d'esta cidade, ou pelo menos attenuar e remover as causas que podem adulterar a sua natural salubridade e conforto.

Conviria que a par de tão salutareos e indispensaveis melhoramentos, como por vezes temos ponderado, se promovesse o aformoseamento d'esta encantadora terra, festejada pelos historiadores e poetas, admirada pelos forasteiros do nosso e de estranhos paizes que a visitam, e que se não cançam de elogiar e encarecer os seus naturaes attractivos e as surprehendedentes bellezas dos seus arrabaldes e cercanias, ao mesmo tempo que justamente censuram, e com razão, em asperas ironias, castigam o nosso desleixo e falta de gosto nunca de mais reprehendidos.

Porque se não ha de tratar da arborisação e jardinagem no interior da cidade e olhar com seriedade, conhecimento tecnico e independencia para a reconstrucção dos velhos e edificacão de novos predios, publicos e particulares, para o alargamento e alinhamento de ruas, e para muitas outras coisas, que não só dotariam esta cidade com excellentes commodidades, e lhe dariam um bello aspecto, mas a poderiam tornar uma das mais regulares e formosas povoações da Peninsula?

Porque e para que haviam de deixar em abandono e quasi destruir inteiramente a bonita *Avenida* em frente do Jardim Botanico, e que se estende desde os grandes Arcos do aqueducto até ao portão do Seminario?!

Em vez de continuar a obra emprehendida por outros, de acrescentar e aperfeicoar o muito que de começo se fez, e preparou, lançaram ao desprezo o que já estava feito e preparado, e tudo se tem destruido, a ponto de apresentarem o triste espectáculo de um quintalejo de casa ha muitos annos deshabitada!

Não poderiam a Camara, a Universidade, o Seminario e a propria Direcção das Obras Publicas fazer alguma coisa neste sentido, accordando os meios e repartindo entre si os encargos para o conseguir?

Porque não se olha com o cuidado que merece para a limpeza e embellezamento do *Penedo da Saudade*, hoje em completo estado de immundicie e affrontado pelos eucalyptos e outras frondosas arvores, que crescem nos terrenos particulaes adjacentes, e tiram a vista surprehendente e maravilhosa do largo e formosissimo horizonte que d'aquelle sitio se disfructa?

Que ao menos seja devidamente limpa e policiada aquella deliciosa estancia, tão superiormente apreciada pelos viajantes, e que deveria ser um dos passeios mais concorridos e frequentados, se não fosse o estado asqueroso e repugnante que apresenta, e para mais o tornam intransitavel, transformado como se acha em uma especie de vasadouro commum, de latrina publica?!

Fizeram-se consideraveis reparos, foram restauradas algumas antigas obras de arte, e outros embellezamentos e ornatos se acrescentaram na *Quinta de Santa Cruz*; o abandono, porém, e a falta de vigilancia não só substituiram a continuacão do que se

havia começado a emprehender, mas vão todos os dias destruindo, inutilizando o que custou muitos cuidados e avultadas despesas!...

Eram allí indispensaveis dois guardas permanentes de dia e de noite, pelo menos, os quaes não só exercessem a mais escrupulosa fiscalisação e vigilancia, mas trabalhassem assiduamente na sua conservação e aformoseamento.

Ao mesmo quasi abandono e desleixo tem sido votada a aprazível matta do *Salgueiral*, um dos mais lindos e apraziveis passeios do arrabalde, e que bem poderia ter sido transformado em um vasto e formosissimo *parque*, onde a par da suavidade e das bellezas naturaes, dos lagos e quedas d'agua, da pujante arborisação que tanto o enriquecem e pomposamente o adornam, podiam accrescer os jogos, as corridas de cavallos e velocipedes, uma escola de tiro e outros divertimentos, jogos e exercicios, que são, além de agradável recreio, um complemento da educação physica; uma innocente e proveitosa distracção, com a qual muito poderia lucrar também o ponto de vista da educação moral a juvenude acadêmica, a qual, diga-se em verdade, não tem actualmente em Coimbra onde possa alegre e honestamente passar os ocios que lhe deixam livres os estudos e o cumprimento regular das suas obrigações escolares, que muito alcançariam da vontade, do esforço e gosto dos estudantes, quando alliviada lhes fosse a tarefa e até certo ponto recompensada com taes recreios, com tão agradaveis e uteis distracções; hoje principalmente que lhes faltam o *Theatro* e o *Club Academico*, onde se reuniam, onde conviviam, e se exercitavam e alguns se amestravam na litteratura e na arte dramatica, na musica, na poesia e na oratoria, evitando muitos a divagação nocturna, a pesada atmosphera, a besbilhotice maldizente, a despeza e os viciosos habitos dos cafés, a desmoralisação e os perigos do alcoice e os horrores do jogo.

Assim em uma terra como Coimbra, sem nenhuma das diversões, sem nenhum d'esses passatempos alegres, que possam attrahir e entreter o espirito irrequieto, a imaginação ardente, a sensibilidade exuberante e versatil, a tempera fugosa e a curiosidade insaciavel e sempre ávida de sensações novas e variadas, proprias dos verdes annos, que hão de fazer os moços estudantes nas horas vagas do estudo, nas vespersas de feriado? Que lhes offerece e proporciona Coimbra, que possa distrahir-lhes os, compensar-lhes a assiduidade do estudo, dar-lhes como allivio e premio do seu trabalho?

Coimbra, actualmente, só lhes dá e offerece, só lhes pôde dar e offerecer — o café, o prostibulo e a batota clandestina.

Triste situação, tristissima vergonha!

Marcos fontenarios

Que elles já foram encomendados nos disseram, mas que ainda ninguém os lobrigou é uma verdade.

E estão a fazer falta, principalmente no bairro alto, onde as aguas pouco hygienicas das fontes se não podem beber, escasseando bastante nesta quadra.

Ao menos o marco fontenario fornecia agua pura que ao publico podia tomar sem receio de ser victima do microbio que a agua das fontes contém, pela falta de limpeza dos canos por onde passa.

Soceguem; virão os marcos fontenarios com o elevador e juntar-se-hão estes grandes acontecimentos para maior gloria do sr. Ayres de Campos. Assim seja.

O sr. governador civil

Referimo nos ao facto da commissão do recrutamento militar de Penacova, promover processo contra o chefe do districto, por abuso de auctoridade, mas faltou-nos dizer o que levára aquella commissão a tal procedimento, o que hoje vamos fazer.

Como se vae ver é uma questão politica de elementos oppostos, em que cada qual deseja chegar a brazo do arranjo á sua sardinha, sem que possamos negar á commissão referida um regular procedimento, contra as arbitrariedades do sr. governador civil, que passa aos olhos de muitos por prenda d'alto preço em virtudes e mais partes, mas que afinal é um peccador vulgar faccioso e despotico.

Cá temos o caso. Foram requisitadas á commissão do recrutamento de Penacova, pelo governo civil de Coimbra, grande numero de guias de mancebos os quaes allegando a sua residencia em Coimbra, pediam segundo a lei, transferencia de inspecção de Santa Comba para aqui.

Recebia a commissão esses requerimentos, uns directamente, outros do sr. administrador do concelho, com a nota de que fossem requisitadas as guias estando os mancebos nas condições da lei.

Nestas alturas, o numero de requerentes era já desmarcado, constituindo um escandalo, pois se sabia que a maioria dos mancebos não havia saído das terras de sua naturalidade, dando-se o facto dos proprios que se diziam ausentes do concelho irem pedir as guias á secretaria da camara!

Resolveu a commissão só passar guias áquelles que estivessem ao abrigo da lei, e d'isto fez sciente o sr. administrador do concelho, que o communicou ao sr. governador civil.

Tal attitude da commissão ia prejudicar altamente os compromissos politicos do sr. Neves e Sousa, tomados nas ultimas eleições, e era preciso cumprir a *palavra de rei*, por isso a commissão foi intimada para passar as guias que lhe fossem requeridas, no prazo de 24 horas, incorrendo na pena de ser autoada como desobediente no caso de recusa.

Submitteu-se a commissão e passou as guias, mas não sem lavar nas suas actas um protesto contra semelhante attentado á lei, enviando copia á mesma auctoridade.

E' assim que tudo anda neste paiz. Os favores eleitoraes pagam-se sacrificando as leis e exercendo-se toda a casta de arbitrio.

Desde que o chefe superior d'um districto, procede tão escandalosamente sómente para servir os seus fins politicos, não admira que outros, com menos responsabilidades, pratiquem eguaes actos, de que resulta serem postergados os direitos dos cidadãos.

Mas a verdade é que se o sr. governador civil fosse da feição politica da commissão do recrutamento militar não haveria escrupulos em desprezar a lei, desde que a isso obrigassem os interesses partidarios.

Nos partidos militantes não ha que escolher, nem em quem fiar; leem todos pela mesma cartilha, tendo doutrinas e principios diversos quando são opposicionistas.

No entanto é muito condemnavel a maneira despotica como se fez conduzir nesta questão o sr. governador civil Neves e Sousa, que não se importou de saltar por cima de tudo e abusar da sua auctoridade, contra cidadãos cumpridores das leis, que s. ex.ª tinha e tem obrigação de respeitar.

A caça

Desde sabbado se permite a caça em todo o districto de Coimbra.

Esta disposição da lei, quanto á prohibição de caça em todo o tempo, muito justa e louvavel, está sendo muito mal cumprida por grande numero de caçadores, principalmente os ruraes, que caçam no tempo defeso, sendo causa da perda de muitas aves.

Era bom que o Club de caçadores, na proxima epocha defesa, vigiasse, o mais que podesse, os caçadores furtivos, a fim de lhes serem applicadas as penas das leis, no caso de contravenção.

Os tumulos da Sé Velha

Como noticiámos foi na segunda feira a abertura dos dois tumulos que foram descobertos ao arrancar-se das paredes lateraes da capella-mór a talha que as revestia, fazendo-se a remoção da ossada para duas magnificas urnas de madeira com guarnições de metal branco.

Assistiu a este acto grande concorrência de povo, além das auctoridades civis e ecclesiasticas, lentes, professores, camara municipal representada por um vereador, representantes da imprensa local, da de Lisboa e Porto, etc.

Os tumulos que dizem ser de D. Tiburcio fallecido em 1246, e D. Estevão Annes, morto em 1318, não tem inscripção e são encimados por estatuas. Dizem os competentes que a collocação d'estes tumulos obrigou á destruição das arcaturas lateraes da capella, que agora vão ser reparadas e, por tanto, mudados para outro sitio os jazigos episcopaes.

No tumulo do lado da epistola, o de D. Estevão, encontrou-se a ossada completa, e no seu logar, bocados podres de seda e galões, e um panno de seda com muitos castellos bem visiveis, tudo deteriorado e decomposto como também o estava o baculo que era de marfim. Nas maxilas tinha uma dentadura magnifica, faltando apenas um dente queixal superior.

No tumulo do lado do evangelho, o de D. Tiburcio, a ossada encontrou-se em desordem, indicando que para allí tinha sido trasladada d'outro logar.

Muita gente nesse dia poude apreciar a obra de reforma por que está passando aquelle templo, dirigida pela commissão de que faz parte o sr. Antonio Augusto Gonçalves.

Já não é a caiada igreja da Sé Velha, é a vetusta cathedral com as suas columnas gigantes e a sua arcaria a dar ao templo um tom de sumptuosidade mystica que attrahe e prende a nossa attenção.

Fiscalisação da camara

Por falta de espaço não principiámos hoje a tratar das irregularidades com que é feito este serviço e a mostrar quanto tem sido pernicioso a administração municipal.

Furto

Na feira de S. Bartholomeu uma rapariga de fóra, com seu pae e mãe estivera em negociações numa barraca de ourives a vêr uns collares e medalhões.

Foi-se embora sem comprar e d'ahi a pouco tempo dá-se pela falta dos dois objectos. E' accusada uma mulher que nega a accusação e lembra que a ladra não podia ser outra senão a rapariga que se fôra embora, mas que a ia procurar e a reconheceria. Acompanhada por um policia foram-na encontrar na loja do sr. Abilio Martins, ourives. Negou o facto e a rapariga apromptou-se logo para ser revistada, atirando com o chaile ao chão; nisto uma mulher levanta-o e de dentro cáe o medalhão e o collar.

Foi conduzida á esquadra.

Consortio

O nosso amigo e dedicado correligionario, sr. Antonio Ferreira Vaz, consorciou-se no dia 27 com a sr.ª D. Rachel Pereira Serrano, filha do fallecido e honrado industrial d'esta cidade, sr. Francisco Pereira Serrano.

Aos noivos desejamos largos annos de prosperidades, dirigindo-lhes as nossas felicitações.

Enfermo

Não são satisfatorias as informações que temos do estado do sr. Francisco Maria de Sousa Nazareth, pois nos dizem ser desesperado, sem que restem esperanças de o salvar.

Sentimos.

Cemiterio da Conchada

Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Ida, filha de Alfredo Cardoso e Joaquina da Conceição, de Coimbra, de 16 mezes. Falleceu de tuberculose intestinal, no dia 19.

Maria José Ferreira, filha de José Ferreira e Marianna de Jesus, de Santo Antonio dos Olivaeis, de 56 annos. Falleceu de lesão cardiaca, no dia 19.

Alice, filha de Seraphim Gomes de Abreu e Lima e Clementina dos Prazeres Figueiredo, de Coimbra, de 9 annos. Falleceu de enterite e peritonite tuberculosa, no dia 19.

Marcia, filha de pae incognito e Luiza Ferreira, de Coimbra, de 3 annos e 5 mezes. Falleceu de broncho pneumonia, no dia 20.

D. Ignacia da Conceição Pereira, filha de paes incognitos, de Coimbra, de 72 annos. Falleceu de pneumonia, no dia 22.

Recemnacido, filho de Thiago Ferreira de Albuquerque e Maria José Rocha de Albuquerque, de Coimbra, de 19 dias. Falleceu de bronchite aguda, no dia 22.

Maria Emilia, filha de pae incognito e Maria Emilia, da Cruz dos Morouços, de 18 annos. Falleceu de tuberculose intestinal, no dia 23.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio — 17/484.

Correspondencias

Castanheira de Pera, 24.

É noite. Sentado á minha secretaria, que hei de dizer-lhes, meus amigos, d'este deserto, insólita paragem dos desnordeados da vida, que desejem procurar refugio nas regiões do deus *Silencio*?

São oito horas. Fóra ribomba, de quando em quando o trovão. O filho de *Amalthéa* despede contra a Castanheira, scentelhas de lume que illuminam toda a povoação. A chuva cáe rara em grossas pingas. *Silencio* sepulchral. Apenas se houve o barulho produzido pelo deslizar da minha pena sobre o papel. Mais nada. Mas visto que pensei em dizer-lhes alguma coisa, vou apurar a ideia.

Domingo houve romaria no Villar, povoação distante d'aqui dois kilometros. Foi lá.

A capella, é quasi nova, dourada e com imagens novas. Fóra um bom largo, bem arborizado.

A' hora a que cheguei havia bastante gente. Affluio o *lig-life* da Castanheira e povoações circumvisinhas, notando-se também bellas tricanas, de rosto alegre e prazenteiro cantando com uma animação furiosa.

O arraial agradou, como era de prevêr, e a philharmonica *Castanheirense*, executou algumas peças de musica, agradaveis para alguns, entusiasmadoras para o povinho sempre folgazão quando lhe não lembram as misérias da vida.

Vi allí algumas pessoas do Porto e Coimbra.

— Na madrugada d'hontem in-

cendiou-se um pequeno predio em que vivia uma filha do sr. José das Neves, ardendo quasi totalmente. Eram 3 horas quando se ouviu a voz alarmante de fogo. Levantei-me. Um clarão enorme, allumiava toda a povoação. Valeu aos predios juntos a muita dedicação d'alguns individuos que não se pouparam a esforços para atalhar o incendio.

A familia da casa só deu conta quando já estava quasi a ser envolvida pelas chammas. Mais dez minutos e seriam victimas.

O predio pertencia ao sr. Manuel Corrêa de Carvalho.

Notou-se muito a falta d'agua para a extincção do incendio. Era preciso ir buscar a muito longe, tornando-se assim o serviço muito moroso.

— Também não sei para que a influencia da gente da terra fez valer a sua pretensão para o construcção d'um mercado que certamente não ficou barato, quando de maior necessidade seria a construcção de um charfariz, em qualquer logar central da Castanheira, canalizando para elle a agua de quaesquer nascentes; assim, num caso d'estes, lucta se com difficuldades pela distancia a que é preciso ir buscar-a.

Fallando do mercado, sempre desejaria que me dissessem de que serve uma *gaiola* construida num alto, que dizem serve para a venda do peixe. Não sei, nem adivinho a utilidade de tal obra. Nem livra da chuva nem do sol.

Neste caso, era inutil e não me parece que a Castanheira seja tão rica de melhoramentos que deva gastar toalmente o dinheiro que lhe é concedido para elles.

— Chegou aqui na terça feira, vindo da Africa, o sr. Gustavo, filho do sr. visconde da Castanheira. Foi esperado pela philharmonica que tocou á sua chegada.

— Domingo tivemos festa do Santissimo, na igreja da povoação. Foi a instrumental. Na vespera houve fogo d'artificio.

— Veiu ha dias aqui, para provar as caldeiras de vapor que funcionam nas fabricas de lanificios, o inspector da 5.ª circumscripção hydraulica, sr. Silva Carvalho, acompanhado pelo administrador de Pedrogam Grande, secretario e official da administração

Afinal esta prova foi apenas para apanhar, a cada industrial, 10\$000 réis, dinheiro pago depois de o sr. inspector dizer que a caldeira podia funcionar.

O governo não sabendo que dar a fazer a este e outros funcionarios para que elles possam viver bem á custa do paiz, permite que elles, andando em viagem de digressão, vão arranjando a sua vida por onde passam, tal qual os salimbancos que só se governam ambulantemente.

E disse por hoje. Estou aborrecido e cansado. O deus *Momo* filho do *Somno* e da *Noite*, faltou-me muito com o espirito que eu lhes tinha encomendado.

Oxalá que, ao menos, *Morpheus* me receba bem em seus braços.

M.

Noticias bibliographicas

Agricultura Nacional

Recebemos o n.º 20 de 20 de agosto.

E' seu director A. C. Le Cocq e publica-se em Lisboa.

Jornal de Agricultura Pratica

Recebemos o n.º 17 de agosto. É seu redactor J. Casimiro Barbosa e é órgão da Real sociedade Horticolo-Agricola Portuense.

Boletim da sociedade Martins Sarmento

Recebemos o n.º 4, relativo ao mez de julho.

Bric-à-brac

Assiste-se a uma cerimonia de casamento que se prolonga indefinidamente; aos trechos do orgão succedem-se os canticos religiosos, aestes, novos trechos d'orgão.

— Meu Deus! isto não acabará? diz uma joven convidada, apontando para os esposos; se assim continua terão tempo para se divorciarem antes que a missa termine.

PEDIDO

Pede-se a quem achasse no sabado ultimo, á noite, a quantia de 18800 réis em notas, que se perderam desde a typographia Operaria até á typographia do *Commbriense*, o favor de as mandar entregar em qualquer das ditas typographias.

AGRADECIMENTO

José Caetano Ferreira e sua mulher Maria Adelaide Ferreira, desejam testemunhar o seu agradecimento ás pessoas que por outros e por seu convite assistiram aos funeraes de sua infeliz mãe e sogra, Maria José Tovina, e por isso o fazem por este meio a fim de evitarem quaesquer faltas involuntarias.

Cumpre-nos tambem registar neste os favores dispensados pelo sr. Augusto Paes, digno regente da philarmonica *Boa-União*, fazendo executar na egreja o *Libera-me*, o que muito nos penhorou tornando-nos devedores de muita estima.

Consignamos aqui, e a todos, o nosso reconhecimento e gratidão.
Coimbra, 26 de agosto de 1894.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

LIVROS

Annuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Manual do prestidigitador

Acaba de saído prelo a 4.ª edição do *Manual do prestidigitador*, o livro mais completo que no seu genero se tem publicado, comprehendendo tudo o que de seguro effeito até hoje se conhece em *escamoteio de cartas*, *ligeireza de mãos*, *desappareições mysteriosas*, *illusionismo*, *magnetismo*, *fascinacão*, *(trucs) de sala*, *physica re-creativa*, etc., etc.

A 4.ª edição, que encerra um numero colossal de sortes, ao alcance de todos os amadores, é illustrada com 100 gravuras explicativas e consideravelmente augmentada com muitas sortes de novidade, entre as quaes uma de *Transmissão do pensamento* no genero das que apresentou o celebre Onoffrof.

A impressão do livro, em typo elzevir, é primorosa, e o seu preço apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis com capa especial, e pelo registado, mais 100 réis.

Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges 141, e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria, 42, 1.º

PRINCIPIOS ELEMENTARES

DE Chorographia de Portugal

para as escholas de instrução primaria complementar, e habilitação para os exames nos lyceus e dos candidatos ao magisterio primario, e bem assim para as escholas industriaes e agricolas; illustrada com gravuras, e o respectivo mappa chorographico do continente, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas; a qual coordenou em harmonia com os ultimos programas officiaes

Ricardo Diniz de Carvalho

empregado no Lyceu Central de Coimbra, professor particular d'instrução primaria e mu-ica, socio effectivo e honorario da Associação dos Artistas da mesma cidade, e socio honorario da Sociedade Fomento das Artes de Madrid.

2.ª edição

Preço, 160 réis

Vende-se na livraria de Francisco França Amado, editor, rua Ferreira Borges, 141 a 143.—Coimbra

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
Repetições 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

ARREMATACÃO JUDICIAL

3.ª PRAÇA

(1.ª Publicação)

331 No dia 16 do proximo setembro, por 11 horas da manhã, na acção executiva, por fóros, que Joaquim Vaz da Costa Simões, de Lisboa, move, neste juizo, e cartorio do 2.º officio, contra Francisco Barreto Chichorro e sua mulher, de Coimbra, volta terceira vez á praça, á porta do tribunal judicial d'esta cidade, a fim de ser arrematado por qualquer preço e pelo maior lance que fór offerecido, o dominio util de parte da quinta das Canas, que constitue o prazo foreiro a Joaquim Vaz da Costa Simões, de Lisboa, a quem se paga o fóro, 25,110 d'azeite, e quatro galinhas, com laudemio de dezena, e que se compõe de terra, com olival, matto, e varias arvores de fructo da parte de fóra da quinta, d'uma leira de terra e vinha dentro da mesma quinta, e da maior parte das casas da mesma quinta, o qual, segundo consta, começa a sua medição em um marco de pedra com as letras—H, R, C, D, E, N, que se encontram viradas para o poente; partindo d'este marco, corre a medição para o norte em direcção á escada de pedra, proximo do rio Mondego, onde tem outro marco com as mesmas letras viradas ao poente, tendo atravessado a estrada que de Coimbra vae para a Copeira; confrontando pelo sul com terra foreira á egreja de S. Christovão d'esta cidade, virando depois para o norte em direcção ao pomar de laranja, pelo nascente com o rio, e seguindo em direcção do poente atravessa a casa pelo salão principal, e saindo pelo pateo, atravessando a estrada que de Coimbra vae para a Copeira; depois do que parte do norte com terra foreira ao Hospital de S. Lazaro, indo depois em direcção ao sul, a partir do poente com terra das religiosas de Santa The-reza, d'esta cidade.

E' situado nos suburbios d'esta cidade, e foi avaliado em réis 1:640,000.

São citados quaesquer credores incertos.
Verifiquei a exactidão.
O juiz de direito,
Neves e Castro.

AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRAS

ARTIGOS DE GRÉS

206 Grande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refractario, telhões de heiral e de caleira, telha commum e todo o material com pleto para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões cotovellos, bacias conicas, excentricas e outros systemas, para retretes. Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim como os restantes artigos tanto em grés como em barro.
Rua Direita n.º 9, 11 e 13.
Escriptorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893.—ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO

(JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida *Agencia* continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia*, e outras, — *Certidões — Attestadas — Matriculas*, etc., etc.

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escolas, e outros quaesquer documentos. — Preços medicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta *Agencia* far-se-ha um abatimento importante no total das despezas usuas, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta *Agencia* receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

SORTIMENTO COMPLETO

EM

MUNIÇÕES DE CAÇA

NEVES IRMÃOS

100 — Rua Ferreira Borges — 100

Esta casa recebeu e vende por preços muito limitados os seguintes artigos:

- | | |
|--|---|
| Espingardas e revolveres de diversos systemas | Fulminantes e buchas de cartão e feltro |
| Cartuchos de metal e cartão de todos os calibres | Varetas, escovas de feltro, arame, cabelo, etc. |
| Réclames de perdiz, codorniz e rôla | Carregadeiras, copos de borracha e estelside |
| Polvorinhos e chumbeiros de couro, etc. | Polainas e frascos empalhados |
| Cintos e bolsas de camurça para revolver | Facas de matto, ouvidos e sacatrapos |
| Ditos para cartuchos e viagem | Chumbo da melhor qualidade |
| Trélas e colleiras para cães | Extractores, handoleiras e cornetas |
| Machinas diversas para carregar e rebordar | Ballas para revolver e flobert |
| Ditas para cortar buchas | Cornetas e caixas para fulminantes |
| | Camurças, sabonetes para lavar cães |
| | Rechamis e caixas com talheres. |

Vaselina pura composta para conservação das armas e de todos os metaes

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 ARMAGEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus.— Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de cordas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

COMPANHIA AUXILIAR

CAPITAL 100 CONTOS

Succursal nesta cidade

2 — ARCO DO BISPO — 2

330 Nesta casa empresta-se dinheiro sobre prata ouro papeis de credito e tudo que represente valor.

Não se empresta a menores. Guarda-se o maior sigilio em todas as transacções que se effectuarem menos o que se desconfie ser roubado.

Abre o escriptorio todos os dias uteis das 8 da manhã ás 10 da noite em dias santificados das mesmas da manhã ás 3 da tarde.

Pelos gerentes,
João Augusto S. Favas.

CAIXEIRO

326 Offerece-se com pratica de fazendas brancas.

Tem razoavel calligraphia, e sabe alguma coisa de Escripuração Commercial.

Carla a esta redacção com as iniciaes E. L.

QUINTA

324 Arrenda-se ou vende-se uma muito proximo de Coimbra.

Para tratar, rua Ferreira Borges, n.º 77 a 81.

Mudança de liquidação de todas as fazendas do estabelecimento que foi de José de Castro, Largo da Portagem

Agora continúa essa liquidação na rua do Visconde da Luz, 90, 92, loja de machinas, para onde foram mudadas todas as fazendas que eram de José de Castro e se vendem com grande abatimento.

QUINTA

328 Arrenda-se uma no sitio do Almegue. Para tratar

Rua dos Sapateiros n.º 74 a 80

ARRENDAM-SE

328 Arrendam-se duas casas, uma, na rua do Loureiro, n.º 58, com 17 compartimentos outro, na rua dos Anjos, n.º 12, com 9 compartimentos.

Para tratar em casa de Vaz, cabelleireiro, na rua Sá de Miranda, (antiga rua de S. João) n.º 20.

VENDE-SE

327 Um bom predio de casas com 4 andares, loja e bom pateo, sita na travessa da Mathematica, n.º 11 e 13.

Tem lindas vistas, d'onde se disfruta um bonito panorama.

Trata-se com Antonio Simões Peixeiro, largo do Salvador, n.º 2; Coimbra.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno 24700	Anno 24500
Semestre . . . 12350	Semestre . . . 12200
Trimestre . . . 680	Trimestre . . . 660

O Defensor do Povo

ANNO III Coimbra, 2 de setembro de 1894 N.º 222

BI-SEMANARIO REPUBLICANO

MISSÃO DA IMPRENSA REPUBLICANA

São muitas e complexas as funções da imprensa periodica. E' largo, amplissimo o dominio da sua acção e da sua influencia.

Não tem limites o seu poder; illimitada é tambem a sua responsabilidade moral.

Elas abrangem no seu vastissimo ambito, na sua esphera d'acção e influencia todas as condições e, por isso, todas as relações da vida social, todas as necessidades, desejos e aspirações, e, por isso, todos os interesses, de que vivem, com que se desenvolvem, melhoram e transformam as sociedades humanas; onde, em travado combate pela existencia, de continuo concorrem, e lutam os interesses e as pretensões geraes e communs da collectividade, da Nação por exemplo, com os interesses e pretensões particulares e individuaes de caracter anti-social ou egoista.

E' em virtude d'esta lei, e por isso que os governos sempre, mais ou menos, têm tido e têm, como *governantes*, a funesta e ás vezes desastrosa preocupação exclusiva de interesses e pretensões de dominio e de riqueza, não só distinctos e separados como coisa propria, mas, em muitos casos, absolutamente oppositos aos interesses e pretensões dos *governados*.

O aperfeiçoamento das leis e das instituições politicas deve, pois, ter por objecto principal reduzir progressivamente e por fim eliminar os interesses egoistas e as pretensões anti-sociaes dos *governantes*, isto é das pessoas, das familias, das classes, das corporações preponderantes e absorventes, ricas e poderosas pelo monopolio e exercicio do governo e pela exclusiva representação do Estado, cujas garantias de liberdade e justiça, de propriedade e segurança, de auxilio e protecção (quando esta e aquelle sejam necessarios) devem ser condições de existencia a todos, sem excepção, fornecidas com a maxima egualdade, promptidão e efficacia.

Só a Imprensa periodica, independente e livre, corajosa e desinteressada, e mais do que qualquer outra, a Imprensa republicana poderá com desassombro e abnegação impedir o arbitrio, os abusos, os escandalos, as espoliações e os roubos praticados por aquelles que dirigem e governam a sociedade em proveito proprio, exercendo uma continua, directa, activa e esclarecida vigilancia sobre os actos dos governos, a fim de que o interesse commum dos associados

não seja, não possa ser por aquelles sacrificado aos seus interesses particulares e exclusivos.]

Á Imprensa periodica pertence, e mais do que a qualquer outra á Imprensa republicana incumbe esclarecer e propagar as ideias e os principios politicos; theoreticamente mais apropriados e praticamente mais opportunos e efficazes para inspirar, organizar e dirigir um estado social, de tal modo constituido e legalmente garantido, que os *governantes*, os *dirigentes*, os *responsaveis*, não possam de modo algum conceber e muito menos alcançar o seu *bem-estar*, realisar, favorecer e augmentar os seus interesses, se não como consequencia natural, derivação immediata e effeito resultante do bem estar commum, do interesse geral dos *governados*.

E dizemos á Imprensa republicana, por que só ella o poderá fazer devidamente; porque a Imprensa monarchica não póde em tempo algum, nem nunca poderá desempenhar, sob este ponto de vista, a sua função de ensino e propaganda sem reservas, sem hesitações e sophismas, sem os calculos ambiciosos, sem os embaraços, os manejos e as imposições da politica partidaria e facciosa, d'essa politica estreita e machiavelica dos governos e das opposições, que se hostilizam e degladiam no apertado espaço que as suas rivalidades lhes traçam, as suas conveniencias limitam e as suas paixões resolvem, para lançarem a poeira ignobil da dissimulação e da hypocrisia, e quantas vezes da mentira e da calumnia, aos olhos da opinião publica, a fim de que esta, obscurecida e perturbada, desvaire e de tal modo se desorienta nas suas apreciações e julgamentos, que a consciencia nacional, enganada ou illudida, não possa merecida e severamente castigar-os por falta de conhecimento e de provas, á mingua de força intelligente e de energia moral.

E dizemos á Imprensa republicana; porque a monarchia sempre foi, e cada vez mais se vai tornando uma instituição egoista, incompativel, nos seus interesses e nas suas pretensões, com esse estado social, a que nos estamos referindo.

Os interesses particulares, as pretensões dynasticas, o *bem-estar* da realeza, as prerogativas da corôa, os privilegios da corte sempre formaram, e formam e formarão sempre com os verdadeiros interesses do Estado, com as legitimas pretensões nacionaes, com o bem estar e com os sagrados direitos do Povo um manifesto contraste, um completo e irremediavel antagonismo, o qual colloca e supplicia nas pon-

tas candentes de um terrivel e angustioso dilemma os seus partidarios e defensores, e por isso a sua Imprensa, a imprensa monarchica:

—Ou abandonar, trahir, combater e até sacrificar os interesses nacionaes, o bem estar, os direitos do povo, para sustentar, defender e salvaguardar os interesses da dynastia e os privilegios da corôa; — ou abandonar, trahir, combater e até sacrificar os privilegios da corôa e os interesses da dynastia, para sustentar, defender e salvaguardar os interesses nacionaes, o bem estar e os direitos do Povo.

Não ha meio de fugir; não ha tangente por onde possa escapar-se do terrivel dilemma do aquelle que, por militar na Imprensa monarchica, se collocou na desgraçada quanto ignobil posição de faltar muitas vezes á verdade e á justiça.

EMYGDIO GARCIA.

Socialistas e anarchistas

Realisou-se quarta feira em Lisboa, na Associação das Lavadeiras, a annunciada conferencia do sr. Azedo Gneco, cujo thema era: — *Utilidade das mulheres se associarem.*

Grande concorrência de mulheres e de homens d'outras associações, que muitas vezes interromperam o orador com applausos.

O sr. Albino de Moraes, que estava acompanhado por um grupo de seus correligionarios dirigiu alguns ápartes ao conferente.

Finda a conferencia o sr. Gneco retirou-se para um gabinete junto á sala e quando todos se prepararam para sair foi então que o sr. Moraes subiu ao estrado e bradou: — «Podem sair as mulheres os homens que fiquem pois temos que liquidar contas velhas. Sou anarchista e ataco os que atacam o anarchismo.»

Disseram ao intruso que não podia fallar, que a occasião não era opportuna, e uma enorme gritaria de protesto contra o anarchista ecoou pela sala, havendo bengalás erguidas, e encontrões, intervindo a policia, que fez 75 prisioneiros, que foram para o commissariado.

Depois d'um interrogatorio aos presos foram todos mandados pór em liberdade, á excepção dos srs. Acacio Augusto e Eduardo Cardoso, socialistas; Albino de Moraes, Bartholomeu Constantino, Alvaro Rocha, Antonio Evaristo e Mauricio, anarchistas; os quaes foram enviados a juizo com a participação de incorrerem no § 1.º do artigo 185.º do Codigo Penal, que condemna em prisão até 3 mezes.

Explica-se que a provocação dos anarchistas, na associação das Lavadeiras, fôra promovida por altas influencias, visto que o governo, não querendo prohibir a conferencia, precisava d'um pretexto que o desculpasse nas providencias despoticas a que vae proceder contra as reuniões das classes trabalhadoras.

Não deixem reunir os operarios em plena liberdade, e depois queixem-se se começaram a apparecer espiritos desvairados a tirarem vingança dos oppressores.

A fiscalisação da camara

E' do dominio publico o estado precario em que se encontram os redditos do municipio conimbricense, que, como tantos outros, foram aggravados nas suas despesas em consequencia das reformas administrativas do governo salvador Dias Ferreira, que lhe creou maiores encargos, sem lhe garantir receitas proprias para uma desoagada administração.

Por tudo isto a administração municipal carece de ser dirigida em todos os seus ramos com consciencia e zelo, predicados estes que não vemos sejam propriedade da actual camara, onde pode haver muito boas pessoas, mas onde falta a aptidão propria para o exercicio dos cargos a que se propozeram.

Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo, diz o velho aphorismo; e eis a razão porque a camara se deixa levar no caminho das suas antecessoras, as quaes não sabendo fazer boa administração, fizeram optima politica em beneficio dos apanguados e de si proprio.

Isto não são afirmações gratuitas, são verdades incontestaveis, bem patentes ao publico, que vê em cada solarengo de vereador ricaço, estradas magnificas, que lhe dão um transito facil e comodo.

Devemos aqui abrir um parenthesis, para declararmos que a unica camara que não fez concessões d'esta ordem foi a presidida pelo sr. dr. Luiz da Costa e Almeida.

Desde que um grupo de homens entra para uma corporação com fins politicos, e não com o desejo de bem a servir; a esses homens não lhes importa a fazenda publica e só pensam em satisfazer os seus caprichos e vontades, visto que a impunidade dos seus erros encontra nas altas instancias do poder a cega absolvição que todos gozam neste paiz.

Entremos de vez no assumpto. Uma das principaes receitas dos municipios é a fiscalisação e cobrança dos impostos indirectos; vejamos, pois, como a camara de Coimbra trata d'este importante ramo, em face do seu regulamento de 13 de abril de 1892.

Concedem os artigos 13.º a 18.º que os vendedores de generos sujeitos ao chamado real d'agua, se possam avençar pelo periodo regular de tres mezes, durante os quaes ficam isentos de serem incommodados no seu negocio pela acção fiscal camararia.

D'esta concessão se aproveitou a maior parte dos vendedores de vinhos, e alguns, devido á incapacidade de quem acceitava as suas propostas, conseguiram realizar avenças lucrativas, com grave prejuizo para as receitas do municipio. Produziram estas concessões o seu effeito natural—um decrescimento resultante da desigualdade das avenças—pondo a descoberto a má fiscalisação do imposto e a pessima administração da casa fiscal.

Como se remediou este prejuizo? Resolveu a camara, por proposta do administrador fiscal, terminar *in continenti* com as avenças, revogando assim as prescripções do regulamento, sem ver que tal resolução iria cercar mais os interesses do municipio, pois que o rendimento das avenças é

uma receita infallivel, enquanto que os manifestos são d'uma incerteza absoluta.

Não é preciso ser muito atilado em materia de administração fiscal, para se conhecer o erro palmar em que se deixou cair a camara.

Podem-nos vir dizer que o rendimento do imposto do vinho, no mez de julho findo, foi superior ao de igual mez do anno passado, em virtude da *sabia* resolução; mas o que se não diz é, que os vendedores, na sua maior parte, fazendo os seus manifestos naquelle mez, não tornam a pagar imposto á camara durante o corrente trimestre, pela simples razão de que — ou as quantidades manifestadas lhe chegam para o consumo nos seus estabelecimentos, ou se aproveitam da porta falsa que lhes abriam para se escaparem ao manifesto.

E d'este dilemma não ha que fugir.

Demais se sabe da revoltante e flagrante injustiça que se está praticando com os negociantes de vinhos em pequena escala, os quaes estão sendo flagellados com constantes varejos; enquanto o grande negociante, que melhor póde defraudar a camara, goza do esquecimento de quem superintende no serviço da fiscalisação podendo-se provar que estabelecimentos ha em que se passam seis e mais mezes sem verificação de especie alguma.

E a camara que é conhecedora do que se passa não pede responsabilidades a ninguem, e julga-se satisfeita com as medidas que adoptou, as quaes resultam num desfalque para o municipio, que vê reduzidos os seus principaes rendimentos!

Continuaremos no proximo numero a narrar ao publico o que é e o que vale a fiscalisação dos impostos indirectos do municipio.

Processos de imprensa

O tribunal da relação de Lisboa annullou o processo por suppostos crimes de liberdade de imprensa, movidos contra o *Correio da Noite*.

A annullação do processo funda-se na falta do corpo de delicto directo, por ser a base essencial de todo o procedimento criminal, e não se ter em vista o que determinam os artigos 900 e 902 da nova reforma judiciaria.

Os fundamentos do agravo eram: 1.º a falta do corpo delicto directo; 2.º a illegalidade do ministerio publico para intervir na accusação; 3.º não ser criminoso o facto de que os réus são arguidos.

Foi tambem annullado pela relação o processo contra o *Correio da Tarde*, mas o ministerio publico recorreu do referido accordo para o supremo tribunal de justiça.

E' de crer que esta instancia confirme a doutrina e os principios do outro tribunal, e assim verem os por terra a infame perseguição que se exerce contra a imprensa que cumpriu o seu dever condemnando os revoltantes actos do governo que calçou todas as regalias e direitos populares, e está coarctando as liberdades publicas, com um cynismo tal que tem levantado a indignação dos verdadeiros e sinceros liberais.

Mas, a par d'este procedimento louvavel, ha a notar o modo, inteiramente opposto aos bons principios, com que se procede para com a imprensa republicana; ao passo que os jornaes monarchicos veem os seus recursos providos, aos jornaes republicanos querellados, e que do mesmo modo recorreram para a Relação, os seus recursos foram negados!

E' esta a justiça que se faz neste paiz; esta immoralidade revoltantissima, que tão indignamente macula os tribunaes portuguezes, faz subir aos labios ondas de palavras amargas e cheias de verdade, que a arbitrariedade dos tribunaes nos não deixa pronunciar bem alto.

Entretanto, frizemos bem, que o mesmo tribunal, a Relação de Lisboa, ao passo que reconhece immaculados e limpos de toda a culpa, perante a lei da imprensa, o *Correio da Noite* e o *Correio da Tarde*, jornaes progressistas, fulmina e persegue, pelos mesmos motivos, a *Vanguarda* e o *Dia*, jornaes republicanos!...

O' dia de justiça, dia de justiça...

×

A mandrince official

Ha dias o ministro do reino, sr. João Franco, desejando informar-se d'um serviço da direcção geral d'instrucção publica, mandou chamar o director geral; tinha parte de doente.

Em vista d'esta ausencia pediu a comparencia do immediato, que não estava. E procurando pelos outros empregados em escala descendente, foi informado de que na repartição só estava o continuo e o servente!

E todos tinham assignado o ponto!

Foi ordenada a suspensão de todos aquelles empregados, desde que não justifiquem satisfatoriamente a sua falta.

E aqui está para que o paiz dispense com taes mandrincs milhares de contos de réis, saqueados á magra bolsa do contribuinte que leva laboriosa vida para manter tanto comilão.

×

Os dois Marianos!

Em conformidade com o contracto celebrado ha um anno entre o sr. Mariano Pina (que bisca!) e os proprietarios do *Diario Popular*, foi na quarta feira dada a posse judicial da redacção, administração e todas as dependencias d'aquelle periodico, ao sobredito sr. Pina.

Quer dizer: Mariano de Carvalho foi pontapeado, posto fóra da redacção do jornal que creára, pelo Pina!

O pessoal typographico não quiz ficar com o Pina, saiu empastellando o typo e levando os livros da administração.

Mariano de Carvalho (que marau!) continuava a publicar o mesmo *Diario Popular*, com a designação de ser elle o director politico.

Bem dizia o padre Patagonia: — São como os grillos, comem-se uns aos outros.

×

«O Anti-jesuita»

E' o titulo d'um jornal que em Lisboa começou agora a sua publicação, destinado a combater a onda crescente do jesuitismo, que se vae alastrando por todo o paiz, protegido pelas altas regiões do paço e do poder. Se até ha poucos annos a *seitaneira* ia minando nas trevas o seu poder, hoje ergue-se já descaradamente, exercitando em manifestações publicas a sua força. E' portanto, tempo de todos os liberaes se erguerem tambem, oppondo-se vigorosamente á propaganda jesuitica. Nesta orientação, o *Anti-jesuita* ha de prestar serviços importantes á causa liberal, e tanto basta para que lhe desejamos um longo futuro de prosperidades.

Sciencias, Letras & Artes

EVOLUÇÃO

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo, Tronco ou ramo na incognita floresta... Onda, espumel, quebraudo-me na aresta Do granito, antiquissimo inimigo...

Rugi, fóra talvez, buscando abrigo Na caverna, que ensombra urze e giesta. Ou, monstro primitivo, ergui a testa No limoso paúl, glauco passeio...

Hoje sou homem e na sombra enorme Vejo a meus pés a escada multiforme Que desce em espiraes na immensidade...

Interrogo o infinito e, ás vezes, choro... Mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro E aspiro unicamente á liberdade.

ANTHERO DE QUENTAL.

As casas de jogo

O nosso collega a *Vanguarda* ao referir-se com louvor á pertinaz insistencia com que a policia de Lisboa está perseguindo o jogo, faz um frizante confronto com o procedimento do tribunal da Boa-Hora, que protege tão descabeladamente os jogadores, que faz o julgamento á porta fechada, não deixando provar a accusação.

E assim a justiça está destruindo por completo a acção benéfica da policia, na guerra ás casas de jogo, focos de crimes e de immoralidades.

×

Falta de agua

Castello Branco, que tem uma população de 8:000 habitantes, está atravessando uma crise horrorosa, pois é com muita difficuldade que se abastece d'agua em consequencia de só haver alli um chafariz.

×

Refractarios

Fugiram de Vinhaes, vinte e tantos rapazes, que se acham recenseados este anno para o serviço militar, no intuito de emigrarem para o Brazil e se eximirem aquella obrigação. Não se sabe se foram para Vigo ou Corunha, onde tencionavam embarcar, fazendo-se passar por hespanhoes.

MOVIMENTO COMMERCIAL

O azeite está em Coimbra de 1760 a 1780 réis, o decalitro.

Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços:

Milho branco, 420—Dito amarello, 410 — Trigo de Celorico, graudo, 550—Dito tremez, 530 — Feijão vermelho, 520 — Dito branco, 420—Dito rajado, 390—Dito frade, 390—Centeio, 410—Cevada, 250—Grão de bico, graudo, 580—Dito meudo, 560—Favas, 370 — Tremoços, 260.

O agio das libras a 17280; ouro nacional, graudo, a 26 1/2 0/0, e o miudo a 25 1/2 0/0.

Os preços dos generos no mercado quinzenal e Montemor-o-Velho, de quarta feira, foram os seguintes:

Milho branco 460 — Dito amarello 440 — Trigo branco 600 — Dito tremez 620 — Dito mouro 640 — Feijão encarnado 600 — Dito mocho 600 — Dito branco 480 — Dito amarello 440 — Dito rajado 420 — Dito frade 400 — Grão de bico 580 — Chicharos 360 — Batatas 220 — Tremoços 360 — Centeio, 650 — Cevada 300 — Favas 400 — Aveia 320.

TESTA & C.ª

(COSTUMES FIM DE SEculo)

II

D'este nó, que foi nó cego porque Isaura Perdigão contribuiu de véras para que os amigos do marido sublinhassem maliciosamente o appellido de *Testa*, nasceu um rapaz, um rapagão forte e valente como as armas, que recebeu na pia baptismal o nome de Gregorio (gentileza para com o conego...) e que já aos seis annos esmurrava com sóccos de pequeno atleta as ventas da ama e os queixos da cosinheira.

O menino Gregorio, alcunhado de *joven Hercules* pelo tio-avô, tinha a mania incorrigivel de chamar *papá* a todos os frequentadores da casa, e o habito inveterado d'agucar com o bisturi do verdadeiro papá, quantas cannas e vergastas lhe serviam de chicote, e com que elle, vigorosamente, fugitava os mueres de cadeiras atrelados pelas cordas do poço á mala-posta de mezas d'engommar e caixões de coiro.

O pae zangava-se muito com o atrevimento do menino, que nem o *bisturi do officio* lhe respeitava; mas achava pilhas de sal ao filho, quando lhe exhibia a gracinha de chamar *Papá* e beijocar com furia as suas visitas do chá dominieiro: o commendador Barradas, o doutor Silveira, o primo Perdigão, alferes da guarda nacional, o escrivão da camara, e os dois boticarios do Bairro Alto que, então, mais se distinguiam no jogo do Gamão, o Lopes e o Seabra Craveiro.

A mãe é que não gostava da graça, e preferia que o filho estragasse o bisturi do pae.

O *joven hercules* sentiu necessidade de expandir os musculos; mandou ao diabo os livros, e alistou-se aos dezeseis annos no regimento do primo Perdigão, que ha muito lhe transtornára a cabeça com a historia das deslumbrantes façanhas operadas pela sua espada virgem.

Um anno depois namorou-se perdidamente d'uma estaqueira que morava junto ao quartel, e onde o Gregorio comprava os seus cinco réis de cigarros fortes. Pediu ao pae licença para casar.

O pae ficou varado d'espanto e corrido de vergonha ao ouvir o estranho pedido.

No primeiro momento d'assombro esmagou-lhe a indignação o anathema que ia soltar contra aquelle *Testa* degenerado.

Conseguiu serenar, porém; e foi em tom de magua, repassado de severidade, que respondeu ao filho:

«Não só te esqueces da posição de teu pae; esqueces-te tambem do nome da nossa familia, cuja origem se encontra na côrte do senhor rei D. Fernando.»

Gregorio atalhou: «... Do senhor rei D. Fernando, que foi, por largo tempo, o amante de Leonor Telles. Farei como elle, meu pae: prescindirei de formalidades!»

E saiu, muito resolutivo, de cabeça erguida, arrastando a espada insolentemente, de degrau em degrau.

D'ahi a dois dias soube-se que o filho do medico Testa tinha prescindido de formalidades: vivia na rua das Pretas, de casa e pucarinho com a Julia estaqueira. Paulo soffreu um abalo violento, e foi fulminado por um ataque cerebral, que traria a morte se não lhe valesse a lanceta d'um collega; a morte, porém, não se fez esperar, e o pae de Gregorio não teve a doce compensação de alegria que sentiria ouvindo pronunciar o nome do filho com esse enthusiasmo que nos electriza quando fallamos d'um heroe. Gregorio fóra um heroe na guerra do cerco do Porto. D. Pedro condeou-o por sua mão com a *Torre e Espada*, e dirigiu-lhe pala-

avras de louvor diante do seu exercito.

A distincção de Gregorio foi tão notavel que não escapou ao cadastro dos miguelistas. Os miguelistas tomaram nota do valor do liberal, e supprimiram-no em momento opportuno, graças a uma tarefa monumental encomendada aos mais habéis caceteiros de D. Miguel. Houveram-se elles de forma que Gregorio, surpreendido numa embuscada, altas horas da noite, foi levado para casa quasi moribundo.

A' hora da morte casou com a Rosa estaqueira, que andava grávida.

Abençoou a união o mesmo padre que ungiu o agonisante.

D'ahi a dois mezes nascia Paulo, filho postumo, do valente soldado de D. Pedro IV.

Paulo Testa, socegado e pacato como uma menina, e em nada parecido com o genio guerreiro do pae, dedicou-se ao commercio, entrou, como marçano, na loja de Vargas & Irmão, ao Rocio, e conseguiu, tão exemplar foi o seu comportamento e tão habil se mostrou no negocio, subir a socio de Luiz Vargas por morte de seu irmão mais velho, Jacintho.

Passou a firma a girar com o nome de *Vargas & Testa*.

Paulo Testa, porém, não se metteu apenas nos lucros da casa, encaixou-se tambem no coração da viuva de Jacintho, que lhe offereceu a mão e o dote, e o mimoseou com dois filhos, Gervasio e Adelaide — as duas creanças mais bonitas que passeavam na capital, segundo a opinião de todos os freguezes da loja *Vargas & Testa*.

Tudo isto soubera o Gervasio Testa pelos apontamentos do tio frade cruzio (que não chegára a ser nomeado chronista da casa de Bragança por causa d'aquelle malandro do Testa que frequentou a Mouraria — raios o partam!), e ainda pelos apontamentos da carteira de marroquim vermelho onde seu pae relatava minuciosamente os successos da familia Testa, desde a morte de Frei Bernardo até aos seus dias. Essa carteira conservava-a religiosamente guardada a esposa de Paulo no seu santuario de pau preto, aconchegadinha entre as camisollas de flanela do marido e uma imagem de Santa Barbara, que livrava a gente de trovoadas.

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Interesses e noticias locais

Claustro de Cellas — Appello ao ex.º sr. bispo conde

Affirma-se que o magestoso claustro do extincto convento de Cellas, uma preciosidade artistica, está em perigo de ruina, visto que por um indesculpavel esquecimento não foi arrollado nem á parte que ficou pertencendo á camara, nem á do governo, pela extinctão das juntas geraes a quem pertencia o edificio de Cellas, dando isto logar a um completo abandono.

Não se ignora qual o valor artistico d'este claustro, razão sufficiente para merecer, tanto da camara, como do governo, especial attenção a fim de se não perder tão importante trabalho de esculptura, unico em Portugal.

Em presenca d'este caso entendemos dever solicitar do sr. bispo conde a sua valiosa intervenção, conseguindo salvar do perigo imminente em que dizem estar o claustro de Cellas. S. ex.ª tantas provas de dedicação e zelo tem dado pela conservação das preciosas reliquias d'arte que Coimbra possui, que julgamos do nosso dever chamar a attenção de s. ex.ª para tão importante assumpto.

Bombeiros municipaes

Deseja a camara edificar uma casa esqueleto para instrucção dos bombeiros, pois reconhece nisto uma grande necessidade.

Mais necessidade vemos da camara tratar a serio da limpeza da cidade, da reparação das estradas concelhias, que estão em vergonhoso estado, dos melhoramentos que o mercado necessita e de tantas outras obras que se carecem.

Bem basta o que as bombas consomem dos redditos do municipio, cousa bem dispensavel desde que em Coimbra ha duas corporações bem organisadas e instruidas no serviço dos incendios.

Se a camara zelasse como deve as economias do municipio, cujas receitas vão decrescendo; em vez de pensar em casas esqueletos — caprichos pedantes de arranjistas emeritos — tratava antes de dissolver o corpó de bombeiros, cedendo o seu material ás corporações existentes, com pessoal sufficiente para os socorros que de tempos a tempos se reclamam.

Presentemente, a corporação dos bombeiros municipaes podia ser extincta, porque não fazia falta alguma a cidade. Tem-se visto, nos poucos sinistros que temos durante o anno, quanto se distinguem em brevidade e dedicação ás corporações particulares.

E não se pôde dizer que a corporação municipal serve de estímulo e incentivo ás suas congéneres, pois que os bombeiros voluntarios, na epocha em que estava desorganizado, na camara, o serviço de incendios, prestou altos serviços ao publico, não faltando a tempo e horas com os precisos socorros.

Melhor se ficou depois com a creação da real Salvação publica, que muito tem trabalhado a fim de prestar ao publico o seu auxilio.

Além d'isto a vereação precisa de olhar para a situação financeira em que se encontra o municipio, falho de receitas e com acrescimos de despezas, em parte devido á lei de Dias Ferreira, o *salvador* d'estes reinos!

Se se despede pessoal e se suspendem as obras por conta da camara, por falta de recursos pecuniarios, para que se pensa em construcções de esqueletos, quando em esqueleto se encontra o numerario nos cofres municipaes?

Tenham juizo os srs. vereadores, pois que as suas edades permitem bom senso e criterio nos seus actos; quanto mais estão a administrar a fazenda alheia, e não devem dispôr do que lhes não pertence.

Num dos proximos numeros fallaremos ainda da conveniencia da extinctão do corpo de bombeiros municipaes, que muito está peizando as despezas da camara.

Sé Velha

Está-se procedendo á deslocação dos azulejos que foram as paredes d'este templo, e ao executar-se este trabalho foi encontrada uma pedra tendo gravada em baixo relevo a seguinte inscripção, onde se lê em caracteres antigos com muitas abreviaturas:

HIC IACET DOMNVS MARTINVS GVNSALIVS EPISCOPVS COLIMBRIE QVI OBIT V IDVS SETEMBRIIS ERA M CC XX VIII

Refere-se esta lapide ao fallecimento do 9.º bispo de Coimbra, D. Martinho Gonçalves, em 9 de setembro de 1191, segundo a era christã, ignorando-se onde estarão os restos mortaes d'este contemporaneo de D. Afonso Henriques, que ainda lhe sobreviveu.

O vetusto templo da Sé Velha está dando novidades muito apreciaveis aos archeologos portuguezes, ainda que peze aos *narcisos*,

Necrologia

Finou-se hontem pela manhã o conceituado commerciante d'esta praça, o nosso patricio, sr. Francisco Maria de Sousa Nazareth, prestimoso cidadão, que soube ser um dedicado esposo e extremo pae.

Como politico estava alistado no partido regenerador, desligando-se ha muitos annos dos grupos politicos, por desanimo e descrença.

Foi vereador e membro da junta geral do districto, onde serviu alguns annos.

Como commerciante teve uma vida honrada, laboriosa, mantendo sempre o bom credito que adquirira nesta cidade e nas principaes praças do commercio do paiz, onde era muito conhecido e estimado.

O seu funeral é hoje ás 9 e meia da manhã, fazendo-se-lhes as honras funebres na igreja de S. Bartholomeu.

Deve ser numerosa a concorrência a este acto, porisso que o finado gozava de muitas sympathias entre os seus patricios, sendo muito estimado pela classe commercial, de que foi digno membro.

A familia, que o idolatrava, deve sentir immensa dôr ao ver-se separada da pessoa querida para quem todos tinham affectos e dedicações.

Aceitem os seus os pezames sinceros da nossa consternação, por tão infausta morte.

Cassiano Ribeiro

Está na Figueira, a uso de banhos, este nosso digno collega, que ainda não informou o *Defensor do Povo* dos palpitanes acontecimentos que hão de dar-se naquella praia, cheia de vida e animação.

Tem, pois, a palavra o nosso amigo a quem desejamos alegres passatempos.

Marcos fontenarios

Até que emfim vamos ter em funcionamento os marcos fontenarios, pois que a camara já auctorizou o pagamento de 347600 réis, para dois.

Como se vê o seu custo é relativamente insignificante, e não sabemos porque a camara adquiriu só dois marcos, insufficientes para uma cidade como Coimbra.

Para ser collocado um no bairro alto e outro na baixa é coisa tão irrisoria e tão mesquinha, que bem merece a censura de todos.

Demais a camara esquece a representação que lhe foi feita pelos habitantes do bairro de Santa Clara, pedindo para alli a canalisação para o abastecimento das aguas, e a collocação d'um marco fontenario.

Dois marcos fontenarios para uma cidade que, além da grande área dos bairros alto e baixo, tem os populosos bairros de Santa Clara, quinta de Santa Cruz, Mont'arroyo, estrada da Beira, etcl.

Hão de concordar que coisa mais inepta ainda não appareceu a occupar as cadeiras do senado. Leva as palmas á transacta que ao menos tinha um homem illustrado a presidir.

O furto na feira

A rapariga que subtrahira o collar d'uma barraca d'ourives, da feira de S. Bartholomeu, foi posta em liberdade.

Não poudo ser enviada para juizo pela razão da roubada fazer termo de desistencia de qualquer acção judicial contra a rapariga, desejando receber immediatamente o collar, que era indispensavel para a formação do processo.

Oxalá que esta lhe sirva de reprimenda e se desacostume de gostar do alheio.

Donativo importante

A pedido do sr. dr. Julio Henriques, presidente da sociedade philantropico-academica, o nosso patricio sr. conde de Valenças, teve a generosidade de subscrever para o cofre d'esta humanitaria instituição com a quantia de réis 100000, obrigando-se a fazer donativo egual durante cinco annos.

E' acção tão magnanima que dispensa bem o elogio do noticiario.

Caridade

O sr. bispo conde que exerce com largueza esta virtude, enviou ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, digno redactor do *Comimbricense*, a quantia de 100000 réis, que foram distribuidos por 20 familias pobres.

Não esquece o caridoso prelado de cumprir os preceitos do evangelho, o que lhe tem grangeado justos louvores e merecidas sympathias.

Falta de regas

Os moradores de Fóra de Portas estão soffrendo o desleixo de quem superitende neste serviço.

O muito transito naquella sitio faz que na estrada se accumule enorme poeirada, que junta com o pó de carvão que está sendo conduzido da estação velha para a fabrica do gaz, muito incommoda os habitantes d'aquelle bairro a quem se dispensam os poucos beneficios que se concedem á cidade neste sentido.

Vêja o sr. vereador respectivo quanto direito e justiça tem os moradores de Fóra Portas em se queixar da camara não mandar regar aquella estrada. Esperamos porisso se attenda a esta urgente necessidade.

Matriculas na Universidade

A matricula geral para o curso das disciplinas nesta Universidade, começa nos dias 2 a 4 de outubro, devendo os academicos que desejarem ser admittidos apresentar os seus documentos: até 20 de setembro, os que frequentarem o primeiro anno em qualquer das Faculdades; até 25 do referido mez os dos restantes annos.

Suspensão d'obras

Propoz o sr. Fonseca Barata em sessão camararia: a suspensão de todas as obras, visto o decrescimento das receitas e a falta de approvação do orçamento ordinario, e fossem despedidos tres olheiros que estão ao serviço e que sem prejuizo d'este podem ser dispensados.

Resolveu a camara discutir esta proposta, mas não o sabemos se o fez em razão da publicação dos extractos das sessões andar em atraso de tres semanas. Em 30 de agosto é que se dá á publicidade a sessão de 9 do mesmo mez.

Isto é ainda o desleixo a caracterisar a actual camara.

A banda do 23

Já nos não apparece aos domingos a executar as peças do seu vasto repertorio a excellente banda regimental, dirigida pelo sr. Alves.

Foi muito sentida a sua falta no Caes, no domingo e quinta feira passada, suppondo-se que iria alli dar animação áquelle concurrido passeio.

O aterro do Caes

Bem informados estavamos quando dissémos que se ia terminar com o aterro do Caes, á estrada da Beira, deixando-se alli uma pequena buraca que continuará a ser um nojento deposito de materias feacas, como já o é o Caes, ás Ameias, que exhala cheiros insupportaveis.

Felizmente hontem recommçou o trabalho de entulhamento do caes, que será concluido por toda a semana.

Se alguém houve que conseguiu a conclusão do aterro, esse alguém prestou um bom serviço e merece louvores.

As obras do Caes

Nos trabalhos de alicerce do novo Caes tem andado dois mergulhadores, continuando-se com a collocação da estacaria que é feita por uma machina a vapor.

Diz-se que o pessoal empregado nestas obras va ser augmentado, a aproveitar o pouco tempo que resta para entrarmos na estação invernos, que impede sempre o proseguimento d'estes trabalhos.

A nossa carteira

Regressou das Caldas da Rainha, onde esteve a banhos, o sr. dr. Antonio Maria de Sousa Bastos e sua ex.^{ma} familia.

* Esteve nesta cidade o nosso patricio o sr. José Horta da Silva, residente em Maiorca.

* Ao digno escrivão e tabelião d'esta comarca, o sr. José Lourenço da Costa, foram concedidos 60 dias de licença.

* Partiram para a Figueira da Foz, os srs.: dr. Alberto David, Pedro Bandeira e Fructuoso Lobo, com suas ex.^{mas} familias.

* Regressou da Figueira á sua quinta da Conraria com sua ex.^{ma} familia, o sr. dr. Maximino de Mattos Carvalho.

COMMUNICADO

Carta de Santa Clara

Vimos ha dias novamente num jornal que o governo ia dar a igreja do convento de Santa Clara ás irmãs hospitaleiras e não sei que outros alvitres a respeito do mesmo templo. Surprehendeu-nos esta noticia, porque foi ha poucos mezes entregue ao nobre prelado d'esta diocese uma representação assignada pelo reverendo parcho de Santa Clara, pela junta de parochia e por uma grande parte dos habitantes d'esta freguezia, afim de solicitar do governo a mesma igreja para matriz parochial. Já por outras vezes tem sido feito egual pedido e ainda não obteve resultado; elle, porém, afigurase-nos tão justo e tão bem fundamentado, que não poderá ser desatendido novamente sem grande injustiça para com estes povos.

A freguezia de Santa Clara é uma das importantes do concelho, tem mais de quinhentos fogos com uma população superior a dois mil habitantes.

A povoação, embora pelas posturas municipaes não seja considerada como parte da cidade, é certo que pelos factos historicos, pela quasi contiguidade e no conceito de toda a gente, é considerada como um bairro de Coimbra e é de facto um dos mais importantes e prosperos, pois, a industria, exercida por muitas fabricas, e a situação aprazivel atrahem aqui cada dia novos elementos de prosperidade. Todavia não ha aqui uma igreja que satisfaça ás condições indispensaveis para servir de matriz e que seja propriedade de parochia. Os actos do culto são exercidas provisoriamente em uma pequena capella pertencente ao cabido da Sé, a

qual é de tão exiguas dimensões que não comporta cem pessoas.

E' claro que, a não quererem inverter o sentido da palavra provisorio ou tolher o desenvolvimento d'este bairro de além-rio, hade mais tarde ou mais cedo mudar este systema de cousas. Além dos cuidados de sanidade, limpeza e outros muitos que o crescente desenvolvimento do bairro de Santa Clara reclama, furioso será tambem tratar de outros melhoramentos de interesse geral para a freguezia e entre estes não pôde deixar de contar-se a acquisição de uma igreja.

Attendendo a que a capella de que acima fallámos não é propriedade da parochia e a que, embora o fosse, seria inutil apenas reparal-a da deterioração em que se acha e impossivel amplificar-a pelas estreitas condições do local, só dois meios restam para resolver a questão: edificar uma igreja nova ou fazer da do convento igreja parochial. O primeiro não pôde evidentemente ter logar, porque seria uma rematada loucura nas actuaes condições economicas do paiz ir sobrecarregar os habitantes d'aqui com mais contribuições e o thesouro publico com auxilios bastante pesados: e seria uma loucura não só pelo que fica exposto, mas attendendo sobretudo a que, com um simples decreto, se pode obter o effeito do segundo; é este, pois, que deve servir; deve ser dada á freguezia pelo governo a igreja do convento. E demais, para que se hão de edificar mais templos numa cidade como Coimbra que já conta, entre grandes e pequenos, uns cento e cincoenta!

Ainda se poderia admittir se se podesse fazer uma obra d'arte que nos honrasse no futuro, sendo representante d'um periodo de evolução da architectura em a nossa terra, que tanto se honra com o que lhe ficou nosse sentido dos seculos transactos; mas quem poderá pensar em tal?

Para ser apenas um casarão sem bellezes architectonicas, e sem um cunho caracteristico que pregue ao futuro qualquer cousa de honroso para os seus edificadores, não será melhor que fique por fazer?

Provas da nossa decadencia e da nossa actual pequenez já temos tantas que bem nos sobejam para completa vergonha.

E, indubitavelmente, se em obras de outra natureza pôde por-se de parte a esthetica para dar logar, apenas, á commodidade e utilidade, em uma igreja de certas dimensões é isso impossivel, completamente disparatado. Bem mal ficam borrões entre as iluminuras brilhantes que tantas gerações têm deixado nas paginas da architectura sacra.

Approximando os factos: é indispensavel uma igreja á freguezia; não convem edifical-a; a unica solução racional e justa é ceder-lhe a do extincto convento.

E é nestas condições que se falla ainda em ser desviada a igreja do seu fim mais justo e dada ás irmãs hospitaleiras ou cousa que o valha?

E' nestas condições que ha quem se atreva com sophismados intentos a querer desviar para usos especiaes um templo que de justiça só pertence ao povo?

Não pôde ser. Seria a mais revoltante injustiça para com os habitantes d'esta freguezia; seria um erro de administração que bastaria para completo descrédito do governo que o praticasse relativamente ás intenções de resolver as difficuldades que o paiz atravessa; seria um contrasenso de tal ordem, que só uma protecção escandalosissima a qualquer grupo de reaccionarios poderia explicar. Mas, como o escandalo está todo em sua casa neste malfadado paiz, de nada nos admiramos: ahi fica todavia o alerta aos que se interessam verdadeiramente por esta freguezia e pela prosperidade do paiz, que só poderá

provir do aproveitamento de todos os elementos economicos. Ahi fica formulado o dilemma que os interessados deverão apresentar sempre a quem quer que os queira privar do que de direito lhes pertence.

Que estas verdades cheguem aos olhos de quem parece não querer ver.

Até breve, que muitos direitos ha a reivindicar para este antiquissimo bairro coimbrão.

ADELINO FERNANDES DE FRANÇA
visinho da Rainha Santa.

Noticias diversas

Consta que a companhia dos caminhos de ferro tenciona dar comboio especial para a Figueira da Foz nas festas de Nossa Senhora da Encarnação com bilhetes validos de 7 a 9.

Serenou um pouco a agitação nas terras do norte, por causa da carestia do milho.

No ultimo mercado de Braga, realizado ha dias, houve milho em abundancia, vendendo-se a 770 réis cada 20 litros.

O preço, no Porto, tem regulado a 680 réis.

No primeiro semestre do corrente anno, a alfandega de Lourenço Marques rendeu a quantia de 147.650092 réis.

Foi ha dias roubada a igreja da freguezia do Mosteiro, Vieira; os ladrões apoderaram-se de todo o dinheiro e joias que alli existiam.

No ultimo anno foram fabricadas em todo o mundo 7.352.000 galões de cerveja. Na Alemanha bebeu-se na proporção de 33 galões por cabeça; a Inglaterra, 30; a America do norte e sul, 16; a Austria, 12,9; a Belgica, 32; a França e a Russia, 12, e a Hollanda, 6,69. E' pequenissima a quota de Hespanha e Portugal.

Foi determinado que seja paga á companhia nacional de caminhos de ferro, concessionaria da linha de Santa Comba-Dão a Vizeu, a quantia de 31.1528223 rs., garantia do juro liquidado no 2.º semestre do anno economico de 1893-94.

Noticias bibliographicas

Aggravo crime

Do illustre advogado de Lisboa sr. dr. José Benevides, recebemos o erudito consciencioso **memorial e petição de aggravo**, no processo movido pelo nosso collega da *Vanguarda* a Mariano de Carvalho, contra o despacho do juiz, sr. Xavier de Lima, que accetitou a doutrina sustentada pelo ministerio Publico, sr. Cabral Mancada, na sua promoção em que considera o sr. Alves Borrêa parte illegitima para proseguir na acção.

Este trabalho do distincto advogado é notavel pela lucidez da argumentação e trabalho consciencioso revelado no estudo d'esta questão, que illustra sobre-modo o nome já bem conhecido do sr. dr. José Benevides.

Brie-à-brac

O cumulo dos v: Vende-se vinho verde da vinha do Vicente Veiga, de Villa Viçosa.

ROTULOS PARA Pharmacia Brevidade e nitidez Typ. Operaria Coimbra
ENVELOPES E PAPEL timbrado Impressões rapidas Typ. Operaria Coimbra
PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO Menús, etc. Perfeição Typ. Operaria Coimbra
ULTIMA NOVIDADE em facturas Especialidade em côres Typ. Operaria Coimbra
BILHETES de visita Qualidades e preços diversos Typ. Operaria Coimbra
LIVROS e jornaes Pequeno e grande formato Typ. Operaria Coimbra
IMPRESSOS PARA repartições publicas Typ. Operaria Coimbra
GARTAZES Prospecto e bilhetes de theatro Typ. Operaria Coimbra
A VISOS PARA Leilões, casas commerciaes, etc. Typ. Operaria Coimbra

14, LARGO DA FREIRIA, 14

A dona da casa diz ao seu cósineiro:
 — Janta hoje comnosco o deputado pelo circulo e é preciso obsequial o. Que havemos de lhe dar?
 — Língua, minha senhora. Como nunca abriu bico na camara, compreenderá a allusão.

AGRADECIMENTOS

Thiago Ferreira d'Albuquerque e sua mulher Marin José Rocha e Albuquerque, na impossibilidade de poderem agradecer pessoalmente a todas as pessoas que por occasião do passamento de sua filhinha lhes dirigiram suas condulencias e se dignaram tomar parte no enterro, servem-se d'este meio para tributarem a todos a sua involvida gratidão, e pedem desculpa de qualquer falta que involuntariamente tivessem cometido.

Coimbra, 1 de setembro de 1894.

Os abaixo assignados faltarão a um dever de gratidão para com todas as pessoas que por occasião do fallecimento de sua filha, Alice, lhes offereceram seus serviços e honraram com a sua presença o salmento funebre. A todos pois, protestam eterno reconhecimento.

Coimbra, 1 de setembro de 1894.

Seraphim G. A. Lima
 Clementina P. F. Lima

CIRCULAR

Cumpre-me levar ao conhecimento dos meus ex^{mos} amigos, freguezes e publico em geral que por escriptura publica lavrada nas notas do tabellião dr. Eduardo Vieira, d'esta cidade, foi de commum accordo dissolvida a sociedade que girava nesta praga sob a firma commercial de Mendes d'Abreu & C^ª, ficando todo o activo e passivo a cargo do meu nome individual.

Coimbra, 1 de setembro de 1894.

José Maria Mendes d'Abreu.

LIVROS

Annuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Manual do prestidigitador

Acaba de sair do prelo a 4.ª edição do *Manual do prestidigitador*, o livro mais completo que no seu genero se tem publicado, comprehendendo tudo o que de seguro effeito até hoje se conhece em *escamoteio de cartas, ligeireza de mãos, desaparições mysteriosas, illusionismo, magnetismo, fascinação, (trucs) de sala, physica recreativa, etc.*

A 4.ª edição, que encerra um numero colossal de sortes, ao alcance de todos os amadores, é illustrada com 100 gravuras explicativas e consideravelmente augmentada com muitas sortes de novidade, entre as quaes uma de **Transmissão do pensamento** no genero das que apresentou o celebre Onoffrof.

A impressão do livro, em typo elzevir, é primorosa, e o seu preço apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis com capa especial, e pelo registado, mais 100 réis.

Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges 141, e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria, 42, 1.º

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabricis, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e aggravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acaba de sair do prelo a 9.ª edição do *Manual do distillador, licorista e perfumista*, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescos, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o toucador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este *Manual* é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com capa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
 Repetições 20 réis
 Para os srs. assignantes desconto de 50 %
 Contracto especial para annuncijs permanentes.

COMPANHIA AUXILIAR

CAPITAL 100 CONTOS
 Succursal nesta cidade
 2 — ARCO DO BISPO — 2

330 **N**esta casa empresta-se dinheiro sobre prata ouro papeis de credito e tudo que represente valor.

Não se empresta a menores. Guarda-se o maior sigillo em todas as transações que se effectuarem menos o que se desconfie ser roubado.

Abre o escriptorio todos os dias uteis das 8 da manhã ás 10 da noite em dias santificados das mesmas da manhã ás 3 da tarde.

Pelos gerentes,
 João Augusto S. Favas.

QUINTA

325 **A**renda-se uma no sitio do Almegue. Para tratar Rua dos Sapateiros n.º 74 a 80

ARREMATACÃO JUDICIAL

3.ª PRAÇA
 (2.ª Publicação)

331 **N**º dia 16 do proximo setembro, por 11 horas da manhã, na acção executiva, por fóros, que Joaquim Vaz da Costa Simões, de Lisboa, move, neste juizo, e cartorio do 2.º officio, contra Francisco Barreto Chichorro e sua mulher, de Coimbra, volta terceira vez á praca, á porta do tribunal judicial d'esta cidade, a fim de ser arrematado por qualquer preço e pelo maior lance que fôr offerecido, o dominio util de parte da quinta das Cannas, que constitue o prazo foreiro a Joaquim Vaz da Costa Simões, de Lisboa, a quem se paga o fóro, 25,110 d'azeite, e quatro galinhas, com laudemio de dezena, e que se compõe de terra, com olival, matto, e varias arvores de fructo da parte de fóra da quinta, d'uma leira de terra e vinha dentro da mesma quinta, e da maior parte das casas da mesma quinta, o qual, segundo consta, começa a sua medição em um marco de pedra com as letras— H, R, C, D, E, N, que se encontram viradas para o poente; partindo d'este marco, corre a medição para o norte em direcção á escada de pedra, proximo do rio Mondego, onde tem outro marco com as mesmas letras viradas ao poente, tendo atravessado a estrada que de Coimbra vae para a Copeira; confrontando pelo sul com terra foreira á igreja de S. Christovão d'esta cidade, virando depois para o norte em direcção ao pomar de laranja, pelo nascente com o rio, e seguindo em direcção do poente atravessa a casa pelo salão principal, e saindo pelo pateo, atravessando a estrada que de Coimbra vae para a Copeira; depois do que parte do norte com terra foreira ao Hospital de S. Lazaro, indo depois em direcção ao sul, a partir do poente com terra das religiosas de Santa Thereza, d'esta cidade.

E' situado nos suburbios d'esta cidade, e foi avaliado em réis 1:640,000.

São citados quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
 Neves e Castro.

Saboard Nacional do Beato

DE **COSTA & CRUZ**

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10 LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

QUINTA

324 **A**renda-se ou vende-se uma muito proximo de Coimbra.

Para tratar, rua Ferreira Borges, n.º 77 a 81.

CAVALLO E CARRO

311 **V**ende-se. Para informações o sr. Joaquim Simões da Silva Junior. Praça do Commercio 9 e 10, loja.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893. — ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO (JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida **Agencia** continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia, e outras, — Certidões — Attestadas — Matriculas, etc., etc.*

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escolas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta **Agencia** far-se-ha um abatimento importante na total das despesas usuas, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta **Agencia** receberão como brinde

Um **Annuario da Universidade para 1894-1895**

A LA VILLE DE PARIS

Grande Fabrica de Coróas e Flores

F. DELPORT

247, Rua de Sá da Bandeira, 251 — Porto

CASA FILIAL EM LISBOA: RUA DO PRINCIPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES (AVENIDA

Unico representante em Coimbra

JOÃO RODRIGUES BRAGA, SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

COIMBRA

POMADA DO DR. QUEIROZ

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doencas de pelle. Vende-se nas principaes pharmacias. Deposito geral — Pharmacia Rosa & Viegas, rua de S. Vicente, 31, 33 — Lisboa — Em Coimbra, na drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

N. B. — Só é verdadeira a que tiver esta marca registada, segundo a lei de 4 de julho de 1883.



CAIXEIRO

326 **O**fferece-se com pratica de fazendas brancas.

Tem razoavel calligraphia, e sabe alguma coisa de Escripuração Commercial.

Carta a esta redacção com as iniciaes E. L.

ARRENDAM-SE

328 **A**rendam-se duas casas, uma, na rua do Loureiro, n.º 58, com 17 compartimentos outro, na rua dos Anjos, n.º 12, com 9 compartimentos.

Para tratar em casa de Vaz, cabelleiro, na rua Sá de Miranda, (antiga rua de S. João) n.º 20.

VENDE-SE

327 **U**m bom predio de casas com 4 andares, loja e bom pateo, sita na travessa da Mathematica, n.º 11 e 13.

Tem lindas vistas, d'onde se disfructa um bonito panorama. Trata-se com Antonio Simões Peixeiro, largo do Salvador, n.º 2; Coimbra.

VENDA

308 **V**ende-se uma aranha usada.

Para tratar com Francisco Nogueira Secco.

Terreiro da Erva — Coimbra.

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno 26700	Anno 26100
Semestre .. 12350	Semestre .. 12300
Trimestre.. 680	Trimestre.. 600

Contradições da política monarchica

Não ha fundamento para amargas queixas e, muito menos, para recriminações azedas.

Callem-se apostrophes violentas, diatribes ferozes, condemnações esmagadoras.

Não tem a Imprensa republicana motivos para carpir ofensas immerecidas e castigar affrontas revoltantes.

O adversario, o perseguidor, o algoz, que, nas ultimas agonias, impotente se debate, e, em um supremo esforço para salvar-se, nos offende, tem, deve ter toda a nossa desculpa.

O inimigo, que, sentindo-se morrer, nos affronta julgando poder escapar assim ao golpe certo do implacavel destino que o arrebatou, só pôde inspirar-nos dó; merece o nosso perdão.

Ora a monarchia em Portugal, como em toda a parte, está agonizante; as instituições monarchicas, na Península como em todo o mundo, morrem desamparadas pela moderna sciencia, repudiadas pela industria contemporanea, asphyxiadas pelos energicos effluvios que se evolvem na atmosphera social dos nossos dias, impregnada, repleta de elementos de liberdade e progresso, cuja acção e influencia a monarchia e as instituições monarchicas não comportam em seu já caduco e enfermo organismo, no qual hoje se apagam o calor e a luz da vida, e se extinguem as poucas e alquebradas forças, que lhes restam da sua longa existencia, da sua projectada idade secular.

Não sejamos, pois, impiedosos e tyrannos com os moribundos; ainda quando elles se mostrem, e tentem sel-o para conosco.

Desculpemos o seu inutil esforço; perdoemo-lhes a sua frustrada tentativa. Bem lhes bastam, para castigo e tortura, os maus sonhos e terriveis peddellos, que dia e noite os atormentam!

E em verdade a monarchia delira; os governos e os partidarios da realeza desvaíram; e não tardará o estado comatoso, percursor do seu proximo e inevitavel passamento.

O stertor é violento; e, neste desenlace final, as convulsões repetem-se mais frequentes e assustadoras pela exaltação febril que os devora.

Diante d'este quadro, bem real e bem patente, a Imprensa republicana só tem razões, razões de sóbra para applaudir, e solemnemente agradecer enterneçada aos governos d'el-rei, e aos ministros de sua magestade

fidelissima as escandalosas arbitrariedades, as acerbas perseguições, as ferozes arremetidas, as violencias cruéis contra os republicanos, que em nada para isso contribuíram, e nenhuma responsabilidade têm do estado a que chegaram os miseros servidores e enfermeiros da realeza, os factores da lastimosa desgraça e da vergonhosa situação, a que elles arrastaram, e reduziram as instituições monarchicas.

Se nos podem prejudicar e causar graves transtornos e danos irreparaveis na vida particular de um outro, ferir e sacrificar os interesses d'este ou d'aquelle republicano, as suas prepotencias e espoliações têm o salutar effeito e a poderosa influencia de, activando as energias provocadoras e impulsoras da evolução democratica, favorecer, auxiliar e portanto approximar o advento da Republica, que elles os monarchicos têm, muito mais do que os republicanos talvez, preparado, e de dia a dia, de hora a hora vão robustecendo e avivando no espirito publico e na consciencia nacional, que de balde tentariam illudir pela astucia e muito menos subjugar pela força ou subornar pelo dinheiro.

Muito bem! muito bem, senhores monarchistas!

Muito bem!
Continuem assim, que, para nós vão optimamente.

Muito obrigado, senhores ministros, muito obrigado, mil vezes obrigado a tantos, e tão assignalados favores e valiosas mercês da corôa, que tão sabiamente aconselhaes, e previdentemente dirigis, poupando-nos a trabalhos e canceiras.

Com os vossos bons e generosos serviços mais depressa virá, e melhor se consolidará em Portugal a Republica, que vós, ineptos e desorientados, cegos e illudidos ministros da realeza, julgues suspender ou retardar na sua victoriosa marcha triumphante.

TACITO.

POLITICA INTERNA

Alguns factos palpitantes dos ultimos dias são hoje o assumpto d'esta secção, que nós, quizemos fosse como um registo dos factos de maior folego praticados dentro do regimen monarchico.

D'entre esses factos accedemos primeiro a expulsão do sr. Sousa Carneiro, um acto que por si define todo o systema de governação portugueza.

O sr. Sousa Carneiro teve a ousadia de intrometter-se nos negocios de Portugal, auxiliando uma empresa que visa a indicar aos dirigentes os verdadeiros principios de administração, causticando impiedosa e desassombadamente os defeitos e anomalias do existente.

Mas o sr. Sousa Carneiro não é cidadão portuguez e aqui não

se admite que um individuo qualquer ganhe affecto ás coisas portuguezas, desde que é um estrangeiro, mesmo quando esse cidadão tenha aqui a sua familia e os seus interesses; mesmo quando elle pertença a uma Nação que foi parte integrante do territorio portuguez e que só a imbecilidade e desastrosa politica dos nossos governantes d'esse tempo levaram á proclamação da sua independencia.

Nem mesmo assim, porque lá o diz muito claramente a Carta, que são cidadãos portuguezes «os que tiverem nascido em Portugal, ou seus dominios, e que hoje não forem cidadãos brasileiros...» E dizendo-o a Carta, está tudo justificado.

Porque esse documento foi dado por aquelle mesmo principe que, no 1.º de agosto de 1822, naquella celebre proclamação que excitava os brasileiros á guerra contra a Patria Portugueza, fallava assim aos habitantes do nosso dominio transatlantico:

«Não se ouça entre nós outro grito que não seja união. — Do Amazonas ao Prata não retumbe outro echo que não seja independencia. — Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso que nenhuma força pôde quebrar!»

Esse mesmo principe ao receber a manifestação de sympathia feita pelos partidarios da separação do Brazil, portuguez, filho de um monarcha portuguez, mostrou claramente a sua dedicação á Patria, apresentando-se á frente dos separatistas e levando no braço esquerdo o distinctivo — *Independencia ou morte!* — o brado legendario que o mesmo patriota proferiu nos campos de Ypiranga, arrancando do chapéu o laço portuguez, insultando o e escarnecendo-o!

D. Pedro não foi perseguido, não foi levado á fronteira, não obstante animar elle o fraccionamento do territorio nacional, porque era portuguez. O premio que mais tarde recebeu dos seus feitos heroicos, foi até o ser coroado rei em Portugal.

O exemplo d'este principe fructifico entre nós.

Desde então, e apesar do que elle mesmo sancionou nos seis paragraphos do art.º 103.º da Carta, ainda um só facto nos não veio mostrar que tal artigo fôra escripto para dever ser executado.

E, comtudo, quem mais tem desacreditado o paiz do que os proprios nacionaes? Quem mais o tem feito descer do que os agitadores d'esta politica de arranjos, numa epocha de immoralidades e roubalheiras?

Mas venha um estrangeiro, trazido pela afecção inspirada em laços germanos que nós mesmos despedaçamos; venha elle insurgir-se contra os desmandos d'uma politica desorientada que põe em perigo a nossa integridade, depois de ter provocado contra nós a animadversão das demais nações civilisadas, e será logo posto na fronteira irremediavelmente, porque ousou intrometter-se na marcha dos negocios publicos, elle que não tem o direito de amar esta terra nem de zelar os seus interesses!

Ah! não ha coisa como é ser portuguez! Portuguez é o sr. Mariano de Carvalho a quem as leis declaram inviolavel; portuguez é o sr. Emygdio Navarro e outros muitos que ahi não têm deixado

de bocca aberta perante os beneficios que não trazido a este Eldorado unico e admiravel...

Que não sabemos bem se nos basta a qualidade de cidadão portuguez para cairmos nas boas graças das leis patrias. Crêmos que não. Os factos vão-nos demonstrando, que mais que ser portuguez é preciso ser monarchico-constitucional, e até já se aventa que a esta qualidade distinctiva é preciso ajuntar em breve a de catholico-romano...

Novidade fim de seculo.

Vem a proposito a nossa primeira duvida — das ultimas resoluções da Relação de Lisboa nos julgamentos do *Correio da Noite*, *Correio da Tarde e Tempo*, *Vanguarda e Dia*, em delictos da mesma especie. A Relação annulla os processos aos tres primeiros jornaes e denega provimento aos recursos dos dois ultimos.

Registe-se sem commentarios.

A 2.ª segunda hypothese somos levados pela fundação do recente centro catholico, cuja cabeça invisivel é o nuncio e que tem por chefe visivel o sr. Barros Gomes.

O novo partido propõe-se o grande fim de restaurar as forças perdidas da monarchia, insuflando-lhe nova vida.

Diz-se até que o centro catholico iniciará a sua obra redemptora, fazendo apresentar brevemente, nas duas camaras, propostas de lei pedindo a restauração das ordens religiosas em Portugal, pretextando a necessidade de enviar missionarios para a Africa.

E' isto verdade? Pelo menos afirma-se com tal resolução, que não nos resta duvida alguma de que em tal se pense.

E haverá homens nesta geração que fez a apothese de Joaquim Antonio de Aguiar e de José Estevão, que applaudam a creação d'um grupo animado de ideaes assim?

E como se não põem já na fronteira os iniciadores d'um partido que affronta as leis portuguezas, essas que são as mais venerandas de todas as sob cuja influencia vivemos?

Mas isto é grave e já nos não detemos a mostrar aos poderes constituidos a importunidade d'estes ensaios que se vão fazendo.

Ao menos, o que desejamos é que espiritos cultos, como bastantes dos que vem fazendo afirmações tão espantosas, filiado-se num bando cujo ideal é antipathico a todo o paiz, não insultem a memoria veneranda d'esses que dedicaram toda uma vida de honradez e patriotismo ao respeitavel empenho de nos legarem tão gloriosa conquista, como foi a da extincção das ordens religiosas, de execranda memoria.

No meio d'esta derrocada de dignidade e sob a influencia d'uma epocha de desmoralisação e de cynismo, respeite-se ao menos o pouco que ainda temos de veneravel e bom.

E que mais teremos de ver ainda neste paiz de originalidades?

Recomposição ministerial

Mortos moralmente, ainda querem tomar ares em novas pastas, a fim de sobreviverem mais algum tempo.

O sr. Hintze, depois dos patrioticos serviços que tem prestado como ministro dos estrangeiros — vid. ultimamente o patrio-

tico tratado da pesca com a Hespanha — abandonou aquelle ministerio, offerecendo a pasta ao joven Carlinhos, que é quem agora ha de resistir aos estrangeiros.

Deve estar radiante de jubilo — o Carlos, ao ver-se tão estreitamente ligado... ás potencias europeas.

Temos, pois, um novo ministro nas obras publicas, o sr. Campos Henriques, que tem estado á frente do districto do Porto.

Em ar de satisfação ao Brazil, saiu do ministerio dos estrangeiros o sr. Hintze Ribeiro, sendo substituido nesta pasta pelo sr. Carlos Lobo d'Avila.

Esta troca de pastas e a entrada no gabinete d'um elemento novo, foi o ultimo esforço para dar um vislumbre de força ao mais impopular dos ministerios, que nos ultimos annos de vida constitucional tem passado pelo almejado poder, aquelle que mais se tem divorciado dos interesses do paiz para servir exclusivamente os interesses mesquinhos da facção e satisfazer as ambições d'um nevrotico insaciavel.

Sejam, porém, quaes forem as qualidades do novo ministro, que por enquanto é um desconhecido em politica, é de prever, comtudo, que o novo ministro das obras publicas, visto acceder a fazer parte do actual gabinete, aceitará o ponto de vista politico do ministerio para onde entrou.

Não é, realmente, caso para cumprimentar o sr. Campos Henriques, nem pela occasião que escolheu para se iniciar nos altos cargos do governo da nação, nem ainda pelos elementos politicos a que foi ligar a sua actividade de ministro.

Ao sr. Campos Henriques não se pôde, é certo, tomar a responsabilidade dos extraordinarios actos praticados anteriormente pelos seus collegas d'agora; mas desde que o vemos associar-se aquelles que têm mostrado o mais completo desprezo pelas liberdades e interesses publicos, recalçando-os pertinazmente com uma olympica indifferença de insensatos ou de cynicos, temos o direito de suppor, que as boas intenções do novo ministro, se boas ellas são (e das boas intenções dos ministros portuguezes está o inferno cheio), não conseguirão sair a salvo da prova a que o sr. Campos Henriques as sujeitou.

Se, por ventura, não fôr completa a annullação politica do novo ministro, nesta especie de suicidio politico a que se votou, dado o meio para que foi entrar, deve recear, porém, que a sua reputação de homem de bem safa bem mal ferida da aventura em que se metteu. E em compensação nem ao menos terá, seguindo as indicações dos camaroeiros da politica, tempo sufficiente para esquecer, nos envaidecimentos do orgulho de mandar, o desastre que se lhe prevê.

Importação de vinho

Importou em 192:449,710 a totalidade das compras de vinho realizadas durante o anno, pela Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro.

A aguardente comprada, toda de vinho, montou a 94:036,127.

Os vinhos vendidos, sobem á importante cifra de 515:908,162 réis, e os lucros liquidos a réis 113:101,385, sendo distribuido o dividendo de 50,000 por acção.

A falsificação dos vinhos

Depois dos protestos de quasi toda a imprensa, contra a falsificação dos vinhos e azeites que se estava fazendo em muitas terras, decidiu o governo publicar um decreto de repressão a fim de conter os fabricantes e vendedores de vinhos e azeites, que estavam prejudicando o commercio licito e muito principalmente a saude publica.

Como não podemos publicar na integra esse decreto por falta de espaço, daremos apenas os seus principaes topicos para illucidação dos nossos leitores.

«É expressamente prohibido expedir ou vender sob a denominação de vinho, um producto que não seja o da fermentação da uva fresca, podendo os vinhos especiaes, taes como Porto, Madeira e outros, fabricados no paiz, continuarem a ser expedidos ou vendidos com as denominações consagradas pela tradição

O producto da fermentação de mosto concentrado, quer da uva fresca, quer da passa, com agua, assim como a mistura d'esse producto com o vinho em qualquer proporção, carecem para serem vendidos e postos á venda da designação de *vinho de mosto concentrado*.

As vasilhas contendo d'estes vinhos terão em caracteres indeleveis a respectiva designação e as facturas igualmente d'isso farão designação expressa, havendo cores especiaes para os documentos e circulares.

É prohibida a fabricação de vinho de passa ou de mosto concentrado, dentro das barreiras das cidades de Lisboa e Porto; os vinhos naturaes, os de bagaço e os de assucar só poderão ser fabricados, dentro das barreiras de Lisboa e Porto, com a uva produzida nas propriedades situadas na área que ellas abranjam e mediante licença prévia obtida pelo fabricante. Fora de Lisboa ou Porto, para o fabrico de vinho de passa ou de mosto é necessario uma licença especial de 100\$000 réis annuaes e que os fabricantes actuaes devem tirar no prazo de trinta dias.

Para os que transgredirem as disposições acima, ha pena de prisão e multa. Prisão de um a seis mezes e multa de 10 a 100\$000 réis, pela venda de qualquer bebida das não acima especificadas e apresentada como vinho; 10 a 100\$000 réis de multa, pela falta de marcação externa nas vasilhas; 50 a 500\$000 réis e dois a doze mezes de prisão, pela fabricação de vinho de passa ou mosto dentro de Lisboa ou Porto; tres a quinze dias de prisão e 20 a 200\$000 réis, pelo fabrico de vinho de passas ou de mosto sem ser com uva produzida dentro da área e sem licença nos termos regulamentares; e um a seis mezes de prisão e 150 a 500\$000 réis de multa, pelo fabrico de passa ou de mosto em qualquer ponto do paiz sem licença; 10 a 200\$000 réis de multa, pela venda de vinhos deteriorados, considerando-se como taes os toldados, gordos, azedos, chocos, pôdres, azues, e com outros quaesquer defeitos.

Quem expedir, vender ou puzer á venda vinhos em que seja introduzido: a agua potavel fora do trabalho da vinificação, gesso em proporção que produza percentagem superior a duas grammas de sulfato de potassio por litro, chloreto de sodio que dê percentagem superior a duas grammas por litro, gomas e outras substancias destinadas a augmentar a materia extractiva e glicerina, terá prisão de um a seis mezes e multa de 50 a 200\$000 réis.

A introdução no fabrico do vinho de agua que não seja potavel, durante o trabalho da vinificação e fora d'elle; acidos sulphurico, azotico, chlorhydrico, salycilico, borico e benzoico; saes ou oxydos de baryo, de magnesio de stroncio, de aluminio, de chumbo e de ferro, exceptuando o alumina e os silicatos terrosos e aluminosos; alcool industrial não rectificado; glucose e assucar intervertido impuros; saccharina e outras substancias analogamente edulcorantes; materias corantes derivadas da hulha e outros

productos chimicos corantes, cochenilha, madeiras tinturiae, urzella e phytolacca e em geral de qualquer substancia caracteristicamente toxica, é punida com 100 a 500\$000 réis de multa e 3 a 12 mezes de prisão, sendo insntos d'esta penalidade os saes de cobre cuja existencia no vinho, pela sua insignificante percentagem, deva ser exclusivamente attribuida ao tratamento das vinhas, por meio de preparados cupricos.

As penas acima referidas são applicaveis não só aos donos dos vinhos falsificados e seus agentes, mas tambem aos conductores de vehiculos, cavalgaduras, barqueiros, etc., presumindo-se a complicitade d'estes conductores emquanto não houver prova em contrario.

No caso de reincidencia as penalidades são aggravadas pela seguinte forma:

1.º Os que tiverem soffrido simplesmente multas na primeira transgressão, serão punidos com a prisão de um a tres mezes, sendo, além de isso, dobrada a multa; 2.º Os que tiverem soffrido prisão e multa serão condemnados no dobro d'estas penas.

Aos que reincidirem na transgressão do fabrico do vinho de passas e de mosto, fóra das condições estabelecidas, será imposta a duplicação das penas.

Os vinhos medicinaes são exceptuados das disposições do decreto.

AZEITES

É prohibido expedir ou pôr á venda, sob a denominação de azeite, qualquer oleo que não seja obtido pela espremedura da azeitona. O oleo que fór extrahido dos residuos da fabricação do azeite só poderá ser expedido ou vendido com a designação de oleo do corpo ou substancia de que provier.

Quem expedir, vender ou puzer á venda, sob a designação de azeite, qualquer producto, em contravenção do acima disposto, será punido com a prisão de um a seis mezes e a multa de 10\$000 a 100\$000 réis. Quem expedir, vender ou puzer á venda azeites ou oleos deteriorados, destinados á alimentação, pagará a multa de 10\$000 a 200\$000 réis. Devem considerar-se, para os effeitos d'este artigo, azeite e oleos deteriorados, os que forem *rançosos* ou tiverem qualquer outra alteração prevista no regulamento.

Quem expedir, vender ou puzer á venda azeite ou oleos destinados á alimentação, em que tenha sido introduzida qualquer substancia toxica, quer seja oleosa ou não, será punido com a pena de tres mezes a um anno de prisão e multa de 100\$000 a 500\$000 réis.

Todos os oleos destinados á alimentação, simples ou lotados, entre si ou com o azeite, e que se pretendam fazer passar por este, serão apprehendidos.

Os dois Marianos

Bem dissemos nós; deu-se o caso dos grillos — os dois Marianos comeram-se um ao outro.

Pina (Mariano de) que estava gozando da posse judicial que lhe haviam dado, e tinha tido o prazer de vêr no olho da rua o Carvalho (Mariano de) vê-se agora embargado por este, tornando a entrar na posse judicial da typographia, escriptorios, etc., a antiga empresa, sendo expulso d'alli o pobre Pina, apupado e assobiado pelos hotentotes do pae Mariano, compadre e dono do Pina.

Pina foi uma victima da maxima: — Com teu amo não jogaes as peras... etc.

E o Mariano deu-lhe a pera verde, que o Pina rõe com engulhos.

Estamos para ouvir das bonitas!



Produção de azeite

A produção do azeite no concelho da Pampilhosa no anno proximo passado, foi de 38:520 litros.

TESTA & C.^a

(COSTUMES FIM DE SECULO)

II

A infancia do Gervasio passou, para o triste, sem um dia de sol a doirar-lhe os primeiros annos — porque (lá o dizia a mamã), o menino não podia apanhar sol, não podia expôr-se ao ar; o frio da manhã, como o frio da noite, com o seu cortejo de nevoeiros, punham em perigo a saude do menino, do Gervasiosinho tão franzininho! tão fraquinho! — e por isso não saudava elle o sorriso crystallino da aurora, nem agitava os cabellos loiros á pulverisação do crepusculo, quando o sol, mergulhando no infinito das aguas, envolvia no ultimo clarão do seu olhar de purpura e oiro a alma dos amantes e a frente das creanças.

Durante o dia não saía o menino porque fazia sol ou chovia, e em qualquer dos casos a viuva de Jacintho Vargas receiava que o filho se arriscasse a doencas, typho, rheumatismo, angina, sem contar já o perigo que corria um menino em cruzar as ruas da capital, peçadas de coches, diligencias, omnibus, carretas, e cavallos, que serpenteiam, diariamente, por aquelle labyrintho da capital, zig-zagueando sobre os calhaus do calcetamento até resvalarem no sacão d'uma sobre-rodade desvio para o declive da valleta, tão brutalmente, com uma inclinação tão ameaçadora que os transeuntes encolhem-se de terror, na visão medonha de que vae desabar sobre elles toda aquella tralhada de coches, diligencias, omnibus, carretas e cavallos!

Os arrieiros, da almofada, como salvaguarda da responsabilidade, berram o seu *«Arreda!»* brutal, secco, metallico, fustigando sempre, chicote no ar, na preocupação unica de passar á frente dos outros carros, de *armar á gorgêta*; os atropellados que não sejam tolos, que ponham costas no seguro, porque elles, os arrieiros, não descançam de berrar automaticamente, methodicamente o seu *«Arreda!»* — livraram, portanto, a sua responsabilidade, — da mesma forma que a cozinheira que despeja um vaso d'agua suja, gritando *«Agua vae!»* sem olhar para a rua.

A esposa de Paulo sabia tudo isto, e tremia em pensar em tal. Além d'isto havia certas doencas que aterravam a mãe de Gervasio: doencas que se apanham em *horas falhas*, e estragam os meninos para todo o sempre. Foi em virtude d'essa consideração que o Gervasio tendo, durante a infancia, sahido apenas de mez a mez quando o dia estava mecoberto, num *char-à-bancs* com a familia, durante a mocidade sahia ás quintas e domingos em companhia do pae, se o tempo não ameaçava chuva, num passeio até á Estrella, ao Lumiar, ou a Belem.

No dia d'anno bom iam todos ao *theatro de S. Carlos*, para um camarote de 3.ª, á excepção de Adelaide, que aos quatorze annos se internou nas *Sereias*, e lá morreu, aos vinte, divorciada das coisas do mundo, arrasada de jejuns, estafada de vigílias, ganindo, em pasmos de sensualidade christã, orações e canticos ao salvador do mundo, e cerrando os olhos, no estiolamento derradeiro, com phrases d'odio mortal pela familia a gelarem-lhe os labios, e estremecimentos de luxuria mystica a agitarem-lhe o corpo tão branco e tão virgem que só por um milagre de Santo Hilario, padroeiro da casa, podia elle ser, como era, o envolucro de uma alma tão negra e tão prostituida!

(Continúa)

FRA-DIAVOLO.

Coacção dos tribunaes

Apezar das immoralidades que para ahi se alastram, patrimonio dos bandos da politica monarchica, sempre se julgaram isentos d'esta macula os tribunaes portuguezes, os quaes se suppunham cumpridores dos seus deveres perante a lei, não recebendo ordens, nem admittindo imposições de quem quer que fosse, conservando sempre inteira imparcialidade o que era uma garantia da rectidão e consciencia que a justiça nos dava.

Mas tudo está perdido, tudo envenenado pela syphilis corruptora d'esta politica nefasta que nos vem governando ha mais de meio seculo.

Leia-se o que a proposito da questão do *Diario Popular*, nos dizem as *Novidades*, de sabbado ultimo:

«O sr. juiz recebeu hoje ordem de suspender os embargos feitos hontem ao sr. Mariano de Carvalho, e mandou intimar o sr. Mariano Pina a entregar o que hontem recebera.

«O sr. Pina não queria sair da redacção do *Diario Popular* senão á força, mas por fim convenceu-se e saiu.»

Em que paiz estamos não sabemos nós, o que sabemos é que cada vez se está mais proximo d'um abysmo medonho!

Então já os tribunaes recebem ordens de incognitos?

Mas ninguém tem auctoridade para dar ordens a um magistrado sobre o exercicio de suas funções judiciaes!

Onde se viu que a justiça recebe ordens para suspender as suas deliberações?

O que relata as *Novidades* era gravissimo num paiz que tivesse na governação do Estado homens de comprovada honradez e moralidade.

E' indecoroso que estejamos a presenciar constantemente d'estas degradantes scenas, pois que claramente se demonstra que a **ordem que recebeu o juiz para suspender os embargos que haviam passado ao sr. Mariano Pina**, foi influenciada pelo sr. Mariano de Carvalho, interessado nesta questão, que quiz mostrar a força do seu poderio ao ingrato compadre e amigo.

Numa carta publicada na *Tarde*, escreve o famigerado ex-ministro Mariano:

«... na manhã de quinta feira appareceu o sr. Mariano Pina a tomar posse judicial da administração, redacção e officinas do *Diario Popular*»

«Estando a começar as ferias judiciaes não ha meio de intentar acção contra o sr. Pina, relativamente á sua empreza.»

Como, porém, se arranjou immediatamente — apezar da impossibilidade que se mostra nessa carta de intentar acção contra o Pina — que o mesmo Pina entregasse dias depois ao sobredito Mariano o que recebera por mandado d'um juiz?

Não ha neste gravissimo caso uma manifesta coacção aos tribunaes?

Pode-se ter confiança em magistrados a quem se ordene que rasguem os seus despachos para beneficiar altos triumphos interessados em questões pendentes?

A revelação das *Novidades* é gravissima e bastava para que se procedesse contra quem tão indignamente abusa do poder.

Vindimas

Dizem de Chaves que as vindimas, em vista da temporã maturação, devem ser mais cedo este anno e por isso, se em breve chover, principiar-se-ão logo.

Interesses e noticias locais

Fiscalisação da camara

Pela affluencia de original e pelo muito espaço que occupa as disposições do decreto regulando o fabrico e venda de vinhos e azeites, não podemos publicar hoje a continuação do artigo — *A fiscalisação da camara*, o que faremos no proximo numero.

Aos contribuintes

Está em reclamação a matriz de contribuição de renda de casa e sumptuaria, relativa ao presente anno.

O prazo para se reclamar contra qualquer erro de inscripção ou de collecta, termina no dia 10 do corrente.

Dr. Vasques de Mesquita

Aggravaram-se os padecimentos d'este illustre causidico portuense, a quem desejamos o mais rapido restabelecimento.

Silva Pontes

Vae em progressivas melhoras este sympathico e illustrado clinico, que muito fez recear os seus muitos amigos que o julgaram perdido.

Está agora residindo em Santo Antonio dos Olivaeas, a fim de recuperar forças, e em breve o veremos no seu honroso mister, tendo em cada cliente um admirador das suas bellas qualidades pessoases e medicas.

Dr. Alves Moreira

O sr. dr. Guilherme Alves Moreira, erudito professor da nossa Universidade e zeloso Provedor da Misericordia de Coimbra, encontra-se já restabelecido da doença, que ha poucos dias teve em perigo a sua vida, pelo que sinceramente nos congratulamos com s. ex.ª.

Luctuosa

Ao sr. commissario de policia, dolorosamente ferido pela morte d'uma filha que estremezia, manifestámos o nosso pezar, dirigindo-lhe o nosso pezame.

Funeral

Como previramos, ao funeral do desditoso commerciante, sr. Francisco Maria de Sousa Nazareth, concorreu grande numero de cidadãos, prestando a ultima homenagem ao fallecido.

No sabbado fóra o cadaver transportado de casa para a igreja de S. Thiago, e no domingo conduzido para a igreja de S. Bartholomeu, pela irmandade da Santa Casa da Misericordia e convidados, onde foi cantado a grande instrumental o *Libera-me*.

Os operarios empregados na alfaiateria do finado, em testemunho de reconhecimento, conduziram o feretro da igreja ao carro funebre.

Ao sr. dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, lente jubilado da faculdade de Medicina, foi entregue a chave do caixão, indo ás borlas no primeiro turno, os srs. drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Luiz dos Santos Viegas, Antonio Maria de Sousa Bastos, Basilio Augusto Xavier de Andrade, Antonio Francisco do Valle e Alberto Pessoa; e no segundo os srs. dr. Annibal Maya, José Doria, Manuel Augusto Rodrigues da Silva, Antonio José Dantas Guimarães, Manuel Ferreira Lopes e José Fernandes Ferreira.

Muita gente nas ruas aguar-

dava o desfilar do cortejo que era numeroso.

O carro funebre e um outro conduziam as numerosas corôas que lhe ofertara a familia e os seus amigos, e das quaes damos conta:

De plumas pretas e margaridas—
A meu marido—*Olinda*.

De violetas, rosas chá e lilazes—
A nosso pai—*Francisco e Mariana*.

De violetas, rosas chá e lilazes—
A nosso pai—*José e Maria Carlota*.
De lilazes e rosas—*A meu avô-sinho—Francisco*.

De violetas, cecias e dhalias—
A nosso irmão e tio—*José, Maria José e Pedro*.

De violetas e cecias—*Ao nosso amigo—Jacintho e Joaquim*.

De lilazes, heras, papoulas e fetos—
A F. M. S. Nazareth—*Offerecem seus empregados, J. Lobo e J. Matlos*.

De violetas, rosas chá e lilazes—
Ao meu bom amigo—*Manoel Ferreira Lopes*.

De violetas e lilazes roxos—*Ao meu amigo Nazareth—De Francisco Barbosa da Motta Coelho*.

De violetas, lilazes e miosotes—
A seu cunhado e tio—*João Ferreira Antunes e filha*.

De cecias, lilazes, rosas e amores perfeitos—
A meu querido e sempre choroso cunhado—*Mecia Araujo*.

De jacintos—*Ultimo adeus—De seus cunhados Luiza Araujo e Antonio Balthazar*.

De violetas, lilazes e amores perfeitos—
A seu estremo e sempre chorado genro—*Mathilde de Araujo*.

De violetas e saudades—
A meu querido e sempre chorado cunhado—*Francisco Araujo*.

De violetas, lilazes e rosas chá—
A nosso querido e chorado cunhado—*Ignez e Rodrigo*.

De violetas e rosas—
A nosso querido e saudoso cunhado—*Mathilde e Vieira*.

Um ramo de lilazes e rosas chá—
Ultimo beijo—*De Mimi Vieira*.

De violetas e malmequeres—
Da sua criada Altina.

De violetas e rosas chá, coberta de crepe—
A nosso cunhado—*Jorgeta e Leite Braga*.

Roubo

João d'Araujo, morador em Sernache, introduziu-se por meio de arrombamento d'uma janella, em casa de Antonio Roxo, da mesma freguezia, arrombando uma gaveta de uma meza, de onde roubou 2 cordões, um coração, um crucifixo e dois aneis, de ouro, evadindo-se em seguida. Sendo seguido pelo roubado

68 Folhetim do Defensor do Povo

J. MÉRY

DEBORA

XVIII

A Partida

— Sim! sim! exclamaram os cultivadores batendo as palmas.

— Seremos primeiro tratados como bandidos, bem sei, proseguí Gedeão; gente estúpida! Espantam-se de que haja bandidos nas campinas, passados seculos! Mas quando o governo deixa um campo inculto, e proíbe o trabalho, que querem elles que os habitantes d'essa campina façam? não são elles obrigados a tornar-se bandidos? Já que elles nos quebram a charrua tomemos nós o punhal! A falta provem d'uma cega tyrania e não de nós. Sejamos victoriosos, e aquelles que nos chamam bandidos saudar-nos-ão como heroes.

Freneticos applausos estalaram nas margens do lago e o proprio Virgilio pareceu commovido das

e por dois cunhados com direcção a esta cidade, conseguiram captural-o na Cruz dos Morouços, suburbios d'esta cidade, aonde lhe apprehenderam todos os objectos já mencionados.

O larapio no acto da captura, ainda tentou resistir contra os capttores, recusando-se a marchar para Coimbra, tendo de ir alli uma guarda de policia para os auxiliar na conducção.

Foi enviado com os objectos para juizo.

Theatro de amadores

Alguns operarios organisaram uma sociedade dramatica—*Gil Vicente*—fazendo construir um pequeno theatro na rua da Sophia.

Contam que o primeiro espectáculo seja no mez de outubro, levando á scena o drama—*Gaspar, o Serralheiro*.

Um conselho:—A representação de dramas para curiosos, pouco experimentados na arte dramatica, é difficil, por isso que sendo preciso um grande estudo e muita comprehensão, não produz effeito algum o desempenho. Muito poucas são as companhias de artistas que representam bem o drama.

A comedia é preferivel; mais facil, sem exigir grandes assomos de arte. Basta dizer-se com naturalidade para agradar. E é este genero que está mais cabido a rapazes novos, que querem divertir-se a rir e não debulhados em lagrimas.

O passatempo é agradável, instructivo, e tem a vantagem de desviar a mocidade dos vicios que geram outros divertimentos. Que o novo grupo dramatico prospere é o nosso desejo.

Caldeira da Silva

Entrou em franca convalescência da doença que ultimamente o accommeteu, o sr. Caldeira da Silva, habil cirurgião-dentista, que conta nesta cidade muitos amigos e admiradores pela lhaneza e affabilidade de trato.

A sua doença impediu-o que abrisse este anno, durante o mez de setembro, o seu consultorio na Figueira da Foz, como nos mais annos, não podendo porisso satisfazer aos desejos de numerosa clientela que alli possui.

Muito folgamos de o ver de novo no seu consultorio, prestando os seus bons serviços aos habitantes d'esta cidade que encontram no sr. Caldeira muita aptidão e muita consciencia.

palavras de Gedeão e, apertando-lhe a mão, disse-lhe:

—Gedeão, eu tinha na mente o que tu tão bem exprimiste e amanhã, ao romper da aurora...

—Como, amanhã! interrompeu Gedeão; não amanhã! o amanhã, é o inimigo das grandes empresas! o amanhã, é o vento gelado que esfria o fogo da vespera! o amanhã, é a reflexão que mata o entusiasmo! Não devemos perder um minuto; o tempo pertence-nos. Vinde meus irmãos, apertemos os nossos cintos, sigamos o sol que, desde que se levanta, nunca mais pára, e partamos.

Os cultivadores saltavam como as ovelhas da Biblia, *sicut arietes*, com as palavras de Gedeão, e já os numerosos trabalhadores faziam um movimento de marcha do lado das montanhas, quando Virgilio, que parecia dominado por um pensamento desconhecido, fez um signal com a mão e suspendeu os primeiros. Gedeão olhou Virgilio com ares de interrogação.

—Escuta, meu amigo, lhe diz Virgilio tomando o á parte, tu lês no meu pensamento como eu leio no teu. Por isso, não crêias que eu venho aqui propôr-te longas demoras; porém tenho um dever

Insistindo sobre a necessidade urgentissima da importação do vinho

Já que tantos homens em melhores condições de saúde, de idade e de posição, entregam ao esquecimento um objecto de tamanha gravidade como essencialmente ligado á alimentação publica, como entregam muitos outros, pela nossa parte não o descuraremos, e vamos ainda fazer algumas considerações sobre o assumpto.

Concedida que fosse a entrada de algum vinho estrangeiro, limitada á falta do vinho nacional preciso para a conveniente alimentação, principalmente para as classes trabalhadoras, para a velhice invalida e para os convalescentes, quando mesmo o vinho nacional não desse aquelles que ainda o tem, o preço illimitado a que aspiram a differença para menos seria apenas uma pequena parcella de lucro cessante que nada significa em comparação do immenso mal geral—do damno emergente—que o paiz está soffrendo, pela falta do genero, pela sua exorbitante carestia e—o que é muito peor—pela deterioração, adulteração e falsificação do vinho, sobre o que devia sempre haver toda a vigilancia, e sobre a que tem havido e ha tão pouca, a ponto de que não só o vinho, mas tambem o azeite, o leite e outros generos alimenticios vão adulterados, com gravissimo prejuizo da população, a qual, pelo muito trabalho, pela deficiente e má alimentação e pelo pouco repouso está incurtando a derocção e dando uma prole anemica, infesada e rachitica, sobre o que tudo muito resta a prover, pois que se as classes, que pelo seu interesse individual se interessam quasi exclusivamente pela conservação da monarchia, levada ao Zenith dos seus regalos e divertimentos, tambem não devem olvidar que á mesma e á numerosa roda que a cerca e lisongeia tambem convém uma população sadia, e vigorosa, e que sem esta não pôde haver reinado glorioso e digno do monarcha humano que toma a peito a sua boa memoria e a sorte do seu povo.

Mas ninguem espere que o governo actual mude de marcha governativa, assim como não mudaram os que o precederam, e como nunca mudarão os que lhe succederem; viverá e morrerá impenitente como os outros, agarrado ás pastas, empregando a sua actividade e toda a sua aptidão em arranjar dinheiro, muito dinheiro para dissipar em festas intermina-

veis, em exercicios e manobras militares, muito dispendiosos e ao mesmo tempo sem necessidade, nem utilidade que o justifique,—porque o tempo não está para festas, mas ao contrario era para realisar economias e evitar desperdicios, se neste paiz houvesse bom senso, que não ha, nem nos governantes, e ainda menos nos governados que estão embasbacados em frente dos desatinos d'aquelles, sem uma resolução séria para a sua salvação, se ainda é tempo.

Entende o governo que deve preoccupar-se em fazer concessões inconvenientes ao paiz, na Africa e no continente e em se prestar ás pretensões dos agiotas e monopolistas, d'aquem e d'além mar que pensam em improvisar fortunas á custa da pobreza e da tormentosa vida do povo.

Assim é que para favorecer o monopolio dos tabacos desceu até á prohibição da salva brava! privando a classe laboriosa de matar e seu vicio quasi uma necessidade pelo uso de uma ervasqueira que ao menos não é venenosa como a nicotiana.

Safa que são esbanjadores para si e mesquinhos para o povo! Assim é que consente que o povo esteja espoliado, e escamoteado para satisfazer á ambição de uma companhia, comprando por 20 réis sete cigarros com pouco tabaco, ou dez que não tem senão a mortalha, quando mesmo no ministerio do conde de Thomar ou que o mesmo monopolio correu doze annos por conta de José Maria Eugenio sempre se compravam maços de cigarros por 200 réis a doze cigarros por 20 réis.

Tudo tem piorada e ha de piorar emquanto nos cobrir a sombra de uma monarchia dissipadora e ingrata.

Assim é que uma alcateia de esbirros armados até os dentes percorrem desalmados o paiz, levando o povo com apprehensões de tabaco, forjadas ás vezes por elles mesmos como se diz da Guarda, e assassinando, como fizeram na comarca de Celorico da Beira e todos estes vexames e vandalismos porque é preciso estar bem com os monopolistas e agiotas e pouco importa estar mal com o povo.

Elle que lhe agradeça estes bons serviços, assim como a selagem dos phosphoros, e outros semelhantes.

Ficaremos hoje por aqui com o protesto de continuar.

Taboa, 26—8—94.

BERNARDO JOSÉ CORDEIRO.

—Pois bem! diz bruscamente Gedeão, lady Stumley não tem esses usos burguezes; ella tem muitos outros cuidados mais importantes que o de regular contas com o seu intendente! Está tranquillo, meu querido Virgilio, eu me encorrego, eu, de te justificar perante ella, se tiveres necessidade um dia de seres justificado... Vem, vem, estes bravos observam-nos de longe com inquietação; parece que temos segredos para elles; não lhe inspiremos desconfiança no principio da nossa empresa. Os seus pés ardem como se estivessem sobre carvões ardentes; dá-lhe o signal de marcha, e verás com que transporte te respondem.

E voltando-se para dos cultivadores, Gedeão gritou:

—Meus amigos, vamos partir?

Um grito de alegria respondeu.

—Gedeão, disse Virgilio com uma voz supplicante, rogo-te que me concedas uma hora, não te peço senão uma hora, depois partiremos.

—Virgilio, disse Gedeão ainda mais inquieto por estas instancias tão mysteriosas e ao mesmo tempo tão claras, Virgilio, os cultivadores não te concedem nem um

momento, a sua impaciencia responde por mim.

—Em nome do ceu! replicou Virgilio, cede-me um só momento, sômente o que seja preciso para dizer um adeus.

—Nem mesmo esse instante! disse Gedeão com uma surda irritação, porque este instante pôde mudar tudo; porque este instante pôde quebrar a tua resolução, e desviar-te da tua obra que é neste momento a obra de todos; Virgilio, já não pertences a ti, pertences-nos a nós como a cabeça ao corpo.

—Pois bem! Gedeão, disse Virgilio num tom resolutivo, se me recusas o minuto do adeus que eu te peço, eu abandono tudo, e entro amanhã no convento dos Camaldulas de Tipoli.

—Não, Virgilio, disse Gedeão com uma voz estiridente mas contida; não, não entrarás amanhã para o convento, sabes porque?

—Não, disse Virgilio, com um ar estupefacto.

Recusa ao governo

O sr. Barjona de Freitas, que tem as responsabilidades de ex-ministro, e como todos concorreu para a desgraça do paiz, auxiliando e protegendo os esbanjamentos, que pozeram em crise as finanças do estado, não quer aceitar a presidencia da camara dos pares offerida pelo governo, pois tenciona tomar parte na discussão que se ha de levantar contra os actos dictatoriaes praticados pelo governo, durante o interregno parlamentar. O que pretenderá este homem?

Merece o governo pelos crimes de lesa-liberdade que praticou, energico correctivo dos homens liberais que viram postergados os direitos do cidadão e rasgadas as leis que concedem amplas regalias aos povos, mas não tem auctoridade o corrupto Barjona, que sendo ministro do reino, commetteu os mesmos attentados contra a liberdade, pezando-lhe a responsabilidade dos fuzilamentos que se deram no periodo eleitoral que dirigiu.

O parlamento, em face dos desatinos governativos que se praticaram, sem consideração pelo decoro publico e sem respeito pelas leis do reino, brutalmente desprezadas, cumpre-lhe pedir estretas contas, condemnando-o e exigindo-lhe as responsabilidades dos seus actos.

Está proxima a abertura das camaras, mas nada se fará, porque o governo está seguro da obediencia e servilismo com que o hão de servir os deputados da maioria, escolhidos e contractados para salvarem o governo das responsabilidades que tomou em affronta ás leis.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, veem por este meio agradecer a todas as pessoas de suas relações e amizade, a parte que tomaram na immensa dôr porque acabam de passar, pelo fallecimento de sua muito querida e saudosa esposa, irmã e cunhada, Julia Maia Lobo e Lima.

Que lhes desculpem qualquer falta involuntariamente commettida; e a todos protestam a sua gratidão.

Coimbra, 6 de setembro de 1894.

José Augusto Quintans Lima
Guilhermina Maia Lobo
Manuel Gonçalves Pereira Guimarães
Jayme Lopes Lobo.

momento, a sua impaciencia responde por mim.

—Em nome do ceu! replicou Virgilio, cede-me um só momento, sômente o que seja preciso para dizer um adeus.

—Nem mesmo esse instante! disse Gedeão com uma surda irritação, porque este instante pôde mudar tudo; porque este instante pôde quebrar a tua resolução, e desviar-te da tua obra que é neste momento a obra de todos; Virgilio, já não pertences a ti, pertences-nos a nós como a cabeça ao corpo.

—Pois bem! Gedeão, disse Virgilio num tom resolutivo, se me recusas o minuto do adeus que eu te peço, eu abandono tudo, e entro amanhã no convento dos Camaldulas de Tipoli.

—Não, Virgilio, disse Gedeão com uma voz estiridente mas contida; não, não entrarás amanhã para o convento, sabes porque?

—Não, disse Virgilio, com um ar estupefacto.

LECCIONAÇÃO

F. FERNANDES COSTA, quintanista de Direito, continúa a leccionar PHILOSOPHIA e LITTERATURA, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Academica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

CIRCULAR

Cumpre-me levar ao conhecimento dos meus ex.ºs amigos, freguezes e publico em geral que por escriptura publica lavrada nas notas do tabellião dr. Eduardo Vieira, d'esta cidade, foi de commum accordo dissolvida a sociedade que girava nesta praça sob a firma commercial de Mendes d'Abreu & C.ª, ficando todo o activo e passivo a cargo do meu nome individual.
Coimbra, 1 de setembro de 1894.
José Maria Mendes d'Abreu.

LIVROS

Annuncios gratis recebendo-se um exemplar.

Manual do prestidigitador

Acaba de sair do prelo a 4.ª edição do *Manual do prestidigitador*, o livro mais completo que no seu genero se tem publicado, comprehendendo tudo o que de seguro effeito até hoje se conhece em *escamoteio de cartas*, *ligeireza de mãos*, *desaparições mysteriosas*, *illusionismo*, *magnetismo*, *fascinação*, *(trucs) de sala*, *physica recreativa*, etc., etc.

A 4.ª edição, que encerra um numero colossal de sortes, ao alcance de todos os amadores, é illustrada com 100 gravuras explicativas e consideravelmente augmentada com muitas sortes de novidade, entre as quaes uma de *Transmissão do pensamento* no genero das que apresentem o celebre Onoffrof.

A impressão do livro, em typo elzevir, é primorosa, e o seu preço apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis com capa especial, e pelo registado, mais 100 réis.

Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges 141, e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria, 42, 1.º

PRINCIPIOS ELEMENTARES

DE

Chorographia de Portugal

para as escolas de instrução primaria complementar, e habilitação para os exames nos lyceus e dos candidatos ao magisterio primario, e bem assim para as escolas industriaes e agricolas; illustrada com gravuras, e o respectivo mappa chorographico do continente, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas; a qual coordenou em harmonia com os ultimos programas officiaes

Ricardo Diniz de Carvalho

empregado no Lyceu Central de Coimbra, professor particular d'instrução primaria e musica, socio effectivo e honorario da Associação dos Artistas da mesma cidade, e socio honorario da Sociedade Fomento das Artes de Madrid.

2.ª EDIÇÃO

Preço, 160 réis

Vende-se na livraria de Francisco França Amado, editor, rua Ferreira Borges, 141 a 143.—Coimbra

Contribuição industrial

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, artes e officios. Estudando a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e aggravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º — Lisboa.

Em Coimbra, vende-se na Livraria do sr. Francisco França Amado.

Manual do distillador, licorista e perfumista

Acaba de sair do prelo a 9.ª edição do *Manual do distillador, licorista e perfumista*, um interessante livro que ensina a preparar vinhos preciosos, vinagres, genebras, aguas-ardentes, licores, cognacs, cervejas, refrescoes, xaropes, aguas de Colonia e outras aromaticas, todos os preparados para o toucador das damas, sabonetes, etc., etc. A 9.ª edição, além de comprehender o modo de conservar, beneficiar e clarificar os vinhos, theoria da distillação e observações praticas sobre a distillação dos vinhos, foi augmentada com muitas receitas que não constavam das oito edições anteriores. O preço d'este *Manual* é apenas de 600 réis em brochura, 700 réis cartonado, 800 réis encadernado com capa especial, e pelo correio, registado, mais 100 réis. Acha-se á venda em Coimbra, na livraria de F. França Amado, rua Ferreira Borges, 141; e em Lisboa, na livraria de Arnaldo Bordalo, rua da Victoria 42, 1.º

Methodo gradual de calculo

POU

BRANCO RODRIGUES

Collecção de 5 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 réis cada um.

Caderno de *Geometria synthetica*, impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues.

Preço, 30 réis.— Segundo o programma official dos exames de instrução primaria.

A' venda nas livrarias. Envia-se pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Ferreira Machado & C.ª, rua da Saudade, 2, Lisboa.

ANNUNCIOS

Por linha 30 réis
Repetições 20 réis
Para os srs. assignantes desconto de 50 %
Contracto especial para annuncios permanentes.

COMPANHIA AUXILIAR

CAPITAL 100 CONTOS

Succursal nesta cidade

2 — ARCO DO BISPO — 2

330 **N**esta casa empresta-se dinheiro sobre prata ouro papeis de credito e tudo que represente valor.

Não se empresta a menores. Guarda-se o maior sigillo em todas as transacções que se effectuarem menos o que se desconfie ser roubado.

Abre o escriptorio todos os dias uteis das 8 da manhã ás 10 da noite em dias santificados das mesmas da manhã ás 3 da tarde.

Pelos gerentes,
João Augusto S. Favas.

AOS CONSTRUCTORES E MESTRES D'OBRAS

ARTIGOS DE GRÉS

206 **G**rande armazem de materiaes em barro e Grés para construcções taes como: tijolo grosso, dito furado, dito redondo, dito refractario, telhões de beiral e de caleira, telha commum e todo o material com pleto para canalisações de agua e esgoto como são: manilhas, syphões cotovellos, bacias conicas, excentricas e outros systemas, para retretes. Balaustres columnas e figuras para jardins.

TELHA, TYPO MARSELHA

Unico armazem que a pode fornecer pelo preço da fabrica, assim como os restantes artigos tanto em grés como em barro.
Rua Direita n.º 9, 11 e 13.
Escriptorio rua do Corpo de Deus n.º 12 2.

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS

A. DE PAULA E SILVA

FUNDADA EM ABRIL DE 1893. — ESTABELECIDA NA RUA DO INFANTE D. AUGUSTO (JUNTO Á UNIVERSIDADE)

COIMBRA

Nesta já bem conhecida *Agencia* continúa a tratar-se de todos os negocios dependentes da Universidade, taes como: — *Cartas de Doutor, de Licenciado, Bacharel e Formatura, Pharmacia*, e outras, — *Certidões — Attestadas — Matriculas*, etc., etc.

Tem correspondente especial em Lisboa para obter Portarias, Certidões do Lyceu e das Escolas, e outros quaesquer documentos. — Preços modicissimos.

Em todas as Cartas que forem incumbidas a esta *Agencia* far-se-ha um abatimento importante no total das despesas usuas, abatimento que não poderá ter competidor.

Os srs. Academicos que no proximo anno lectivo se matricularem por intermedio d'esta *Agencia* receberão como brinde

Um Anuario da Universidade para 1894-1895

SORTIMENTO COMPLETO

EM

MUNIÇÕES DE CAÇA

NEVES IRMÃOS

100 — Rua Ferreira Borges — 100

Esta casa recebeu e vende por preços muito limitados os seguintes artigos:

Espingardas e revolveres de diversos systemas.
Cartuchos de metal e cartão de todos os calibres
Réclames de perdiz, codorniz e rôla
Polvorinhos e chumbeiros de couro, etc,
Cintos e bolsas de camurça para revolver
Ditos para cartuchos e viagem
Trélas e colleiras para cães
Machinas diversas para carregar e rehoradar
Ditas para cortar buchas

Fulminantes e buchas de cartão e feltro
Varetas, escovas de feltro, arame, cabelo, etc.
Carregadeiras, copos de borracha e celeloide
Polainas e frascos empalhados
Facas de matto, ouvidos e saccatrapos
Clumbo da melhor qualidade
Extractores, handoleiras e cornetas
Ballas para revolver e flobert
Cornetas e caixas para fulminantes
Camurças, sabonetes para lavar cães
Réchauds e caixas com talheres.

Vaselina pura composta para conservação das armas e de todos os metaes

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17 — ADRO DE CIMA — 20

(Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 **A**RMAGEM de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus.— Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré, glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres, e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

ARRENDAM-SE

328 **A**rrendam-se duas casas, uma, na rua do Loureiro, n.º 58, com 17 compartimentos outro, na rua dos Anjos, n.º 12, com 9 compartimentos.

Para trator em casa de Vaz, cabelleireiro, na rua Sá de Miranda, (antiga rua de S. João) n.º 20.

VENDE-SE

327 **U**m bom predio de casas com 4 andares, loja e bom pateo, sita na travessa da Mathematica, n.º 11 e 13.

Tem lindas vistas, d'onde se disfructa um bonito panorama.

Trata-se com Antonio Simões Peixeiro, largo do Salvador, n.º 2; Coimbra.

Saboaria Nacional do Beato

DE

COSTA & CRUZ

Correspondencia e caixa

10 — LARGO DA ANNUCIADA — 10 LISBOA

SABÃO DE TODAS AS QUALIDADES

Grandes descontos aos revendedores

CASA DE PENHORES

NA

CHAPELERIA CENTRAL

77, Rua Ferreira Borges, 81

E

2, Arco d'Almedina, 6

Coimbra

112 **E**mpresta-se dinheiro sobre objectos de ouro, prata, papeis de credito, e outros que representem valor.

Juro modico, como podem experimentar.

ATTENÇÃO

O proprietario d'esta casa, Joaquim Maria d'Almeida, pede a todos os srs. mutuarios a fineza de virem pagar os juros em atrazo de mais de 3 mezes, para evitar que os valores depositados sejam vendidos.

QUINTA

324 **A**rrenda-se ou vende-se uma muito proximo de Coimbra.

Para tratar, rua Ferreira Borges, n.º 77 a 81.

FACTURAS

IMPRIMEM-SE

Typographia Operaria

Largo da Freiria, 14

Coimbra

O DEFENSOR DO POVO

(PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS)

Redacção

RUA DE FERNANDES THOMAZ, 60, (REZ DO CHÃO)

Administração

14, — LARGO DA FREIRIA — 14 (Typographia Operaria)

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha	Sem estampilha
Anno 25700	Anno 25100
Semestre . . . 12350	Semestre . . . 12200
Trimestro . . . 680	Trimestro . . . 600